



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB

LARICE ÍRIS MARINHO MOURA

MULHERES EM PERSPECTIVA:

educação, trabalho, relações de gênero e casamento em Picos (1950-1970)

TERESINA – PI

2018

M929m Moura, Larice Íris Marinho.
Mulheres em perspectiva: educação, trabalho, relações
de gênero e casamento em Picos (1950-1970) / Larice Íris
Marinho Moura. – 2018.
183 f. : il.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) –
Universidade Federal do Piauí, 2018.
Orientação: Profa. Dra. Elizangela Barbosa Cardoso.

1. Mulheres. 2. Educação. 3. Trabalho. 4. Casamento.
5. Maternidade. I. Título.

CDD 305.42

LARICE ÍRIS MARINHO MOURA

MULHERES EM PERSPECTIVA:

educação, trabalho, relações de gênero e casamento em Picos (1950-1970)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do grau de mestre em História do Brasil.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizangela Barbosa Cardoso.

TERESINA – PI

2018

LARICE ÍRIS MARINHO MOURA

MULHERES EM PERSPECTIVA:

educação, trabalho, relações de gênero e casamento em Picos (1950-1970)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do grau de mestre em História do Brasil.

Aprovada em: ___/___/___

Banca examinadora:

Professora Dr.^a Elizangela Barbosa Cardoso (orientadora)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Professora Dr.^a Terezinha de Jesus Mesquita Queiroz (examinador)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Professora Dr.^a Elizabeth Sousa Abrantes (examinador)
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Professor Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco(suplente)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

À minha linda e amada família.
Às mulheres picoenses, em especial, às sete entrevistadas.

AGRADECIMENTOS

À Deus toda gratidão, louvor e honra. Sem ele, eu não teria conquistado mais essa vitória. Afinal, acredito que ele traça todos os meus caminhos porque nele creio e entrego minha vida. Todos os meus sucessos, e até as minhas dificuldades são edificações do senhor que eu sirvo!

Agradeço aos meus pais Antônio José e Marlene, por acreditarem em mim e me incentivarem, me proporcionando conforto e perseverança nos momentos mais difíceis. Aos meus irmãos Antônio Júnior e Maria Lourena, pelo amor incondicional, apoio e carinho.

Ao meu amado esposo Pedro, pelo companheirismo, compreensão, incentivo, amor e exemplo de dedicação.

À minha querida orientadora Dra. Elizangela Cardoso pela dedicação, paciência, incentivo, por acreditar em mim e me ensinar os caminhos da pesquisa histórica.

Às minhas amigas que o mestrado me presenteou, Maristella, Lívia, Priscilla e Lidiêgida. A companhia de vocês tornou essa caminhada mais leve e prazerosa. Espero poder comemorar com vocês muitas outras vitórias e nosso sucesso profissional.

Às sete entrevistadas que nortearam com suas histórias os caminhos dessa pesquisa. Olívia Rufino, Mundica Fontes, Oneide Rocha, Gracinha Muniz, Gracinha Formiga, Maria José Lavor e Naza Mcfarren, vocês deram vida e sentimento à essa narrativa.

À toda a minha família, em especial, meu tio Pe. Pio, que foi um grande apoio em toda a minha formação educacional. Adinha, minha tia que está do meu lado em todas as horas. Minha prima Karla Vivianne, que foi acima de tudo amiga que me incentivou a correr atrás desse sonho que hoje realizo.

Agradeço também à todos os professores que fizeram parte da minha formação na área de História, em especial à professora Dra Marylu Oliveira, minha grande inspiração que me fez cultivar o sonho da pós graduação. Dr. Fábio Leonardo, meu orientador durante a graduação, e que me fez enxergar as possibilidades de continuação da pesquisa. Ao professor Dr. Francisco Nascimento, pela prestatividade e disponibilidade de sempre. E a todos aqueles que me fizeram perceber a importância do professor na sociedade. À Dona Eliete e Rairana pela amizade e disponibilidade.

RESUMO

Este trabalho analisa o processo de escolarização feminina em Picos e sua relação com os papéis femininos direcionados para o casamento e a maternidade nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Assim, são abordados os aspectos que produzem as feminilidades e as diferenças entre os gêneros nos âmbitos das práticas infantis, da educação, do mercado de trabalho, dos espaços de sociabilidades e das próprias relações afetivas. Investigam-se também as questões relacionadas à sexualidade e à erotização do corpo feminino, que se configuram diante de novas apropriações dos espaços e relações sociais, enfatizando o amor e sua relação com o casamento. Enfatiza-se a (re)definição das funções de esposa, mãe e dona de casa diante da ampliação dos espaços de atuação feminina. A partir desses eixos, analisou-se as histórias de vida de sete mulheres que viveram em Picos, interior do Piauí, no período delimitado, pois entende-se que suas lembranças revelam memórias individuais e coletivas nos permitindo entender as continuidades e rupturas das definições femininas com base nas diferenças hierárquicas de gênero. Além das fontes orais, esta pesquisa fundamenta-se em jornais que circulavam na cidade no período em estudo, crônicas, brincadeiras infantis, fotos, livros de memória e biografia. As fontes são analisadas com base nos estudos de memória, gênero, História das mulheres e produções historiográficas sobre temas que tangenciam com esse campo temático.

Palavras-chave: Mulheres, Educação, Trabalho, Casamento, Maternidade.

ABSTRACT

This paper analyzes the process of female schooling in Picos and its relationship with the female roles assigned to marriage and motherhood in the 1950s, 1960s and 1970s. Thus, the aspects that produce femininity and the differences between genders are discussed. fields of children's practices, education, the labor market, social spaces and affective relations. We also investigate issues related to sexuality and the eroticization of the female body, which are shaped by new appropriations of social spaces and relationships, emphasizing love and its relation to marriage. Emphasis is given to the (re) definition of the functions of wife, mother and housewife in view of the expansion of spaces for female performance. From these axes, we analyzed the life histories of seven women who lived in Picos, in the interior of Piauí, during the defined period, because their memories are understood to reveal individual and collective memories allowing us to understand the continuities and ruptures of feminine definitions based on hierarchical gender differences. Besides oral sources, this research is based on newspapers that circulated in the city during the study period, chronicles, children's games, photos, books of memory and biography. The sources are analyzed based on the studies of memory, gender, history of women and historiographic productions on themes that touch on this thematic field.

Key words: Women, Education, Labor, Marriage, Maternity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Antônio José Varão na Praça Félix Pacheco, em frente ao Cine Spark	36
Figura 2: Imagem do interior do Bar do Pipoca	38
Figura 3: Praça Félix Pacheco na década de 1950.....	39
Figura 4: Ricardina de Castro Neiva, professora normalista	52
Figura 5: Alda da Mata Neiva, professora normalista	52
Figura 6: Adalgiza Nunes de Barros	53
Figura 7: Luiza Maia e Silva.	53
Figura 8: Benvinda Nunes Santos.	54
Figura 9: Julieta Martins Neiva Nunes	55
Figura 10: Raimunda Portela Lima Cardoso. Fonte: Museu Ozildo Albano..	55
Figura 11: Maria do Socorro Santos	55
Figura 12: Grupo escolar Coelho Rodrigues	56
Figura 13: Inauguração do Palácio de Karnak em 1972.	53
Figura 14: Mundica Fontes em sua primeira turma como professora na década de 1970	85
Figura 15: Mundica Fontes dançando em uma tertúlia	109
Figura 16: Oneide Rocha com turma de amigos em um baile no Picoense Clube	110
Figura 17: Mundica Fontes no Carnaval de 1971 ao lado de sua amiga Gracinha Formiga .	117
Figura 18: Núbia Lafayete em apresentação musical no palco do Cinespark em 1975	119
Figura 19: Show da banda Brasas Seis no Picoense Clube, na década de 1960	120

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Número de matrículas nos estabelecimentos estaduais de educação primária. 61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 DIVISÕES E DIFERENÇAS.....	17
2.1. Brincadeiras Infantis.....	18
2.2 Espaços de sociabilidades.....	33
2.3 Ambiente escolar e escolha das profissões.....	39
2.4 Comportamentos e usos dos corpos.....	45
3 EDUCAÇÃO E TRABALHO.....	49
3.1 Estrutura Escolar.....	50
3.2 Mulheres escolarizadas.....	66
3.3 Trabalho no lar e magistério.....	78
3.4 Novos espaços.....	89
4 NAMORO, CASAMENTO E MATERNIDADE.....	98
4.1 Orientações para as moças.....	100
4.2 Moda e feminilidade.....	113
4.3 Do flerte ao namoro.....	121
4.4 Casamento e amor.....	127
4.6. Expectativas e experiências sobre o casamento.....	136
4.5 Solteiras.....	146
4.7. Maternidade.....	150
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	160
REFERÊNCIAS.....	164
ANEXOS.....	177

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um estudo do processo de escolarização em Picos e seu impacto na construção dos papéis femininos relativos ao casamento e à maternidade nas décadas de 1950 a 1970. Com esse foco de análise, aproximamo-nos dos estudos de gênero,¹ que foram, ou são, uma maneira de inserção das mulheres na história da sociedade enquanto sujeitos históricos formados pelas relações sociais e culturais em relação ao universo masculino, distanciando-se da homogeneização dos sujeitos expressos no conceito abstrato de homem e remetendo à própria multiplicidade do ser mulher.

A partir do estudo dessa relação, é possível pensar nas desigualdades e nas determinações culturais dos papéis femininos e masculinos, ou mais propriamente nas relações de poder presentes nas práticas de construção feminina. A diferença passou a ser investigada como um problema, e a pluralização da categoria “mulher”, fruto das diferenças políticas dentro das reivindicações feministas, deu o sentido amplo e múltiplo às identidades femininas.²

A categoria gênero, enquanto objeto de análise histórica, tem ganhado espaço nas discussões historiográficas, principalmente diante da insuficiência do modelo patriarcal para análise das relações sociais.³ No início do século XX, embora já houvesse vagas discussões sobre os papéis e relações de homens e mulheres diante de conquistas como o ingresso feminino na educação e mercado de trabalho, ainda eram incipientes, expandindo-se realmente com o engajamento das lutas feministas – que, embora não sejam percebidas de forma organizada e consciente no espaço e tempo aqui estudados, podem ser observadas imbricadas nas práticas de algumas mulheres, ainda que essas não tivessem direcionamentos desses movimentos.

Com base nesses estudos sobre as relações de gênero e história das mulheres, é proposto dar visibilidade às condições históricas que constituíram modelos de feminilidades de mulheres escolarizadas, e suas ligações com o casamento e a maternidade, em Picos, interior

¹ Para verificar as mudanças no conceito de gênero, cf.: NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000.; BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.; SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise*. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAneroJoan%20Scott.pdf>. Acesso em 12 de maio de 2012.

²SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das mulheres e das relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 54, 2007. p. 287.

³ Para ver crítica a respeito das teóricas do patriarcado, cf.: SCOTT, 2003, p. 3-12.

do Estado do Piauí, durante as décadas de 1950, 1960 e 1970. Assim, esta narrativa baseia-se nas histórias de vida de sete mulheres, que viveram em Picos no recorte temporal aqui determinado e tiveram oportunidade de experienciarem novos espaços nessa sociedade.

Esta pesquisa utiliza o conceito de representação conforme definido por Roger Chartier, como formas de entender o mundo, que, por sua vez, são constituídas por interesses de grupos sociais que disputam diferentes concepções. Em seus termos:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.⁴

Esta chave de leitura permite analisar quais práticas e discursos formavam as representações das mulheres picoenses nas décadas de 1950 a 1970 para aquilo que elas poderiam ou deveriam, ligando-as na maioria das vezes ao casamento e à maternidade, bem como a posições profissionais – feminizadas – diante de uma sociedade que se modernizava, lentamente, mas já trazia traços que garantiriam transformações nos papéis femininos, a partir do processo de escolarização.

Observa-se, portanto, os elementos julgados constituintes dessas representações que incitavam rupturas e continuidades nos modelos de feminilidades, que, segundo a historiografia francesa acerca da História das mulheres, estão ligados a relações de poder que definem e redefinem os papéis femininos para a reprodução social do sistema de dominação masculina. Entre esses elementos, estão as demarcações de diferenças entre homens e mulheres desde as práticas infantis, a educação, a inserção no mercado de trabalho, os cuidados com os corpos e o acesso ao mercado da moda, as práticas de socialibilidades, e as relações afetivas relativas ao casamento.

Esta pesquisa é resultado de indagações pessoais sobre a construção das representações femininas em Picos, cidade onde nasci, que é um corredor econômico do estado do Piauí, sendo a terceira maior cidade do estado em território e economia, mas que teve um processo de modernização lento quando comparada à capital Teresina. É também uma cidade que nasceu a partir da construção de uma igreja, o que designa a influência religiosa sobre a construção das representações da sociedade, principalmente no que diz

⁴CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand, 1989/1994. p. 17.

respeito ao universo feminino. Delimitamos três décadas a serem estudadas: 1950, 1960 e 1970, pela viabilidade das fontes, como jornais e fontes orais, e também por se tratar de um período de (re)significações dos papéis e espaços femininos no âmbito da inserção das mulheres no sistema educacional.

Aborda-se as representações femininas sobre o casamento e a maternidade, tendo em vista que eram destinos naturalizados e direcionados pelos modelos de feminilidade construídos cultural e historicamente para a manutenção de um sistema de dominação masculina,⁵ que é uma construção social, uma expressão de uma das desigualdades sociais.⁶ São apontadas também, a partir das transformações dos espaços ocupados pelas mulheres na sociedade picoense, as construções de novos modelos de esposa, mãe e profissionais.

O objetivo principal desta pesquisa é entender quais as condições oferecidas para as mulheres na sociedade picoense que permitiram a construção das identidades femininas a partir das continuidades e discontinuidades nas relações sociais, de gênero e da naturalização do casamento e da maternidade nas décadas de 1950 a 1970. A partir daí, as distinções sociais entre homens e mulheres desde as práticas infantis são analisadas. É possível destacar ainda outros objetivos, como: analisar o contexto educacional na cidade de Picos e a inserção da mulher nesse universo; investigar as possibilidades oferecidas para as mulheres no mercado de trabalho nessa cidade; apresentar novas formas de atuação das mulheres na vida pública e na constituição de singularidades;⁷ entender as distinções, usos e normas estendidas às mulheres nos espaços da cidade na forma de sociabilidades. Assim, é analisado como, nesse contexto, se davam as relações de gênero a partir de orientações normativas de práticas afetivas e dos cuidados com os corpos femininos, inclusive nas formas de consumo da moda. Além disso, tem como objetivo entender a concepção de casamento, os sentimentos⁸ e expectativas que envolviam essa instituição, bem como as realidades encaradas por essas mulheres na vida a dois; e discutir as concepções dessas mulheres sobre a maternidade, práticas maternas e as transformações dos papéis femininos em relação aos masculinos no âmbito familiar.

⁵ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 51.

⁶ SOIHET, Rachel; SOARES, Rosana M. A.; COSTA, Suely Gomes. A História das mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de Historiografia. *Gênero*, Niterói, v. 2, n. 1, p. 7-30, 2 sem. 2001. p.17.

⁷ Sobre o conceito de singularidades, cf.: GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 69-213.

⁸ TRIGO, Maria Helena Bueno. Amor e casamento no século XX. In: D'INÇÃO, Maria Ângela (Org.) *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. p. 89.

Este trabalho foi realizado com base em alguns procedimentos da pesquisa histórica. Um deles, a história oral, método viabilizado por entrevistas com roteiros semiestruturados que foram aplicadas a diferentes sujeitos. Segundo Lucília Delgado:

A História Oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida.⁹

Para o trabalho de História das mulheres, a História Oral constitui uma ferramenta importante, pois, segundo Etienne François, ela se volta para objetos antes marginalizados e excluídos da História, como as mulheres, classe trabalhadora, marginais e outros.¹⁰ Essa metodologia permite que essas minorias ganhem voz e que se construa sua História. Os sujeitos com os quais foram realizadas as entrevistas foram escolhidos com base nos seguintes critérios: serem mulheres, terem vivido em Picos durante as décadas de 1950-1970; terem tido acesso à educação formal.

Faz-se uso do conceito de memória, apresentado por Jacques Le Goff, que a define “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.¹¹ A partir das memórias individuais das entrevistadas, busca-se entender um contexto coletivo dos papéis femininos na sociedade picoense no período em estudo. Afinal, a memória individual apoia-se na memória coletiva. Nesse sentido, Maurice Halbwachs propõe:

Examinemos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. Não é menos verdade que não conseguimos lembrar senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, ou seja, nossa memória não se confunde com a dos outros.¹²

Além das fontes orais, conta-se com um acervo documental que também fundamenta esta pesquisa e é composto por jornais de circulação da cidade de Picos no período estudado,

⁹DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 15-16.

¹⁰FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da História Oral. In: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de M. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: editora FGV. p. 206.

¹¹LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 2003. p. 419.

¹²HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. p. 72.

crônicas, brincadeiras infantis, fotos, livros de memórias, biografias, dados censitários e mensagens governamentais. Essas fontes são analisadas pautadas em textos teóricos e historiográficos que abordam temas tangentes à história das Mulheres e às relações de gênero. As principais referências sobre o campo temático são: Michelle Perrot,¹³ Rachel Soihet,¹⁴ Carla Bassanezi Pinsky,¹⁵ Maria Izilda Matos,¹⁶ Margareth Rago,¹⁷ Mary Del Priori,¹⁸ Elizabeth Badinter,¹⁹ Jurandir Freire Costa,²⁰ e outros autores não menos importantes que contribuem ao longo do texto, historicizando a narrativa apresentada.

No que diz respeito ao estudo das mulheres no Piauí, apoiamo-nos nos trabalhos de Elizangela Barbosa Cardoso,²¹ Pedro Vilarinho Castelo Branco,²² Teresinha Queiroz.²³ Sobre Picos, utiliza-se algumas dissertações, monografias e artigos de autores picoenses, entre eles Jane Bezerra de Sousa,²⁴ Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira²⁵ e Cristiane Feitosa Pinheiro.²⁶

¹³ PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

¹⁴ SOIHET; PEDRO, 2007.

¹⁵ PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.; PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013a. p. 469-512.; _____. A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013b. p. 513-544.

¹⁶ MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003.

¹⁷ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

¹⁸ DEL PRIORE, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

¹⁹ BANDITER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

²⁰ COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude, sem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

²¹ CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)*. 2010. 535 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.; _____. *Múltiplas e singulares: história e memória das estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. Teresina: EDUFPI, 2012.

²² CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina na Primeira República*. Teresina: Edições Bagaço, 2005.

²³ QUEIROZ, Terezinha. *Do singular ao plural*. Recife: Bagaço, 2006a.; _____. *Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo*. Teresina: EDUFPI, 2006b; _____. *História, Literatura, Sociabilidades*. Teresina: EDUFPI/ Academia Piauiense de Letras, 2015.

²⁴ SOUSA, Jane Bezerra de. *Picos e a consolidação de sua rede escolar: do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual*. 2005. 157 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

A pesquisa está organizada em três capítulos. No primeiro, foram discutidos os elementos que constituem diferenças entre homens e mulheres e como esses elementos dividiam os espaços e atuações dos gêneros, construindo as masculinidades e feminilidades na sociedade picoense, sobretudo na infância.

No segundo capítulo, o contexto econômico, social, político e educacional é apresentado para situar o leitor sobre o espaço e cultura locais, bem como a constituição familiar e a trajetória educacional das sete mulheres, sujeitos desta pesquisa, desde a infância até o grau de estudo que cada uma alcançou, e a inserção destas no mercado de trabalho. Defende-se que o processo de escolarização e o alcance do espaço público foram decisivos para atuações na cultura e política local, bem como na redefinição dos papéis tradicionais femininos.

No terceiro capítulo, foram discutidos alguns aspectos de inserção dessas mulheres na vida social da cidade por meio das sociabilidades, analisando o conjunto de orientações que normatizavam as práticas, os usos da moda e as representações dessas moças principalmente no sentido das relações afetivas. Estuda-se o casamento, com base nas concepções adquiridas ao longo da vida por essas mulheres. Isto posto a partir da pluralidade da experiência das entrevistadas e de sua relação com a naturalização dos papéis femininos. Seguindo a lógica do casamento no período, que tem como consequência a maternidade, estuda-se também as percepções femininas sobre o tema e as transformações das vidas das entrevistadas a partir dessas experiências.

Quem são as entrevistadas? Olívia Rufino, nascida em 1935 no povoado Coroatá, localizado à dezoito quilômetros de Picos, professora, escritora, ex-vereadora, cantora, compositora, viúva e mãe. Raimunda Moura, nascida em 1948 no povoado Lagoa Grande que pertence ao município de Picos, conhecida como Mundica Fontes, é professora e artista plástica, é solteira e não teve filhos. Oneide Rocha, que nasceu em 1947 na cidade de Picos, é professora da Universidade Federal do Piauí, foi candidata a prefeita e deputada estadual por várias vezes, e hoje exerce um cargo administrativo na gestão política atual da cidade de Picos, não casou, não teve filhos. Maria das Graças Muniz de Araújo, nascida em Itainópolis em 1948, conhecida como Gracinha Muniz, é professora aposentada, e proprietária de um

²⁵ OLIVEIRA, Karla Íngrid Pinheiro. *A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos de 1940-1960*. 2014. 141f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

²⁶ PINHEIRO, Cristiane Feitosa. *História e memória da Escola Normal Oficial de Picos (1967-1987)*. 2007. 205 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

hotel na cidade de Picos, fazendo parte da administração, casada e mãe; Maria das Graças Formiga de Sá Urtiga, nascida em Salvador no Estado da Bahia em 1948, é professora aposentada, artesã, jornalista em vigor, conhecida na sociedade picoense como Gracinha Formiga, casada e mãe; Maria José Lavor Nery, Nascida em Picos em 1950, é ex-empresária, atualmente sem profissão específica, conhecida popularmente como Mazé Lavor, divorciada e mãe; Maria Nazaré Rufino MacFarren, que nasceu em Santa Cruz do Piauí em 1955, foi bancária na Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil, hoje é artista plástica conhecida em vários países pelo seu trabalho, divorciada e mãe. Embora nem todas tenham nascido necessariamente na cidade de Picos, mudaram-se crianças ou adolescentes para a cidade em busca de estudos ou por outras questões familiares. Essas são apenas algumas das múltiplas identidades construídas por essas mulheres ao longo de suas vidas.

As experiências de vida dessas mulheres são narradas, inseridas em uma mesma sociedade, vivenciando as diferentes fases de suas vidas nos mesmos espaços físicos de uma pequena cidade, para fazer entender as estratégias sociais de manutenção da ordem e submissão feminina em meio às modernizações sociais. As representações que essas mulheres adquiriram ao longo da vida do que é certo e errado, moral ou imoral, são investigadas para nortearem suas atitudes e escolhas. São sete histórias de vida que traduzem as singularidades e multiplicidades de cada mulher e a diversidade de personalidades que se formam sob as mesmas regras.

2 DIVISÕES E DIFERENÇAS

A memória é uma ponte de acesso ao passado, utilizada por muitos historiadores como fonte para a produção historiográfica. É nesse contexto que memórias são a principal fonte desta pesquisa, visto que se analisam as memórias de sete mulheres que viveram em Picos, entre as décadas de 1950 e 1970, observando suas experiências de vida, com a finalidade de detectar, entre outros aspectos, as diferenças entre homens e mulheres nessa sociedade, que serão apontadas e discutidas neste capítulo. As falas dessas mulheres reproduzem suas memórias individuais, que segundo Maurice Halbwachs:

Não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. Não é menos verdade que não conseguimos lembrar senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, ou seja, nossa memória não se confunde com a dos outros.²⁷

Dessa forma, a rememoração pessoal, que seria a memória individual, só é possível a partir das experiências de um grupo. A memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva e pode se distinguir dos demais integrantes desse grupo, que também participaram do fato narrado, tendo em vista o lugar que cada indivíduo representa no grupo. Segundo Fernando Catroga:

A memória individual é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.) em permanente construção devido à incessante mudança do presente em passado e as consequentes alterações ocorridas no campo das representações do pretérito.²⁸

A partir desses conceitos, entendem-se os aspectos que diferenciavam homens e mulheres no cotidiano da cidade de Picos. Através das narrativas, observa-se que a construção da diferença embasa-se na memória coletiva. As mães transmitiam para as filhas suas memórias coletivas do fazer-se mulher. Assim, a transmissão dessas memórias possibilitou a manutenção de comportamentos na nova geração herdados da geração anterior.²⁹

²⁷ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. p. 72.

²⁸ CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto Editora, 2001. p. 16.

²⁹ Jean-François Sirinelli define geração como uma escala móvel do tempo e afirma que este termo é caracterizado a partir das questões biológicas relacionadas à idade, como também a partir das identidades construídas no meio cultural quando os indivíduos se autodefinem como pertencentes a

De acordo com Arlette Farge,³⁰ toda continuidade é uma construção. A manutenção de determinada prática entre as gerações significa que uma geração transmitiu para outra. Uma das características de permanência é a divisão do mundo em masculino e feminino, que é continuamente transmitido através das experiências, que estão ancoradas na memória. Para Joan Scott, a experiência é produzida discursivamente, sendo um elemento constitutivo da identidade.³¹

Então, a memória coletiva é retomada para pedagogizar as mulheres, com o objetivo de constituir feminilidades. A memória coletiva retomada e passada de mãe para filha constitui uma diferença que, por sua vez, é sinônimo de hierarquia. Para Scott, a própria diferença é articulada ao feminino, pois as mulheres são constituídas a partir das diferenças.³²

Elegem-se, assim, alguns aspectos para discutir demarcações de divisões e diferenças entre homens e mulheres nas práticas cotidianas, que atuam na construção de feminilidades e masculinidades, quais sejam as práticas infantis e domésticas, os espaços de sociabilidades, as orientações em relação ao corpo e à sexualidade. As próprias divisões, a separação da cultura feminina da cultura masculina são atravessadas por hierarquias. Aquilo que é considerado feminino é designado inferior em relação ao masculino, e essa desigualdade é produzida nas relações entre os gêneros, visto que é também uma relação social. A dominação masculina é produto dessas relações sociais, assim como as outras expressões de desigualdade.³³

2.1 Brincadeiras infantis

[...] Amanhecia o dia aqueles *canarinhos* belga tudo amarelinho, a minha avó jogava *xerém pra* eles, iam tudo comer no terreiro, eu conheci muitas espécies de aves que hoje não se vê mais, *tão* tudo em extinção. Na lagoa, a gente era às vezes alertado *pra* não entrar porque tinha jacaré, era muito profunda a lagoa. Muito bonita. O amanhecer eu nunca esqueço *né?* Como foi linda a minha infância de andar a cavalo, de subir em árvore, de buscar *frutinha* silvestre, maracujá silvestre. Tinha uma planta que chama

um grupo se comparando a outros mais jovens ou mais velhos, a partir das suas experiências coletivas. Ressalta que as gerações absorvem os discursos e as representações ao longo da vida e os reproduzem, gerando continuidades e descontinuidades. Cf.: SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 255.

³⁰FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 113-149.

³¹ SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da.; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Falas de Gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Mulheres, 1999. p. 21-56.

³² _____. Prefácio a *Gender and Politics of History*. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 11-27, 1994.

³³ SOIHET, Rachel; SOARES, Rosana M. A.; COSTA, Suely Gomes. A História das mulheres. *Cultura e poder das mulheres: ensaio de Historiografia*. *Gênero*, Niterói, v. 2, n. 1, p. 7-30, 2 sem. 2001. p. 9.

bananinha que hoje já nem existe. Quando eu vou lá às vezes... o cheiro que dava da flor da *bananinha*. A gente catava coisa também, pereiros *pra* gente brincar, a gente fazia aquelas casinhas, melão São Caetano, e brincava de casinha. A gente fazia tudo... as bonequinhas a gente fazia de sabugo de milho, colocava a *roupinha*, a gente achava a coisa mais linda e eu tinha uma prima que ela fazia *buchinha* de pano, ela fazia as bonequinhas de pano *pra* gente. E os meus irmãos, eles aprenderam a fabricar os brinquedos, eles brincavam com pião, umas rodas que eles fazia lá *pra* andar, faziam também balanço. Tinha uma figueira imensa na frente da casa do meu avô, meu avô paterno, e a gente ia *pra* lá, ele fazia o balanço *pra* gente...³⁴

As meninas, nós gostávamos, de como eu já disse, de pular macaco, de pular corda, brincávamos de boneca, de casinha. Agora um detalhe, um detalhe que eu ia lhe dizer, por exemplo, no natal, minha mãe me dava umas bonecas bonitas só que minhas amigas, outras que moravam vizinhas, como era muita gente, os pais não gostavam muito de dar brinquedo; eles davam sapato, roupa... aí eu me sentia diferente, *aí* o que a gente fazia, a gente fazia umas bonequinhas de papelão, desenhava a bonequinha, botava uma carinha de revista e fazia os *vestidozin*; nós brincávamos muito de boneca.³⁵

Nas memórias da minha infância, lembro de não ter tido assim brinquedos, os brinquedos eu tinha que fazer porque não compravam meus brinquedos, porque meu pai nunca foi de... *Pra* ele era luxo isso, *né*, ele se preocupava com o essencial. Brinquei muito, brinquei muito correndo na rua, brinquei muito indo tomar banho de rio. Fazer piquenique no rio na beira do rio, esse tipo de coisa eu tive muito, caminhava *pra* cima do morro... Lá [Santa Cruz do Piauí que nesse período era um povoado de zona rural da cidade de Picos] não tinha nada o que fazer, num tinha televisão, não tinha nada além dos livros que a gente tinha, a gente pegava o livro e ia ler lá em cima, e lia, lia, lia, ia *pra* cima do morro ver o sol se pôr, *aí* ficava lendo quando o céu estava mudando de cores, então, eu tive uma infância desse tipo.³⁶

Ao lembrarmos-nos da infância, logo temos como resposta da nossa memória as brincadeiras, as sociabilidades e as relações que estabelecemos com outras crianças nessa fase, onde se solidificam o conhecimento, a aprendizagem e as amizades. Com o objetivo de conhecer a construção das feminilidades e masculinidades, identificam-se as permanências das diferenciações que hierarquizam as relações de gênero a partir das práticas infantis. As brincadeiras, por exemplo, são reflexo da manutenção da divisão hierárquica de papéis por gênero.

Temos, nas falas acima, três relatos de mulheres de grupos sociais diferentes, mas que partilham de experiências semelhantes. As brincadeiras são associadas às crianças como um direito e uma fase necessária para seu desenvolvimento. Contudo, são nas sociabilidades e na

³⁴ MOURA, Raimunda. *Depoimento concedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

³⁵ ROCHA, Maria Oneide. *Depoimento concedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

³⁶ MACFARREN, Maria Nazaré Maia Rufino. *Depoimento concedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

determinação dessas práticas infantis que se reafirmam os papéis sociais ligados aos gêneros como podemos observar nas brincadeiras mencionadas nas falas acima.

A partir da lembrança de Mundica Fontes, na primeira fala apontada, é possível identificar elementos que não estão mais presentes, visto que na cidade de Picos, nesse período, início da década de 1950, 91,6% de sua população residiam na zona rural e migrava lentamente para a zona urbana, de acordo com o surgimento das oportunidades que a cidade oferecia, entre elas a educação.

Sua fala estatiza um momento, um lugar, através das cores, do cheiro e das próprias simbologias que sua memória reproduz, levanto o ouvinte e leitor a a esses espaços e vivências, confirmando a beleza da sua infância. Assim também, fez Walter Benjamin em seu livro *A infância em Berlim por volta de 1900*,³⁷ dedicado ao seu filho Stefan, talvez com o intuito de apresentar a ele a cidade de Berlim no início dos anos 1900, antes das sucessivas guerras que assolaram esse território na primeira metade do século XX. Tal como a fala de Mundica Fontes, Benjamin expõe através de elementos simbólicos como o cheiro e as suas impressões, um momento que não poderá mais ser vivenciado. Dentro desse contexto da infância, ele realiza a análise do lugar social da criança, evidenciando o que seria simbolicamente a criança, sua vida, as relações com o mundo e com os adultos, as expectativas e, sem linearidade, ele destaca, ao final do texto, o que seria o desfecho da calmaria e da infância construída para o conforto na vida adulta.

Na infância, as bonecas estavam entre os brinquedos mais comum entre as meninas. Em uma época em que esses artigos industrializados custavam valores altos, dificultando seu acesso às crianças, elas eram ensinadas a fabricar as próprias bonecas com os materiais de que dispunham. Geralmente as suas mães, uma geração de mulheres que tinha na costura uma prenda doméstica, possuíam em casa panos, agulhas e linhas, o material necessário para costura, afinal, em grande parte, as roupas da família eram produzidas em casa pelas mães. O ato de fabricar as bonecas e as roupinhas para trocá-las era um incentivo para a manutenção dessa tarefa atribuída ao sexo feminino.

Assim como Oneide Rocha, Gracinha Formiga afirma que teve acesso a bonecas industrializadas. Mas, como eram raras as crianças que tinham a mesma oportunidade, elas dividiam seus brinquedos ou as deixavam de lado e iam fabricar outras com as matérias-primas que tinham disponíveis, como sabugo de milho, cujos cabelos chamavam atenção, papelão contornando figuras de bonecas, recortando rostos em revistas e colando. Elas

³⁷ BENJAMIN, Walter. *A Infância em Berlim por volta de 1900*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p. 84-85.

também confeccionavam as roupas dessas bonecas utilizando papel colorido a partir de sua imaginação e criatividade. Dessa maneira, produziam bonecas de diferentes características e depois faziam desfiles com os esses brinquedos.

A limitação das bonecas como um brinquedo feminino, a sua produção, que instigava um trabalho entendido como feminino, que era a costura,³⁸ e o cuidar das bonecas também tinham por objetivo a permanência da naturalização do amor materno.³⁹ As bonecas simbolizavam os filhos cujos cuidados só diziam respeito às mães, que no caso eram as meninas para quem era direcionada a brincadeira. Essa brincadeira reflete uma continuidade das práticas de maternagem, reforçando a instituição do amor materno, que é cultural.

Os desfiles também eram uma brincadeira de meninas, como diz Gracinha Formiga:

A gente brincava na rua e brincava também de *querer ser*, é um detalhe que vou dizer, *boba*, mas que é importante. Naquela época que a gente não tinha aquele fixador de cabelo, nossa mania era de fazer água com açúcar e botar limão e botar no cabelo para o cabelo ficar duro. Isso era nossa vaidade de menina da época.⁴⁰ (grifo nosso)

Nessa fala identifica-se a vaidade feminina e a exibição da beleza na expressão *querer ser*, relembra hoje com um novo sentido que ela mesma descreve como “bobo”, mas que na época, década de 1950, era comum, tanto que modelar tornou-se uma profissão de prestígio, que usa critérios de seleção que não existiam naquela época, quando era apenas uma brincadeira. Essa prática reforça o cuidado com a vaidade e com a beleza, característica importante para a sedução de seus futuros maridos.

Oneide Rocha também faz referências às brincadeiras de *miss*:

A gente brincava muito até porque na época não tinha televisão, a gente só ouvia falar em *miss*, brincava de *miss*; fazia desfile, fazíamos drama, né? Lembro que a gente fez um drama aqui na casa de Seu Vaz, a gente armou

³⁸ Ao tratar a costura como um trabalho feminino, refere-se a uma função que a mulher, quando mãe e esposa, em uma condição de não poder encomendar as roupas da família a profissionais, ou comprar em lojas, eram obrigadas a desenvolver, já que a costura era uma prenda doméstica da geração de mulheres que antecedem nossas entrevistadas, e isso pode ser observado nos seus relatos de memória. Existiam homens exercendo a profissão de alfaiates, e a grande diferença entre eles e as mulheres que costuravam, é que eles faziam da costura uma profissão e eram valorizados por isso. Algumas mulheres também tinham na costura uma profissão, como é o caso da mãe de Gracinha Muniz, mas conseguiam apenas complementar a renda familiar. Essa é uma amostra da desvalorização do trabalho feminino em detrimento ao masculino que será tratado mais profundamente no próximo capítulo.

³⁹ Elizabeth Badinter aponta, em estudo sobre o amor materno, as diferentes relações de afetividade das mães para com os filhos e a transformação dos sentidos e das práticas de maternagem, evidenciando que a ideia do amor materno como algo natural e obrigatório às mulheres pode ser estudada em suas variáveis e sob outras óticas. A autora conclui que o amor materno é uma instituição cultural. Cf.: BADINTER, Elizabeth. *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

⁴⁰ SINVAL, Maria das Graças Formiga Moura. *Depoimento concedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

um palco, fazia as roupas de papel crepom, fazia de papel de seda... Ensaiaava as peças e as músicas. Eu lembro que tinha uma música assim: ‘boa noite senhor e senhora, que o drama já vai começar e sendo drama das minhas amigas eu só peço pra não chatear’. *Aí* na hora a menina subiu cantando a música, era a música pra começar o drama, *né?!⁴¹* (grifo nosso)

O desfile e a preocupação com a exibição da beleza fazem parte do contexto da conquista através das feminilidades, cuja responsabilidade se transferia, nesse período, para as próprias moças, afastando a intervenção dos pais na escolha dos cônjuges. Havia relação entre beleza, sedução e casamento.

Brincar de casinha era outra prática feminina comum na infância, geralmente acompanhada das brincadeiras com bonecas. Afinal, “a mãe da boneca” também era “dona de casa”. Fazer comidinha e cuidar das bonecas era o que fazia a brincadeira acontecer. Essas atividades eram uma repetição daquilo que a criança observava no espaço da própria casa, desenvolvido por sua mãe, babá, cozinheira. Assim, funciona como forma de aprendizado das práticas femininas dentro do lar, de forma lúdica, repassada de geração para geração como uma forma de lazer, mas que na vida adulta tornar-se-ia uma obrigação.

Oneide Rocha lembra as brincadeiras de corda que geralmente eram compartilhadas por meninas. Nessa atividade, podia-se brincar sozinha, com uma corda menor, onde a criança saía pulando e girando a corda em torno de si com uma ponta em cada mão. Se a corda batesse nas pernas ou caísse, era um erro. Já se a corda fosse maior, duas crianças giravam a corda, uma em cada ponta, enquanto outra ou mais de uma pulavam na passagem da corda por suas pernas. É uma brincadeira comum observada até hoje.

Outra brincadeira mencionada pelas entrevistadas é a amarelinha que, de acordo com Áurea Queiroz,⁴² é uma prática infantil comum no mundo inteiro, cuja regra é desenhar quadrados formando um desenho numerado no chão, seja com gravetos, giz, pedaço de gesso, carvão, terminando no número 8, que é feito em forma de meia lua. Para brincar, jogam-se objetos, pode ser chinelo, pedras, bolinha de papel ou qualquer outro, nos quadrados numerados de forma crescente, e pula-se de um pé só nas casas não marcadas anteriores ao número marcado. Se errar a mira no número seguinte ou baixar o pé, a vez é passada para o outro colega de jogo. Vence a brincadeira quem conseguir atingir a lua. Essa brincadeira ainda é comum entre as crianças atualmente.

Em relação aos esportes, encontra-se, nas falas das nossas entrevistadas, o vôlei como uma prática comum já na pré-adolescência, mas que se configurava como momento de lazer e

⁴¹ ROCHA, 2016.

⁴²QUEIROZ, Áurea. *Brincadeiras de criança*. Teresina: Halley, 2005. p. 60.

sociabilidades, partilhado pelas meninas nas ruas pouco movimentadas da cidade de Picos. Como descreve Maria José Lavor: “Fazia aqueles times de vôlei, colocava uns paus, umas cordas e ficava jogando bola no meio da rua, porque Picos era uma cidade bem provinciana na época, uma cidade sem movimento, então a gente brincava na rua”.⁴³ Gracinha Muniz também recorda-se dessa atividade ao ser indagada sobre as brincadeiras comuns na infância, afirma: “Toda brincadeira de criança... De roda... De pega-pega... Voleibol, isso já mocinha”.⁴⁴

Os piqueniques também eram formas comuns de sociabilidades. Aconteciam geralmente às margens do rio em contato com a natureza e podiam participar adultos e crianças. Cada um levava ao local combinado cestas com comidas e nesse encontro outras brincadeiras surgiam além dos banhos nos rios. Era uma prática não só da infância como também da adolescência.

Assim como as bonecas representavam a infância feminina, os carrinhos eram os artigos mais comuns entre os meninos. Eram instigados a produzirem os próprios brinquedos, e os carrinhos eram construídos geralmente de madeira. O carro era, na década de 1950, um meio de transporte raro na cidade de Picos, como afirma Gracinha Muniz:

*Aí a gente ficava ali brincando, ali do paredão não tinha carro na época, tinha três carros ali, do doutor Zé Gregório que era juiz, do advogado daqui e o carro do doutor Fonseca, era isso aí que tinha passando naquela Praça Felix Pacheco.*⁴⁵

Os poucos carros que existiam na cidade eram de pessoas de posses e consequentemente conduzidos por homens que tinham uma posição social privilegiada, ou seja, certo poder aquisitivo. Representavam assim um bem material de grande custo, o que requeria uma determinada posição econômica. Os carros eram admirados e desejados pelos meninos, sendo um brinquedo que remetia a um sonho, e que podia incentivá-los na busca de trabalho e crescimento profissional para adquirirem tal bem.

A caça era outra brincadeira comum entre os meninos. Eles usavam artigos como baladeira/estilingue para realizar essa atividade, que era propiciada pela dimensão da zona rural em detrimento da zona urbana, visto que nesse período mais de 90% da população picoense vivia na zona rural e mesmo no espaço da cidade havia a valorização das práticas e ambiente semelhante ao campo. Verifica-se nessa atividade, além do lazer, uma forma de afirmar o papel do provedor das necessidades alimentares da família para o homem, que deveria garantir o sustento dos seus dependentes. Afinal, as brincadeiras tinham, em grande

⁴³ NERY, Maria José Lavor. *Depoimento concedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

⁴⁴ ARAÚJO, Maria das Graças Muniz de Carvalho. *Depoimento concedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2016.

⁴⁵ ARAÚJO, 2016.

medida, em suas essências as determinações dos papéis sociais que seriam desempenhados na vida adulta e as distinções de gêneros.

O jogo do preso ou polícia e bandido também era uma alternativa bem aproveitada pelos meninos. Um grupo de meninos dividia-se em dois, sendo uns bandidos e outros policiais. Os últimos usavam geralmente pedaços de madeira, simulando as armas e corriam em direção aos infratores. Aquele que fosse pego por um policial era preso e virava polícia. Era uma prática estritamente masculina, já que o cenário policial não enquadrava a participação feminina nessa época. A figura da polícia e a autoridade ligada a ela fortalecem a característica que se confunde com masculinidade, a virilidade, associada à violência, apreciada como virtude de um homem que garante a submissão feminina e a desigualdade de gênero.⁴⁶

Com base em *Picos: os verdes anos cinquenta*,⁴⁷ livro de memórias escrito pelo picoense Renato Duarte, no capítulo que trata especificamente das brincadeiras de criança é possível observar, a partir do olhar masculino, as práticas de diversão na infância no espaço da cidade, no período vivido por nossas entrevistadas. O autor sempre usa o termo “os meninos”, que parece referir-se exclusivamente ao gênero masculino. Embora esteja de acordo com a regra gramatical que enquadra os gêneros masculino e feminino, as brincadeiras e brinquedos apontados por ele conduzem a essa interpretação.

Duarte⁴⁸ destaca as brincadeiras de roda e de correr, já mencionadas anteriormente. Sobre as práticas exclusivas masculinas, menciona os jogos com petecas, bola de gude, pião, corridas de cavalos, bem como as brincadeiras com caminhões que, em parte, eram fabricados por artesãos da cidade com madeira, com borracha de câmara de ar e eram enfeitados e coloridos. Para brincarem com os caminhões, os meninos montavam rodovias e estradas. A caça era outra prática comum, feita através de baladeiras confeccionadas artesanalmente, assim como os papagaios, também conhecidas como pipas, e curicas, papagaio sem raio, brincadeira comum nos meses de junho e julho, por serem meses mais ventilados. Essas eram práticas populares de diversão masculina.

Entre os esportes, Duarte menciona o futebol, que é uma característica do país e um esporte masculinizado. Jogavam também bola-de-mão, conhecido em outros lugares como jogo de peteca. Essas petecas eram produzidas pelos próprios meninos com couro, algodão e

⁴⁶ CORBIN, Alain.; COURTINE, Jean-Jacques.; VIGARELLO, Georges [Dir.]. *História da Virilidade: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 29-30.

⁴⁷ DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. Recife: Nordeste, 1995.

⁴⁸ DUARTE, 1995, p. 189.

penas de galo. Outros brinquedos como velocípedes, bicicletas e bonecos de soldadinhos eram aquisições raras, só para as crianças de famílias abastadas.

Portanto, aos meninos, a quem se incumbia a função de paternar, estando longe de práticas com cuidados diretos com as crianças, norteavam-se brincadeiras como: com carrinhos, que era um transporte ainda raro na cidade e de condução geralmente masculina; a caça; as atividades de maiores esforços físicos, como a subida em árvores, cuja força exigida era contrária à delicadeza que deveria ser expressa pelas meninas. No entanto, o contato com a natureza favorecia as brincadeiras nas árvores para mulheres, como relembra Oneide Rocha: “Um dia... Eu gostava de subir em árvore, nesse dia eu subi nesse pé de umbu-cajá e caí e furei a cabeça... Quer dizer, nós tínhamos uma infância de criança”.⁴⁹

As brincadeiras e atividades da infância eram reflexos das possibilidades que as crianças teriam na vida adulta, e geralmente reproduziam em forma de lazer a realidade das vivências dos adultos que os cercavam, como afirma Pedro Vilarinho Castelo Branco:

Por sua vez, meninos e meninas eram direcionados, desde cedo, a assimilar referências quanto ao corpo e sobre as implicações que isso teria na vivência social. Em razão disso, meninos brincavam de montaria, utilizando talos de coco ou mesmo montando em animais de pequeno porte, como carneiros, reproduzindo, nas brincadeiras, o meio social em que viviam. Criavam fazendas imaginárias, nas quais ossos ou pedras representavam animais domésticos. Nessas brincadeiras, ferravam bois, cuidavam de bicheiras, dividiam o gado para o abate, entre outras atividades que percebiam no cotidiano da fazenda.⁵⁰

Nas memórias das entrevistadas, encontram-se distinções entre brincadeiras de meninas e de meninos, como também aquelas onde era permitida a participação de ambos os sexos, como descreve Oneide Rocha:

Geralmente os meninos tinham suas brincadeiras, eles gostavam de uma história de brincar do preso e gostavam de caçar, *né*, jogar castanha. Às vezes, as meninas também jogavam castanha, botava uma coisinha ali e jogava... Aí quem batesse naquela castanha, que era o sinal, ganhava a castanha e jogava... Mas as meninas, nós gostávamos, de como eu já disse, de pular macaco, de pular corda, brincávamos de boneca de casinha.⁵¹

Pela descrição acima, a brincadeira de jogar castanha assemelhava-se à bola de gude, e tem como regra acertar um alvo, um buraco feito no chão ou uma castanha colocada em cima

⁴⁹ ROCHA, 2017.

⁵⁰ CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. A infância em Teresina nas primeiras décadas do século XX. *Fênix*, ano 6, v. 6, n. 3, p. 1-21, jul./ago./set. 2009. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF20/ARTIGO_16_Pedro_Vilarinho_Castelo_Branco_FENIX_JUL_AGO_SET_2009.pdf>. Acesso em janeiro de 2018.

⁵¹ ROCHA, 2017.

de um monte de terra. Aquele que acertasse os alvos ganhava o jogo e as castanhas de quem já havia jogado e errado.

Outras brincadeiras comuns e que sobrevivem às gerações também propiciavam o contato entre meninos e meninas. Por exemplo, pega-pega, em que uma criança corre atrás das demais e aquela que conseguir pegar em alguma outra passa a função do pega para aquela que foi tocada. Era uma brincadeira propiciada por ruas vazias de trânsito de automóveis, como mencionado anteriormente.

Esconde-esconde também é exemplo dessas brincadeiras infantis compartilhadas: uma criança conta até determinado número, de olhos virados para uma parede, enquanto as demais se escondem. A primeira deve sair para encontrar os escondidos que, por sua vez, devem correr em direção à parede em que o procurador contava para imunizar-se de ter que assumir o seu lugar. Aquele que fosse encontrado assumiria o lugar do contador.

A bicicleta era um artigo menos comum entre as crianças na década de 1950, pois custava um valor que nem todos os pais podiam pagar. Mas aqueles que chegaram a possuir costumavam partilhar suas bicicletas com seus amigos e amigas. Esse é o caso de Gracinha Formiga, que diz ter ganhado o presente de seu pai, assim como seu irmão, e se direcionavam para a Rua Santo Antônio, ao encontro dos amigos para brincarem com as bicicletas. Ela afirma ter possuído também uma sanfona, que não era um brinquedo ou instrumento comum para crianças na época, nem mesmo para mulheres, mas que gostava de compartilhar com sua amiga Maria José Lavor, que mais tarde veio possuir uma também.⁵²

Gracinha Muniz, ao ser indagada sobre as divisões de gênero existentes nas brincadeiras da infância, diz que se misturava às vezes com meninos, irmãos de suas colegas, mas afirma que só eram liberadas para brincar quando os pais estavam sentados na calçada observando, ou na Praça Felix Pacheco,⁵³ quando sua avó podia observá-los, pois era proprietária de um hotel situado em frente ao local. Essa vigilância talvez não se devesse aos perigos da cidade, pois a própria entrevistada afirma que era um ambiente calmo, com raros três carros que circulavam pelas ruas, o que indica que essa vigilância seja motivada pela preocupação com a própria interação de meninos e meninas.⁵⁴

Já em contraponto, descrevendo uma vida no interior, na zona rural, Olívia Rufino relembra sua infância com momentos de sociabilidade com a família, explorando o que o

⁵² ARAÚJO, 2016.

⁵³ Principal praça da cidade que marca o centro comercial, onde residia Oneide Rocha. Foi um dos principais pontos de sociabilidade para todas as idades e gêneros entre as décadas de 1950 até meados da década de 1990. Cf.: DUARTE, 1995, p. 35.

⁵⁴ ARAÚJO, 2016.

ambiente e o contato com a natureza tinham a oferecer. Destacava-se entre primos e irmãos por ter sido levada à cidade aos cinco anos para estudar. Foi a escolhida da família para frequentar a escola, já que as condições financeiras eram limitantes e mesmo na infância as crianças também costumavam ajudar nos labores da roça. Com acesso à leitura, ela descreve um momento de lazer não comentado pelas outras entrevistadas, como é possível observar:

A mãe da hora era a mãe de todos dali. Todo mundo se dava bem, todo mundo brincava junto, todo mundo banhava no rio. E naquele tempo era um rio com muita água limpa. E lá no interior, primos à vontade, primas, *pra* gente subir nas árvores, brincar. E a noite, sentada na porta, que eu aos sete anos já sabia ler, mais ou menos. Sentada na porta, com a lamparina na mão lendo os... A... Os heróis, as histórias dos heróis, e os da minha mãe, que era a literatura de cordel. *Os doze pares de França, A donzela Teodora, A chegada de Lampião no inferno*, que depois apareceu, já mais tarde. E... Vilela. Ave Maria, um herói assim... *Pra* ela era mais herói do que o Batman [risos]. Lendo na porta, o terreiro cheio de gente, tudo quanto era primo e tio, minha mãe aprendia logo a estória.⁵⁵

Conforme Teresinha Queiroz⁵⁶, a infância é uma temática recheada de possibilidades de estudo e tem aparecido com frequência na historiografia, principalmente relacionada a estudos sobre mulher, a família, a educação e outros temas vinculados à História Social, sendo inclusive objeto de pesquisa. A análise da infância tem sua importância por tratar-se de uma etapa da vida marcada por crescimentos e (trans)formações físicas e psicológicas, que constituem o indivíduo adulto a partir do contexto social em que essa criança, futuro(a) adulto(a), participa.

Essa influência do meio na formação da criança e como reflexo na vida adulta é exemplificada na análise de Teresinha Queiroz a partir das distintas visões que se formaram em torno da criança em diferentes sociedades, culturas e temporalidades. Segundo Philippe Ariès,⁵⁷ referência no estudo sobre a infância, nem sempre a criança foi algo importante ou notada pela sociedade. Quando aborda o século XII, Ariès afirma que a família não reconhecia as necessidades das crianças, diferenciando-as de um adulto apenas pelas características físicas. Assim, era comum a participação destas no labor junto aos pais, abstraindo-se de momentos de brincadeiras. Somente a partir do século XV, os pais começaram a entender a dependência das crianças em relação aos adultos e a necessidade de convívio entre outras da mesma faixa etária.⁵⁸

⁵⁵ RUFINO, 2016.

⁵⁶ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *História Literatura, Sociabilidades*. Teresina: EDUFPI: Academia Piauiense de Letras, 2015. p. 165-182.

⁵⁷ ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

⁵⁸ ARIÉS, 1978.

Apesar de Ariès ser uma referência relevante para o estudo da história da infância, Mary Del Priore⁵⁹ aponta uma realidade diferente das vivências infantis no Brasil. No Brasil, o sistema de escolarização e a emergência da vida privada aconteceram em grande atraso se comparado aos países onde o capitalismo se consolidou e, conseqüentemente, onde ocorreu o processo de industrialização no início da Idade Moderna. O modelo econômico do país não exigia preparação ou adequação intelectual e física. Assim, era comum uma educação de valorização do trabalho no campo como continuidade das experiências familiares. Como consequência, verificam-se grandes taxas de analfabetismo e de exploração do trabalho infantil no decorrer das décadas do século XX. A autora sugere que as pesquisas sobre a história das crianças no Brasil devem partir dos elementos mais próximos apontados por Gilberto Freyre.

Identifica-se, nos relatos das sete mulheres entrevistadas uma transição cultural do papel da criança na sociedade picoense. Olívia Rufino, que viveu sua infância uma década anterior às demais, é a prova de que em uma cidade cujo sistema escolar só existia na zona urbana e o acesso ao conhecimento básico de leitura e contas se dava nas próprias fazendas, em poucos dias e por meio de professores que iam até as casas, pagos pelos pais, às crianças cabia a continuidade das funções paternas e maternas, ajudando desde cedo no labor do campo que era o meio de renda de grande parte das famílias picoenses. Geralmente essas famílias escolhiam um dos filhos para estudar e ter a possibilidade de adquirir uma profissão diferente, que foi o caso de Olívia Rufino.

Visto que tratamos de mulheres que viviam na década de 1950, período de sua infância, com famílias de padrões econômicos parecidos ou pelo menos de uma realidade social citadina, que as colocavam em grupos de culturas semelhantes, não é estranho que as vivências na infância tenham grandes proximidades no que diz respeito às brincadeiras e diferenças nas práticas de trabalho que algumas exerceram nessa fase. A infância passou a ganhar atenção com o advento da República, com a modernização do país e com a constituição de uma nação de cidadãos de boa índole que garantissem um futuro próspero para o país. Com esse intuito, e a partir das novas percepções da psicologia sobre as fases da vida e do desenvolvimento cognitivo, percebe-se que é dos cuidados com as crianças e com a sua educação que se constroem cidadãos conservadores de valores e princípios morais.

⁵⁹ DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

Um fator comum perceptível nas famílias das entrevistadas são os casos de morte de crianças, bem como a forma como elas colocam esses fatos como algo comum. Silvia Arend⁶⁰ aponta a alta taxa de mortalidade infantil como um fator crucial para que médicos, pedagogos, psicólogos e juristas formulassem novos discursos educativos capazes de determinar o cotidiano das crianças, afetando principalmente as meninas, cujas recomendações eram que, a partir dos seis anos, as brincadeiras fossem recomendadas ou proibidas para assegurar a integridade corporal das futuras mulheres. Assim, compreende-se a limitação das brincadeiras àquelas que se assemelhavam aos afazeres domésticos femininos. Em uma coluna do jornal *A voz do Campus*, já em 1972, dados alarmantes sobre a mortalidade infantil foram apresentados, foram registradas nesse ano, em Picos, 224 óbitos dos quais 51,78% compreendiam crianças de até quatro anos de idade. Nesse ano haviam nascido 6.081 crianças, fato denominado pelo colunista de explosão demográfica, pois o número representava cinco vezes o registrado em 1968.⁶¹ Diante dessas questões, a infância é repensada, e Arend afirma que:

Para além da socialização para o exercício de papéis no interior da família, as referidas brincadeiras e diversões contribuíam para o processo de educação dos indivíduos, de acordo com o que se esperava de mulheres e de homens na idade adulta. Domicilidade, meiguice, serenidade e resignação eram as características consideradas femininas, ao passo que as esperadas dos varões eram a coragem, o poder de decisão e a competitividade – valores e práticas que também seriam aprendidos na escola, agora entendida como local por excelência para a educação formal das crianças e jovens de ambos os sexos.⁶²

Rosa Maria Barboza de Araújo, em um estudo sobre a família e as práticas sociais na cidade do Rio de Janeiro, na República, aponta o lugar social das crianças nesse espaço e tempo que, mesmo com algumas diferenças em relação ao que acontecia em Picos nesse mesmo momento histórico, partem do princípio de normatização do comportamento de forma geral e da sexualidade, principalmente feminina. A autora destaca que:

As crianças deviam ser disciplinadas para ter um bom desenvolvimento físico e intelectual. A disciplina começava pela separação por idade e sexo, fosse no ambiente doméstico, fosse na escola. A sexualidade das crianças e principalmente dos adolescentes deveria ser controlada. Até cerca de doze anos, meninos e meninas podem manter contato estreito para brincar e estudar. A partir dessa idade devem ser separados, principalmente nas atividades fora de casa.⁶³

⁶⁰ARENDA, Silvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 70.

⁶¹ *A Voz do Campus*, Picos, n. 5, 28 fev. 1973, p. 3.

⁶²ARENDA, 2013, p. 65-83.

⁶³ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro Republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 178.

Essa separação e preocupação especialmente com a sexualidade é um princípio de coerção sobre o corpo feminino para manutenção da honra e pureza das moças. Em relação à separação de gênero nas brincadeiras, Mundica Fontes afirma:

A gente só misturava homens e mulheres, quando a gente fazia uma brincadeira de casamento chinês, que a gente chamava, e no São João, a gente só misturava na quadrilha junina. Mas geralmente a gente brincava as mulheres de um lado e os meninos brincavam com os brinquedos deles, e a gente também com nossos brinquedos.⁶⁴

Sobre essa brincadeira de casamento chinês, Áurea Queiroz⁶⁵ descreve-a como uma formação de fila por meninas que escolhem cada uma um menino para fazer par. Os meninos, por sua vez, devem adivinhar quem os escolheu e sentar-se ao lado dela. Se ele acertar ganha um sorriso e um cumprimento; se errar, a menina vira-lhe as costas, e a brincadeira termina quando todos conseguem formar seus pares. Nas demais entrevistas, embora não falem especificamente das distinções de brincadeiras por sexo, as descrições são de sociabilidades entre meninas, amizades que se construíram na infância tão verdadeiramente que permanecem intactas ao tempo. Prova disso é um encontro anual celebrado com grande festa para reencontro dos amigos que viveram esse período das décadas de 1950 até agora. Oneide Rocha descreve uma delas:

Bom, é então foi uma infância boa de estudar, de brincar e de participar da vida da cidade como criança e com muitas amigas, e eu tinha muitas amigas, e inclusive tinha a Socorro Neiva, filha do seu Abdenor, que nós estudamos juntas desde o preliminar, que era o primeiro ano, até o curso pedagógico. Nós estudamos desde o primário, ginásio e os três anos do curso pedagógico, ainda fomos fazer um curso em Teresina e ainda hoje somos amigas e todas essas amigas da infância são amigas agora.⁶⁶

Na memória acima, nota-se a menção somente às meninas no ciclo de amizades da entrevistada, o que propõe a conclusão de que é fruto dessa distinção de práticas sociais em relação ao sexo, justamente para que se construíssem ambientes sem tanto perigo para a honra feminina. Vê-se uma infância marcada pelo brincar e pelo estudar, pois nesse momento ela já tem oportunidade de passar por um processo de escolarização e praticar sociabilidades e relações com outras mulheres, criando uma experiência coletiva feminina. Assim, uma aprende com a outra a ser mulher, fortalecendo um mundo feminino capaz de enfrentar a

⁶⁴ROCHA, 2017.

⁶⁵ QUEIROZ, 2005, p. 26.

⁶⁶ROCHA, 2017.

dominação masculina⁶⁷ ou pelo menos enfrentar em medidas. Em outro momento, Oneide diz que as brincadeiras eram separadas e, geralmente, restringiam-se a brincadeiras de bonecas e casinha para mulheres. Já os homens brincavam de carrinho, “brincadeiras de homem”. Além disso, uma das diversões proibidas para meninas, que lhes despertava desejo, e aceita para meninos, era o banho de chuva na praça, mas sua mãe nunca permitiu.

Quando indagadas sobre as amigas na infância, percebe-se a referência sempre a meninas ou, quando muito, citavam os primos e irmãos com quem compartilhavam algumas distrações quando se encontravam. Vejamos, por exemplo, quando Mundica afirma: “Eu tinha ligação com as primas tanto de um lado como do outro, então minhas amigas de infância eram as primas. As primas e os parentes da gente que morava lá, agora, na cidade, eu passei a ter muitas amigas tanto da escola como da vizinhança”.⁶⁸ A ideia que essa fala nos remete é que nas memórias de Mundica sua infância foi compartilhada na companhia de outras meninas, existindo provavelmente divisão de gênero nos laços de amizade e convivência. Essa proposição também é presente nas memórias de Oneide Rocha, quando afirma:

Quer dizer nós tínhamos uma infância de criança, tínhamos amigos aqui, uma família, família de Izaías Brasileiro Neto, que tinha muitas filhas, mais ou menos da minha idade. Eu brincava muito com elas, com Rocilda, Ana Rita, Erisdalva, mas eles foram embora pra Floriano. Eu ainda fui lá quando era criança. Na rua da minha avó, que lá tinha muita menina e aqui tinha muito menino, então foi uma infância de muita brincadeira. Tinha também as filhas de seu Lourenço Pereira, as filhas do seu Bienor, as meninas que moravam nessa rua, a gente brincava [...].⁶⁹

As inúmeras menções às amigas que se firmaram na infância e que sobreviveram ao tempo poderiam ser listadas nas falas de todas as entrevistadas. São grupos que se formaram limitando as relações com o gênero feminino e nessa convivência, com as trocas de experiências, sofreram um processo de aprendizagem, onde todas aprendiam a ser mulher. Gracinha Formiga menciona seu grupo de amigas da infância, limitado ao sexo feminino:

Ah... Amigos eu tinha Gracinha Santos, que hoje é arquiteta, mora em Salvador. Minha família toda, minhas primas, Francisca Maria, que hoje é advogada do Tribunal de Contas do Estado. Tinha Maria José Lavor que tocava sanfona comigo... Tinha Toinha Diva que estudava comigo. Ah! Mulher, tinha muitas assim, tem muitas ainda aqui que ainda hoje a gente relembra muito da nossa infância. Tem nossa juventude também que passamos juntas, depois casamos e continuamos agregadas naquele laço de

⁶⁷ A dominação masculina é um construto das relações sociais e de gênero. Uma visão de mundo elaborada pelos homens e incorporada pelas mulheres mediante uma dominação simbólica que é indissociável das demais formas de dominação ou desigualdades sociais. Cf.: SOHIET; SOARES; COSTA, 2001, p. 17-18.

⁶⁸ MOURA, 2017.

⁶⁹ ROCHA, 2016.

amizade.⁷⁰

Ao lembrarem a infância, um misto de emoções e sentimentos são revividos, e essas memórias são relatadas de forma a evidenciar que foram interpretados como momentos especiais, regados de pureza, inocência e felicidade. A saudade é um sentimento presente nessas lembranças. De forma contrária, Naza MacFarren narra uma infância triste, presa a pensamentos negativos não próprios de criança e hoje ela entende essa fase como uma depressão, sentimento de insegurança e baixa estima. Outro fator que pesava para o seu ressentimento com suas memórias de criança foi o fato de não ter tido brinquedos,⁷¹ como quando afirma: “Mas na realidade minha infância, fora isso, o fato de ter sido assim, de não ter tido assim brinquedos, os brinquedos eu tinha que fazer porque não compravam meus brinquedos, porque meu pai nunca foi de... Pra ele era luxo isso né, ele se preocupava com o essencial”.⁷² Pelas descrições de suas condições financeiras, o pai de Naza MacFarren possuía uma condição financeira confortável, era comerciante, dono de uma farmácia, todos os seus filhos foram enviados para outras cidades em busca de estudos. Esses fatores conotam uma estabilidade financeira que não se distancia daquela de Oneide Rocha, por exemplo, cujo pai era escrivão de cartório, mas que teve acesso a outra cultura material.

Nas memórias das sete entrevistadas, percebe-se a relação que mantinham de brincadeiras com outras crianças, geralmente do mesmo gênero. É evidente que a realidade financeira de cada uma distinguia as práticas infantis. Aquelas cujas famílias tinham poder aquisitivo melhor, como Oneide Rocha, Olívia Rufino, Naza MacFarren, Mundica Fontes, recordam uma infância dividida entre brincadeiras e estudos. Já Gracinha Muniz, Gracinha Formiga e Maria José Lavor precisavam ajudar os pais, ainda na infância, devido às dificuldades financeiras. Nesse sentido, é importante ressaltar que, mesmo aquelas que não precisavam assumir responsabilidades junto aos pais para o sustento da família, tiveram irmãos homens que assumiram papéis no labor diário de acordo com o modelo masculino de provedor da família.

Ao tratar de infância, é perceptível, na fala dessas mulheres, a descrição de um lugar que, entre as décadas de 1950 e 1970, ainda preservava a natureza em detrimento da modernização urbana, visto que essa acontecia lentamente. O rio que cortava a cidade, além de fonte de renda, era um espaço de vivências cotidianas, labores domésticos e palco de

⁷⁰ SINVAL, 2017.

⁷¹ Talvez essa seja uma análise dela hoje. Quando se remete à memória do passado, o olhar é diferente, visto que hoje vê um novo modelo de infância que se distancia do que viveu.

⁷² MCFARREN, 2017.

brincadeiras infantis e encontros dos adolescentes. Nesse período, a liberdade de ser criança era pensada com base nas concepções de formações de feminilidades, masculinidades, bons costumes e moral. Nesse sentido, eram postas as diferenças entre meninos e meninas desde a divisão de tarefas domésticas até as brincadeiras.

A infância das mulheres aqui apresentadas reflete o cotidiano e cultura da cidade de Picos, com práticas de brincadeiras entre as crianças que fortaleceram laços de amizade, visto que elas fazem questão de os mencionar durante suas falas. Ao serem indagadas sobre a infância, destacam boas lembranças, saudades, medos e sonhos, que são importantes para o entendimento de que desde esse momento são constituídas as diferenças entre homens e mulheres, bem como as afirmações dos seus papéis sociais.

Scott⁷³ afirma que a mulher é constituída a partir da diferença em termos hierárquicos. Quando se fala em feminilidades, já está implícita a ideia de hierarquia, e as práticas infantis produzem a continuidade da hierarquização das feminilidades. De acordo com Farge,⁷⁴ se há permanências, é sinal de que houve uma disputa nas relações de poder, e uma perspectiva venceu por continuidade em detrimento de outra. Nesse caso, vê-se a permanência da produção das diferenças entre homens e mulheres desde a infância.

2.2 Espaços de sociabilidades

Apesar das diferenças citadas, os espaços de sociabilidade na infância eram compartilhados, como é possível perceber nos relatos de memória das mulheres que fazem parte desta pesquisa. Na zona urbana, a Praça Félix Pacheco era tida como “um parque de diversões”,⁷⁵ como qualifica Gracinha Muniz. As características naturais que resguardavam os aspectos de zona rural conotavam liberdade e pureza e nas ruas, ainda sem calçamentos, as sociabilidades infantis eram vistas, assim como os romances entre os jovens e os entretenimentos da cidade.

Ainda sobre infância, encontram-se nas entrevistas menções sobre a cruzada infantil, que nas décadas de 1940 e 1950 era uma atividade de grupo desenvolvida pela Igreja Católica, cujo objetivo era a formação moral e cívica e a construção de relações de respeito entre meninos e meninas. Foi esse ambiente descrito por Olívia Rufino que marcou o início de

⁷³SCOTT, 1994, p. 21.

⁷⁴FARGE, 2015, p. 113-149.

⁷⁵ARAÚJO, 2016.

sua amizade com Ozildo Albano,⁷⁶ lembrado ao longo de sua entrevista com grande apreço e emoção. Quando questionada sobre os lugares que costumava frequentar na infância, Olívia Rufino responde:

Aqui especialmente a igreja né? Na igreja, aqui foi criada uma cruzada infantil. Chegaram os padres Frederico e também o padre Paulo. Fez aqui uma cruzada eucarística, que a gente fazia parte. Foi a primeira vez que eu saí do anonimato e entrei numa sociedade. Numa associação. A gente, eu senti isso, eu, Ozildo, que também fazia parte.⁷⁷

Esses grupos da Igreja voltados para as crianças, assim como a catequese hoje, serviam para educá-las para a vida cristã e um dos princípios morais era a manutenção da pureza feminina, para isso educavam-se homens e mulheres. Quando Olívia Rufino fala de sair do anonimato e entrar numa associação, mencionando a figura de Ozildo, revela o espírito revolucionário que os dois tinham em comum e que foram postos em prática para manifestarem vários aspectos excludentes da cidade e reivindicarem por direitos, cuja atuação será estudada no último capítulo.

O rio Guaribas⁷⁸ foi palco de sociabilidades entre crianças, jovens e adultos. É mencionado com um toque de saudade por Maria José Lavor, pois a poluição e a construção de uma barragem na cidade de Bocaina, a aproximadamente cinquenta quilômetros de Picos, o fizeram desaparecer, mostrando-se apenas nos períodos chuvosos. Renato Duarte descreve a utilidade do rio Guaribas, desde os aspectos econômicos aos de subsistência, pois era a fonte de água para todas as necessidades dos picoenses. Nessa análise, e tratando especificamente do aspecto social do rio, ele afirma que:

O rio tinha outro papel importante na vida dos picoenses: é que o velho Guaribas representava uma opção de lazer e de terapia da maior importância.

⁷⁶ Picoense, nascido em 1930. Estudou no grupo escolar Coelho Rodrigues e no Ginásio Estadual da cidade, encabeçando manifestações culturais entre os jovens como a constituição de um jornal estudantil em 1951, *A Flâmula*, citado neste trabalho. cursou o ensino médio e o curso de Direito no estado do Ceará. Retornou para o Piauí na condição de Juiz, abandonando o cargo posteriormente para servir a ordem Franciscana. Fundou o primeiro trio de seresta da cidade junto com Elísio Serafim e Olívia Rufino, uma das nossas entrevistadas. Ozildo trabalhou para a construção da biblioteca e museu que hoje é considerado o mais importante, em termos de pesquisa, do Nordeste Ocidental, cujo nome o homenageia: Museu Ozildo Albano. Cf.: SOUSA, Francisco das Chagas. *Ozildo Albano – Simbologia e escritos legados a Picos*. Disponível em: <http://www.jornaldepicos.com.br/noticia_detalle.php?id=4248>. Acesso em 20 de maio de 2018.

⁷⁷RUFINO, Olívia. *Depoimento cedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017

⁷⁸O rio Guaribas foi um rio perene, em cujas margens nasceu a cidade de Picos. Tornou-se um lugar de memória para aqueles que o viveram em seus tempos de vida, já que hoje só aparece cortando a cidade em períodos chuvosos. As construções às suas margens, a poluição e a construção da barragem na cidade de Bocaina, situada a 50 km da cidade de Picos, fizeram o “pai de Picos” desaparecer. É notável que esse rio possui representatividade tanto para a construção da cidade, quanto para o desenvolvimento da prática comercial, da agricultura e pecuária, que eram as principais atividades desenvolvidas em Picos na zona rural e urbana.

Os trechos onde a água era mais profunda, chamados de poços, e onde havia a privacidade necessária, eram transformados em autênticos banheiros públicos. Havia os poços dos homens e os poços das mulheres, cujos limites e privacidades eram rigorosamente respeitados. Havia, nas proximidades da cidade, dois trechos do rio com maior profundidade, que eram os poços dos homens. [...] Os chamados poços das mulheres não eram propriamente poços, mas sim trechos do rio que correspondiam a propriedades particulares, onde a privacidade das banhistas era assegurada. [...] Na verdade, homens e mulheres, separadamente nos seus respectivos poços, banhavam nus. Esse é um dado interessante sobre os costumes daquela época, em que as pessoas se banhavam despidas, coletivamente, em seus respectivos poços, sem que isso despertasse sentimentos de pudor ou malícia.⁷⁹

A partir desse relato de memória, é possível pensarmos na divisão desses espaços exatamente como uma medida de construção de limitações e de respeito, principalmente entre os gêneros.

Durante as décadas de 1950, 1960 e 1970, o espaço urbano da cidade de Picos era incipiente, mas com alguns avanços principalmente no quesito espaços de sociabilidades. Havia o cinema Cine Spark inaugurado em 1964 e o Picoense Clube, que em suas festas regulares, reunia a população jovem. Mas a principal atividade de lazer exercida pelos jovens era frequentar a missa aos domingos e depois realizar o passeio na praça principal da cidade, a Praça Félix Pacheco. Havia também as tertúlias em casas de família, uma festa destinada aos jovens. Nesses ambientes, aconteciam os relacionamentos sociais e afetivos, visto que homens e mulheres se misturavam, geralmente aqueles que estavam na fase da adolescência. Segue a imagem do cinema da cidade localizado na Praça Félix Pacheco. De acordo com Aylla Caminha⁸⁰, o cinema foi palco de exibições de filmes e shows artísticos de cantores renomados na época. Era um espaço de formação cultural.

⁷⁹DUARTE, 1995, p. 22.

⁸⁰LUZ, Aylla Mara Caminha. *Cine spark: memória, lazer e sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970*. 2012. 88 f. Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Picos, 2012.



Figura 1: Antônio José Varão, na Praça Félix Pacheco, em frente ao Cine Spark. Fonte: LUZ, Aylla Mara Caminha. *Cine spark: memória, lazer e sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970*. 2012. 88 f. Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Picos, 2012.

De acordo com Duarte ⁸¹, a Praça Félix Pacheco era o ponto mais frequentado nos passeios da infância à adolescência. Nessa praça, ficavam o cinema, os bares e era o espaço propício para as relações de gênero. O autor diz que os passeios nesse ambiente eram divididos por classe social: o lado da praça onde havia um paredão que limitava as calçadas de residências e do cinema era restrito às pessoas pobres; já o centro da praça, onde havia os jardins e o coreto até a limitação da calçada dos bares, que era contrária ao paredão, era frequentado pelas classes mais abastadas. Essa divisão é descrita por Olívia Rufino:

Aquela praça ali não tinha um palito de fósforo. Linda, com jardins, com rosas da França. Era uma praça linda. E ali iam os namorados à noite. Só gente fina. Ele [prefeito] criou uma lei, empregada doméstica não passeava na praça. Só subia na praça elite. Nós do Ginásio fizemos tanto protesto também, tanta gritaria por causa disso. Então nós ficávamos do lado de cá, eu geralmente ia com Ozildo andar lá com o pessoal. A gente se reunia no coreto da praça, era nosso centro de convenções. Se reunia para questionar tudo.⁸²

Gracinha Muniz também relata essa divisão espacial da Praça Félix Pacheco. Porém, ao contrário de Olívia Rufino, que ressalta ter lutado contra essa divisão e ter frequentado a zona proibida para mulheres de elite, Gracinha afirma ter respeitado a norma:

⁸¹DUARTE, 1995, p. 35.

⁸²RUFINO, 2017.

Quando a gente era mocinha, nesses bares aí a gente não podia entrar, e a Praça Félix Pacheco, aquela parte que fica em frente ao paredão, a gente não podia passear, só passeava lá as domésticas e alguma moça assim que fosse mal falada. A gente só podia passear ali do lado dos bares, ali do banco do Brasil, ninguém andava ali [do lado do paredão], quando a gente era criança, e ficava andando pequenininha não tinha problema, mas se pôs mocinha não andava para aquele lado, e também sempre um bom comportamento, a gente era orientada pelos pais e a gente obedecia. Eu era muito obediente.⁸³

A divisão desses espaços também era feita por gênero. Esses bares mencionados nas duas falas, principalmente o bar do Pipoca e o bar Social, eram frequentados exclusivamente por homens, era proibida a entrada de mulheres, pois, caso entrassem, colocavam em jogo a sua reputação. A própria Gracinha Muniz afirma que: “O Bar do Pipoca acabou sem entrar mulher”.⁸⁴ Segundo Karla Oliveira, por ser um ambiente desconhecido pelas mulheres, o bar do Pipoca despertava o imaginário das moças da época que se apropriaram da ideia de lugar proibido sem saber ao menos o porque, como é possível perceber na fala de Mundica Fontes em entrevista a Oliveira:

[...] Ele só era frequentado por homens, então lá tinha todo tipo de jogo, sinuca, era baralho, era dominó. Aí uma amiga nossa, ela era uma pessoa na época, emancipada, pra frente, a gente chamava ‘prafrentex’. A gente só dizia que ela era ‘prafrentex’. E ela, na época do ginásio, fumava. E naquela época, mulheres fumavam, mas era até permitido, mulheres fumavam abertamente assim. Eu experimentei cigarro, mas nunca gostei, não cheguei a fumar porque eu nunca gostei, mas experimentei cigarro. Minhas colegas fumavam, só que eu nunca gostei mesmo de cigarro. E ela disse: ‘Ó, quanto que vocês me dão? Vocês me dão uma carteira de cigarro para mim, para eu entrar naquele bar do Pipoca. Eu disse: ‘Tu não é doida de entrar’. ‘Vou, quero saber por que é que os homens entram e mulher não pode entrar naquele bar? Eu quero saber por que não pode entrar, o que é que tem naquele bar?’. Aí nós juntamos uma turma todinha e ‘Vamos dar uma carteira de cigarro para 33 Lorotas’. São histórias engraçadas inventadas pelos contadores. 92 você. Era Hollywood o cigarro que ela gostava. ‘Eu entro!’. Pois ela não entrou! Foi o maior... ‘Menina, o que é que você faz aqui? Você é louca? Saia daqui’. Ela disse: ‘Olá [...] eu só vi que não tem nada de bonito, e as paredes velhas fedidas, [só tem] catinga de xixi e de cachaça e de cigarro, mas não tem nada, só jogo, jogo, jogo. Não tem nada de mais’.⁸⁵

Vê-se que nessa fala são expressas representações de pecado, proibido, promiscuidade em torno do ambiente. A expulsão da moça do ambiente mostra que se tratava de concepções de gênero. Oliveira concluiu que, no imaginário das moças, o bar era um ambiente de relações clandestinas entre os rapazes e moças de má reputação.

⁸³ARAÚJO, 2016.

⁸⁴ARAÚJO, 2016.

⁸⁵MOURA, Raimunda. *Depoimento cedido a Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira*. Picos-PI, 2013.



Figura 2: Imagem do interior do Bar do Pipoca. Fonte: Museu Ozildo Albano.

Nos passeios da praça, as mulheres andavam geralmente em grupos de braços dados, andando de um lado para o outro, e os homens ficavam parados também em grupos. Nessas voltas, trocavam-se olhares significados como flerte, representando o interesse de um pelo outro. Caso os olhares fossem correspondidos entre ambos, o homem se dirigia até a moça para passearem juntos. Duarte fala de trechos com pouca iluminação em determinado lado da praça, representado como uma zona perigosa e promíscua para onde se destinavam casais que queriam ter um contato mais íntimo. A moça que aceitava ir para esse espaço passava a ideia de que aceitaria certas liberdades masculinas, já aos homens esses ambientes só afirmavam sua masculinidade. As significações desses espaços são conduzidas pela memória coletiva, que por sua vez cria hierarquias entre homens e mulheres.

Segue a imagem da praça na década de 1950. Do lado esquerdo da imagem, vê-se o paredão por onde passavam as moças pobres e mal faladas e do lado direito ficavam os bares.



Figura 3: Praça Félix Pacheco na década de 1950. Fonte: Arquivo do museu Ozildo Albano.

É interessante destacar que, assim como a infância, a juventude é retratada nesse cenário social de partilha de vivências, trazendo às falas dessas sete mulheres o sentir saudade e alegria de ter experienciado esses momentos nesses lugares. Contudo, ao adentrarem no relato da vida adulta onde se inclui o casamento, a maternidade, a profissionalização, essas sociabilidades vão desaparecendo como se aqueles lugares fossem representações de fases específicas da vida, deixando de serem frequentados, ou pelo menos sendo visitados em outras ocasiões, que não os fazia tão especiais quanto antes.

A partir da análise de Richard Sennett⁸⁶ sobre algumas cidades da Grécia em diferentes momentos ou em momentos específicos de suas evoluções, bem como a relação dos corpos com esses espaços, como um implica a construção do outro, observa-se que o gênero tem espaço e o espaço constitui o gênero, a presença de uma pessoa em um determinado espaço produz uma representação de gênero e ao mesmo tempo essa representação condiciona esse espaço. São essas determinações mostradas ao apresentar as distinções de gênero nos espaços de sociabilidade da cidade de Picos.

2.3 Ambiente escolar e escolha das profissões

Nas escolas havia, no período aqui estudado, uma distinção entre meninos e meninas, tanto na divisão das turmas quanto em disciplinas. Algumas escolas atendiam apenas ao público masculino ou feminino e funcionaram em períodos diferentes como, por exemplo, a Escola de Primeiras Letras, cujo professor Joaquim Jusselino Viriato Formiga foi nomeado

⁸⁶ SENNETT, Richard. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

para lecionar em uma turma de dezessete alunos do sexo masculino. Em 1867, foi inaugurada a Escola de Primeiras Letras para as mulheres cuja professora nomeada foi Maria Joaquina de Almeida Brito. Em 1921, Mário Martins inaugurou o Instituto Coelho Rodrigues que funcionava como internato para alunos apenas do sexo masculino. Já em 1944, foi inaugurado o Colégio das Freiras que atendia apenas ao público feminino. Outras escolas foram implantadas nesse período com uma organização mista.⁸⁷

No capítulo posterior, o sistema educacional da cidade de Picos é descrito, mas aqui são apontados elementos de distinção de gênero no ambiente e nas práticas escolares. Em primeiro lugar, é notável que a primeira diferença entre homens e mulheres no que diz respeito à educação era o próprio acesso.

As primeiras escolas em Picos eram de iniciativas particulares e atendiam a públicos específicos, para homens ou para mulheres, nas últimas duas décadas do século XIX e as duas primeiras do século XX. A necessidade de instrução era atribuída principalmente aos homens. Vale ressaltar que essa era a lógica central de uma cidade em que o espaço urbano era mínimo e os trabalhos nesse local eram tipicamente masculinos. O discurso em cidades mais modernizadas e que sentiam as transformações que acompanhavam a República era diferente. Segundo Guacira Lopes Louro:

A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos ou, na linguagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadãos.⁸⁸

Provavelmente essa linguagem republicana só tenha chegado a Picos a partir da década de 1920 com a modernização das cidades brasileiras e a difusão dos grupos escolares. A cultura escrita era vista como atributo masculino. Isso é visto na história de vida do professor mestre-escola Miguel Guarani cuja biografia, intitulada *Miguel Guarani: mestre e violeiro*⁸⁹, destaca que, entre os dez irmãos, ele foi o escolhido para alfabetizar-se de forma quase autodidata e receber a missão de constituir-se um professor, cuja profissão foi a única com a qual se afeiçoou em um período de valorização da cultura agrícola, desenvolvida por seus pais. Miguel Guarani ficou conhecido em Picos e região pela prática de escolarização nas próprias casas dos alunos quando contratado pelos pais.

⁸⁷Cf.: VIEIRA, Maria Alveni Barros. *Educação e sociedade picoense: 1850 a 1930*. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2002.

⁸⁸LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In.: DEL PRIORI, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*, São Paulo: Contexto/UNESP, 1997. p. 446.

⁸⁹ MOURA, Francisco Miguel de. *Miguel Guarani: mestre e violeiro*. Teresina: Edições Cirandinha/FUNCOR, 2005.

Em 1929, foi inaugurado o Grupo escolar Coelho Rodrigues, a primeira escola pública da cidade, aberto ao público masculino e feminino, porém em salas separadas. Havia a ala dos homens e a ala das mulheres. Anos depois, quando fundaram o Ginásio para que os picoenses tivessem oportunidade de galgarem mais um grau de estudo, também separaram as turmas por gênero. Mas a falta de espaço para atender a demanda de alunos que crescia cada vez mais impossibilitava a continuação desse sistema de organização e passaram a misturar homens e mulheres na mesma sala.

Mundica Fontes descreve, com admiração, pois estava apta ao costume de separação de meninos e meninas, numa escola de reforço dirigida por Dorinha Xavier, de iniciativa privada:

Agora Dorinha Xavier ela disse ‘que besteira’. Ela foi uma das mulheres emancipadas, ela é viva ainda, viu? Foi uma das mulheres mais *emancipadas* de Picos foi Dorinha Xavier. Ela disse ‘agora besteira negócio de separar homem e mulher, um dia não vão casar, não vão fazer filho? Que história é essa?’. Pois na sala dela era tudo junto e misturado. Não separava não. Porque ali na escola de Lurdes de Carvalho era separado, a sala dos meninos e a sala das meninas. Aí quando a dona Dorinha abriu pra juntar, aí ela colocou misto. Agora o colégio, o Marques Parente [ginásio] depois ele terminou abrindo sala mista. Porque foi crescendo muito o número de estudantes e tinham mais mulheres do que homens, aí terminou fazendo as aulas mistas.⁹⁰ (grifo nosso)

Mundica Fontes adjetiva Dorinha Xavier como uma mulher emancipada por ter inovado na mistura de meninos e meninas nas salas de aula. Nessa fala, observa-se também uma transformação no ambiente escolar em relação à participação feminina. Ainda sobre as distinções de gênero na educação, é importante mencionar a instalação do Colégio das Freiras, como ficou conhecido até a sua unificação de curso primário e ginásial em 1971, quando passou a ser chamado Instituto Monsenhor Hipólito. Era uma instituição particular com ensino voltado exclusivamente para mulheres. Somente com a vinda do batalhão do Exército para Picos que essa instituição abriu-se para o público masculino, visto ser a única alternativa de ensino particular na cidade.

Posteriormente, já em 1967, foi inaugurada a escola Normal Oficial de Picos, aberta para homens e mulheres. Porém, de acordo com o estudo da história da instituição desenvolvido por Cristiane Pinheiro,⁹¹ além da pouca procura masculina, os únicos cinco matriculados na primeira turma desistiram por julgarem não ser uma profissão para homens. A

⁹⁰ MOURA, 2017.

⁹¹ PINHEIRO, Cristiane Feitosa. *História e memória da Escola Normal Oficial de Picos (1967-1987)*. 2007. 205 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

partir daí, a diretora, Luzia Moura Barros, conhecida por Dona Zizi, decidiu restringir o ensino apenas para mulheres, marcando mais uma diferenciação entre os sexos ou a permanência de um pensamento que enquadrava a mulher como a professora perfeita para educar crianças. Vejamos a fala da ex-diretora em entrevista para Cristiane Pinheiro:

Quando ela foi fundada passaram cinco alunos homens. Eles começaram a sair, eles foram vendo que não era profissão para homem, viu. Foi saindo, eu até dizia: ‘rapaz é o curso que tem aqui, vamos estudar’. [...] Em ter saído o último, então, eu determinei: ‘só aceito mulheres’. [...] Hoje professor ganha o que ganha, avalie naquele tempo. Não dá para um homem sustentar uma família. Bem, eu não aceito, porque é um curso que não dá para sustentar família e vem fazer barulho aqui, porque misturou, já sabe. [...] Não aceitei mais homens. Me apoiaram, lá em Teresina, me apoiaram.⁹²

A partir da concepção da função dos professores e da desqualificação da remuneração da atividade, nota-se a diferenciação de gênero tanto no estudo na área pedagógica, quanto na prática em si, pois, além de ser uma atividade que era comparada à função materna, o que se pagava por ela era insuficiente para suprir o sustento de uma família, que era a função do homem, como ressalta dona Zizi nessa fala. Voltando para a história de Miguel Guarani, o autor descreve as dificuldades financeiras que sofrera pela não valorização da sua profissão e até mesmo pela falta de oportunidade de se efetivar como professor da rede de ensino de Picos.

Mas, a partir das entrevistas realizadas, percebe-se que ainda havia uma forte presença masculina no magistério, principalmente no curso ginásial. Esses homens buscaram outras formações, ou seja, exerciam outras profissões, e ministravam disciplinas com afinidades com as suas áreas de formação. Eram, por exemplo, juízes, médicos e contabilistas. Em outras palavras, a modalidade de ensino pedagógico ou curso na Escola Normal em Picos restringiu-se para as mulheres, visto que elas deveriam estar preparadas principalmente para o ensino infantil. Porém o magistério englobava professores homens, que tinham outras formações e empregos.

De acordo com Heleieth Saffioti,⁹³ a função de professora, principalmente no ensino primário, aproximava a mulher do naturalizado instinto materno e daí parte o incentivo para instrução feminina e, conseqüentemente, a feminização do magistério, que era um trabalho desvalorizado. Assim, acreditava-se que uma pequena renda para a mulher era suficiente, pois ajudaria nas despesas do lar, mas para os homens era insuficiente para cumprir seu papel de

⁹²PINHEIRO, 2007, p. 90.

⁹³SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Vozes, 1976. p. 229.

mantenedor da família. Com esse espaço que se abria para as mulheres, passou-se a pensar na sua educação como algo que a qualificaria enquanto uma moça apta para o casamento e para educação dos filhos.

Havia, contudo, diferenças entre a educação feminina e masculina. O homem que tinha acesso à educação era preparado para exercer os melhores empregos ou funções ditas masculinas, e tinha maiores oportunidades, de acordo com as condições financeiras da família, de galgarem o ensino superior. Tratando especificamente dos picoenses, observa-se que precisariam se deslocar para a capital ou até mesmo outros estados em busca desse grau de ensino.

Já as mulheres, até mesmo dentro do espaço escolar, eram incentivadas a desenvolverem as prendas domésticas, e seu estudo estava limitado quase sempre ao oferecido na cidade. O processo de ampliação dos graus de ensino em Picos foi paulatino e limitou-se, a partir do final da década de 1960, à formação da docência, passando a ser a única alternativa de formação para a maioria das moças da cidade. Algumas famílias, desde os anos 1930, visando a essa possibilidade de crescimento profissional, enviaram suas filhas para outras cidades em busca da formação como professoras, como anuncia o jornal *O Aviso* em uma coluna intitulada A normalista:

No mesmo dia e com o mesmo destino seguiram as formosas e prendas senhoritas Adalgiza Nunes de Barros e Luiza Maia e Silva, inteligentes e aplicadas segundannistas da Escola Normal, as quaes passaram as férias no seio das respectivas famílias nesta cidade. As futuras preceptoras picoenses, que, pelas suas bellas e alevantadas virtudes de espírito e coração, desfructam de largo e selecto círculo de sympathias em o nosso meio social, mandamos, com os augúrios de brilhante tirocínio no respectivo curso, votos de feliz viagem.⁹⁴

Vê-se que essas mulheres mencionadas acima conseguiram acesso a esse grau de ensino ainda na década de 1930 e tiveram que se deslocar para longe das vistas da família, fato que representava, para muitos, algo perigoso. Sobre esse deslocamento para outras cidades em busca do estudo, têm-se entre as entrevistadas quatro que tiveram essa oportunidade, como é mostrado posteriormente.

Analisando as diferenciações de gênero no mercado de trabalho, as alternativas eram também restritas para as mulheres se comparadas aos homens. Primeiro porque a única alternativa de formação na cidade era o magistério, segundo porque as feminilidades ainda estavam arraigadas às práticas maternas e aos serviços domésticos. Por exemplo, Olívia Rufino, ao exercer a sua profissão no magistério, atribuiu a outra mulher, no caso sua tia e as

⁹⁴ NORMALISTAS. *O Aviso*, Picos, 15 abr. 1930.

pessoas que moravam com ela, para tomarem conta dos filhos e da casa. No caso de Gracinha Muniz, que era professora e seu marido comerciante, seus filhos estudavam no seu horário de trabalho para que ela pudesse, nos outros horários, exercer os papéis de mãe e esposa.

O trabalho doméstico era uma função feminina exercida ou pela dona da casa ou por outras mulheres segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1955. De uma população de 16.153 pessoas que se enquadravam em atividades domésticas não remuneradas e atividades escolares discentes, 15.468 eram mulheres e apenas 667 eram homens, e entre esses homens é provável que houvesse crianças que se enquadravam em atividades discentes em grande medida, já que esses dados dizem respeito a indivíduos a partir dos dez anos de idade.

As que não se casaram, como Mundica Fontes e Oneide Rocha, puderam dedicar-se mais aos estudos, buscando o ensino superior, bem como dedicar-se a outras atividades ligadas à igreja, à política, no caso de Oneide Rocha, à arte, no caso de Mundica Fontes. Um fator interessante, que é pauta no último capítulo deste trabalho, é que essas mulheres conseguiram galgar esses espaços antes masculinizados. Olívia Rufino e Oneide Rocha, por exemplo, participaram ativamente da vida política da cidade. A primeira carrega em sua fala o fato de ter assumido posturas que na época eram julgadas masculinas como quando afirma: “Eu fui a primeira mulher nessa cidade que dirigiu um carro, um jipe, fui vereadora vinte anos, despachada, gritava, falava tudo, botava tudo no ventilador, não tinha medo de nada, nem de ninguém”.⁹⁵ A segunda também fala da sua participação em um espaço com raras presenças femininas:

Eu cresci mamãe dizendo, ela dizia assim: ‘eu rezo *pra* meus filhos não conseguirem duas coisas quando crescer: ser político e ser motorista *pra* viajar pra longe’, *ai* quando eu fui candidata, fui candidata em 1996, em 2000. ‘*Aí*, Oneide, não!’. Mamãe rezava *pros* meninos não serem, mas ela num rezou *pras* meninas não serem políticas; então como ela não rezou, eu sou. Pra você ver... Nunca imaginava que uma mulher pudesse entrar no mundo da política, porque o mundo da política de fato era só... E ainda hoje o espaço maior é *pra* homens.⁹⁶

Maria José Lavor destacou-se atrás da figura do marido como influência política dele, que foi prefeito da cidade. Gracinha Formiga aparecia por meio da escrita nas colunas jornalísticas. Naza MacFarren brilhou longe e ganhou reconhecimento internacional nas artes plásticas. Destacaram-se na escrita, na forma de pensar, nas maneiras de se representarem, questionando as construções históricas de diferenças que foram apontadas até aqui.

⁹⁵ RUFINO, 2017.

⁹⁶ ROCHA, 2017.

2.4 Comportamentos e usos dos corpos

Ao tratar de distinções entre homens e mulheres em uma sociedade apoiada em princípios patriarcais, uma das mais notáveis são as orientações de comportamento e os domínios sobre os corpos, porque essas concepções estavam embrincadas nos espaços, nas socializações, na educação e na construção do ser cristão. Enquanto os homens eram ensinados a exercer a sua sexualidade como uma construção da virilidade, assim como a eles era atribuída a responsabilidade sobre as questões financeiras, as mulheres eram orientadas a preservar-se e privarem-se do prazer. Elas eram colocadas em condições de submissão à figura masculina, seja dos pais, dos irmãos ou do marido.

Segundo Michel Bozon⁹⁷, a sexualidade legitima a ordem e as relações entre os sexos masculino e feminino e justifica as continuidades dessa ordem ao longo das gerações, que responsabilizam o contexto cultural pelas representações dos direitos e deveres dos homens e mulheres em relação ao corpo e à própria sexualidade. Ou seja, a construção social é que elabora as condições da sexualidade humana.

Em relação aos corpos, é interessante observar os cuidados com ele e a sua relação com a moda e a beleza. Esse assunto será abordado de forma mais profunda no terceiro capítulo, mas cabe aqui ressaltar a responsabilidade imposta às mulheres no jogo da sedução, em um momento em que os princípios para um casamento passaram a ser repensados e o amor ganhou prioridade nas relações de gênero. A beleza era nesse contexto um atributo que se transforma em valor que pesava sobre as mulheres, visto que não era uma preocupação masculina. As moças que saíram da zona rural tinham no espaço urbano, em sua juventude, o acesso aos espaços públicos, tornando-as uma mulheres visíveis.

Em um contexto diferente, mas com uma ideia próxima a essa questão da valorização da beleza, Mônica Raísa Schpun,⁹⁸ ao analisar a instalação da elite do café na cidade de São Paulo, evidencia que o processo de urbanização afasta das mulheres o seu poder de administração das fazendas e as coloca na restrição do espaço doméstico em um universo onde se discutem os limites do privado e do público. E, nesse contexto, ela discute a ideologia do amor que, apesar de fortalecer a submissão feminina ao homem, é uma estratégia feminina

⁹⁷ BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004. p. 27.

⁹⁸SCHPUN, Mônica Raísa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Boitempol/SENAC, 1999.

de mudar o sentido dos casamentos outrora firmados em meio a interesses financeiros, colocando como elemento definidor das relações de gênero o amor.

Com isso, por volta da década de 1920, tem-se uma redefinição da feminilidade, articulada à beleza que é incorporada pelas mulheres como uma obrigação, sendo um requisito para a circulação feminina no espaço público. A mulher passa a ser vista na cidade e por isso deve ser bela. A beleza torna-se ser uma obrigação e um valor, como um bem que interage no processo de conquista.

Por outro lado, Jurandir Costa Freire⁹⁹ afirma que o amor romântico é uma construção atrelada aos valores. O próprio objeto do amor é atravessado pelos valores de forma que se aprende a amar aquilo que se condiciona a amar. Considerando esse amor construído, entende-se a sedução como instrumento para o alcance desse sentimento que veiculará as relações de gênero, e a beleza constitui arma feminina nesse jogo. Têm-se à vista dois papéis: o da mulher que é atrair e o do homem que é ser atraído, distinguindo-se na caminhada de um propósito comum.

Dentro dessas relações afetivas de gênero, encontram-se, portanto, algumas distâncias entre os direitos e deveres dos homens e das mulheres. Uma delas, muito visível principalmente até meados da década de 1950, era a atribuição de sobrenomes apenas para os homens. Não era uma regra geral, mas era algo comum, como afirma Olívia Rufino:

E pra você ver, todo homem fazia questão do seu sobrenome. O meu pai Antônio Rufino da Silva, que era sobrenome que vinha tradicional da família dele. Porque o nome dele, até que tinha outros, teve Sá, teve... Muitos outros sobrenomes ilustres. Mas os Rufino que vieram pra cá eram Rufino da Silva. E meu pai também era Rufino da Silva. E os homens, cada um tinha o sobrenome da família, mas mulher não precisava.¹⁰⁰

Olívia conta que sua irmã mais velha e sua mãe não receberam sobrenome, mas ela recebeu o sobrenome paterno assim como os seus irmãos homens. Outro fator de diferenciação eram as liberdades dadas aos homens em detrimento das mulheres pelas famílias. Por exemplo, o horário de voltar para casa do passeio na praça. As mulheres tinham que retornar às 21 horas, já os homens às 22 horas, como relata Oneide Rocha, que acrescenta que só poderia frequentar alguns lugares sob a vigilância de algum dos irmãos.

Nos relacionamentos afetivos, havia a preocupação de manter o casal sempre sob as vistas da família, mais propriamente as famílias das moças, até porque para os rapazes os princípios de moral e sexualidade não precisavam de vigilância. Essa vigilância pode ser

⁹⁹ COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor*: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 12.

¹⁰⁰RUFINO, 2017.

percebida na memória de Gracinha Formiga ao relembrar o período de namoro com o seu marido. Ela conta que as relações mais quentes existiam, embora proibidas, mas não se conversava sobre as questões de sexo, o próprio silêncio determinava a proibição e a vigilância era a forma de evitar excessos. Afirma:

Pelo menos eu tentei com meu marido muitas vezes e não deu certo. Mas naquela época era muito difícil a gente ficar só com o namorado, pelo menos eu, eu era muito vigiada. Até essa daí [apontando para a irmã mais nova] me fazia muita raiva, furou um buraco na porta quando eu namorava, ainda hoje tenho raiva dela por isso. Depois que eu comecei a ganhar dinheiro mandei mudar a porta.¹⁰¹

A castidade era um ponto importante de distinção entre os gêneros, uma vez que uma sociedade fundamentada no cristianismo tem como fonte de tudo que existe um Deus (masculino) criador do céu e da terra, do homem e da mulher. O homem se define pelo seu trabalho, e a mulher, por sua sexualidade.¹⁰² Em outras palavras, o que dignifica o homem é o trabalho e a sua condição de prover uma família. Aquilo que dignifica uma mulher é o zelo e manutenção da castidade, visto que o exercício da sua sexualidade é algo reservado ao casamento, com o intuito maior da procriação.

O fato é que desde a infância são determinadas divisões nos universos e possibilidades masculinas e femininas. Ao longo dessas três décadas aqui estudadas, algumas transformações puderam ser sentidas e vivenciadas pelas sete mulheres entrevistadas no que diz respeito a alcançarem direitos que diminuíram as desigualdades de gênero, mas não as extinguiram.

Afinal, é diante dessas divisões e diferenças que se constroem os modelos masculinos e femininos e, a partir deles, as construções culturais e históricas das representações desses indivíduos que, por sua vez, determinam suas práticas e atuações no meio social. Essas diferenças existem, pois a organização e as relações dos gêneros são hierárquicas.¹⁰³ A partir das experiências apontadas neste texto para o estudo da produção das diferenças entre homens e mulheres, percebe-se que elas condicionam a constituição das identidades. A experiência é construída discursivamente na relação com o outro e, nesse sentido, evidenciaram-se as mulheres aprendendo com outras mulheres nas relações cotidianas os códigos de feminilidades. Conclui-se que os significados atribuídos às diferenças são fundamentais, e a

¹⁰¹ SINVAL, 2017.

¹⁰² PINHO, Lúcia de Fátima Souto. *História da sexualidade feminina*. Disponível em: <http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2009%20%20L%C3%BAcia%20de%20F%C3%A1tima%20Souto%20Pinho%20TC.PDF>. Acesso em 20 de maio de 2018.

¹⁰³ SCOTT, 1994, p. 21.

experiência constitui, portanto, as identidades, ou seja, as experiências pelas quais essas mulheres passaram vão ser fundamentais para que elas se constituam como se constituem.¹⁰⁴

¹⁰⁴ SCOTT, 1999, p. 21.

3 EDUCAÇÃO E TRABALHO

Minha mãe, ela não cobrava muito na parte de estudo dos meus irmãos. De ir *pra* escola, de acordar cedo, de ir. Ela não cobrava não, ela deixava muito à vontade. Já meu pai era quem cobrava, ele cobrava demais, acho que por isso que eu devo muito a ele, porque foi o maior incentivo que eu tive foi o meu pai. Ela não queria não, disse: ‘curso pedagógico *pra* quê?’. Quando eu fui fazer o meu curso fora, a licenciatura, eu passei e fui fazer em Recife, ela não queria que eu fosse porque não precisava, porque as *mulheres* vão estudar fora querem é se soltar, vão é se soltar, porque naquele tempo mulher tinha que ser doméstica e aprender prenda doméstica. Ela me colocou no curso de bordado... de costura... ela me botou *pra* fazer, eu aprendi a bordar na máquina, bordar na mão, fazer costura de casa, pregar botão de casa de... até prestava serviço *pra* uma vizinha que era costureira, às vezes eu ajudava, a fazer as casas, auxiliava porque era um passatempo também, mas eu bordava muito enxoval de criança porque ela me ensinou, me botou *pra* aprender. Mas, ela queria que eu aprendesse, me botou também no curso de culinária, eu fiz. Tudo eu aprendi, só que eu não me dediquei *pra* essas coisas *aí*, entendeu?.¹⁰⁵

A partir da década de 1960, a expansão das universidades, a feminização do trabalho docente, a expansão dos movimentos feministas e os mecanismos de contracepção deram às mulheres armas para construir seu futuro, antes limitado ao espaço do lar no desenvolvimento dos papéis de esposa e mãe. Esses últimos, ainda que implantados cultural e historicamente, naturalizaram-se direcionando a formação da mulher para o casamento e consequentemente para a maternidade.

Neste capítulo, são analisadas as possibilidades de acesso das mulheres à educação e ao mercado de trabalho, bem como sua relação com as representações de gênero que norteiam as práticas femininas no âmbito da cidade de Picos no período em estudo. O acesso à educação e a abertura do universo do trabalho para as mulheres fizeram surgir novos horizontes e despertar em algumas o desejo de independência, principalmente financeira, transformando as possibilidades do ser mulher. Isso pode ser observado nas memórias de Mundica Fontes, acima citadas, que lutava por um futuro diferente daquele que sua mãe julgava o certo para sua condição de mulher.

O contexto educacional da cidade de Picos é enfatizado com a finalidade de identificar a organização dos gêneros no espaço social da cidade, assim como os elementos formadores da mulher Picoense, especificamente aquelas pertencentes a classes sociais mais favorecidas. Para tanto, observa-se o contexto familiar de sete mulheres, entrevistadas para esta pesquisa, e a educação a elas oferecidas tanto no espaço domiciliar pelos distintos membros da família,

¹⁰⁵ MOURA, Raimunda. *Depoimento concedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

como no âmbito escolar, acompanhando a influência dessas práticas educativas nas suas construções enquanto agentes sociais.

Observa-se também a trajetória escolar dessas mulheres e a educação familiar, desde aspectos do cotidiano na infância até a vida adulta, com o intuito de entender, a partir de suas memórias, suas próprias percepções sobre os incentivos, influências e oportunidades que as instruíram enquanto profissionais trabalhadoras.

3.1 Estrutura Escolar

No que diz respeito à educação em Picos, os principais marcos na história da educação do município foram mapeados, quando se instalou legalmente a fundação da primeira instituição de educação pública em 1929, com a implantação do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, inaugurado pelo Coronel Francisco Santos, autor de algumas importantes obras de modernização da cidade. O Grupo Escolar tinha por base o modelo educacional fundado em São Paulo no início do século XX, que durante a década de 1920 se expandiu por todo o Brasil.¹⁰⁶

De acordo com Antônio de Pádua Lopes¹⁰⁷, o sistema do grupo escolar foi criado como uma tentativa de implantar uma “repartição pública de verdade”, como um sistema moderno de educação que mudava o cenário comum das casas-escolas, que eram escolas particulares que funcionavam no intuito de alfabetizar, mantidas pela frequência dos filhos das famílias mais abastadas. Uma das prioridades pensadas com a idealização desse sistema foi o ensino feminino para a formação de professoras primárias, cuja mão de obra seria necessária com a expansão do sistema.

Contudo, algum tempo depois da sua criação, no Piauí, funcionava como uma junção de escolas, sem investimento necessário na sua estrutura. A concretização dessa ideia no Piauí começou a ser vista com a inauguração de um grupo escolar chamado Grupo Escolar Miranda

¹⁰⁶SOUSA, Jane Bezerra de. *Picos e a consolidação de sua rede escolar: do Grupo escolar ao Ginásio estadual*. 2005. 158 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005. p. 20-125.

¹⁰⁷LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. *Superando a pedagogia Sertaneja: que tipo de escola é mais adequada ao Piauí*. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/0342.pdf>>. Acesso em 11 de setembro de 2017.

Osório, inaugurado em Parnaíba, ao passo que se inauguravam na capital as Escolas Reunidas de Teresina em 1910.¹⁰⁸

Segundo Demerval Savianni, esse sistema educacional concentrava-se no ensino primário e estava organizado como forma de agrupamento de várias escolas que até então eram unidocentes, ou seja, escolas com apenas um professor que ministrava o ensino elementar para um grupo de alunos de faixas etárias e níveis de escolaridade diferentes. A reunião dessas escolas deu origem aos grupos escolares.¹⁰⁹

Nos grupos escolares, como foi descrito, a reunião dessas escolas multiplicou o número de professores, e o modelo não seriado foi modificado para seriado. Assim, cada professor era responsável por uma série que completava um ano letivo. Como já mencionado, até a implantação de um sistema escolar o saber básico era repassado por mestres-escolas ou em organizações multisseriadas e unidocentes na cidade de Picos. Esses professores possuíam geralmente uma formação autodidata.

As primeiras escolas picoenses eram dirigidas por professores homens, que eram os únicos que ocupavam o cargo de professor. O público discente era quase exclusivamente masculino, pois ainda no início do século XX preocupava-se mais com a instrução masculina, afinal eram os homens que precisavam saber ler, contar e discutir sobre assuntos que exigiam certo conhecimento, uma vez que eram os responsáveis pela provisão do lar.

Às mulheres, cujo destino era o espaço doméstico ou o trabalho nas atividades da roça, a instrução era algo desnecessário, pois o administrador da família era o homem. Esse cenário começa a mudar com a institucionalização dos grupos escolares, quando as mulheres começaram a ganhar espaço na educação com objetivo de formar de professoras para o ensino primário.

Com a ampliação da educação através dos grupos escolares, passou-se a pensar na qualificação dos professores. É nesse sentido que outro marco para a educação picoense pode ser destacado: a chegada de três professoras normalistas trazidas de Teresina pelo Coronel Francisco Santos, também em 1929, para trabalharem no Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Elas podem ser observadas nas imagens a seguir:

¹⁰⁸ LOPES, 2002, p. 9.

¹⁰⁹ SAVIANI, Demerval [et. al.]. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 24.



Figura 4: Ricardina de Castro Neiva, professora normalista. Fonte: Museu Ozildo Albano.



Figura 5: Alda da Mata Neiva, professora normalista. Fonte: Museu Ozildo Albano.

Nesse contexto, em 1930, as jovens Adalgisa Nunes de Barros e Luiza Maia e Silva foram enviadas para estudarem na escola Normal em Teresina. O envio dessas jovens ganhou destaque no jornal *O Aviso*:

Normalistas – No mesmo dia e com o mesmo destino seguiram as formosas e prendadas senhoritas Adalgiza Nunes de Barros e Luiza Maia e Silva, inteligentes e aplicadas segundanistas da Escola Normal, as quais passaram as férias no seio das respectivas famílias nesta cidade. As futuras preceptoras picoenses, que, pelas suas belas e alevantadas virtudes de espírito e coração, desfrutam de largo e seletto círculo de simpatias em o nosso meio social, mandamos, com os augúrios de brilhante tirocínio no respectivo curso, votos de feliz viagem.¹¹⁰

¹¹⁰ NORMALISTAS. *O Aviso*, Picos, 15 abr. 1930.



Figura 6: Adalgiza Nunes de Barros. Fonte: SOUSA, Jane Bezerra de. *Picos e a consolidação de sua rede escolar: do Grupo escolar ao Ginásio estadual*. 2005. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005. p. 41.



Figura 7: Luiza Maia e Silva. Fonte: SOUSA, Jane Bezerra de. *Picos e a consolidação de sua rede escolar: do Grupo escolar ao Ginásio estadual*. 2005. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005. p. 41.

Com a reforma do sistema escolar¹¹¹ e ampliação dos grupos escolares, “a normalista representava assim uma professora preparada nos mais modernos métodos de ensino e apta a trabalhar no Grupo Escolar”.¹¹² A imagem que os picoenses formaram sobre essas professoras era de senhoras com uma certa idade, com roupas compridas e compostas, o que indica o quanto era raro a mulher instruída ocupar um lugar profissional masculino na sociedade

¹¹¹ Quando se fala de reforma do sistema escolar, refere-se ao projeto de modernização do Brasil, que incluía a educação popular. O Grupo Escolar representava um sistema educacional que garantiria o acesso ao ensino primário às crianças brasileiras. Junto à implantação desse sistema, caminhava a modernização das cidades brasileiras, percebida através da construção de prédios próprios para sediarem esses Grupos Escolares, como foi o caso de Picos, cujo prédio foi por muito tempo o marco da urbanização da cidade.

¹¹²SOUSA, 2005, p. 29.

picoense. Teresinha Queiroz aponta a associação da imagem feminina que ocupa o cargo de professora no Piauí no início do século XX, a partir da influência da Igreja renovada e ultramontana nessa sociedade, cujo ideal cristão idealizava a professora como “virgem, missionária e beata, além de asséptica”.¹¹³

A partir de então, a escolarização feminina passa a ser vista como uma opção viável, diante da feminização do espaço docente e da administração escolar, pois, desde a instalação desse grupo escolar na cidade, todas as gestoras, que exerciam os papéis de diretora e secretária, cuidando da organização e da ordem da instituição, eram mulheres. Apesar de possuidoras de conhecimento, o que as levavam ao cargo de direção era o grau de parentesco com políticos da época. De acordo com Jane Sousa:

Foram diretoras do Grupo Escolar, no período de 1929 a 1944, Alborina Silveira Reis, Ricardina de Castro Neiva, Maria das Neves Cardoso Santos, Benvinda Nunes Santos e Julieta Martins Neiva Nunes, todas indicadas por políticos que gozavam do poder em cada época.¹¹⁴

Seguem imagens das professoras, filhas da cidade, que retornaram a Picos após cursarem a escola Normal:



Figura 8: Benvinda Nunes Santos. Fonte: Museu Ozildo Albano.

¹¹³QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Educação no Piauí*. Imperatriz: Ética, 2008. p. 94.

¹¹⁴SOUSA, 2005, p. 32.



Figura 9: Julieta Martins Neiva Nunes. Fonte: Museu Ozildo Albano

Na década de 1930, chegou à cidade mais uma normalista, Raimunda Portela Lima Cardoso. Foi nesse cenário que Maria do Socorro Santos foi contratada como professora leiga. Ambas podem ser vistas nas imagens a seguir:



Figura 10: Raimunda Portela Lima Cardoso. Fonte: Museu Ozildo Albano.



Figura 11: Maria do Socorro Santos. Fonte: Museu Ozildo Albano.

A atuação dessas professoras foi se tornando um fator de admiração para sociedade e despertando o interesse pela educação feminina, que significava uma possibilidade de profissão para as mulheres fora do espaço doméstico. Na década de 1930, muitas transformações ocorreram no Brasil, especialmente no que diz respeito a modernização, de modo que a educação passou a ser uma das pautas necessárias para a ruptura com a sociedade arcaica da República Velha, pois o capitalismo industrial tomava a cena.

No primeiro ano dessa década, foi criado o Ministério da Educação e, posteriormente, foi formulado um capítulo na Constituição destinado à educação, que voltou a aproximá-la do ensino religioso. No Piauí, como desdobramento da revolução de 1930 e com a ascensão dos tenentes, destacou-se a atuação de Landri Sales, que reformulou a instrução pública em 1931 e inaugurou a Faculdade de Direito.¹¹⁵

Sobre Landri Sales¹¹⁶, é importante pontuar a sua participação na modernização escolar da cidade de Picos, pois em um período de seca, que deixou a cidade em situação de calamidade pública, foram solicitadas providências ao governo do Estado, e a solução foi o envio de verba para a construção de um prédio para o funcionamento do Grupo Escolar. Essa iniciativa gerou emprego para os trabalhadores atingidos pela seca. A seguir, a imagem desse novo prédio:



Figura 12: Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Fonte: Museu Ozildo Albano.

¹¹⁵ SOUSA, 2015, p. 39.

¹¹⁶ Interventor Federal no Piauí de maio de 1931 a maio de 1935. Entre as principais medidas tomadas em relação à economia piauiense, Landri Sales buscou alternativas de incentivo ao setor primário de produção, como a agricultura e a pecuária. Construiu cerca de 25 escolas no Piauí em seu mandato, representando um crescimento da rede educacional. Cf.: NASCIMENTO, Francisco Alcides do [et. al.]. *Governadores do Piauí: uma perspectiva histórica*. Teresina: CEPRO, 1993. p. 111-118.

O aumento da estrutura do Grupo Escolar foi concomitante ao crescimento do número de matrículas, que aumentavam consideravelmente. O prédio foi construído no meio de uma praça bem no centro da cidade, com uma estrutura neoclássica. Assemelhava-se a um palacete, com cinco salas de aulas e janelões nas laterais, deixando o ambiente iluminado e ventilado. A escola fora, por algum tempo, o marco da modernização da cidade.

Em 1935, foi inaugurada também a Escola Municipal¹¹⁷ Landri Sales que ficava localizada onde hoje é a Avenida Getúlio Vargas, no centro da cidade. Instalada em duas casas alugadas, porém de iniciativa estritamente municipal, era uma forte concorrente para o Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Com isso, o público do Grupo Escolar começou a mudar e a instituição entrou em declínio.

Em 1940, de acordo com os dados do IBGE, apenas 6.671 pessoas sabiam ler e escrever, das quais 4.402 eram homens, e 2.269 eram mulheres. Em número maior, havia 25.998 pessoas que não sabiam ler nem escrever, entre elas 11.665 homens e 14.333 mulheres. Esses dados enfatizam a baixa escolaridade na cidade e o maior acesso do público masculino ao ensino.

Como este estudo é voltado para a formação das mulheres picoenses, é de extrema importância discorrer sobre o Colégio das freiras (Instituto Monsenhor Hipólito), como foi chamado inicialmente. Foi fundado em 1944 com a oferta de ensino primário. Na primeira década da sua existência, essa instituição era destinada para o ensino exclusivamente feminino, porém, nas horas vagas, as freiras ofereciam alguns cursos como bordados, corte e costura, datilografia, esse último era aberto ao público masculino.¹¹⁸

Segundo Maria José Rosado Nunes, a imagem das freiras no Brasil, durante a primeira metade do século XX, estava ligada à “negação de valores, comportamentos e normas correntes na sociedade; os costumes conventuais e as formas de comportamento das religiosas deveriam ser diferentes para marcar essa distinção com ‘o mundo’”.¹¹⁹ A partir da década de 1960, com a urbanização, a crescente industrialização e a modernização, o modo de vida das freiras foi repensado e adaptado como forma de acompanhar a modernização.

Um exemplo dessa transformação é as mudanças das vestimentas que passaram de trajas longos e específicos para roupas comuns, como as demais pessoas da sociedade. As

¹¹⁷De acordo com Sousa (2012), havia escolas municipais em localidades fora da sede do município como nas localidades Riachão, Bocaina, São Luís e Genipapo, porém em 1931 foram fechadas pela diretoria Geral de Instrução pública, tanto pela precariedade do ensino quanto pelo baixo número de alunos. O município não dispunha de recursos suficientes para manter o ensino público municipal.

¹¹⁸ SOUSA, 2005, p. 80.

¹¹⁹ NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 416.

residências nos locais de trabalho como escolas, hospitais e orfanatos, também foram substituídas por casas próprias em locais distintos.¹²⁰ Essas diferenças foram observadas em Picos no período aqui estudado. As freiras que administravam o colégio faziam e fazem parte da Congregação das Filhas do Imaculado Coração de Maria.¹²¹

A educação oferecida nesse colégio atendia aos interesses principalmente da elite picoense, que era a instrução feminina conforme o ensino de valores éticos e morais que determinariam a formação de mulheres honradas. Tinha como princípio religioso a adoração à Virgem Maria. Dessa forma, reunia a formação intelectual, que encaminharia essas mulheres ao mercado de trabalho, à manutenção da religiosidade e de valores femininos, mas, ao mesmo tempo, aproximavam-nas dos papéis de mãe e esposa prendada, afastando-as de outras influências que já circulavam no espaço da cidade. Por ser uma escola paga, o público era restrito. No entanto é possível destacar a abertura do Colégio São José pelas freiras. As aulas eram ministradas nas mesmas salas das meninas pertencentes à elite. Porém essa iniciativa não durou muito tempo.

No final da década de 1940, com a necessidade de ampliação do nível de escolaridade na cidade, passou-se a pensar na fundação do Ginásio. Segundo Sousa, nesse momento existiam dois partidos políticos, a União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Social Democrático (PSD). Esse último estava no comando da cidade, e a abertura do Ginásio significaria um feito político de grande importância, o que ganharia a admiração da população e causaria a rivalidade e rejeição da ideia pelo partido UDN. Em 1949, foi inaugurada a primeira turma de Ginásio Escolar que funcionava no mesmo prédio do Grupo Escolar.¹²²

A cidade de Picos desfrutava do progresso com a instalação do Grupo Escolar, que representava a primeira etapa do ensino secundário. Fúlvia Rosenberg destaca a Reforma Capanema de 1942, instituída pelo Decreto de lei Orgânica n. 4.244, chamada de Lei Orgânica do Ensino Secundário, que foi uma das marcas do Estado Novo. Dentro do contexto dessa lei, previa-se, além da segregação sexual para a prática da disciplina de educação física, que passa a ter regularidade, e isso é afirmado na entrevista de Gracinha Muniz que diz ter praticado vôlei em turma só de mulheres, as seguintes prescrições:

1. É recomendável que a educação secundária das mulheres se faça em estabelecimentos de ensino secundário de exclusiva frequência feminina.

¹²⁰ NUNES, 2014, p. 416.

¹²¹ Congregação fundada em 21 de novembro de 1916 em Macapá (AP). Suas religiosas são nomeadas cordimarianas e administram uma rede escolar que tem como princípio cultivar a fé através da educação. Cf.: *Instituto Monsenhor Hipólito em Picos*. Disponível em: <<http://www.imhpicos.com.br/congregacao/>>. Acesso em 17 de maio de 2018.

¹²² SOUSA, 2005, p. 80.

2. Nos estabelecimentos de ensino secundário frequentados por homens e mulheres, será a educação destas ministrada em classes exclusivamente femininas. Este preceito só deixará de vigorar por motivo relevante, e dada especial autorização do Ministério da Educação.
3. Incluir-se-á nas 3^a e 4^a séries do curso ginásial e em todas as séries dos cursos clássicos e científico a disciplina da Economia Doméstica.
4. A orientação metodológica dos programas terá em mira a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher dentro do lar.¹²³

As disposições da lei apontadas acima podem ser percebidas, mesmo que de forma mais branda ou adaptadas à realidade social tratada neste trabalho, no contexto da educação picoense. O cenário da educação no município entre o final da década de 1940 e início de 1950 organizou-se da seguinte forma:

Em 1949, o Ginásio Estadual Picoense foi fundado, com as aulas funcionando no período da tarde. Como não tinha sede própria, essa escola funcionou inicialmente nas instalações do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, que já dava claros sinais de declínio. No início da década de 50, o ensino na cidade de Picos estava assim constituído: havia o Ginásio Estadual Picoense, em que funcionavam o curso ginásial e um curso técnico de comércio; 54 unidades de ensino primário fundamental, sendo 11 mantidas pelo governo estadual, 30 pelo municipal e uma particular; e cinco cursos supletivos.¹²⁴

Embora os dados acima mostrem aumento no número de escolas, o saber ainda era oportunidade de apenas alguns, como mostra o censo de 1950: com uma população superior a 50.000 pessoas, apenas 488 homens e 433 mulheres possuíam grau elementar; 35 homens e 37 mulheres haviam cursado o ensino médio; e apenas 12 homens e 1 mulher haviam conquistado o grau superior.

Esses dados mostram a inserção feminina no ensino oferecido na cidade nesse momento, o curso ginásial, representado por grau elementar nos dados censitários de forma quase equivalente aos homens. Já no ensino superior, que dependia do deslocamento para outras cidades, tem-se a prevalência, quase exclusiva, masculina. Diante da oportunidade que o curso ginásial representava para as mulheres, elas criaram representações da importância da escolarização feminina, como se vê no jornal *A Flâmula* em 1952:

A MULHER NA HISTÓRIA

Maria Aldery L. Albano.

Desde os tempos mais antigos, a mulher vem se destacando ao lado do homem, nas letras, nas artes e até nas armas. Assim é que vemos uma jovem como Joana D'Arc ter um grande papel na história, pois foi ela quem pôs fim à guerra dos 100 anos, com a vitória dos franceses. Mais tarde, Madame

¹²³ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 337.

¹²⁴SOUSA, 2005, p. 51.

Roland inspira verdadeiro patriotismo aos homens e com denodada coragem morre no patíbulo. No mundo atual a mulher ocupa sempre um lugar de destaque nos altos postos, e distingue-se galhardamente no campo das letras. É sobre este último tema que nós, ginasianas, devemos distinguir-nos. Amemos as letras, escrevendo, lendo as boas leituras e contribuindo assim para o progresso de nosso querido Brasil. Já disse alguém que só se aprende bem escrevendo sempre. É necessário, portanto, que escrevamos para aprender bem. Para isto dispomos de um jornal, que espera a colaboração nossa. *Flâmula* tem recebido poucos artigos de alunas do ginásio. É preciso então que cooperemos com nosso trabalho. Trabalhem com ardor para despertar em todos um verdadeiro amor às letras. Estudando, lendo e escrevendo estamos contribuindo para a grandeza e o progresso de Picos, do Piauí e do Brasil.¹²⁵

Observa-se no texto acima que as mulheres picoenses ampliaram o domínio da cultura escrita com o acesso ao curso ginasial e passaram a escrever sobre as mulheres, elaborando representações de si. É possível perceber que essas mulheres absorviam nesse momento a ideia republicana de progresso, mesmo ao reforçar que as leituras deveriam ser selecionadas e que o estudo deveria ser voltado principalmente para o magistério, porque o progresso do país dependia da educação, e era a mulher a nova cara desse projeto.

Ainda que o sistema escolar fosse restrito, ele mudou o cenário das ruas picoenses. Nas memórias de Renato Duarte os estudantes e a expansão do número de escolas alteraram o cotidiano da cidade. Ele afirma:

Durante o dia, o vaivém dos colegiais fardados dava um certo colorido e movimentava as quietas ruas da cidade. Havia duas escolas públicas de ensino primário – o Grupo Escolar Coelho Rodrigues (fundado em 1928) e a Escola Municipal Landri Sales (criada em 1935) – e um educandário particular, o Instituto Monsenhor Hipólito [...], além de pequenas escolas particulares de propriedade das muitas professoras que ajudaram a formar várias gerações de picoenses.¹²⁶

A educação passava a fazer parte da cultura picoense. Com base em dados do IBGE, foi possível realização da comparação entre Teresina e Picos quanto às pessoas que sabiam ler e escrever, tendo em vista que a alfabetização na década de 1950, embora já houvessem se instalado escolas públicas e particulares na cidade de Picos, ainda era comum a prática dos mestres-escolas e de turmas em casas de família, de iniciativas particulares, que ensinavam apenas a leitura, escrita básica e noções de cálculos.

Comparando Picos a Teresina no que diz respeito ao número de pessoas alfabetizadas, havia na capital 28.939 pessoas que sabiam ler e escrever, o que corresponde a 37,87% da população total. Em Picos, constavam 9.559 pessoas alfabetizadas, o que correspondia a

¹²⁵ALBANO, Maria Aldery L. A mulher na História. *A Flâmula*, Picos, ano 1, n. 11, 21 nov. 1952, p. 2.

¹²⁶DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. Recife: Liber, 1991. p. 55.

21,69% de sua população. O percentual foi calculado com base nas pessoas com mais de 5 anos que foram consultadas, incluindo as que não sabem ler ou que não declararam grau de instrução. Considerando que o número de habitantes da cidade chegava a pouco mais de 50.000 nesse período, tem-se um dado que representa o baixo interesse pela escolaridade. Isso pode ser explicado a partir da concentração dessa população nas atividades agrícolas, visto que a cidade continha extensa zona rural, carecendo a população de pouca ou nenhuma instrução para o desenvolvimento do trabalho no campo.

Outro fator relevante era o lento crescimento e instalações de instituições de ensino públicas e privadas na cidade. Na verdade, a carência na educação assolava o Piauí como um todo em 1950. No livro de mensagens governamentais do referido ano, no quesito Departamento da Educação é descrito o descaso público com a educação no estado, cujo pretexto é a falta de verbas necessárias. Não havia sido projetados nem a construção de novas escolas, nem o melhoramento e aperfeiçoamento do sistema pedagógico, relatando a difícil situação dos professores que atuavam sem condições mínimas de trabalho e sem valorização profissional.¹²⁷ O cenário da educação no Estado desenhava-se da seguinte forma:

Existia no Ano passado, em funcionamento, além das escolas primárias mantidas pelo Estado, número regular de estabelecimentos municipais e particulares de ensino do mesmo tipo. Numa resenha podemos citar 463 escolas isoladas, 44 escolas reunidas e 46 grupos escolares, compreendidos num total de 553 unidades escolares estaduais de ensino primário. Tiveram funcionamento regular, em 1950, 461 escolas. E se disser que em 1948, havia em perfeita atividade 511 e em 1949, 496, terei apontado o declínio progressivo do ensino primário.¹²⁸

A declaração acima evidencia o retrocesso na educação piauiense, que não foi sentido somente no número de escolas, mas no número de alunos matriculados, como mostra o quadro a seguir:

ANO	Nº DE ALUNOS MATRICULADOS
1948	42.615
1949	43.695
1950	37.263

Tabela 1: Número de matrículas nos estabelecimentos estaduais de educação primária. Fonte: MENSAGEM apresentada à Assembleia Legislativa, em sua sessão Legislativa de 1951, pelo governador Pedro de Almendra Freitas. *O Dia*, Teresina, p. 16.

¹²⁷ MENSAGEM apresentada à Assembleia Legislativa, em sua sessão Legislativa de 1951, pelo governador Pedro de Almendra Freitas. *O Dia*, Teresina, p. 16.

¹²⁸ MENSAGEM apresentada à Assembleia Legislativa, em sua sessão Legislativa de 1951, pelo governador Pedro de Almendra Freitas. *O Dia*, Teresina, p. 16.

No mesmo texto oficial onde esses dados foram encontrados é feita uma análise sobre esses números, colocando-os como consequência de uma política que não projeta transformações pedagógicas e que sofre com a escassez de verbas para investimento nesse segmento. Os dados contradizem, por exemplo, a realidade Picoense, embora com poucas condições para uma educação de qualidade, o número de escolas foram crescendo, e, inclusive, as modalidades de ensino que representavam oportunidades de formação de professoras, pois trata-se de um período cuja prática de professores leigos era comum.

As novas atribuições femininas no âmbito doméstico passaram a ser discutidas e repensadas desde o início do século XX, e a formação escolar, principalmente no ensino primário¹²⁹ e secundário,¹³⁰ fazia parte desse novo cenário.

Segundo Elizangela Cardoso, no início do século passado, ainda era raro o acesso das mulheres piauienses ao ensino superior, tendo em vista que esse universo só foi aberto para as mulheres no Brasil na década de 1880. As poucas mulheres que tiveram acesso a esse grau de ensino foram obrigadas a se deslocar para outros estados, pois somente em 1931 foi aberta a primeira faculdade no estado. A autora faz um panorama histórico da expansão do ensino superior no estado e afirma:

Entre o final dos anos 1950 e início dos anos 1970, expande-se a presença feminina nesse nível de ensino, em paralelo à institucionalização do ensino superior no Estado, com a implantação, em Teresina, da Faculdade Católica de Filosofia (FAFI, 1958), da Faculdade de odontologia (FOPI, 1960), da Faculdade de Medicina (FAMEPI, 1968) e, posteriormente, a instalação da Universidade Federal do Piauí (UFPI, 1968/1971), em Teresina, e também em Parnaíba.¹³¹

Em Picos, o ensino de terceiro grau, assim como o próprio segundo grau, chegou bem mais tarde. A única alternativa para as moças picoenses continuarem seus estudos ao concluírem o ginásio, com exceção daquelas cujos pais tinham condições de mandar para estudar fora, como foi o caso de Oneide Rocha, Naza Mcfarren, Mundica Fontes e Gracinha

¹²⁹ Ensino desenvolvido de acordo com os interesses da infância, servindo como base para o processo de escolarização, tendo em vista o desenvolvimento de solidariedade social, satisfazendo todos os núcleos sociais. Dividido em quatro anos e um ano complementar, com sete disciplinas no curso primário elementar e com adicional de mais três disciplinas no curso primário complementar. Cf.: ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil (1930/1973)*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 154-162.

¹³⁰ Segundo Otaíza Romanelli, o ensino secundário foi pensado como uma continuação do ensino primário, e com o objetivo de elevar a formação espiritual, humanística e patriótica dos adolescentes, sendo por lei dividido em quatro séries onde seriam cursadas 9 disciplinas por ano. O curso Ginásial era a primeira fase do ensino secundário que findaria no ensino médio. Em 1976, o Ginásio foi incorporado ao ensino primário, que por sua vez passou a ser chamado de ensino fundamental em 1996. Cf.: ROMANELLI, 1986, p. 154-155.

¹³¹CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. Teresina: EDUFPI, 2012. p. 36.

Formiga, era cursar a escola normal, que só foi inaugurada na cidade em março de 1967. Olívia Rufino fala com pesar da espera que teve que enfrentar para concluir o segundo grau, pois somente treze anos depois que concluiu o ginásio é que foi aberta a Escola Normal Oficial de Picos. Assim, a única alternativa de formação profissional feminina era a docência, e a isso estavam atrelados tanto a feminização dessa profissão, quanto a necessidade de professores qualificados para atenderem a crescente demanda educacional que se desenvolvia na cidade.

Em 1960, de acordo com os dados do IBGE, Picos tinha uma população total com mais de dez anos de idade de 35.570 de habitantes que declararam saber ler e escrever. Desse número, apenas 5.625 residiam na zona urbana, dos quais 1.445 eram homens, e 1.508 eram mulheres. Na zona rural, eram 27.748 pessoas alfabetizadas, sendo 4.227 homens e 3.197 mulheres. Isso revela que a ampliação das oportunidades educacionais em Picos nos anos 1950 favoreceu a alfabetização feminina.

Vê-se que, de uma população total na idade abordada, os números de pessoas alfabetizadas ainda é pequeno, contudo, é superior ao que foi mostrado sobre a década de 1950. Essa crescente procura pelo saber exigia uma demanda maior de professores e foi nesse cenário que se instalou a Escola Normal Oficial de Picos, para formar professores que suprissem a necessidade do município.

De acordo com Cristiane Pinheiro, as Escolas Normais se espalharam lentamente pelo Brasil com o intuito de substituir os professores leigos por profissionais formados para otimizar a educação, o que significou uma oportunidade para desmistificar a ordem do destino feminino, que se limitava majoritariamente ao casamento e à maternidade.¹³² A autora faz uma análise sobre o processo de instalação da Escola Normal em Picos e destaca que:

A Escola Normal Oficial de Picos, com suas normalistas de uniformes impecáveis, como instituição de ensino, influenciou e sofreu influência da comunidade em que se encontrava inserida. Influenciou, pois gestou o professor que iria educar os filhos dessa sociedade, pois abriu espaço para as mulheres estudarem e poderem adquirir uma profissão; sofreu influência, pois foi implantada no seio de uma sociedade de feições patriarcais, conservadora e religiosa, com suas regras de conduta, terminava impondo um modelo de professor que deveria ser formado, assim como o próprio comportamento da normalista dentro e fora do espaço escolar.¹³³

¹³² PINHEIRO, Cristiane Feitosa. *História e memória da Escola Normal Oficial de Picos (1967-1987)*. 2007. 205 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007. p. 62.

¹³³ PINHEIRO, 2007, p. 62.

O objetivo do estado era qualificar, padronizar e ampliar o quadro de professores que, conseqüentemente, diminuiriam o analfabetismo e contribuiriam para o desenvolvimento do estado. De acordo com o livro de mensagens governamentais de 1967, havia 1.456 professoras normalistas no Piauí e 2.840 professoras leigas para atender a 144.056 estudantes. Desses, 30.152 residiam na capital, entre eles 14.826 homens e 15.326 mulheres, e 113.904 distribuíam-se pelo interior do Estado, com 51.241 homens e 62.060 mulheres.¹³⁴

Esses números mostram uma inversão dos dados referentes aos anos anteriores, onde o número de mulheres é superior ao número de homens no quadro educacional de todo o Piauí. Outro fator importante é o uso do gênero feminino para se referir ao quadro de docentes, embora as normalistas não tenham atingido ainda a metade do quadro total de professores.

Nesse contexto, inaugurou-se a Escola Normal Oficial de Picos, que representava “o mais caro anseio da nossa cidade, da nossa gente”,¹³⁵ nas palavras de José Nunes, prefeito da cidade nessa época. A solenidade de inauguração contou com a presença do governador Helvídio Nunes de Barros e com os olhos atônitos da população que ganhava mais um incentivo, principalmente feminino, para a progressão dos estudos.



Figura 13: Inauguração da Escola Normal Oficial de Picos em 1967. Fonte: PINHEIRO, Cristiane Feitosa. *História e memória da Escola Normal Oficial de Picos (1967-1987)*. 2007. 205 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007. p. 65.

¹³⁴ *Livro de mensagens Governamentais de 1967*. Teresina, 1968. p. 19.

¹³⁵ PINHEIRO, 2007, p. 65.

Na imagem, é possível ver o contingente feminino prestigiando o espelho das oportunidades que estavam sendo postas à cidade. Dentre as mulheres entrevistadas para esta pesquisa, Gracinha Muniz, Olívia Rufino e Mundica Fontes e Maria José Lavor frequentaram a primeira turma da escola Normal Oficial de Picos. Oneide Rocha, Gracinha Formiga e Naza MacFarren também frequentaram escolas normais, porém em outras cidades.

Já na década de 1970, é possível destacar alguns avanços modernizantes em Picos, fugindo agora dos aspectos educacionais, mas interligados a eles. Primeiro, a chegada do 3º Batalhão de Engenharia e Construção (3º BEC) que, segundo José Elierson de Moura,¹³⁶ fora transferido de Natal, Rio Grande do Norte, para a construção da Transamazônica, que fez de Picos um dos maiores entroncamentos rodoviários do Brasil.

A instalação do 3º BEC possibilitou o pensar sobre a educação, pois pessoas com experiências de ensino avançado chegavam à cidade e precisavam da escolarização para os filhos. Foi aí que o Colégio das freiras, nessa época já denominado Instituto Monsenhor Hipólito, abriu o curso ginásial, incluindo homens no público discente.

Embora a indústria não fosse um ramo forte no Piauí, por vários aspectos, entre eles a precariedade da energia elétrica, de acordo com Marli Costa Alves, a política de isenção de impostos para incentivo da instalação de indústrias no Nordeste favoreceu a cidade de Picos. Ainda na década de 1970 foi instalada a indústria têxtil do Grupo Coelho, com o auxílio da SUDENE.¹³⁷ Esse foi mais um aspecto que contribuiu para o crescimento da educação. A mão de obra que outrora não carecia de conhecimento escolar passou a exigir qualificação profissional, não só masculina, e os funcionários da indústria galgavam então a educação de seus filhos. A garantia desse crescimento educacional e, conseqüentemente, econômico da cidade dependia também da formação e atuação das professoras normalistas.

Karla Oliveira¹³⁸ também atenta para essas questões que contribuíram para a modernização da cidade de Picos, citando os aspectos educacionais, a instalação do 3º BEC e dando ênfase ao Projeto Rondon, que era:

Um projeto de integração social entre estudantes universitários voluntários e comunidades carentes do interior do Brasil, que desenvolve ações de

¹³⁶MOURA, José Elierson de Sousa. *Os múltiplos dizeres sobre a cidade: a invenção discursiva da pobreza em Picos (1970-1979)*. 2014. 180 f. Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

¹³⁷ALVES, Marli Costa. *História e memória da Indústria Coelho S/A: trabalho e cotidiano dos operários de Picos (1970 – 1999)*. 2012. 88 f. Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí. Picos, 2012. p. 32.

¹³⁸OLIVEIRA, Karla Íngrid Pinheiro de. *A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960*. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

assistência médica, pesquisa e levantamento do lugar visitado. Iniciou no ano de 1967, sendo extinto em 1989. No ano de 2005 foi novamente reativado pelo governo federal.¹³⁹

Uma das presenças do projeto Rondon nesse trabalho são as edições do jornal *A voz do Campus*, que nasceu como iniciativa desse grupo. Mundica Fontes menciona em sua entrevista que fez alguns cursos de aprimoramento vinculados ao projeto Rondon. Oliveira destaca ainda que todas essas novidades que se instalaram em Picos no final da década de 1960 e início da década de 1970 mudaram o cotidiano citadino dos picoenses.¹⁴⁰

A partir desse breve conhecimento sobre história da educação na cidade de Picos, é relevante partir para análise desse aspecto no que diz respeito às mulheres a partir dos relatos de memória das sete mulheres que fazem parte dessa pesquisa.

3.2 Mulheres escolarizadas

Dentro desse panorama, trata-se das histórias de vida de mulheres que usufruíram desse progresso educacional e traçaram destinos profissionais e pessoais a partir dessas oportunidades. Quando se fala em papéis sociais femininos, entre as décadas de 1950 e 1970, percebe-se que houve uma transformação. A instrução era pensada como uma opção para civilizar a mulher para uma sociedade que exigia mais educação e bons hábitos, mas não propriamente como uma alternativa sólida de crescimento econômico. Segundo Guacira Louro:

As concepções e formas de educação das mulheres nessa sociedade eram múltiplas. Contemporâneas e conterrâneas, elas estabeleciam relações que eram também atravessadas por suas divisões e diferenças, relações que poderiam revelar e instituir hierarquias e proximidades, cumplicidades ou ambiguidades. Sob diferentes concepções, um discurso ganhava a hegemonia e parecia aplicar-se, de alguma forma, a muitos grupos sociais a afirmação de que as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas, ou seja, para elas, a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do caráter; sendo suficientes, provavelmente, doses pequenas ou doses menores de instrução. Na opinião de muitos, não havia porque mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios.¹⁴¹

¹³⁹ OLIVEIRA, 2014, p. 24.

¹⁴⁰ OLIVEIRA, 2014, p. 24.

¹⁴¹ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 446.

A mulher poderia exercer uma profissão desde que não se desviasse de suas funções domésticas e que não a impedisse de ser boa mãe e boa esposa. Essa era uma regra comum, portanto, inicia-se a análise dessa visão dentro da cidade de Picos, a partir de mulheres de famílias de diferentes classes sociais que tiveram maior acesso à educação e a possibilidade de exercerem trabalhos mais valorizados na sociedade.

Olívia Rufino representa uma mulher de grande destaque na sociedade picoense pelas profissões que exerceu e exerce. Ela nasceu em 1935 no povoado de Coroatá, que fica a dezoito quilômetros do centro de Picos. Filha do segundo casamento do sargento Antônio Rufino da Silva, que comandava a segurança da cidade, com Benedita Maria da Conceição, cuja profissão era de administradora do lar e de um açougue que possuíam, visto que seu marido, pelo cargo que exercia, residia primordialmente na cidade. O casal teve dezoito filhos, porém somente sete sobreviveram às moléstias infantis, dentre eles Olívia Rufino. No primeiro casamento, o sargento teve cinco filhos, que tinham idades semelhantes à de sua segunda esposa e, com a morte da mãe, foram morar com familiares paternos no estado do Maranhão. Observando essa composição familiar e a ausência constante do pai, que residia na zona urbana, percebe-se a importância do papel dos filhos homens para as atividades agrícolas, que ajudavam inclusive nas despesas domésticas.

A realidade da família de Olívia Rufino e a educação recebida por ela, considerando que a década abordada é 1940, um período em que os padrões sociais ainda eram um tanto quanto estáveis em relação às mulheres, a matriarca já dava sinais de independência e responsabilidade financeira quando tomou para si atividades que seriam responsabilidades do marido. Portanto, é possível supor que havia uma forte participação feminina na agricultura de subsistência. É dentro desse contexto que a prioridade que essa família deu à educação de Olívia é interpretada, ao passo que tinha um sentido de proteção: os irmãos e pais viam nela uma base forte e esclarecida com forte personalidade que merecia investimento. Para os demais filhos, o acesso à escola era algo inviável ou pouco necessário como descreve:

Nem sempre a gente tinha como estudar. Os meus irmãos mais velhos, meu pai levava um professor daqueles da roça, do campo, que ensinava a ler escrevendo cartas e você... Ensinando você a ler uma carta. Levava pra ensinar os meus irmãos que eu com três, quatro anos comecei a aprender. Então ele... Ele quando... Tinha tempo, quando tinha uma folga da roça, dos afazeres lá da casa, ele levava um professor. E demorava... Eu não posso precisar o tempo, que eu era muito pequena pra saber, mas acredito que entre dois meses, por aí assim. Aí chegava o tempo de plantar, chegava a chuva, chegava o tempo de plantar, chegava o tempo da farinha, o tempo da moagem de cana, que tinha tudo... Ali não dava tempo de ter um professor. Geralmente um parente levava pra casa deles, porque tinha mais filhas mulheres, e achavam que mulher precisava aprender. O que era difícil.

Mulher não precisava aprender a ler. Mas eu tinha uns parentes que mais ou menos que gostavam de levar um professor. Eu e minha irmã íamos... Lá.¹⁴²

Trata-se, portanto, de uma família arraigada nos modos de vida rural, mas que enxergava a possibilidade de crescimento através da escolarização. Dentro desse ambiente, Olívia Rufino foi a filha escolhida para estudar, inclusive no Colégio das freiras, que era de iniciativa privada. Ela relata: “meu pai relutando por causa das despesas, que era particular, né? Mas findei indo pra lá porque todo mundo lá de casa disse que eu tinha que ir pro colégio”.¹⁴³ Sua realidade em relação à educação era, portanto, diferente dos demais e pode ser notado quando diz:

[...] Meu irmão, o Joaquim, era um autodidata, aprendeu a ler lendo jornais na feira, pedaços de jornal. Um cara super inteligente, competente, eu tenho as cartas dele, coisas lindas que ele trabalhou em São Paulo a vida toda. Ele me dizia, ‘você é um símbolo da minha família’.¹⁴⁴

Além desse destaque no ambiente familiar, Olívia Rufino recebeu o incentivo de uma tia que a acompanhou para a cidade quando foi para estudar. Ela afirma:

Meu pai tinha uma casa na cidade que minha tia morava comigo para eu estudar. Naquele tempo quem tinha sorte estudava com oito, nove anos. Eu comecei antes de completar bem os cinco, eu já estava aqui na escola. Deste tamanho, cara do tamanho de uma bolacha Maria, e eu tava lá na escola. Tinha minha tia, que era futurista, não sabia ler, nem escrever, mas ela pensava no futuro. E ela era muito ligada a tudo.¹⁴⁵

A partir dessa fala e observando o contexto da tia de Olívia Rufino, é possível concluir que, por não casar, assumiu papéis domésticos na casa da própria irmã, como o comando da cozinha e a ajuda na educação dos sobrinhos, especificamente para Olívia Rufino. Atenta à sua condição social, essa mulher transferiu para a sobrinha as possibilidades que lhe faltaram. Olívia Rufino teve sua trajetória escolar iniciada na rede municipal em Picos, passando logo depois de alfabetizada para o Colégio das freiras. Ingressou na segunda turma do Ginásio Escolar, participando de movimentos estudantis em prol da educação e do não fechamento da escola. Isso revela que a estrutura escolar em Picos possibilitou que mulheres como ela ampliassem os níveis de escolarização.

Com uma história educacional semelhante, porém em um contexto social e familiar diferente de Olívia Rufino, Maria Oneide Fialho Rocha, conhecida como Oneide Rocha,

¹⁴²RUFINO, Olívia. *Depoimento cedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017

¹⁴³RUFINO, 2017.

¹⁴⁴RUFINO, 2017.

¹⁴⁵RUFINO, 2017.

nasceu em 1947 em Picos e reside desde o seu nascimento até hoje na Praça Félix Pacheco,¹⁴⁶ a parte mais central e favorecida da cidade. A localização da sua residência permite enxergar o padrão socioeconômico da sua família. Seu pai era tabelião, e seu avô tinha sido prefeito em dois mandatos no início do século XX. Filha do segundo casamento de Ulisses Josino de Araújo Rocha, que, segundo a entrevistada, ficou viúvo em 1944 com três filhos, casou-se aos cinquenta e cinco anos com sua mãe, Amélia de Fialho Carvalho Rocha, que tinha vinte anos. A filha mais velha do senhor Ulisses era onze anos mais velha do que sua esposa.

Em meio a esse universo urbano que se modernizava, Oneide Rocha ainda contava com a cultura educacional do pai. Ela o descreve como um homem estudioso que adorava ler e ficar por dentro das notícias, sendo exemplo e incentivando a educação dos filhos. Sua mãe, embora com um saber mais limitado, via na educação a chave do crescimento profissional de seus filhos, sendo também uma grande incentivadora. Ela afirma que a mãe:

Incentivava, inclusive, por exemplo, o Dagoberto Rocha tinha um escritório que tinha umas máquinas de datilografia, todos fizemos curso de datilografia. Naquela época não tinha computador, né, e ela pedia a Dagoberto pros meninos estagiarem lá: ‘não precisa dar nada de dinheiro, eu só quero que você bote eles para trabalharem e treinar porque se eu der o curso para eles, e se eles não treinarem, eles vão esquecer’. Tanto que três passaram no concurso do Banco do Brasil, né, teve um concurso que passaram dois de uma vez aqui de casa. E o outro, todo mundo se juntou, e ele foi fazer medicina porque ela disse que não podia botar todo mundo para estudar. Eu estudei no Crato, que na época aqui não tinha curso pedagógico, e com todo esforço eu fui estudar no Crato. Depois nós todos ajudamos para a formação de medicina do Francisco Fialho. E também ela não tinha tempo, papai nos ajudava nos deveres de casa.¹⁴⁷

Nesse contexto, verifica-se uma estrutura familiar que priorizava a educação, inclusive das filhas, permitindo o deslocamento para outra cidade em busca do saber. Das suas lembranças sobre a sua trajetória educacional, ela afirma que:

Eu comecei a estudar em 1953 com seis anos de idade. Eu fiz o primário no Instituto Monsenhor Hipólito [Colégio das freiras]. Fiz os quatro anos de Ginásio na Unidade Escolar Marcos Parente. Fiz os três anos pedagógicos, curso de pedagogia no ensino médio, no colégio Santa Teresa no Crato (Ceará), interna, foi uma experiência maravilhosa. *Aí* fiz um curso de licenciatura curta no período de férias em estudos sociais e depois fiz o de pedagogia na Universidade Federal do Piauí, todos dois na Universidade Federal do Piauí, campus de Picos. Fui da primeira turma de pedagogia, tá lá a placa. [...] Quando foi em 2008, eu comecei a fazer meu mestrado. Fiz meu mestrado, foi um MINTER, Faculdade R.SÁ e Universidade Federal do Pernambuco [...] Eu gostaria de ter feito o doutorado, hoje eu estaria terminando o doutorado agora, mas como eu fui chamada para o ocupar a

¹⁴⁶Praça onde aconteciam as principais práticas de sociabilidades e a partir dela que se ramificaram as ruas de comércio na cidade.

¹⁴⁷ROCHA, Maria Oneide. *Depoimento concedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

Secretaria de Planejamento do município, eu vi que não tinha condição de fazer doutorado.¹⁴⁸

Oneide Rocha cresceu, portanto, em uma cultura familiar caracterizada pela busca pelo saber e que sentiu a necessidade de ter um crescimento profissional fora do ambiente doméstico. Sua contribuição dentro de casa passou a ser financeira, logo nunca fora incentivada às atribuições consideradas femininas, pois nem a sua própria mãe as desenvolvia. Como família abastada financeiramente, sempre tiveram funcionários para as funções do lar.

Em um contexto um pouco diferente economicamente, Raimunda Fontes de Moura, conhecida popularmente por Mundica Fontes, nasceu em 1948 na comunidade Lagoa Grande, povoado do município de Picos. Seu pai Antônio Moura Ibiapina era metalúrgico, e sua mãe trabalhava no lar. O casal teve seis filhos, quatro homens e duas mulheres, dos quais, dois meninos morreram quando bebês e uma das meninas morreu aos doze anos de febre tifoide. Filha de pais apenas alfabetizados por professores mestres-escolas, Mundica descreve o exemplo e incentivo recebido por seu pai em relação aos estudos e valorização cultural:

Meu pai é um grande referencial na minha vida, primeiro pela pessoa que era, uma pessoa humilde, do interior, poucos estudos. Ele foi alfabetizado por professor mestre-escola que o pai pagava para dar aula, naquele tempo só aprendia a ler e escrever o nome e já era letrado. Naquele tempo não tinha escola, as escolas vieram depois do Grupo escolar Coelho Rodrigues, e ele apenas aprendeu a ler e escrever. Agora gostava muito de ler, ele era leitor assíduo, já amanhecia lendo, antes de dormir ele lia, ele comprava livros, gostava de cordel. Ele era repentista também, ele admirava os repentistas, e eu me familiarizava com ele nessa parte mais cultural. [...] Meu pai me incentivava muito, para a leitura, para estudar, incentivava meus irmãos. Minha mãe era doméstica, ela não era muito ligada, não valorizava muito essa questão dos estudos, mas meu pai sempre me presenteava com livros.¹⁴⁹

Nesse trecho é possível perceber o quanto a cultura e a educação transmitida pelo pai de Mundica Fontes fincaram raízes na sua pessoa. O apreço que ela demonstra por seu pai em vários momentos de sua entrevista reforça a gratidão que tem pelo seu incentivo e transmissão de valores que a fizeram não só uma mulher formada, mas uma intelectual e artista da cultura picoense. No caso de Mundica Fontes é notável que sua vida foi moldada primordialmente com base na educação paterna.

A educação dos filhos era responsabilidade materna, porém no relato de suas memórias, a entrevistada diz ter absorvido melhor e com mais vontade aquilo que era ensinado por seu pai. Um dos aspectos que apontam para isso é diferença de idade entre os pais. Ao contrário das demais entrevistadas, o pai de Mundica Fontes era doze anos mais novo

¹⁴⁸ROCHA, 2017.

¹⁴⁹MOURA, 2017.

que a sua mãe, uma diferença que pode ter tido como reflexo divergências de pensamentos. Esse incentivo paterno no ingresso das mulheres aos estudos já havia sido identificado por Elisabeth Badinter,¹⁵⁰ na França, durante o século XVIII, quando observava o ingresso das mulheres em novas áreas. Isso também se aplica a Picos, pois parte das mulheres que ingressou no sistema escolar e pôde ascender via escolarização se beneficiaram do apoio e estímulo paterno.

Sua vida escolar iniciou-se aos sete anos de idade quando seu pai trouxe os quatro filhos para matricular no Grupo Escolar Coelho Rodrigues. Antes disso, Mundica diz ter sido alfabetizada por uma professora mestre-escola chamada tia Lili e com o auxílio de seu pai, que reforçava o que a professora ensinava. Ela descreve o processo de alfabetização que chamava de desarnar:

Nós tivemos uma professora que era esposa de um primo do meu pai, a gente chamava tia Lili, ela ensinava, naquele tempo não era alfabetizar, era desarnar, porque quando a gente vinha fazer o teste para entrar na escola, tinha o primeiro ano A e o primeiro ano B. [...] O primeiro ano A era para aqueles alunos que não conheciam nem as letras do alfabeto, e o primeiro ano B era pra quem já conhecia o alfabeto, e eu já sabia. [...] A cartilha do ABC a gente já sabia, os numerais, contar até 100 e já conhecia os algarismos romanos até dez, meu pai mesmo que ensinava os algarismos romanos e contas simples de soma, multiplicar e divisão a gente não sabia não. [...] foi tudo meu pai ajudava a ensinar e ela também tia Lili. E a cartilha do ABC, pra gente aprender ela botava num papelzinho e fazia uns buraquinhos nele pra cobrir salteando a letra pra ver se a gente sabia de cor.¹⁵¹

No que diz respeito ao cuidado com a escolarização dos filhos, a mãe de Mundica Fontes é descrita por ela como aquela que deixava os filhos bem à vontade, à mercê das ordens do marido. Mundica cursou o Ginásio Escolar e logo depois a Escola Normal, estando apta para a docência. A busca de novos conhecimentos e a paixão pela natureza a levaram a prestar vestibular para o curso de Biologia em Recife, já no final da década de 1970. Sua ida em busca de formação contrariou a vontade de sua mãe, que não via necessidade de mais estudo para uma mulher, ainda mais indo morar longe dos pais. Mas, com o apoio de seu pai, Mundica realizou o seu sonho.

A realidade de Maria das Graças Muniz de Carvalho Araújo é, por sua vez, diferente das demais em alguns aspectos no que diz respeito à educação. Nascida em 1949, Gracinha Muniz, como é conhecida na sociedade picoense, é filha de Oliveira Andrade de Carvalho e Ilda Muniz de Carvalho. É natural de Itainópolis, que, à época de seu nascimento, pertencia a

¹⁵⁰ BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie: a ambição feminina no século XVIII*. São Paulo: Discurso Editorial/ Duna Dueto/Paz e Terra, 2003. p. 11-38.

¹⁵¹ MOURA, 2017.

Picos, ganhando sua emancipação em 1954, quando Gracinha acabara de mudar-se com a família para a cidade de Picos, devido à transferência de seu pai, que trabalhava no Fomento Agrícola como funcionário público federal. Sua mãe, Dona Ilda, era costureira e trabalhava com encomendas dos alfaiates da cidade. Seus avós maternos eram proprietários de um hotel, que hoje pertence a Gracinha e seu esposo, sendo o maior e mais renomado da cidade.

A partir dessas informações, é possível identificar que também se trata de uma família de classe média. O casal com onze filhos, sendo seis homens e cinco mulheres, ao mudarem para a cidade, passaram a residir no centro, um lugar privilegiado. Porém, diferente das demais entrevistadas, Gracinha relata que sua mãe, com a ajuda dos filhos, era responsável pelas atividades domésticas. Ela recorda com orgulho que aprendeu todas as atividades desenvolvidas pela mãe, como também a cuidar de um hotel, pois ela e seus irmãos ajudavam todos os dias os avós na rotina do estabelecimento.

Sobre a sua educação, Gracinha Muniz diz que sua mãe, mesmo analfabeta, sempre incentivou os filhos a estudarem, porém as oportunidades eram poucas, e seus irmãos procuraram o meio do trabalho para crescerem na vida. Afirma que:

Os homens nunca gostaram muito, meus irmãos nunca gostaram muito de estudar e naquela época também era difícil. Só tinha o curso primário, uns anos depois criou-se o ginásio. Foi quando eles foram para São Paulo. Começaram a ir para São Paulo, porque naquela época pra tudo ninguém estudava os quatro anos. Quando eu entrei na escola tinha sete anos de idade, a primeira vez que pisei o pé na escola. E minha mãe não sabia ler nem escrever, a educação que eu tinha era dada mesmo do que ela sabia da vida, né? Aí era muito difícil. Aí eles começaram a ir para São Paulo e lá teve uns que morreram, teve uns que beberam cachaça demais, morreram de cachaça. Eu tive dois irmãos alcoólatras.¹⁵²

Em outros momentos de sua fala, percebe-se que a própria Gracinha Muniz tinha o desejo de independência financeira e crescimento intelectual. Porém as atividades econômicas de sua família mudaram de rumo após o seu casamento. Ela concluiu o curso normal e o científico, estando apta para a docência, como descreve a seguir:

Fiz o curso normal e fiz o científico também. Aí foi quando nós casamos, e eu deixei de mão mesmo. Logo em seguida criou-se a faculdade aqui em Picos (UFPI). Eu fiquei com tanta vontade de fazer, mas Etevaldo, [seu esposo] devido ao crescimento do hotel, ele queria até que eu deixasse de lecionar como professora. Aí eu dizia assim: 'Etevaldo, eu não vou fazer isso com minha mãe, porque ela fez tanto sacrifício, e se você visse a alegria dela quando me viu formada como professora, porque naquela época era difícil. Então foi mesmo que eu dizer pra ela assim: 'seu esforço valeu a pena!'. E

¹⁵²ARAÚJO, Maria das Graças Muniz de Carvalho. *Depoimento concedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2016.

isso eu não vou deixar'. Mas eu não deixava porque eu sempre gostei de ser um pouco independente, principalmente no financeiro.¹⁵³

Gracinha Muniz, embora estivesse arraigada a valores tradicionais do casamento e submissão ao marido, tinha desenvolvido, com incentivo de sua mãe, o desejo pelo saber e principalmente pela independência financeira, mesmo diante do crescimento econômico do marido com a expansão do Hotel que possuíam. Ser professora foi talvez sua única opção, pois em outro momento relatou o desejo que tinha de ser assistente social, mas as condições para esse curso estavam distantes da sua realidade. Afirma:

É porque naquela época era tão difícil, e eu tive meu primeiro desejo mesmo quando eu terminei o curso normal. Eu fiz o curso de agente de comunidade e então eu fiquei tão empolgada pra ser assistente social, mas eu já era professora. Eu cheguei até a falar com umas pessoas que tinha facilidade, pra eu poder ficar em Teresina e tentar um vestibular, mas não consegui. Eu tinha vontade de ser assistente social, acho muito bonito. Assim, acho que devido eu ser muito comunicativa, tive muita vontade de fazer serviço social. Mas eu sou muito satisfeita como professora.¹⁵⁴

As limitações escolares da época, a necessidade do deslocamento para Teresina e o próprio casamento interromperam o sonho dessa mulher, levando-a a amar uma das poucas formações e profissões acessíveis para uma mulher garantir independência financeira nessa época.

Nascida em uma realidade um pouco diferente, em Salvador, na Bahia, em 1948, Maria das Graças Formiga Moura Sinval era oriunda de uma família de posses e mudou-se para Picos com oito anos de idade. Seu pai era dono de uma loja de carros, e toda a família que veio da Paraíba para Picos se estabilizou financeiramente no corredor comercial que a cidade oferecia. Gracinha Formiga, como é conhecida popularmente na cidade, descreve uma infância prazerosa rodeada de luxo e conforto proporcionado pelo pai, mas lamenta uma virada de padrão social quando ele veio a falecer precocemente, deixando a família sem uma renda fixa e à mercê do seu esforço como filha mais velha e de sua mãe, que até então não exercia nenhuma atividade financeira, nem atividades domésticas e ao ver-se viúva aos trinta e dois anos, enveredou pelo caminho da solidão por muitos e muitos anos.¹⁵⁵

Gracinha Formiga teve que começar a trabalhar muito nova após a falência de sua família para ajudar no sustento da casa. Estudou o ensino primário no Colégio das freiras, fez o teste de admissão e cursou o ginásio no colégio Marcos Parente. Teve oportunidade de

¹⁵³ARAÚJO, 2016.

¹⁵⁴ARAÚJO, 2016.

¹⁵⁵SINVAL, Maria das Graças Formiga Moura. *Depoimento concedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

cursar a Escola Normal em Teresina com ajuda de um tio que a convidou quando enviava uma filha também. Ao retornar para Picos, Gracinha já tinha emprego como professora em escolas particulares, até que veio um concurso para efetivação de professores em 1969, e ela foi aprovada. Trabalhando como professora no grupo Petrônio Portela, seis meses depois foi nomeada diretora de uma escola que acabava de inaugurar, o grupo Coronel Francisco Santos. A professora não se contentou com a formação de normalista, e com a vinda da Universidade Federal do Piauí para a cidade de Picos, cursou Ciências Biológicas e, logo depois, Pedagogia, firmando-se na docência.

Diferente da realidade de Gracinha Formiga, Maria José nasceu em Picos em 1950. Era oriunda de uma família de classe baixa, e no cenário financeiro sua mãe teve presença marcante: trabalhava como cabeleireira e assumia quase que exclusivamente o sustento da família diante de um descontrole financeiro do seu pai, que não tinha uma profissão certa. Em função dessa instabilidade financeira e devido a muitas contas adquiridas pelo seu pai, Maria José e sua família buscaram, em São Paulo, novas oportunidades, quando ainda tinha nove anos de idade, e daí passou a ter responsabilidades dentro de casa ao cuidar dos irmãos.

Esta pesquisa mostra, a partir das memórias dessas mulheres, diferentes realidades, oportunidades e destinos, dentro de grupos sociais com modelos tradicionais de educação e perspectivas, mas onde também já se concebia a importância da formação educacional feminina, mesmo que ainda se priorizasse a construção familiar a partir do casamento e da maternidade. Trata-se de mulheres com desejo de independência financeira, como é o caso de Maria Nazaré Maia Rufino Mcfarren. Ela nasceu em Santa Cruz do Piauí, em 1955, quando o povoado ainda pertencia à cidade de Oeiras. No ano seguinte, em 1956, Santa Cruz foi emancipada cidade, localizada a 35km de Picos. Seu pai, José Cortez Rufino, ao casar-se com sua mãe, abriu uma loja de tecidos na cidade e logo depois comprou uma farmácia, ou seja, era comerciante.

Em suas lembranças sobre seu pai, Naza, como é conhecida popularmente, diz ter tido papel vital na sua educação e de seus irmãos. Relata que ele alfabetizou todos os sete filhos e que em sua casa tinha um quadro negro, ferramenta de ensino, pois nessa época em Santa Cruz não havia escolas. Diz ainda que os seis irmãos mais velhos que ela foram enviados para morar com parentes nas cidades de Oeiras, Campo Maior e Teresina para estudarem. Quando ela completou a idade de ingressar na escola, sete anos, fundaram uma escola em Santa Cruz, e ela só precisou sair da casa dos pais para fazer o ginásio, quando se mudou para Picos.

Trata-se, portanto, de uma família que valorizava a educação e que, mesmo morando em uma cidade sem oportunidade de crescimento para os filhos, não via nisso uma barreira,

enviando-os em busca de oportunidades. Os pais tinham concluído o primário, porém sua mãe, além de ajudar nas vendas na farmácia, pois o seu pai era quase cego, dedicou-se à vida do lar e aos papéis de mãe. Já o seu José Rufino é descrito por Naza como um intelectual atento às notícias do Brasil e do mundo, capaz de conversar destemidamente sobre qualquer assunto de atualidades. Foi dele o principal incentivo para os estudos dos filhos.

Assim como algumas outras entrevistadas, Naza teve no âmbito da casa dos pais o conforto de não precisar desenvolver atividades domésticas, visto que havia empregadas desenvolvendo esse papel com a ajuda e supervisão de sua mãe. Sobre sua educação, ela lembra ter sido muito influenciada por sua irmã mais velha, que voltou para Santa Cruz formada como professora para lecionar na escola da cidade. Então, além de ter a irmã participando da sua vida escolar como professora, Naza a coloca como a que assumiu o papel de mãe, se responsabilizando pela educação doméstica, e de forma mais moderna do que sua própria mãe poderia oferecer, pois era uma mulher formada em uma cidade mais desenvolvida e que teve acesso ao conhecimento.

Naza mudou-se para Picos para cursar o ginásio e foi matriculada no Instituto Monsenhor Hipólito (Colégio das Irmãs). Ela descreve a escola como uma instituição meramente feminina quando entrou, mas ressalta o ingresso posterior de homens na instituição. Afirma:

Só tinha mulheres na época. Primeiro homem que estudou lá era meu colega na classe. Quando o batalhão veio pra Picos, aí houve a necessidade de segundo grau, de primário e de ginásio de boa qualidade, e o pessoal do batalhão, deve ter pressionado assim, pedindo e tudo, e eles deixaram esses meninos estudarem com a gente. Mas foi uma novidade imensa, né.¹⁵⁶

Ao concluir o ginásio, Naza se mudou para Fortaleza para cursar o segundo grau. Iniciou o curso tecnólogo¹⁵⁷ em administração e ciências econômicas, que era junto com o ensino médio. Apesar de ter começado em Fortaleza, ela concluiu o curso em Teresina, na Escola Técnica Federal. Trata-se, portanto, de uma mulher que teve oportunidades de crescimento intelectual e profissional, assim como de certa liberdade para viver a vida longe das vistas dos pais, o que no senso comum da época era perigoso para uma moça de família.

¹⁵⁶MCFARREN, Maria Nazaré Maia Rufino. *Depoimento concedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

¹⁵⁷ O ensino técnico foi sendo constituído através de projetos de lei como a Lei Orgânica do ensino Industrial, promulgada em 30 de janeiro de 1942. Em 1943, foi promulgada a lei do Ensino Comercial. E, em, 1946 foi instituída a lei Orgânica do Ensino Agrícola. O ensino técnico comercial, que é o caso mencionado por Naza, foi organizado em dois ciclos: o primeiro, o curso básico com duração de quatro anos; e o segundo ciclo com duração de três anos, com vários cursos técnicos como comércio, propaganda, contabilidade, administração, estatística e secretariado. Cf.: ROMANELLI, 1986, p. 154.

A partir das experiências educacionais descritas até aqui, é importante destacar que as histórias narradas pertencem a mulheres que tiveram oportunidades e perspectivas de vida diferentes dentro de uma sociedade com direitos femininos ainda restritos, mas onde já é possível notar algumas mudanças em relação aos papéis sociais de gênero.

O papel da escola foi decisivo na vida de cada uma dessas mulheres, mas vale ressaltar que nem sempre havia a priorização desse universo em detrimento das atividades comumente femininas. É provável que a maioria das mulheres picoenses, principalmente as mulheres pobres, eram estimuladas a desenvolver as atividades domésticas, exclusivamente, ou associadas ao processo de escolarização. O contato das entrevistadas com os serviços do lar já foram mencionados, e somente Gracinha Muniz disse ter tido esse cotidiano desde a infância, pois sua mãe não dispunha de ajudantes ou empregadas.

Sobre esse aspecto, Olívia Rufino denomina-se como “uma pessoa rica, folgadona dentro da pobreza”.¹⁵⁸ Ela afirma que só desempenhou atividades domésticas depois do casamento, e que até sofreu, pois não sabia fazer nada. Mas, em determinados momentos, ela fala sobre as responsabilidades de sua irmã mais velha como, por exemplo:

A minha irmã mais velha, que mora em Teresina, essa já tem 87, ela levou a vida dela todinha guerreando com todo mundo. Porque minha mãe explicava que ela tinha que cuidar dos irmãos, lavar e passar as roupas. E aquela superioridade de irmão mais velho, de tá lá fora e ‘ei, traz aí água pra mim’.¹⁵⁹

Em outro momento, ela diz que essa mesma irmã costurava e tinha as próprias roças de onde tirava uma renda para suas despesas pessoais. É possível perceber a irmã de Olívia Rufino como uma mulher que recebeu uma educação diferente da dela. Sem oportunidade de estudo, foi instruída a desenvolver algumas funções femininas e se agregar à atividade comum na época, que era a agricultura de subsistência, com grande participação feminina, embora não aparecesse nos dados censitários da época.

Mundica Fontes descreve algumas atividades na escola que também visavam à formação da mulher para as prendas domésticas:

Existia a disciplina assim de ensinar prendas domésticas, de caziar, pregar botão, bordadinho, que era a Dona Paula que ensinava, eram as prendas domésticas que tinha lá no Marcos Parente. E tinha a dos meninos. No tempo foi implantado o colégio polivalente, que era o Vidal de Freitas. Aí tinha oficinas para eles fazerem mercearia. Eles tinham trabalhos técnicos, faziam trabalho. Lá no Marcos Parente, quando eu era aluna, eles ensinavam também arte pra gente. Era, os meninos eles faziam móveis miniatura, serraria, ensinavam pra eles a parte de prendas como é chamado, prendas

¹⁵⁸RUFINO, 2017.

¹⁵⁹RUFINO, 2017.

domésticas para as meninas e serviços assim para eles. Já no Vidal de Freitas passou a ser escola técnica e de laboratório. Tinha seu Elias que ensinava a parte de móveis, a fabricação de móveis, aí tinha outro que dava aula de mecânica, e outro de eletricidade, tinha essas práticas aí.¹⁶⁰

Percebe-se, portanto, que essas divisões de papéis sociais são trabalhadas tanto na educação familiar quanto na escolar. Procurava-se construir um novo modelo de mulher, o que já era um avanço, por galgar uma possibilidade de vivenciar uma função no espaço público, afastando-se um pouco ou agregando suas funções “naturais femininas” do espaço doméstico. O objetivo desta pesquisa é mostrar, através da história de vida dessas mulheres e do acesso delas à educação, a constituição de novos papéis femininos em uma sociedade ainda presa a valores tradicionais. Assim, os avanços nas próprias perspectivas femininas e das representações sobre suas funções no espaço público e privado são apontados.

Na realidade, a experiência das mulheres em Picos se aproxima bastante das experiências das mulheres em Teresina estudadas por Elizangela Cardoso.¹⁶¹ A autora identificou a representação da educação como um valor no seio da família, onde o incentivo para o ingresso dessas mulheres na educação partia dos pais; ora do pai, ora da mãe. Embora Picos apresentasse um processo de escolarização mais lento em relação a Teresina, no período aqui estudado, a implantação desse sistema escolar na cidade transformou a ambição feminina, que insistiu em buscar maiores oportunidades de escolarização, assim como as mulheres teresinenses estudadas por Cardoso.

Quanto ao ensino superior, é importante destacar que este só veio ser instalado na cidade em 1982, com a inauguração da Universidade Federal do Piauí, com os cursos de Licenciatura Plena em Letras e Bacharelado em Pedagogia. Oneide Rocha formou-se na primeira turma do curso de Pedagogia na referida instituição. Aí mora outro aspecto limitante: os únicos cursos superiores oferecidos restringiam-se à docência, que, como foi abordado, caracterizava uma função feminina. Nesse ponto também é possível identificar o atraso no acesso desse grau de ensino para as mulheres picoenses, quando é comparado o ingresso das teresinenses nas instituições de ensino superior que se instalaram em Teresina muito antes de Picos.¹⁶²

As sete mulheres aqui apresentadas experimentaram das tentativas de progresso educacional em Picos, que teve um processo lento e gradativo. A algumas foi dada a oportunidade de buscar seus objetivos em outros lugares, mas aquelas que prezaram pelo

¹⁶⁰ MOURA, 2017.

¹⁶¹ CARDOSO, 2012.

¹⁶² CARDOSO, 2012.

casamento e constituição familiar como objetivo principal tiveram que se contentar com o que era oferecido na cidade, abraçando o magistério, talvez como única opção, desenvolvendo, sobre essa porta de liberdade financeira, amor e orgulho.

3.3 Trabalho no lar e magistério

Já que se trata de uma cidade com uma estrutura pouco desenvolvida em relação às grandes cidades brasileiras, que sentiam a modernização e os reflexos da revolução industrial, os aspectos da cultura rural eram fortemente presentes no cotidiano e atividades de produção em Picos. Tendo em vista essas características, é importante situar o olhar para as possibilidades de atuação cotidiana feminina. Desprovidas de um sistema educacional e da própria visibilidade da importância da cultura escrita para mulheres, as mães de nossas entrevistadas representam outro modelo de mulher quando comparadas às filhas, embora haja continuidades nas construções das feminilidades dessas gerações.

No que diz respeito ao trabalho, as mães das entrevistadas atuaram na agricultura e economia de subsistência. A verdade é que essas mulheres trabalharam, mas nem sempre seus trabalhos foram reconhecidos enquanto atividade lucrativa ou esforço físico, pois era vista como obrigação. Nesse sentido, Olívia Rufino descreve o trabalho de sua mãe, Benedita Maria da Conceição:

Minha mãe era negociante de tudo, de porco, de galinha e era açougueira. Lá no interior. O consumo era tão pouco que era só aos domingos que ela matava boi. Tinha um primo dela que cuidava do açougue, e ela negociava os bois e vendia e com isso também ajudava a alimentar a família, porque na medida que ela ia matando o gado que não vendia, era o lucro dela pelo menos pra família comer. Costurava, fazia tudo o que uma mulher lá no interior fazia. Ela só num era muito enfiada na cozinha. Ela fazia todo o serviço de casa que fosse: autorizar e cuidar das roças, armazenar as coisas, fazer farinhada, moagem, colher as coisas da roça, armazenar tudo, vender o que precisava pra ir sustentando e guardando, que ela era muito boa nisso. E ela fazia todo o serviço que precisava, que no caso seria ele [*seu pai*], que se estivesse em casa, ele faria. Mas ele tava na polícia aqui, então cuidava. Agora cozinha mesmo ela tinha a irmã dela, que me criou dentro de casa, que era titia. E as pessoas que ela sempre tinha em casa, ela tinha muita gente dentro de casa pra fazer tudo.¹⁶³

A memória acima revela um cenário de trabalho feminino associado à economia de subsistência, que são as atividades econômicas mais fortes na cidade, com base nos dados do IBGE nas décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970. Nesse espaço de tempo, cresceram algumas

¹⁶³ RUFINO, 2017.

atividades como o comércio, a prestação de serviços, transportes, comunicações e armazenagens, administração pública, legislativo, justiça e ensino público.

A agricultura era uma prática que ocorria entre as estações do ano na cidade de Picos. Segundo Francisco Miguel de Moura, o período chuvoso era, ou ainda é, denominado pelos nordestinos de inverno e nesse momento eram cultivados o milho, o feijão, a mandioca, o arroz e tudo aquilo que dava nas roças dos picoenses, garantindo a subsistência e o comércio local.¹⁶⁴ No verão, como era popularmente chamado o período sem as chuvas e quando as águas dos rios baixavam, surgiam as vazantes onde se cultivava a cebola, a batata, abóbora e o alho, que fez da cidade a maior produtora nacional por vários anos.¹⁶⁵ Sobre esse mesmo aspecto, Vieira, Varão, Andrade e Silva afirmam que essas estações eram determinadas pela falta ou presença de chuva, que desenhavam o cotidiano dos picoenses, desde os labores até o lazer.¹⁶⁶

Levando em conta os dados do IBGE e sua distribuição por gênero, encontra-se uma prevalência feminina nas atividades domésticas não remuneradas, prestação de serviços e atividades sociais, e nas décadas de 1960 e 1970, no ensino público. Os trabalhos como agricultura, pecuária e avicultura, comércio, transportes, comunicações e armazenagens, administração pública, legislativo e justiça, defesa nacional e segurança pública, são marcados pelo forte, quando não exclusivo, exercício masculino.

Os dados censitários permitem concluir que os trabalhos remunerados eram exercidos majoritariamente pelos homens, e as atividades não remuneradas, como a administração do lar, eram exercidas pelas mulheres. Contudo, as entrevistas evidenciam outra vertente de análise do trabalho feminino. A memória de Olívia Rufino sobre as funções de sua mãe nas atividades da família provam que as mulheres estavam presentes na agricultura, na pecuária e nas atividades domésticas. Essa informação indica que essa participação não era computada como uma atividade econômica. Essa é a prova da desvalorização do trabalho feminino frente ao trabalho masculino.

Oneide Rocha descreve sua mãe Amélia Fialho como uma mulher alfabetizada, que administrava o lar e a educação dos filhos, sem atividade remunerada, mas que resolvia qualquer situação no espaço da casa e fora dela, inclusive detalhes de construções, questões

¹⁶⁴ MOURA, Francisco Miguel de. *O menino quase perdido*. Teresina: [s.n.], 2009. p. 75.

¹⁶⁵ DUARTE, 1991, p. 20.

¹⁶⁶ VIEIRA, Maria Alveni Barros [et.al.]. *Histórias que deveriam ser contadas no ensino fundamental*. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_435_9a611ed2702d149c7a37d9d2061052ff.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2018.

burocráticas e tudo que a ela fosse solicitado no âmbito público ou privado. Oneide Rocha afirma que sua mãe possuía uma boa argumentação e a compara com uma líder sindical, pois defendia as próprias ideias. Era uma mulher com habilidades de costura e domésticas, mas que não se identificava com a cozinha, logo vinha de uma família de posses, e seu marido tinha condições de manter outras mulheres para exercer o labor do lar.

A mãe de Mundica Fontes também não tinha nenhuma fonte de renda, mas era habilitada a todas as funções domésticas, principalmente na cozinha. Fazia costuras e consertos de roupas, mas sem fins lucrativos, dependendo da renda do marido. Mundica Fontes afirma que sua mãe sempre teve ajuda nas atividades domésticas, geralmente de meninas do interior que trocavam moradia por serviços domésticos para terem acesso à educação na cidade. Essa mulher representava a típica dona do lar, que, sem acesso a educação, se prende a atividades ditas femininas e tenta repassá-las para suas filhas, marginalizando a importância da educação que seu esposo tanto prezava.

Havia, portanto, nessa geração de mulheres, uma forte permanência do trabalho feminino dentro do espaço doméstico. Por exemplo, Gracinha Muniz descreve sua mãe, Ilda Muniz de Carvalho, como uma “doméstica de mão cheia”,¹⁶⁷ mas que ajudava financeiramente nas despesas familiares com costuras que prestava para alfaiates da cidade. Ilda Muniz tinha sua mão de obra terceirizada para homens que tinham seu trabalho valorizado, o que reforça a proposição já mencionada de que a costura era uma função aprendida por quase todas as mulheres, principalmente na geração das mães das entrevistadas, mas que era desenvolvida predominantemente apenas para as necessidades da família. Sobretudo, quando as entrevistadas nomeiam a profissão de suas mães como domésticas e nas suas descrições do cotidiano dessas mulheres aparece a costura como atividade, percebe-se a representação que elas absorveram da costura como uma prenda doméstica para as mulheres.

A mulher como provedora de fonte de renda principal ou total da família também era algo comum na geração das mães das entrevistadas, porém associado à viuvez ou a separação (não havia divórcio nesse período, geralmente os homens abandonavam as suas famílias). Foi o caso da mãe de Gracinha Formiga, oriunda de uma família rica de políticos, seu marido enquanto vivo ofereceu uma vida de requinte, cabendo a ela apenas as determinações às empregadas e os cuidados com a beleza. Porém, ao ficar viúva com três filhos pequenos, teve que tomar as responsabilidades financeiras da família e adequar-se às funções domésticas. Pelas memórias de Gracinha Formiga, acreditamos que ela passou a desenvolver atividades

¹⁶⁷ARAÚJO, 2016.

artesanais junto às filhas, para prover o sustento da família.

Não muito distante dessa realidade, a mãe de Maria José Lavor foi abandonada pelo marido, que constituiu outra família, mas ela desdobrou-se na educação dos filhos e na profissão de cabeleireira, que era a fonte de renda da família. Enquanto isso, Maria José e seus irmãos foram incentivados a trabalhar ou ajudar nas atividades domésticas, além de se dedicarem aos estudos.

Naza McFarren enquadra sua mãe como uma “típica mulher doméstica”,¹⁶⁸ mas em suas memórias a descreve como uma enfermeira sem formação, que cuidava de primeiros socorros e aplicação de medicação na farmácia administrada pelo esposo que havia perdido a visão. As atividades domésticas eram desempenhadas por outras mulheres, cabendo a ela apenas administrar o trabalho dessas funcionárias.

A partir da memória dessas sete mulheres é possível conhecer o cotidiano de suas mães e a representação da “mulher doméstica”, “dona de casa”, ou “mãe de família”, que nem sempre estava ligada aos afazeres domésticos, ou pelo menos não só exclusivamente a eles. O fato de essas mulheres não serem remuneradas ou conseguirem apenas ajudar nas despesas domésticas faziam do seu labor diário uma função considerada natural que se diferenciava de trabalho. À palavra trabalho associava-se salário, e, embora estivessem ao lado dos maridos desenvolvendo funções semelhantes, elas não saíam do papel de doméstica.

É fato que as possibilidades oriundas de uma cultura letrada mudaram as representações das mulheres ao longo das décadas de 1950, 1960 e 1970 em Picos, no que diz respeito ao mercado de trabalho e às funções femininas no âmbito familiar. Prova disso são mulheres que buscaram na educação novos sentidos para o trabalho feminino, entre eles a remuneração. Carregaram, ainda, algumas permanências, como as responsabilidades na educação dos filhos e administração do lar, pois o próprio espaço ocupado por elas no mercado produtivo condicionava essa permanência.

A relação entre feminilidade e profissões com funções burocráticas como secretariado, contabilidade, comércio, cujas características importantes eram a submissão e responsabilidade, foram mudando e se ampliando. A demanda por acesso à educação e ao mercado de trabalho, bem como a participação na vida pública e política são características atribuídas aos feminismos que circulavam no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos. Embora não fosse visível como uma luta consistente na cidade de Picos, esses movimentos

¹⁶⁸ MCFARREN, 2017.

produziram as representações femininas que favoreceram as mulheres no desenvolvimento capitalista, sem a extinção da hierarquização dos gêneros, em virtude da permanência.¹⁶⁹

O magistério em Picos chama a atenção, visto que das sete mulheres, cujas entrevistas são fontes para esta pesquisa, quatro exerceram essa função. Trata-se de uma das profissões mais associadas às mulheres desde o advento da República, quando se passou a ver na educação a transformação da sociedade. O magistério tornou-se então, além de uma oportunidade de formação intelectual feminina, uma profissão “vocacional” que se assemelhava ao papel de mãe e educadora e era, portanto, ideal para as mulheres.¹⁷⁰

Segundo Matos e Borelli¹⁷¹ até a década de 1930 o magistério era uma das poucas profissões bem-vistas para as mulheres e a partir da década de 1950, com o alargamento da escolarização oferecida para todas as camadas sociais, cresceu também a necessidade de ampliar o número de professores. Assim como o sacerdócio, o magistério passou a ser visto como profissão vocacional e a naturalizar-se como um dom feminino. Esse discurso disseminou a desvalorização da área. Com essa desvalorização, o magistério deixa de ser uma opção do homem, pois esse deve ter uma renda para prover o sustento da família. No entanto, era suficiente para as mulheres, principalmente de elite, que precisavam apenas complementar o orçamento familiar ou se realizar profissionalmente fora do espaço doméstico.

No Piauí, esse quadro não era diferente. Castelo Branco¹⁷² diz que em 1910, quando foi fundada a Escola Normal em Teresina, a intenção era que o público discente fosse feminino e que o Piauí contasse com um novo quadro de professoras capacitadas para a educação, chave do progresso. O autor diz ainda que outras profissões como a enfermagem, o secretariado e o jornalismo também abriram espaço para as mulheres na primeira metade do século XX.

Em Picos, esse processo de profissionalização feminina no magistério aconteceu de forma mais lenta. Como mostrado no item anterior, a escolarização feminina só se acentuou na cidade a partir da década de 1940 e a profissionalização, de fato, só na década de 1960, com a abertura da Escola Normal. Sabe-se que, antes da instalação da Escola Normal em Picos, algumas moças foram enviadas para a capital para cursarem o curso Normal em

¹⁶⁹KAPELLI, Anne-Marie. Cenas feministas. In.: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1994. p. 541-542.

¹⁷⁰MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 136-138.

¹⁷¹MATOS; BORELLI, 2013, p. 136.

¹⁷²CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais*. Teresina: EDUFPI, 2013. p. 93.

Teresina e retornaram a Picos, assumindo os postos de professoras nas escolas que se expandiam. Segundo Antônio de Pádua Lopes:

O grupo escolar foi o *locus* tomado como natural para a ação dessa docente, que já detinha o direito exclusivo à efetividade no cargo. Escola modernizada e modernizante, tornou-se o espaço específico dessas professoras, postas pelo próprio sistema escolar como qualificadas para o exercício da modernidade e a renovação das práticas educativas no Estado.¹⁷³

Sabe-se que as normalistas eram frutos da modernização do sistema educacional no Piauí. Mas é impossível apagar que a atuação feminina na educação tenha iniciado antes mesmo da oportunidade de se qualificarem nas escolas Normais. Assim como os mestres-escolas, as professoras leigas formavam o quadro de docentes das escolas no município de Picos. De acordo com Santana,¹⁷⁴ entre as décadas de 1940 e 1970, o exercício do magistério por professoras leigas se dava principalmente por arranjos políticos, pois se acreditava na influência dos laços afetivos construídos entre professoras, alunos e famílias, sendo ela uma espécie de base de apoio aos partidos. É possível comprovar isso empiricamente através dos relatos das entrevistadas. Olívia Rufino, Mundica Fontes e Gracinha Muniz iniciaram na docência antes da formação pedagógica e sem efetivação dos cargos.

Entre as sete mulheres apresentadas, há algo em comum. Apesar de histórias de vida diferentes, principalmente em relação à vida afetiva, todas buscaram espaço no mercado de trabalho. Olívia Rufino priorizou o casamento quando possuía apenas o ginásio como grau de ensino. Envolveu-se, cedo, com manifestações culturais como teatro, redações de jornais alternativos e organizações de jovens em prol de melhorias para a cidade. Tinha um pensamento mais amplo em relação à juventude da época, mas deixou-se envolver por um tempo de sua vida às rédeas do amor, como descreve a seguir:

A família é muito bom, mas eu, minha filha, eu queria um homem. E na hora que eu vi aquele, eu me amarrei nele, só me servia ele e eu vivi... Passei, pra você ter uma ideia, eu passei doze anos parindo os nossos filhos que foram seis. Três abortos e seis filhos, debaixo do meu marido. A cabeça, as ideias, a vontade, tudo. E especialmente a matéria-prima, que é a pessoa, debaixo dele. Depois quando eu escutei o choro da negrada, precisando de roupa, calçado, remédio, escola e tudo o mais, uma casa, comida, que eu comecei a trabalhar, aí foi que eu comecei a ter um pouco de liberdade pra cuidar de que? De trabalho pra ajudar a sustentar a minha casa. E ele foi deixando... A partir daí, eu tinha que trabalhar e fui estudar, fazer Normal. E terminei a Normal já empregada. Porque aqui, Normal de Picos, quando terminei teve o primeiro concurso para professores do Estado. Quando terminei a Normal

¹⁷³LOPES, 2002, p. 9.

¹⁷⁴SANTANA, Maria do Pépetuo Socorro Castelo Branco. *A Constituição da rede escolar e a prática das professoras primárias na zona rural do Piauí nos anos de 1940 a 1970*. 2011. 178 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011. p. 118.

em 69, a gente foi fazer o concurso em Teresina. Todo o Estado do Piauí tava lá fazendo concurso para professores. Então eu saí de lá empregada, tirei o sexto lugar.¹⁷⁵

Nesse caso, como em tantos outros, a profissionalização feminina era questão relacionada à manutenção da família. Com oportunidade de formação intelectual, Olívia pôde enveredar por um caminho profissional mais visado para as mulheres na época e ainda mais na condição de concursada, o que já lhe garantia uma estabilidade. Ela descreve no trecho acima uma relação de submissão ao marido, inclusive em relação à liberdade financeira, o que era bastante comum entre as mulheres dessa época. Direcionando a observação, por exemplo, para as mães de nossas entrevistadas, quase todas tinham alguma fonte de renda. No entanto, suas funções eram exercidas dentro do espaço doméstico, como uma forma de atividade controlada pelo marido. Em todas as entrevistas, o pai foi apontado como fonte de renda principal. Na verdade, essas mulheres desenvolviam trabalhos de subsistência que, às vezes, complementavam a renda familiar.

Essas mulheres marcam, portanto, uma diferença em relação às gerações de suas mães pela possibilidade de estudarem e alcançarem uma formação profissional e o exercício de trabalhos remunerados fora do lar. Entre essas condições históricas que permitiram essa diferença, está a transformação das próprias representações sobre os papéis sociais femininos e masculinos. Muitas vezes, a renda familiar era suficiente, mas algumas mulheres já viam nas oportunidades que surgiam a possibilidade de liberdade financeira, como foi o caso de Mundica Fontes, que afirma:

Comecei a trabalhar muito nova, porque eu gostava muito de ter minhas coisas, era vaidosa, e também meu pai era quem sustentava a família, era só ele quem sustentava a família. Família grande, né, que tinha outras pessoas que moravam lá em casa... Era uma família numerosa, aí quando eu fazia a sexta série, que só faltava um ano para eu terminar o ginásio, aí eu fui trabalhar como professora leiga. Fiz também o projeto Rondon, tinham uns cursinhos que eles estavam dando... Tinham muitas professoras leigas nas escolas públicas, não eram formadas. As únicas professoras formadas estavam todas no Ginásio. Aí eu fui fazer os cursos do projeto Rondon e tirei meu primeiro diploma, era professora leiga, e fui trabalhar no município. Meu primeiro trabalho foi na escola Landri Sales.¹⁷⁶

Percebe-se que Mundica Fontes ingressou no mundo do trabalho ainda jovem e não para prover a sobrevivência, mas sim por uma vontade de ter renda própria. Ela teve essa oportunidade graças ao estudo. Dois anos depois de iniciar o trabalho, ingressou na Escola Normal e, após concluir, prestou o concurso para professora do Estado e foi aprovada,

¹⁷⁵RUFINO, 2017.

¹⁷⁶MOURA, 2017.

fazendo do magistério sua profissão. A imagem a seguir revela a fisionomia tão jovem de Mundica Fontes em sala de aula como professora.



Figura 14: Mundica Fontes em sua primeira turma como professora na década de 1970. Fonte: Arquivo pessoal de Gracinha Formiga.

Oneide Rocha também enveredou para o magistério, sendo entre as sete uma das que teve mais oportunidades de profissionalização, pois não ficou restrita ao ensino oferecido na cidade e estudou em colégio particular, tanto em Picos como no Crato. No caso de Gracinha Muniz, sua vida profissional iniciou aos 17 anos, quando começou a estudar na Escola Normal. Ela é a imagem da atuação das professoras leigas no ensino da cidade. Afirma:

Eu sempre gostei de ser um pouco independente, principalmente no financeiro, né? Comecei a trabalhar eu tinha 17 anos, quando eu entrei na Escola Normal e naquela época não tinha muita professora aqui. Quando eu entrei na Escola Normal, já me deram uma sala de aula porque eu sempre, graças a Deus, fui bem desenvolvida na escola. Aí quando eu entrei na Escola Normal, eu já ganhei uma sala de aula lecionando, estudava de tarde e trabalhava de manhã.¹⁷⁷

A vida profissional de Gracinha Muniz iniciou junto com o matrimônio. Ela relata que seu marido queria que ela deixasse o magistério para ajudá-lo no Hotel que eles haviam comprado de sua tia. Porém a professora sonhava, na verdade, em ser assistente social, mas que, pela impossibilidade de estudar em outra cidade conformou-se com a profissão que exercia e diz que a fazia com amor e como uma fonte de renda própria, que a fazia se sentir mais livre.

¹⁷⁷ARAÚJO, 2016.

Gracinha Formiga foi privilegiada por ter tido a oportunidade de cursar a Escola Normal ainda em Teresina, quando em Picos o estudo restringia-se ao ginásio. Retornou para Picos depois de formada normalista com emprego garantido, tanto na rede municipal de educação como em uma escola particular da cidade. Recém-formada, prestou concurso público e efetivou-se na rede estadual de Educação. Somente depois de estabilizada casou-se e teve seus filhos.

Maria José Lavor não chegou a concluir os estudos, nem tampouco a alcançar uma profissão remunerada antes do casamento. Logo que casou, seu esposo proibiu-a de estudar, e a ascensão financeira a fez acomodar-se como mãe, esposa e conselheira nos negócios do marido, inclusive quando ele ingressou na carreira política. No seu caso, experienciou, ainda criança, dos papéis domésticos de uma mulher quando tomou as responsabilidades dos cuidados da casa e de seus irmãos mais novos em virtude do trabalho da mãe. Ao casar-se, passou alguns anos com as mesmas atividades, mas depois as transferiu para outras mulheres.

A história de Naza McFarren distingue-se das demais tanto pelas oportunidades quanto pelas escolhas. Naza saiu da convivência na casa dos pais em busca de estudo na juventude, assim como seus irmãos. Terminando o Ginásio no Colégio das Irmãs em Picos, Naza foi morar em Teresina e foi nesse mesmo período que ela perdeu seu pai. Afirma:

Eu queria, tinha muita pressa de ser independente, não ficar obedecendo os pais, e meu pai tinha morrido e eu não *tava* pronta pra soltar o cabresto, mais soltei. Assim, fui trabalhar na televisão, fiz um concurso lá e passei. Fui trabalhar como garota propaganda. Aí me botaram pra ser repórter também, porque eu cheguei em Picos pra passar o fim de semana com maninha aqui, tinha uma enchente muito grande, aí a cidade *tava* cortada e sem comunicação e eu consegui. Aí eu fui fiz uma entrevista com o doutor Zé Nunes por minha conta própria, que era o prefeito. Aí ele deu um papel escrito e pediu pra mim ajudar a ele se comunicar com o rádio e a televisão. Aí eu liguei pro pessoal do TV Clube que era onde eu trabalhava e li o papel. Acho que eles pensavam que eu *tava* era falando e eu *tava* lendo o papel que o doutor Zé Nunes me deu aí, quando eu cheguei lá na mesma hora, eles me deram um cartãozinho e disseram agora você é repórter. Mais foi pouco tempo eu sai e fiz o concurso pra Embratel. Trabalhei um pouquinho na Secretaria de Fazenda de Teresina lá. Aí depois eu fiz o concurso pra Embratel, passei e fui trabalhar lá na Embratel. Aí passei um ano, aí passei na Caixa Econômica e fui; isso eu já não era mais adolescente por que não era, já *tava* com 18 pros 20 anos quando fui trabalhar na Caixa Econômica. Mais também passei pouco tempo por causa de um namorado que era técnico de futebol e viajava muito, se mudava muito, e eu inventei de acompanhar e saí da Caixa Econômica, coisa de imbecil, jovem demais, né.¹⁷⁸

¹⁷⁸MCFARREN, 2017.

O trabalho na televisão era algo que não soava bem para mulheres naquele momento, na década de 1970. A sociedade ainda se preocupava com a exposição dos corpos femininos, e a televisão apresentava aquilo que deveria ser guardado. Em outra entrevista, Naza descreve as consequências do seu trabalho na televisão:

Eu ainda tinha 17 anos quando comecei a trabalhar na televisão aqui em Teresina. Na verdade, ser exposta ao ambiente errado fez muita diferença para o que aconteceu comigo daí em diante. Meu pai tinha morrido menos de um ano antes. Meu pai sempre manteve cabresto, mesmo cego, mesmo lá em Santa Cruz, ele segurava o cabresto da gente o tempo todo, ele controlava a gente, ele tinha, todo mundo tinha medo, tinham o maior respeito, tinha medo de fazer qualquer coisa, tomar qualquer atitude que fosse contra os ensinamentos dele, o que ele achava certo, entendeu? Então eu vim, comecei a trabalhar. Quando eu digo ambiente errado, não é que a TV é um ambiente errado, pra mim era, porque eu estava despreparada, era uma criança entendeu? 17 anos é uma criança, é um ser humano que tá ainda sendo transformado pela natureza e eu estava pela primeira vez morando sem ser dentro da família, que sempre morava com tios e tias, e dessa vez eu morava numa pensão. Fui trabalhar na televisão e fiquei muito exposta a cidade toda entende? Assim, no sentido de ficar reconhecida rapidamente e tinha o tabu, que eu não conhecia, de que se você trabalhasse em televisão, você era puta entendeu? Aí eu tinha dificuldade de socializar. Os rapazes, assim, das famílias aqui não iam paquerar comigo ou me chamar pra sair, eu não tinha amigas da minha idade pra passear, pra ter uma vida normal de adolescente. Então quem era que se aproximava de mim? Os adultos que de alguma forma queriam me usar, entendeu? Tinha um adulto que *tava* conseguindo me seduzir no sentido de fazer eu me apaixonar por ele com todos os truques, que hoje como adulta eu sei. E eu para esquecer aquela pessoa, e era casado, e para não sucumbi a ele eu comecei um relacionamento com outro que dizia que era desquitado, aquela história, o menos mal.¹⁷⁹

A partir desse relato de experiência, é possível concluir que o trabalho estava, nesse período, inteiramente ligado à constituição moral das moças e que isso limitava o seu espaço de atuação no mercado de trabalho oferecido pela cidade. Comparando as experiências aqui relatadas relacionadas às profissões dessas mulheres, observa-se que o trabalho feminino era bem-visto desde que não atrapalhasse as funções consideradas como naturalmente femininas e não as expusessem. O magistério era, portanto, a profissão mais procurada por essas mulheres de classe média, pois oferecia uma remuneração complementar, não atrapalhava nas atividades domésticas, visto que geralmente só ocupava um turno. A função de educadora assemelhava-se ao papel de mãe, tornando essa mulher apta para desenvolver essas duas funções.

Essas mulheres são associadas a uma geração que conquista espaço no mercado de trabalho. Não que esse não existisse, porque as mulheres pobres já ocupavam há muito tempo

¹⁷⁹MCFARREN, Maria Nazaré Maia Rufino. *Depoimento concedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2014.

o cenário econômico em trabalhos que eram desqualificados e associados a essa classe, como empregadas domésticas, lavadeiras e feirantes, ou seja, trabalhos que não exigiam qualificação ou estudo, sendo às vezes estereotipadas por conta das suas funções.

Vale lembrar também que essas mulheres não foram educadas para o cuidado exclusivo do lar, pois desde a infância conviveram com empregadas domésticas exercendo esses papéis. Portanto, ao ocuparem-se de uma vida pública, suas responsabilidades domésticas eram, em parte, pelo menos no turno do trabalho, assumidas por outras mulheres, que não tiveram acesso à educação e oportunidade de empregos mais valorizados. Embora limitado o campo de atuação feminina no mercado de trabalho nesse período, essas sete mulheres não deixaram de marcar uma conquista de espaço na vida social da cidade, pluralizando ainda mais suas identidades. Experiência individual que se situa em vivência coletiva no período.

Assim como o acesso à educação, o mercado de trabalho era limitado para as mulheres durante o período aqui estudado. A inserção das mulheres no mercado de trabalho começa a ser notada junto à Revolução Industrial, principalmente nas fábricas têxteis, representando mão de obra barata, habilidade e vocação. Associava-se a estas, funções que não desnaturalizassem ou que podiam ser conciliadas com as obrigações naturais da mulher, que eram comumente restritas ao espaço doméstico e à família.¹⁸⁰

É evidente que as diferenças sociais são determinantes no tocante às profissões femininas. A necessidade de renda e sobrevivência eram fatores que levavam mulheres a trabalharem em casas de família, como lavadeiras, cuidadoras, trabalhos tolerados em virtude da pobreza. Matos e Borelli¹⁸¹ destacam que entre 1920 e 1940, vários discursos contestavam a presença feminina no mercado de trabalho, principalmente no ambiente fabril. Esses discursos, munidos de medidas públicas, médicas e até mesmo do movimento operário, alegavam um “desperdício das energias femininas, fator de dissolução da saúde e da capacidade de desempenho das funções prioritárias de dona de casa, esposa e mãe”.¹⁸²

Sobre os trabalhos no âmbito doméstico, é importante ressaltar que apareceram, nas memórias das entrevistadas, mulheres que ajudavam ou se responsabilizavam dessas atividades, principalmente ao lado e sob as orientações de suas mães. Nesse sentido, é necessário pontuar que algumas dessas mulheres eram remuneradas. Outras se deslocavam da zona rural e moravam de favor nas casas dessas famílias em troca do serviço doméstico.

¹⁸⁰MATOS; BORELLI, 2013, p. 127.

¹⁸¹MATOS; BORELLI, 2013, p. 126.

¹⁸²MATOS; BORELLI, 2013, p. 134.

Ainda novas, saíam do seio de suas famílias para acabarem de ser criadas por famílias de melhores condições. Algumas também, com o intuito de estudar, submetiam-se aos trabalhos domésticos em casas de família em troca de moradia e subsistência para terem acesso às escolas da cidade. E era o trabalho dessas mulheres que viabilizava que as mães de nossas entrevistadas, elas próprias e outras mulheres a desenvolverem profissões ou trabalhos fora do lar.

3.4 Novos espaços

Em 1976 fui candidata pela primeira vez, a vereadora. Foi uma campanha de um mês e meio, e eu ganhei a eleição. Acho que foi a língua comprida. Em cima do caminhão, esculhambando com todo mundo. Então, eu, além de vereadora, política, eu fui professora, logo de cara. Fui coordenadora de educação física. Muito bom. Criei o esporte feminino em Picos. E quando eu comecei a engordar, eu larguei, porque quis mesmo. Aí fui secretária de educação, dois anos. Saí pra me candidatar de novo. Nessa época criei a primeira escola integral do estado, aqui em Picos, que funcionou maravilhosamente bem. Tem o nome dele [Ozildo Albano]. Ele tinha morrido. Escola Experimental Ozildo Albano. Primeira escola integral do Piauí. O Átila Lira me apoiou, e o prefeito. Foi espetacular. Menino de rua, menino reprovado várias vezes, nunca foi na escola, tinha quatro meses pra alfabetizar. Pra escrever o bilhete e ler. Espetacular. E também eu sou da academia de Letras, em atividade aqui na região de Picos. E fui escrever. Letras de música, faço, boto letra, música, gravo em CD [risos].¹⁸³

O poder feminino é uma questão que assusta a supremacia masculina desde as épocas mais remotas.¹⁸⁴ No início do século XX, o poder feminino no âmbito doméstico familiar se salientava, e respingava sobre o Brasil as transformações de um país que saía do velho para o novo modelo político, aparecendo algumas mulheres destacando-se como primeiras em cargos masculinizados, como diplomata, advogada, deputada.¹⁸⁵ Apareciam também algumas reivindicações de caráter feministas, como a luta pelo direito do voto para mulheres.

O processo de escolarização foi a força motriz para a transformação do cenário de atuação social feminina na cidade de Picos no período estudado. A partir da história de vida de sete mulheres, que residiram nessa cidade entre as décadas de 1950 e 1970, é possível identificar as condições históricas de constituição de continuidades e discontinuidades do ser

¹⁸³ RUFINO, 2017.

¹⁸⁴ LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997. p. 257.

¹⁸⁵ MOTTA, Alda Britto da. Elas começam a aparecer... In: In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 85.

mulher nessa sociedade, visto que essas usufruíram das oportunidades de educação, de onde angariaram conhecimentos que propiciaram novos espaços no mercado de trabalho, na política, na escrita, nas artes plásticas, no comércio, na vida artística. Foram mulheres que, de alguma forma, alcançaram espaços incomuns, produzindo singularidades.

A história de vida de Olívia Rufino é marcada pela transformação da atuação feminina em Picos. Uma mulher oriunda de uma família com bases econômicas no trabalho rural foi a única entre os irmãos a ter oportunidade de mudar-se para a cidade em busca da educação formal. Participou de grupos de igreja, viu crescer o sistema educacional na cidade, e desenvolveu, desde a adolescência, a partir de leituras partilhadas com o seu amigo Ozildo Albano, ideais de uma sociedade melhor.

Ao passo que se adiantava nas percepções sobre o mundo, parou no tempo diante da saga feminina do ser esposa, mãe e dona de casa. Olívia Rufino afirma ter parado treze anos, sufocando uma identidade de mulher moderna, revolucionária, pela supremacia do poder que seu marido exercia sobre ela. Na verdade, ela havia sido enquadrada no modelo feminino descrito por Leila Machado Coelho e Marisa Baptista como uma consequência do mundo moderno que responsabilizava as mães pela educação dos filhos, limitando-as ao domínio privado, enquanto os homens se envolviam com o domínio público. Assim, criou-se a fragilidade das mulheres e das crianças, cuja restrição ao espaço do lar era entendida como forma de proteção masculina para com a sua frágil família.¹⁸⁶

Contudo, diante da necessidade financeira, Olívia Rufino teve a chance de sair da vida privada e expandir-se na esfera pública como estudante da escola Normal, como professora, depois como vereadora, secretária municipal de educação, escritora, compositora, e tudo aquilo que o conhecimento lhe permitia.

Olívia foi a primeira vereadora mulher da cidade de Picos. Subir no palanque, discutir os problemas sociais e políticos da cidade não constituíam preocupações e ocupações femininas em um sistema de dominação masculina, que temia o poder feminino. Afinal, “como a política é o centro da decisão e do poder, era considerada o apanágio e o negócio dos homens”.¹⁸⁷ Mas já era possível pensar na ocupação desses espaços, visto que se refere à década de 1970, quando o movimento feminista ganhava certa notoriedade, além de que,

¹⁸⁶ COELHO, Leila Machado; BAPTISTA, Marisa. A história da inserção política da mulher no Brasil: uma trajetória do espaço privado ao público. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 85-99, jun. 2009. p. 87. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519549X2009000100006&lng=pt&nr_m=iso>. Acesso em 4 de junho de 2018.

¹⁸⁷ PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 151.

segundo Maria Lígia Prado e Stella Scatena Franco, as mulheres já atuavam na literatura, educação, artes e política desde o século XIX, sendo essas vozes silenciadas como mecanismo de defesa contra “ideias avançadas” de mulheres “à frente do seu tempo”.¹⁸⁸ As autoras ressaltam que:

Política não se restringe à esfera do Estado e de suas instituições. Ela atravessa os domínios da vida cotidiana e se encontra presente nas relações variadas que se estabelecem entre os indivíduos, incluindo aquelas entre homens e mulheres. Também há políticas nas representações e simbologias elaboradas pelos diversos grupos sociais e nas manifestações (espontâneas ou organizadas) em que até mesmo os sentimentos têm peso importante.¹⁸⁹

Ao aplicar esse conceito nas experiências de vida de Olívia Rufino, percebe-se que suas práticas, representações e escolhas nas diferentes fases vividas são processos políticos. Porém, o fato de assumir um posto político na esfera municipal fez dessa experiência uma singularidade no universo feminino da cidade de Picos naquele momento. Como reconhecimento da importância da educação na abertura dos campos de atuação feminina e masculina no espaço da cidade, Olívia Rufino utilizou-se do poder político para realização de projetos dessa natureza, ampliando para as gerações seguintes o direito à educação.

A cultura escrita também permitiu a Olívia Rufino ingressar no universo da escrita literária que, segundo Teresinha Queiroz, entre o final do século XIX e início do século XX, deixou de ser um espaço exclusivamente masculino, dando lugar para as mulheres. A escrita tornou-se para as mulheres um incentivo pela busca do conhecimento e um veículo de informações dos novos modelos femininos.¹⁹⁰ A presença feminina no mundo da escrita não foi um processo pacífico, pois, na visão masculina, desconfigurava “os papéis atribuídos a cada sexo”.¹⁹¹

Assim como a política era para Olívia Rufino uma forma de expor e praticar suas convicções sobre o mundo, a escrita também foi, e continua sendo, uma maneira de levar a público sentimentos, conhecimento e ideias que não cabem dentro de si, afinal:

É nos textos literários que se constrói a personalidade. É neles que cada um aprende a simbolizar as suas vivências, as suas emoções e as suas paixões, os seus prazeres, as suas angústias e os seus desejos. Neles descobrimos todo o

¹⁸⁸ PRADO, Maria Lígia; FRANCO, Stella Scatena. Participação feminina no debate público Brasileiro. In: In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 194-195.

¹⁸⁹ PRADO; FRANCO, 2013, p. 195.

¹⁹⁰ QUEIROZ, Teresinha. Amélia Bevilacqua e a escrita feminina no Brasil. In: BORRALHO, José Henrique de Paula; GALVES, Marcelo Creche; BEZERRA, Nelson Rosa (Org.) *Pontos, contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista*. São Luís: Café & Lápis/Editora UEMA, 2011. p. 203-218.

¹⁹¹ QUEIROZ, 2011, p. 204.

desconhecido dos outros. A literatura é, portanto, o lugar privilegiado onde se operam, indissociavelmente, subjetivização e a socialização. O jogo entre realidade, imaginário e linguagem permite desentranhar os modelos sócio-individuais de identidade e em particular, os da identidade de sexo e da diferença sexual.¹⁹²

Embora afirme que não conhecia o movimento feminista durante as décadas aqui estudadas, e que não sofreu nenhuma influência dessas ideias, Olívia Rufino vivenciou experiências angariadas pelas conquistas feministas, como o acesso a um cargo político, um lugar na Academia de Letras na cidade de Picos, como esposa e mãe que trabalha fora do lar.

Partilhando de uma história semelhante de participação na vida política da cidade, e até mesmo do Estado do Piauí, Oneide Rocha descreve a construção de uma conscientização política a partir do contato com grupos da Igreja Católica que discutiam e praticavam a teologia da libertação.¹⁹³ Como já apontado, Oneide Rocha vem de uma formação em contato com a religião, estudando inclusive em colégio interno de freiras na cidade de Crato, no Ceará. Em Picos, participou de grupo de jovens no final da década de 1960, chamado Movimento Juvenil Cristão (MJC), que também difundia a teologia da libertação, e colocavam em pauta os problemas sociais, bem como os problemas políticos do Brasil que vivia sob o Regime Militar, embora admitisse que, nessa época, era influenciada politicamente pelas escolhas de partidos políticos da família, que eram, sobretudo, pautadas na fidelidade e amizade com os candidatos.

Oneide Rocha viu nascer o Partido dos Trabalhadores (PT) em 1980:

Foi criado no dia 10 de fevereiro de 1980 o Partido dos Trabalhadores, que nasceu a partir das lutas dos sindicalistas do ABC Paulista e dos intelectuais tanto religiosos quanto civis. Na época logo aqui no Piauí o Partido dos Trabalhadores foi lançado. Eu já votei no primeiro candidato a governador do Piauí que foi Ribamar Rodrigues que era um trabalhador e aqui na região nós tivemos pra deputado estadual que era Joaquim Pedro Francisco Santos, lavrador, e aí foi fundado o partido de Picos mas eu não era filiada só me filiei em março de 1990. Eu tenho 26 anos de filiação e aí nós lançamos o primeiro candidato a prefeito de Picos Zé Aécio, que teve 500 votos para prefeito pelo PT. Depois teve Gerardo Dantas. Em 1996, eu já tinha essa consciência que o partido político era um instrumento de transformação e o PT tinha uma proposta de um novo projeto, de um projeto a partir dos

¹⁹² MARINI, Marcelle. O lugar das mulheres na produção cultural: o exemplo da França. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1995. p. 371.

¹⁹³ É um movimento da Igreja Católica, que rompe com os conceitos tradicionais da instituição, trazendo para seu discurso os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade inspirados na Revolução Francesa. É fundamentada por um corpo de textos que foram produzidos em 1970, mas tem sua força maior na divulgação via povo que acredita que a sua fé e sua luta podem justificar a sua existência. Esse movimento é também uma crítica ao sistema capitalista, que acreditam ser uma idolatria ao dinheiro. Cf.: NORONHA, Cejana Uiara Assis. Teologia da libertação: origem e desenvolvimento. *Revista Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 185-191, abr/jun. 2012.

trabalhadores, um projeto participativo de um partido que não tinha dono, de discussão de democracia e também, por outro lado, eu tinha uma consciência cristã, que como cristã mesmo eu precisava participar, mas eu nunca pensei em ser candidata, nunca! Candidatura pra mim não estava nos meus planos, meus projeto, mais quando foi 1996, eu fui candidata... Eu fui convidada pra ser a prefeita.¹⁹⁴

Nessa narração da trajetória e constituição de consciência e prática política, Oneide Rocha comprova que havia uma participação dos jovens, orientados pela Igreja Católica, que tinha uma forte influência sobre a população picoense, identificando sua ideologia com a proposta do Partido dos Trabalhadores (PT), pois, de acordo com Cláudio Vasconcelos:

O PT foi gestado dentro dos próprios movimentos sociais. Dentre eles, sindicatos de metalúrgicos do ABC paulista, a Conferência das Classes Trabalhadoras – CONCLAT, parte da Igreja Católica (constituída por integrantes das Comunidades Eclesiais de Base –CEBs, da Pastoral Operária e da Comissão Pastoral da Terra – CPT: ligados à Teoria da Libertação), sindicato dos bancários e de petroleiros, além de intelectuais, integrantes do MDB e de grupos da esquerda organizada de orientação *trotskistas*, como por exemplo, a Convergência Socialista.¹⁹⁵

Nesse trecho, é possível identificar que, uma vez participando ativamente dos grupos da Igreja Católica, Oneide Rocha participava das discussões políticas da época, sendo ela uma sucessora temporal de Olívia Rufino, o que evidencia a participação feminina nesses debates. Contudo, representa singularmente na sociedade picoense uma mulher que foi candidata a prefeita por várias vezes, a deputada estadual, chegando à primeira suplência em dois mandatos, e líder do Partido dos Trabalhadores em Picos. Em duas campanhas para prefeita, Oneide Rocha chegou perto de conquistar o cargo, o que mostra que a sociedade picoense já conseguia enxergá-la enquanto mulher e uma cidadã digna e capaz de assumir a administração da cidade.

Essa politização feminina deve-se à expansão dos direitos femininos de participação da vida pública, que conforme Mariette Sineau:

Politicamente, a maior parte das mulheres ocidentais desenvolveu com o decorrer do tempo um sentido cívico – se não um interesse político – tão afirmado como o dos homens. Em certos países, como os Estados Unidos ou a Suécia, são mesmo as mulheres que em maior número participam das eleições. A evolução do seu voto não foi menos importante: uma tomada de consciência geral das desigualdades que as atingem conduzia-as a abandonar cada vez mais os partidos conservadores em proveito de forças políticas mais atuantes sobre o que poderia ser uma nova definição dos papéis entre os sexos.¹⁹⁶

¹⁹⁴ ROCHA, 2017.

¹⁹⁵ VASCONCELOS, Cláudio. *PT Piauí 1980-2006: trajetória e mudança na estrutura organizacional*. Teresina: EDUFPI, 2014. p. 90.

¹⁹⁶ SINEAL, Mariette. *Direito e democracia*. In: *História das mulheres no Ocidente*. P. 566.

Não só na política havia a limitação da participação feminina. Naza MacFarren também ocupou um lugar incomum para mulheres picoenses, ainda nas décadas de 1970 e 1980, quando se lançou como artista plástica. Ao observar a história das mulheres no mundo das artes no Brasil, tem-se, ainda que limitada, a abertura do Liceu de Artes e Ofícios no Rio de Janeiro para o público feminino em 1881, sendo que esse havia sido inaugurado para o público masculino em 1857.¹⁹⁷ Era uma realidade distante de uma jovem piauiense, e representava uma profissão pouco reconhecida e sem perspectiva de crescimento financeiro para mulheres. Segundo Michelle Perrot no século XIX:

A vida cotidiana das mulheres pintoras não era fácil. O ateliê é um mundo de homens, no qual elas só são admitidas como modelos. Como não dispõem de meios para ter um ateliê, pintam num canto de seu apartamento e não tem dinheiro para comprar os materiais necessários. E não era simples montar seu cavalete em local público. Para fazê-lo, e ter o direito de usar calças compridas, Rosa Bonheur teve que solicitar a autorização do chefe de polícia; suas telas imensas representando animais, são um desafio aos cânones da arte no feminino. [...] Essa situação não favorecia nem a criação nem o reconhecimento necessário à venda das telas.¹⁹⁸

Somente em 1975, ainda na ditadura militar, foi fundada a FUNARTE que englobou o Instituto Nacional de Artes Plásticas, e a partir daí as mulheres artistas começaram a ganhar visibilidade. Contudo, Naza MacFarren só ganhou grande notoriedade ao mudar-se para os Estados Unidos, quando se casou com um norte-americano. Acostumada com a independência financeira que gozava no Brasil, quando foi efetivada em empregos federais por meio de concursos, buscou divulgar o seu trabalho, e logo chamou atenção e ganhou valorização em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil:

Eu sempre fui artista plástica, já que eu comecei com os 18 anos, e lá nos Estados Unidos, onde eu chegava eu dizia: 'sou artista plástica'. Chegava na cidade como a esposa de capitão Macfarren, mas quando já *tava* a poucos dias na cidade, eu já era a artista plástica e ele era o marido da Naza. Então eu sempre atacava a imprensa, visitava as galerias, achava lugar *pra* expor, participava de competições, ganhava prêmios, então eu fazia muitos contatos, rede de contatos na cidade é... Como se diz... Quando tem um mapa na parede e você põe aqueles *pinosinho* nos lugares certos, a gente chama de *pin point*, eu não sei como é a palavra em português. Eu marcava logo e descobria quais eram as pessoas da cidade mais potenciais pra mandar fazer o retrato entendeu. Mas eram as pessoas da cidade que tinha o poder de me botar na mídia. Então, eu já [sabia] quem eram as pessoas de cada jornal, já começava [a fazer] os contatos. Então no Panamá, eu pinteí todos, quem é quem, inclusive os Noriega, a família Noriega.¹⁹⁹

¹⁹⁷LEAL, 2012, p. 2.

¹⁹⁸PERROT, 2007, p. 103.

¹⁹⁹MACFARREN, 2017.

Por ser artista, Naza é reconhecida até hoje. Apesar dos altos e baixos de sua carreira, principalmente após seu divórcio, ela conseguiu construir sua imagem de artista e um legado que antes era comum aos homens, que dominavam o mundo artístico até o início do século XX. Essa é outra característica que a liga ao movimento feminista, entre outras bandeiras que levantou durante sua adolescência e início da vida adulta. A sua valorização enquanto artista e a busca de um espaço nesse universo coincidem com as investidas desse movimento.

Embora não tenha feito da arte profissão como Naza, Mundica Fontes também desenvolveu esse espírito artístico como um lazer. Expressa em telas o amor pela natureza que moveu sua carreira como professora e bióloga:

Eu sempre gostei assim, de desenhar, de rabiscar, porque pobre na infância fazia aqueles rabiscos, e o pessoal admirava meus trabalhos e eu sempre gostei. Agora, como não tinha muito material na época, eu usava lápis de cor, lápis de cera... Sempre gostei das artes, é uma coisa que é dentro de mim mesmo aquela vontade que vinha da imaginação, coisas com criatividade, aí eu começava a rabiscar, começava a fazer desenhos, entendeu? Sempre gostei. Agora eu não fiz foi profissionalizar, de pesquisar materiais, de ser artista pra ganhar com essa profissão, porque como eu ingressei no magistério, e eu me identificava demais, então eu me identifiquei muito com o magistério e no magistério, eu criei grupos e acompanhei. Tinha uns grupos culturais, tinha até o menino José Brito, que ele se transformou num grande pintor que também é falecido, faleceu de acidente, chamavam ele de Jota Brito, ele era meu aluno. Davi Loiola foi meu aluno. Quer dizer, eles tinham dom e cultura. Eles já tinham o dom, mas eu incentivava muito, aí criei grupos assim de trabalhar com cultura... Com pessoal de jornal, poeta. Então eu criei esses grupos culturais dentro do magistério que eu me relacionava muito bem com eles, e não sentia falta assim de trabalhar como artista. Então por isso que eu não comecei a viver da arte, também não dava dinheiro então eu tinha que ter meu emprego como professora. Aí fui levando. Eu pintava lá com uns amigos, aí vinha um poeta, aí fazia um desenho. Eraldo Santos, foi o primeiro livro que illustrei, de Eraldo Santos. Aí por aí foi. Aí já illustrei vários livros de escritores e tudo e ainda hoje eu pinto, faço minhas telas, mas eu pinto mais assim pros amigos, os conhecidos, a família. Uma exposição que eu fiz eram meus amigos, eles fizeram essa exposição pra mim, montaram toda a estrutura, eu só fiz os quadros, pinte e eles montaram toda estrutura.²⁰⁰

Apesar da paixão pelas artes, Mundica fixou-se naquela profissão que lhe garantia sua autonomia financeira que era o magistério. Vale salientar que a arte é uma paixão e um talento que ela desenvolveu na infância, mas a falta de incentivo para essa vocação e a valorização do trabalho como professora para as mulheres marcaram-na como um ponto de ruptura e continuidade nas práticas femininas.

Gracinha Formiga também tem uma relação com a arte semelhante a Mundica, incentivada à formação para o magistério, desenvolveu desde antes do casamento a função de

²⁰⁰ MOURA, 2017.

professora. Mas, desde a sua adolescência, confeccionava artesanatos como crochê e outros artefatos que eram inclusive considerados como prendas femininas. Ao aposentar-se, dedicou-se ao artesanato, incluindo as artes plásticas como a confecção de telas e artefatos de decoração, caracterizando-se hoje como decoradora.²⁰¹

Ao falarmos de meio artístico, podemos incluir a música enquanto uma atividade que dependia de um talento, dedicação e implicava a exposição da imagem que, ainda na década de 1960 e 1970, não era bem vista para mulheres por muitos. Nesse aspecto, Maria José Lavor relembra:

Quando eu cheguei de São Paulo, que eu ainda tive um ano... Que eu fiz o primeiro programa de rádio, era eu e *Barradinha*. No programa, eu tocava violão, tocava sanfona, eu me divertia. Eu fazia o programa me divertindo, e era um dos programas que tinha maior audiência. Era na rádio *Luar do Sertão*. O nome do programa: 'Só para Brotos'. Quem trouxe os Beatles pra Picos? Eu! Beatles tocava direto, naquele tempo, naquela influência, eu cheguei de São Paulo, naquela influência, logo depois *Barradinha* chegou atrás. *Barradinha* era mais da AABB e tudo, eu era mais da rádio, de tocar sanfona no colégio, violão e tudo. Tinha a minha turma que era boa. Quando eu comecei a namorar com meu ex-marido, eu me afastei de tudo, porque o ciúme era grande. Grande, grande mesmo. Mas a minha adolescência tinha essa parte que foi boa, o resto não.²⁰²

Assim como Maria José Lavor, Olívia Rufino e Gracinha Formiga também manuseavam sanfonas. Olívia Rufino inclusive participou de um grupo de seresta, e apresentava-se em sociabilidades de jovens expondo os seus talentos. Segundo Marini, no século XX as mulheres têm importante participação, sem precedentes na vida cultural, fruto das lutas feministas travadas no final do século XVIII, do desenvolvimento de técnicas e de público para a difusão das obras de arte, e da valorização salarial que as novas estruturas da vida cultural proporcionam a partir dos anos 1950, uma vez que nesse momento as mulheres já buscam visibilidade e autonomia financeira.²⁰³

Perrot, ao tratar da limitação dos espaços de atuação e da desvalorização feminina, destaca que: “Escrever, pensar, pintar, esculpir, compor música... Nada disso existe para essas imitadoras. Até a costura ou a cozinha, práticas costumeiras das mulheres, precisam tornar-se masculinas para serem ‘alta’ (a alta costura) ou ‘grande’ (a grande cozinha)”.²⁰⁴ O uso privado da arte, da escrita, da música representava uma boa educação, mas a visibilidade pública já significava transgressão.²⁰⁵ Embora essa análise remeta ao século XIX, é possível identificar

²⁰¹ SINVAL, 2017.

²⁰² NERY, Maria José Lavor. *Depoimento concedido à Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

²⁰³ MARINI, 1995, p. 351.

²⁰⁴ PERROT, 2007, p. 97.

²⁰⁵ PERROT, 2007, p. 101.

continuidades dessas concepções na sociedade picoense e o momento em que elas se transformavam, a partir da atuação das entrevistadas na vida sócio-cultural da cidade, constituindo singularidades.

Essas seis mulheres se destacaram de alguma maneira das demais na sociedade picoense, marcando transformações nos modelos de feminilidade que normatizavam os comportamentos femininos, não se restringindo na atuação de algumas práticas que as tornavam visíveis na vida pública, como é o caso da política, das artes plásticas, da música, da escrita. Essas mulheres são a prova de que, apesar das continuidades, marcaram uma geração de rupturas com modelos mais estáticos do ser mulher e sentiram a transformação das condições históricas que constituíam as mulheres picoenses, acompanhando, mesmo que involuntariamente, as conquistas do movimento feminista.

4 NAMORO, CASAMENTO E MATERNIDADE

Faça uma lista de grandes amigos
 Quem você mais via há dez anos atrás
 Quantos você ainda vê todo dia
 Quantos você já não encontra mais
 Faça uma lista dos sonhos que tinha
 Quantos você desistiu de sonhar!
 Quantos amores jurados pra sempre
 Quantos você conseguiu preservar...
 Onde você ainda se reconhece
 Na foto passada ou no espelho de agora?
 Hoje é do jeito que achou que seria
 Quantos amigos você jogou fora?
 Quantos mistérios que você sondava
 Quantos você conseguiu entender?
 Quantos segredos que você guardava
 Hoje são bobos ninguém quer saber?
 Quantas mentiras você condenava?
 Quantas você teve que cometer?
 Quantos defeitos sanados com o tempo?
 Eram o melhor que havia em você?
 Quantas canções que você não cantava
 Hoje assovia pra sobreviver?
 Quantas pessoas que você amava
 Hoje acredita que amam você?
 (A *lista*. Oswaldo Montenegro)

A canção acima, melancólica e reflexiva, é uma ponte de acesso às lembranças de Mundica Fontes sobre sua adolescência: “Meus amigos de adolescência ainda hoje são, continua aquela amizade maravilhosa. Uns já morreram, a gente tem saudade. Aquela música maravilhosa, *a lista*, retrata toda a nossa história!”.²⁰⁶ Os versos acima revelam uma sintonia entre passado e presente, despertando um processo de re-presentificação, termo usado por Catroga para explicar a continuidade da memória, que não se restringe à materialidade, mas à evocação de experiências individuais e grupais que se unificam na memória.²⁰⁷

E é tratando de sonhos, amores, e da constituição do próprio eu, que nos apropriamos do sentido dessa melodia, pois buscamos nos relatos de memória das sete mulheres

²⁰⁶ MOURA, Raimunda. *Depoimento concedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

²⁰⁷ CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto Editora, 2001. p. 23.

entrevistadas aquilo que elas entendem que as fizeram o que são hoje, fragmentos de suas experiências que julgam como constituintes de sua história.

Neste capítulo, a história de vida dessas mulheres é narrada com a finalidade de entender as suas construções culturais a partir das relações de gênero. Foi possível observar que a educação desde a infância e as oportunidades de atuação no mercado de trabalho, que foram analisadas no capítulo anterior, foram fatores decisivos para as transformações e as continuidades das regras de comportamentos femininos na vida social da cidade e na construção das relações afetivas, que são fatores importantes para a construção das identidades femininas em estudo.

Faremos, portanto, análises dos relatos de memórias dessas mulheres no que concerne a maneiras de se relacionarem e participarem da vida social da cidade, considerando que são elementos que constituem suas identidades. Com base nas entrevistas e em matérias de jornais, realiza-se a discussão sobre as relações afetivas que culminam, ou não, no casamento, uma instituição que justificava e purificava as práticas sexuais, afirmava a heterossexualidade, e valorizava a família como finalidade para as jovens. Entre os aspectos estudados aqui, são propostas respostas para as seguintes questões: Qual a percepção que as mulheres tinham do casamento? O que levava algumas mulheres a não casarem? O casamento atingiu as expectativas dessas mulheres? Como era a participação na economia da família? Como era representada a ideia de amor e fidelidade por essas mulheres? Quais artimanhas ou cuidados com o corpo faziam parte da rotina dessas mulheres e sua relação com o casamento?

Considerando que o casamento no período, em termos normativos, tem como consequência a maternidade e pensando nessa como uma característica atribuída à mulher como algo natural, que afirma sua feminilidade, é feita uma discussão sobre maternidade e a ideia do amor materno a partir dos relatos das mulheres que vivenciaram ou não a maternidade. São discutidas, também, as práticas e as representações do ser mãe e das funções maternas e paternas associadas à educação dos filhos e com o desenvolvimento de outras práticas econômicas. Assim, é possível identificar a diferença entre os modelos de duas gerações: a primeira geração dessas mulheres enquanto filhas, e a segunda enquanto mães, observando as permanências de algumas práticas e concepções.

Desde a infância, as mulheres eram orientadas a desenvolver feminilidades que incluíam, além de atividades atribuídas ao sexo, maneiras de se comportar e cuidar do corpo. Essas orientações eram destinadas à construção de uma conduta e moral necessárias para as moças de família. Daí, essas mulheres se apropriarem, ou pelo menos deveriam se apropriar,

das representações das normatizações femininas, do que é certo ou errado, proibido e permitido, pecado ou verdade, e construía suas práticas com base nessas representações.

4.1 Orientações para as moças

Na juventude das entrevistadas, as orientações, embora fossem direcionadas ao estudo e a uma expectativa de liberdade profissional, também estavam presas à construção de mulheres que seriam mães, esposas, dona de um lar; mulheres que deveriam zelar pelo seu nome e o nome da família.

A distinção de gênero também era algo repassado para essas mulheres, de forma que elas absorvessem os definidos papéis masculinos e femininos e se adequassem às diferenças. A sexualidade feminina era uma das grandes preocupações e motivações para a manutenção de regras. A virgindade e a pureza era o trunfo que toda moça devia zelar, de modo que suas atitudes ou comportamentos poderiam por em risco o seu nome. Contudo, nem sempre essas representações eram incorporadas, manifestando-se nas práticas das jovens. Sobre as orientações de comportamento e mais propriamente sobre os usos do corpo e da sexualidade, Olívia Rufino afirma que:

Minha filha, era um tabu tão grande que ninguém podia falar. Quando eu fui casar, pra você ter uma ideia, aqui em Picos tinha uma parteira de Teresina, chamada Maurília Melão. Eu me lembro que eu fui escondida na casa dela, pedir a ela uma orientação. Ela me deu um livro, que eu levei para casa enrolado numa toalha, e trancada para ler, pra eu ver alguma coisa a respeito. Não tinha orientação nenhuma, e era proibido. Se eu dissesse um palavrão, eu ia sofrer as consequências. Ninguém... Em casa mesmo, ave Maria, ninguém falava nisso. Eu era completamente ignorante, toda mocinha. E os homens também. Eu acho que eles se entendiam entre eles e resolviam alguma coisa. Porque nós mesmas, mulheres, sexo era tabu.²⁰⁸

A orientação era não orientar, silenciar. Acreditava-se que aquilo que não poderia ser sequer falado, não poderia ser vivido, pelo menos não fora do seu tempo e de suas finalidades. Mundica Fontes descreve minuciosamente as regras para o comportamento feminino, não só relacionado à sexualidade:

Tinha orientação. A gente era orientado desde o catecismo, quando a gente fazia o catecismo que era criança, aí depois, nos grupos de jovens. Eu participei de vários grupos de jovens... Eles orientavam, né! Padre Alfredo, e tinha padre Davi naquela época, padre Madeira. A gente recebia também orientação de casa: como se comportar, como se sentar, para não dar gargalhadas altas. Uma moça que desse gargalhadas altas era mal-educada,

²⁰⁸RUFINO, Olívia. *Depoimento cedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

as moças não podiam gargalhar de toda altura, não podiam sair nas ruas gritando... Era um comportamento bem assim, ensinado, mas a mulher deveria ser mais recatada nesse sentido aí de extravasar né. A gente ria no cinema, mas no meio da rua tinha que ser um bom comportamento e uma boa conduta. E também tinha os grupos religiosos que orientavam, tinham na aula de religião, que a gente tinha educação moral e cívica, aí também era com o Padre Madeira, na época, e eles davam todo esse civismo, essa maneira de se comportar na sociedade e tinha muita gente que era oprimida.²⁰⁹

É importante ressaltar que a memória de Mundica Fontes é uma alusão a um passado vivido por ela, mas é possível identificar em sua lembrança uma interpretação do presente. Afinal, segundo Ecléa Bosi, em entrevista para Mozahir Bruki:

O passado reconstruído não é um refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar. Então, a memória deixa de ter aqui um caráter de restauração do passado e passa a ser a memória geradora do futuro: memória social, memória histórica e coletiva. Nós pesquisadores que recolhemos o passado sabemos que ele é um dos mais difíceis e misteriosos dos conceitos. O passado não é uma sucessão de fatos ou camadas que se vai escavando. A memória desconhece a ordem cronológica.²¹⁰

Tendo em vista essa relação entre memória e tempo, e a reprodução das significações absorvidas por Mundica Fontes nesses grupos religiosos, é provável que a intenção da igreja fosse fazer com que seus fiéis respeitassem o seu poder e aceitassem os papéis de submissão, no que diz respeito aos comportamentos femininos. Oneide Rocha, por exemplo, consegue identificar de onde partiam os discursos normativos:

Dependia da família, da escola, da Igreja, e também eram as convenções sociais da época, inventa... O jeito cultural e social da convivência da época. Homem podia tudo, para mulher era a ordem de casar virgem. Os homens tinham suas aventuras, mas principalmente tinha o baixo meretrício, tinha os cabarés, chamado né?! Mulher, realmente, essa coisa de relações sexuais só depois de casada mesmo. E quem se aventurava a ficar grávida antes de casar, o preconceito era muito grande, e a discriminação era muito grande, a moça que tinha coragem de engravidar e ter seu filho, não abortar as escondidas, era muito discriminada e até o menino. A criança que nascia era filho de rapariga, filho de mãe solteira.²¹¹

As regras eram claras e todas circulavam em defesa da virgindade feminina, afastando-as de tudo aquilo que representava um perigo para sua honra. Nesse sentido, Maria Goreth de Sousa Varão afirma que:

Durante muito tempo falar em sexo era proibido, pois era sempre associado à coisa feia, imoralidade e pecado, motivo pelo qual a mulher deveria se

²⁰⁹MOURA, 2017.

²¹⁰ BRUKI, Mozahir Salomão. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. *Revista Dispositiva*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 196-199, nov. 2012/ abr. 2013. p. 198.

²¹¹ROCHA, Maria Oneide. *Depoimento concedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

manter pura até o casamento, pois sua castidade tinha de ser ‘provada’ ao homem com quem se casasse, já que a virgindade sempre foi muito valorizada nos meios culturais, religiosos, principalmente no que diz respeito a sua preservação antes do casamento.²¹²

A autora retrata o que seria a situação sexual da mulher, a partir das representações veiculadas em entrevistas que foram feitas com pessoas de famílias tradicionais, religiosas, que viveram em Picos no período aqui estudado. Carla Pinsky, a respeito do mesmo período, acentua:

De fato, a sexualidade feminina, as funções biológicas e as secreções a elas ligadas costumavam ser matéria-prima para definir as imagens de mulher mais marcantes e recorrentes. E estas vinham aos pares – a ‘casta’ e a ‘impura’, a ‘santa’ e a ‘pecadora’, ‘Maria’ e ‘Eva’. [...] A distinção dos tempos coloniais antepondo a ‘puta’ à ‘santa mãezinha’ abnegada e pura permanecia como referência. A necessidade de garantir a virgindade das ‘moças de bem’ até o casamento e distinguir as ‘mulheres honestas das que sucumbem aos ‘pecados da carne’ também atravessou os séculos. O hímen continuava a ser o capital precioso das jovens, já que comprometia diretamente aos parentes próximos. As mulheres deveriam ser vigiadas e seu sexo protegido dos sedutores, dos estupradores... E, às vezes, de si mesmas.²¹³

Assim, a autora descreve bem a representação que se tinha em torno da virgindade feminina e aponta os termos utilizados para designar a mulher que não seguisse essa normatização corporal, sempre relacionados ao pecado e aos simbolismos religiosos, que garantem a manutenção de valores que inferiorizam as mulheres que se deixavam levar pelos desejos. Até mesmo a morte humana é posta como culpa da mulher, relacionada à prática sexual, pois, segundo o discurso bíblico, Eva influenciou Adão a comer o fruto proibido, que seria o pecado da carne. O fato é que nesse período, em Picos, o modelo de “moças de família” e a valorização da virgindade eram acentuadamente presente na sociedade.

Naza McFarren confirma ter recebido orientações assim como as demais, mas relata que algumas vezes infringia essas normatizações por aventura e sem intenções de fazer uso da sua sexualidade. No entanto, suas atitudes não eram bem vistas pela sociedade, o que poderia colocar em risco a sua honra:

Uma vez só eu peguei carona de um namorado entre a Praça do Banco do Brasil e aquela outra praça aqui, ou seja, só foi aquele pedacinho de rua ali, que era o máximo entrar num carro. Meu Deus do céu, entendeu? E só foi isso, e minha tia brigou, reclamou, porque eu tava morando na casa de minha tia, eu não tava morando ainda com maninha aqui, tava morando com minha

²¹²VARÃO, Maria Goreth de Sousa. *Picos: histórias que as famílias contam*. Teresina: EDUFPI, 2007. p. 65.

²¹³PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Maria Joana (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013a. p. 471.

tia. Ela ficou... Disse que pegava muito mal, que uma moça decente de família não podia fazer isso, entrar num carro com homem o que é que as pessoas vão dizer... Aí nunca mais eu entrei num carro. Agora quando eu estava no 4º ano aqui saindo, eu tava muito apaixonada por esse rapaz do batalhão e eu me lembro que fui uma vez com ele no carro. Quando as pessoas viam que o carro ia no rumo do morro, era má notícia. Era porque as pessoas iam transar escondido, coisa assim, não tinha motel nem nada, né, mas eu tive coragem de ir passear com ele no carro sem me preocupar com o que os outros iam dizer. Não transei com ele, nem nada, mas depois ele... Eu tive aquela audácia, entendeu? E quem viu foram minhas amigas. Eu passei em frente da casa de uma delas e eu mesma disse ‘oi’, entendeu? Pra demonstrar que eu não estava me escondendo. E depois falei com elas, e elas disseram: ‘Eita... O que aconteceu?’. E eu disse: ‘Nada’. Fomos, ele me respeitou. Naquela época era muito importante os valores, eu tinha aqueles valores de manter virgem, eu tinha isso também!²¹⁴

A admiração das próprias amigas de Naza permite perceber o quão enraizado estavam os padrões de certo ou errado entre as mulheres em Picos e de sua relação com o espaço. Elas também eram reprodutoras dessas normas. Nessa memória, observa-se um comportamento que é significado no tempo presente como incomum ou impróprio naquele momento, mas com uma tentativa de justificativa, como negação dessa significação negativa. É, mais uma vez, uma análise contemporânea do passado.

Os comportamentos femininos determinavam, ou pelo menos deveriam determinar, a reputação e o futuro conjugal dessas moças. Aquelas que agiam em desacordo com as normas ou de forma mais liberal, pondo dúvidas sobre a sua pureza, dificilmente despertariam interesse de compromisso em algum rapaz. Nesse aspecto, Varão descreve a realidade feminina no contexto local de Picos:

Havia muitas regras, muitas exigências por parte das famílias e de toda a sociedade da época. Intimidades antes do casamento jamais poderiam acontecer. Se uma moça ficasse grávida, o pai a expulsava de casa, deserdava, e esta ficava mal falada. Para as moças, pegar na mão do namorado já era muita coisa. Quando alguém pensava em fazer alguma ‘coisa errada’, pensava duas vezes antes, pois temia a reação da sociedade e até mesmo a expulsão da família.²¹⁵

Os homens valorizavam as barreiras postas pelas jovens para uma relação sexual antes do casamento. Isso não significa dizer que eles se mantivessem puros, pois, ao contrário das mulheres, a honra masculina estava ligada ao exercício da sua sexualidade, que provava sua macheza. Para suprir as necessidades masculinas, existiam as prostitutas. Essas eram geralmente oriundas de famílias muito pobres e viam no comércio do corpo uma opção de

²¹⁴MCFARREN, Maria Nazaré Maia Rufino. *Depoimento concedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

²¹⁵VARÃO, 2007, p. 62.

trabalho para sobrevivência. Em alguns casos, eram jovens que se envolveram amorosamente e perderam a virgindade, acreditando no casamento futuro, coisa que, na maioria das vezes, não acontecia, pois o fato de terem se entregado já as tornava indignas do papel de esposa. Assim, elas eram excluídas da sociedade e da família, recorrendo aos ambientes de prostituição. Sobre essas necessidades masculinas, Naza revela um fato interessante:

Eu me lembro que eu tive um namorado que era tenente do batalhão. Ele disse pra mim que as meninas tinham vindo de Natal com o batalhão, que eles tinham trazido. Isso aqui é bem perigoso de eu dizer, mas realmente foi o que ele me disse, e essas meninas, que eles mesmos tinham trazido, era pra eles se desafogarem, que eram as meninas que transavam, entendeu? As pessoas aqui não respeitavam muito elas, eram assim consideradas de má reputação. Vieram de Natal e trabalhavam no batalhão. Mas eu acho que deve ter tido no meio disso muita gente injustiçada, muita gente que não era nada disso e entrou no rolo.²¹⁶

Nessa memória, Naza deixa clara a liberdade masculina em relação ao exercício sexual e o preconceito e exclusão social das mulheres que também tinham essa liberdade, afinal, “mulher é assunto”²¹⁷ que todos falam, ditam regras e criam representações sobre elas. Alguns casos de moças que tinham sua honra ferida, que engravidaram solteiras, foram mencionados pelas demais entrevistadas. Os nomes não foram citados, mas essas experiências foram descritas com sensibilidade e cautela. Gracinha Muniz descreve um desses casos:

Teve uma amiga minha que engravidou de uma pessoa... Que a gente brincava tanto... Convivia também na praça, e quando ela engravidou, ela ficou presa pelos pais, né... E eu lembro que quando a gente vinha da escola, vinha do ginásio, tinha o cuidado, porque ela, com os anos depois que ela teve o bebê, o pai dela deixava ela ficar assim na janela, por dentro da janela sentada. Quando nós passávamos na rua, ela tava na janela e eu dizia pra Socorro, minha irmã: ‘Não olhe pra lá, não, porque pode ela falar com a gente e fica chato’, porque se minha avó visse... E era até próximo do Picos Hotel na época. Aí a gente tinha que passar inventando uma conversa pra se virar pra esta amiga da gente nem sequer falar com a gente. Aquilo era a morte. E tinha algumas moças que mamãe recomendava que não era muito bom eu andar, porque sempre existe, né? Só que não faziam nem a metade do que os netos da gente faz hoje, do que os filhos fizeram...²¹⁸

Nota-se quão rígida era a exclusão social para aquelas que tinham relações sexuais antes do casamento. As demais mulheres sentiam medo, como se a má reputação fosse contagiosa. Um ditado popular muito citado na região, era: “Dize-me com quem tu andas, que eu te direi quem és”. Daí as distinções dos espaços sociais e mercado de trabalho. Tudo era pensado como forma de proteção da honra das moças de família, como se o contato com

²¹⁶MCFARREN, 2017.

²¹⁷PINSKY, 2013a, p. 470.

²¹⁸ARAÚJO, Maria das Graças Muniz de Carvalho. *Depoimento cedido à Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2016.

mulheres mais liberais pudesse corrompê-las, e mais que isso, o simples fato de se relacionarem com mulheres faladas as tornaria iguais, mesmo sem praticar comportamentos malvistos.

A virgindade era o que a mulher tinha de mais valioso e, por isso, deveria guardá-la para o casamento. Segundo Joana Maria Pedro, até meados da década de 1970, o prazer e a sexualidade feminina eram assuntos indiscutíveis. Mulheres casadas não deveriam conhecer o orgasmo, e o prazer e desejo sexual eram vistos como anormalidades.

Somente na década de 1960, mulheres norte-americanas se reuniram em grupos para discutirem sobre corpo e sexualidade.²¹⁹ Sobre esse aspecto, Gracinha Muniz aborda o tabu que envolvia assuntos sexuais entre as mulheres, principalmente no sentido de orientação dos pais para com as filhas. Contudo, revela que entre as moças havia questionamentos sobre o assunto:

A gente quando fica mocinha, a gente não tem jeito, né? Que eu lembro que as primeiras figuras de sexo que eu vi, eu tava no ginásio e eu tinha uma amiga minha, ela era até ali do junco. Ela era mais traquina, e eu lembro demais dela ter levado aquelas revistinhas... Poses de sexo, e a gente ia ver lá atrás do ginásio, mas isso era escondida, assim pra ninguém ver, mas eu já tinha o que? Meus 16 anos. Já bem na segunda série, terceira série... E as leituras também que mamãe proibia muito era as revistas capricho, tá entendendo? Revistas de fotonovelas. Ali eu lia, mas era escondido de mamãe... Dos meus pais... Mas lia muito escondida. Revista de amor, tá entendendo? Eu botava dentro de um livro, no caderno e lia.²²⁰

É possível observar que a proibição e a falta de discussão não garantiam, efetivamente, a inocência feminina. Claro que qualquer mínimo conhecimento que elas adquirissem sobre o assunto não mudaria a concepção da “obrigação” da manutenção da virgindade. Mas, talvez, mudasse a forma de ver o ato sexual como exclusividade do prazer masculino e para a procriação, atentando-as para o próprio desejo e prazer que poderiam encontrar na vida sexual. Em raras exceções, essas leituras ou acessos à informações sobre as possibilidades femininas transformaram radicalmente a forma de pensar dessas jovens. Naza foi uma das que pôs em prática as ideias de liberdade feminina com que teve contato na época, como relata ao ser questionada sobre o contato que teve com essas ideias de liberdade sexual:

No último ano do ginásio, só que não foi pra pôr em prática na minha vida, foi quando começou a se formar em mim essa ideia diferente do que era ser uma mulher, do que era ser uma adulta. Mas foi na fase em Teresina, eu passei um ano ou foi dois morando em Fortaleza com minha tia, estudando lá, mas quando eu fui para Teresina, que eu comecei a trabalhar, foi que

²¹⁹PEDRO, Joana Maria. Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 238.

²²⁰ARAÚJO, 2016.

minhas ideias, o que eu achava que era certo, o que eu achava que era o jeito certo de viver, foi nessa época que eu botei em prática. Mas eu lembro que eu fui mais influenciada também pelo romance, pela paixão que eu sentia por esse cara [jogador de futebol famoso] e pela minha pouca autoestima, como quem diz, esse cara me quer, mas ninguém mais vai me querer, eu não mereço, então é... A cidade, o estado inteiro, soube, e o país inteiro em qualquer lugar que eu chegava, eu mesma pensando que tava dizendo uma grande coisa, eu dizia que tinha namorado o [...]. Naquela época, na cabeça deles, eu tinha sido a amante, a puta de [...], e ele era famoso como goleiro, então tudo que era homem queria... Casado, velho, tudo, de todo jeito queria me cantar, tentava dormir comigo. Dá nojo só de pensar naquela época.²²¹

A alternativa de ser uma mulher que viveu a sexualidade fora do casamento para viver intensamente o amor, sem importar-se com os códigos de moral, estereotipou a imagem de Naza, e a moça de família foi significada como uma mulher não digna de respeito. Dessa forma, a própria Naza absorveu as representações que se construíram sobre ela pelos seus atos, fazendo-a acreditar que ela merecia o desrespeito e que não podia reagir a esses assédios ou manifestações de preconceito que sofreu no trabalho, na família e na sociedade de forma geral. Ela queixava-se, inclusive, de despertar interesse nos homens de respeito, pois para a sociedade, não era digna de um bom lugar social. Vê-se, nessa memória, a expressão do conceito de violência simbólica definida por Pierre Bourdieu como uma consequência da dominação masculina. Conforme o autor:

A representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se veem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica. Por conseguinte, seus atos de conhecimento são, exatamente por isso, atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que se pensar e se afirmar como tal e que ‘faz’, de certo modo, a violência simbólica que ela sofre.²²²

É possível identificar na fala de Naza que aquilo que ela denomina de baixa autoestima é, na verdade, a reprodução de uma dominação simbólica que a fez tomar e naturalizar a inferioridade em relação ao seu companheiro, no que diz respeito ao corpo e a sua sexualidade. A culpabilização da “perda da sua pureza” fez com que ela acreditasse que não era realmente digna de respeito, o que justificava os assédios que recebia. Segundo Roger Chartier: “A construção da identidade feminina se enraíza na interiorização pelas mulheres, de

²²¹MCFARREN, 2017.

²²²BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 51.

normas enunciadas pelos discursos masculinos”.²²³ Nota-se que Naza é um exemplo dessa interiorização, e mesmo diante das transgressões que representou, seu pensamento e a internalização de inferioridade garantem a manutenção das normas impostas às mulheres como corretas. Assim se fortalece o sistema androcêntrico, de acordo Pierre Bourdieu.²²⁴

A artista plástica havia passado no concurso da Caixa Econômica Federal e abandonou o seu cargo para acompanhar o namorado sem um laço de casamento, que poderia justificar a sua situação. Anos depois, foi abandonada por ele, o que piorou ainda mais a sua condição social. Posteriormente, ela foi aprovada no concurso do Banco do Brasil para Picos, retornando para a cidade com um emprego digno, mas na condição de mãe solteira. Seu status econômico estável e favorável não foi o suficiente para apagar a imagem que Picos formou a seu respeito.

Gracinha Formiga ressalta o silêncio que se fazia em torno das orientações sobre sexo entre as mulheres e diz que nem entre as amigas esse assunto poderia existir. Sobre os comportamentos femininos, ela descreve as ordens que recebia para frequentar os espaços de lazer da cidade, como a Praça Félix Pacheco após a missa dos sábados, não devendo passar das nove horas da noite para retornar para casa.²²⁵

Sobre essa vigilância da sexualidade feminina, Maria José Lavor também confirma que não se falava diretamente sobre o assunto, mas que recebia orientações de comportamento que estavam estreitamente ligadas à manutenção da virgindade e da pureza feminina. Sua mãe usava estratégias para conversar indiretamente sobre o assunto:

Mas ela fazia de um jeito que eu achava... Basta você ver a mentalidade. Ela conversava comigo e minha tia Socorro, que é minha única tia do lado de meu pai. Ela é que me levava pro Picoense Clube, mas quando chegava minha mãe ia dizer você não pode dançar encostado porque você pode engravidar. Tu acredita? E eu acreditava. Era muita inocência naquele tempo. Aí quando eu chegava ela ia me checar todinha pra ver se eu tava com cheiro de bebida, se eu tava com cheiro de homem. Era uma liberdade assim... Eu não tinha liberdade, minha mãe era muito rígida, rígida demais.²²⁶

Tratava-se sobre gravidez, mas não se falava sobre práticas sexuais. E a representação que cabia a essas moças absorverem era o medo de uma gravidez antes do casamento, e isso as norteava nas sociabilidades e relações de gênero. Outro aspecto sobre o qual pesavam orientações, principalmente no que diz respeito às mulheres, eram as práticas de

²²³ CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 4, p. 37-47, 1995. p. 40.

²²⁴ BOURDIEU, 2007, p. 51.

²²⁵ SINVAL, Maria das Graças Formiga Moura. *Depoimento concedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

²²⁶ NERY, Maria José Lavor. *Depoimento concedido a Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

sociabilidades. A liberdade para escolha dos cônjuges para homens²²⁷ e mulheres, faziam dos espaços de lazer os pontos de encontro de jovens que procuravam suas almas gêmeas, resultando nos contatos proporcionados pelos bailes e pelas danças um problema.

Os passeios na Praça Félix Pacheco²²⁸ já foram descritos. Eles aconteciam principalmente depois da missa aos domingos. Nessa praça, havia um abrigo,²²⁹ em que na área térrea funcionava um bar, e no seu primeiro piso havia um salão de festas que atraía moças e rapazes para dançarem ao som de sanfonas e apreciarem o movimento da praça.²³⁰

Havia divisão desse espaço de acordo com a classe e o gênero, e zonas onde as moças de família eram proibidas de andar, estando sujeitas à má fama. Além da praça, foram mencionados os lazeres no rio Guaribas e a divisão desse espaço por gênero. Renato Duarte²³¹ destacou a divisão dos espaços do rio Guaribas, as orientações e, conseqüentemente, a vigilância das relações de gênero. No entanto, Oliveira, que também discorre sobre as práticas de lazer no rio, contesta o que é posto por Duarte diante do fato de que o poço mais frequentado pelas mulheres fazia limite com o poço dos homens, e ser esse lazer pouco vigiado pelos adultos, denominando o rio de “fertilizador dos corpos”.²³²

Outro ambiente de encontros de jovens e local propício para os flertes eram as tertúlias em casas de famílias, ao som de uma radiola,²³³ que começavam geralmente às vinte e uma horas e encerrava às onze horas. Essas reuniões de jovens eram práticas comuns tanto na zona urbana quanto na zona rural da cidade. Sobre essas festas, Pedro Vilarinho Castelo Branco faz referências à participação feminina, mesmo que em um contexto temporal e geográfico diferente do proposto nesse trabalho, visto que se refere a Teresina, mas essa descrição assemelha-se com as práticas nas festas que aconteciam em Picos:

²²⁷SOHN, Ane-Marie. Entre duas guerras: os papéis femininos em França e na Inglaterra. In: DUBY, Georges.; PERROT, Michelle (Org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1994. p. 130-131.

²²⁸ Inaugurada no dia 10 de janeiro de 1942. Cf.: ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. *Picos nas anotações de Ozildo Albano*. Pico: [s.n.], 2011.

²²⁹ O abrigo pode ser observado na figura 3 deste trabalho.

²³⁰ OLIVEIRA, Karla Íngrid Pinheiro. *A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos de 1940-1960*. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014. p. 65.

²³¹ DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. Recife: Nordeste, 1995.

²³² OLIVEIRA, 2014, p. 69.

²³³ Aparelho que viabilizava o contato com rádios de outras cidades e adequado para a escuta de LPs de cantores famosos. Segundo Nilsângela Cardoso, a radiola representou uma (re)significação do cotidiano no espaço do lar para as moças das famílias mais abastadas que possuíam o aparelho, fazendo de seus dias dentro de casa, ao som das mais diversas músicas, um ambiente de lazer para as mulheres. Cf.: LIMA, Nilsângela Cardoso. *Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948 - 1962)*. 2007. 158 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007. p. 40.

O salão parece ser mesmo um espaço dominado pelas mulheres, ou pelo menos, onde grande parte das atenções estavam voltadas para elas. Higino Cunha, no seu artigo referido, nos dá a chave para entender essa atenção dispensada às mulheres nos bailes. Segundo ele, os bailes familiares eram um dos poucos momentos em que os rapazes e as moças dispunham de liberdade para conversar, para sorrir e dançar. Aí se formavam os pares na dança, trocavam-se olhares e começavam muitos namoros e casamentos.²³⁴

Essas festas representavam, provavelmente, uma forma de controle. Primeiro, do círculo de amizades, levando em conta a índole e a classe social desses jovens; segundo, da vigilância sobre as relações entre os gêneros, pois estavam sob as vistas de adultos que prezavam pela moralidade. De acordo com Oliveira, configuravam-se em espaços nos quais os pais exibiam as filhas casadouras para a sociedade.²³⁵ A seguir, uma fotografia de Mundica Fontes dançando em uma tertúlia:



Figura 15: Mundica Fontes dançando em uma tertúlia. Fonte: Acervo particular de Mundica Fontes

As normas de comportamento nessas festas foram se transformando ao longo do tempo, como aponta Oneide Rocha:

Só dançava e ia pras festas, ficava sentada, a gente só dançava se o rapaz viesse convidar para dançar. Às vezes ficava todo mundo ali sentado: ‘eita era um crochê danado, ninguém se levantou pra dançar’. Depois não, já na década, fim de 70, 80, todo mundo já dançava solto e tudo mais, na minha

²³⁴CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais*. Teresina: Edições Bagaços, 2005. p. 44.

²³⁵OLIVEIRA, 2014, p. 80.

adolescência e juventude... 18, 19, 20 e 21 anos você só se levantava para dançar se o rapaz viesse lhe tirar, convidar.²³⁶

A dança em si, pelo envolvimento corporal, não era admitida para muitas moças pelos pais. Quanto às festas, da década de 1960 em diante, foram inaugurados o Picoense Clube e algumas boates como a Trópicos, e uma danceteria em um hotel chamado Savori. Oneide Rocha diz que frequentou muito o Picoense Clube, assim como Maria José Lavor, Gracinha Formiga e Mundica Fontes, que diz ter sido inclusive acompanhada pelos pais. Elas ressaltam que o público desses locais era de classe média. O espaço de encontro de Jovens ficava situado na Rua Monsenhor Hipólito, existindo até hoje, porém com finalidade diferente. A imagem a seguir é uma foto tirada no Picoense Clube, em um baile onde Oneide Rocha confraternizava com amigos. Nessa imagem, vê-se a grande participação feminina nesse ambiente:



Figura 16: Oneide Rocha com turma de amigos em um baile no Picoense Clube.
Fonte: Acervo pessoal da professora Oneide Rocha.

É importante destacar que o passeio na praça, as tertúlias e as festas no Picoense Clube eram sempre antecedidos da missa. Ir à Igreja era uma obrigação, principalmente aos domingos. Percebe-se a importância da vida religiosa, especialmente para as mulheres, como uma forma de orientação para a vida. A Igreja Católica exercia uma relação de poder muito forte sobre os preceitos morais das picoenses, e isso pode ser observado tanto na rotina religiosa de Olívia Rufino, Oneide Rocha, Mundica Fontes, Gracinha Muniz, Gracinha Formiga e Maria José Lavor, pois Naza já não tinha uma vida religiosa tão assídua.

²³⁶ROCHA, 2017.

Os textos nos jornais que circulavam à época na cidade, cujo corpo editorial contava com membros da Igreja Católica, também funcionavam como veículo de orientação para as mulheres:

O que leva meninas e rapazes trocar intimidades como aquelas, Senhor? Você viu, Deus. Eram meninas de quinze anos, quatorze, treze anos....[...] É Deus, eu fiquei olhando os truques dos rapazes e a passividade das meninas[...] Tem de haver um limite. Não pode estar certo esse ‘esfrega-esfrega’ e esse clima trépido e convidativo de boates em casas de família e até em salões de igreja para garotas que ainda nem sequer deixaram a adolescência [...]. Eu não acho que uma garota de quatorze anos ou até mesmo de dezesseis esteja pronta para esse tipo de bailes, Deus. Eu acho que há mil maneiras de dançar e harmonizar os movimentos com os de um rapaz, mas não aceito essa entrega de corpos, embora superficial, sem um preparo físico, espiritual e psicológico.²³⁷

Esse texto foi escrito por um padre ao observar as festas dançantes frequentadas pelos jovens, chamando atenção para as mudanças nos códigos de sexualidade. Esse discurso é posto como reflexão já na década de 1970, com outro texto que antecede essa oração, alertando que o padre estava certo, e que a sociedade deveria pensar da mesma maneira. De acordo Elizangela Cardoso: “As relações entre os gêneros se modernizavam e, ao mesmo tempo, mantinham-se velhos preceitos, pois a exigência de contenção dos costumes foi uma exigência que atravessou o período em estudo”.²³⁸ A seguir, é possível observar mais um discurso religioso sobre os bailes:

O BAILE – ‘Vamos ao baile da turma?’. E... Desculpe a moralização. Sabem como é, né? Às vezes a gente precisa dizer coisas meio pesadas. Mas como quem lê isso aqui é gente de cuca no lugar certo, isso é só para lembrar, caso... Sabe como é... Alguém se esquece que o Cristo precisa estar também no baile bem entre a garota e o rapaz.²³⁹

Esse fragmento permite ver como o discurso religioso circulava e tentava coibir e reger uma série de regras sobre a sociedade. A Igreja Católica pode ser denominada de instituição como tudo aquilo que toma forma de um arranjo de regras e costumes destinados ao funcionamento e à reprodução das sociedades. E é isso que se identifica na Igreja Católica diante da sociedade picoense naquele período. Nesse sentido, Gracinha Formiga descreve as orientações recebidas na igreja sobre os comportamentos femininos:

Os catequistas da gente começavam a dizer que a mulher deveria ser comedida, deveria ser submissa, aquele negócio de submissão, que a mulher deveria fazer isso, aquilo outro. Existiam as pregações dos padres. Existia,

²³⁷ ENTRE JOVENS. *Voz do Campus*, Picos, ano 1, n. 6, 18 mar. 1973, p. 67.

²³⁸ CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)*. 2010. 535 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. p. 16.

²³⁹ ENTRE JOVENS. *Voz do Campus*, Picos, ano 1, n. 6, 18 mar. 1973, p. 64.

isso aí existia. Mas eu não lembro assim, se eu ligava a isso. Eu não me liguei muito a essa parte.²⁴⁰

Encontra-se também nas notícias desses jornais entrevistas com mulheres que questionavam essa normatização da igreja e se perguntavam por que elas eram obrigadas a seguir todas essas regras:

‘Eu não quero salvação. Não desejo o céu, quero é viver, gozar da vida. Se houver inferno podem me mandar pra lá’. Essas palavras foram proferidas por uma jovem na praça. Refletia o sentimento de revolta que a dominava em face da campanha encetada pelo Revmo. Padre Madeira contra as mangas curtas ou japonesas. ‘Desobedeço as ordens dele e sou feliz’ – dizia – ‘Só faço o que manda meu coração’ – acrescentava a mocinha. Meu Deus, como este mundo é enganador! ‘Quero é viver, gozar a vida’, quando um instante não se tem seguro. ‘Se houver inferno, podem me mandar pra lá’, como se tivesse certeza que não há Inferno... É simplesmente triste a lógica do mundo. Tremi de pavor ao ouvir aquelas palavras. Dir-se-ia que uma autêntica demência mental esboçava-se naquelas exclamações de uma alma presa ao modernismo pagão deste século. Sim, não somente aquela jovem, mas muitas jovens estão caminhando para essa calamidade, o existencialismo. Gozar a vida custe o que custar. A desgraça do mundo deriva dessas irreflexões de tanta cabecinha tonta. Tenho certeza de que, seja qual for a formação moral, uma caveira humana sempre pode impressionar aquelas cabecinhas, pois bem não poderiam elas encontrar, vez por outra uma caveirinha? E refletir no que foi essa caveirinha quando vivia? Por certo, quanto orgulho, quanta vaidade, quanta raiva do Vigário, quanto namoro licencioso, quantas exclamações irrefletidas, quantos vícios, quantos erros... Nada somos, nada valem. Só Deus nos pode fazer felizes, só Deus, e nada mais.²⁴¹

O título do texto acima do jornal *A Ordem*, na coluna religiosa, é *Só Deus...*, de 1952, remetendo à ideia de pecado ou absurdo, a discordância dessa jovem com as regras impostas às mulheres pela Igreja Católica. O colunista aproveita para reforçar a ideia de salvação e de submissão ao poder da Igreja. Essa relação de poder que disciplina os corpos tem o objetivo de adestrar os corpos femininos para manutenção de um sistema de dominação masculina. Nesse sentido, é possível estabelecer relação com a análise sobre a disciplina feita por Foucault, que diz que: “A disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício”.²⁴² A campanha contra as mangas curtas descritas nessa matéria, bem como todas as normas que eram impostas às mulheres são reflexos de uma disciplinarização dos corpos femininos para manutenção de uma sociedade hierárquica.

²⁴⁰ SINVAL, 2017.

²⁴¹ SÓ DEUS. *O Aviso*, Picos, ano 1, n. 2, 01 jun. 1952.

²⁴² FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987. p. 143.

Os espaços de sociabilidades e seus usos descritos aqui eram os principais locais de participação feminina na vida social da cidade. Havia demarcações geográficas de classe e gênero de modo que as mulheres de família deveriam respeitar as normas como garantia de zelo da sua moral e conduta. A separação de classe e gênero era, talvez, uma proteção pensada para as moças de elite e para aquelas oriundas de famílias que, mesmo dentro das limitações financeiras, tiveram a oportunidade de estudar e constituírem expectativas de um futuro promissor. Vê-se, portanto, que, além das limitações ou seleções de funções no mercado de trabalho, a frequência nos espaços públicos, principalmente de sociabilidades, bem como o conjunto de regras para o comportamento feminino nesses espaços eram diferenciados, e essas normatizações eram, na maioria das vezes, disseminadas pela Igreja Católica.

As orientações femininas instituíam um conjunto de regras que normatizavam os corpos e codificavam os comportamentos. A partir das experiências descritas aqui, é possível identificar a absorção dessas normas e os reflexos dos desvios delas. São práticas distintas que indicam a pluralidade das representações sobre o ser mulher na sociedade picoense entre as décadas de 1950 e 1970.

4.2 Moda e feminilidade

Assim como as maneiras de se comportar e os ambientes selecionados e determinados como propícios para as moças de família, a maneira de se vestir era tida como uma linguagem visual da condição social e até mesmo moral para as mulheres. As transformações no cenário da moda ao longo das três décadas aqui estudadas acompanharam as conquistas emancipatórias femininas. É a partir das próprias experiências e das representações das entrevistadas que se realiza uma análise sobre os estilos e os discursos que permeavam em torno deles no tocante à vigilância sobre a pureza feminina.

No século XX se estabeleceu a democracia da cultura do belo sexo, pois os cuidados com a estética e a beleza se expandiram como uma prática feminina em todas as camadas sociais.²⁴³ É aí que se situa a discussão sobre os padrões estéticos e de moda nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Três momentos, algumas transformações tanto nos estilos, como na forma de percepção da imagem repassada por esses estilos. Nesse período já havia sido transferida para as mulheres a responsabilidade da conquista de seu cônjuge, distanciando essa função

²⁴³ LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira Mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Instituto Piaget. p. 127.

dos pais. A beleza é um fator importante na construção das moças casamenteiras, como mostra Denise Bernuzzi de Sant’anna:

A necessidade de levar as jovens ao altar, encaminhando-as para a construção de um lar feliz e honesto, motivava uma grande parte dos conselhos de beleza. Mas as mulheres casadas também foram chamadas a jamais descuidarem de suas aparências. Era preciso manter acessa a vulnerável chama do amor conjugal, o que exigia uma gama cada vez mais variada e sofisticada de cosméticos. Entre 1945 e 1955, um número volumoso de matérias sobre o amor tomou conta das revistas femininas. Em plena era de redução da família ao núcleo formado por pais e filhos, o amor se afirmou como conquista obrigatória, um sentimento essencial em nome do qual era preciso batalhar cotidianamente. Cabia sobretudo às mulheres garanti-lo.²⁴⁴

A beleza era algo apreciado e muitas vezes determinante do futuro feminino, pois o embelezar-se era intencionalmente praticado para despertar o olhar masculino. A partir do momento em que essas mulheres se tornavam independentes financeiramente, a disponibilidade de recursos para cuidar da aparência e a maior abertura de espaços de sociabilidades para exibição da beleza feminina aumentavam os cuidados com o corpo e com o acatar das tendências de moda.

Olívia Rufino, abordando sua juventude, relembra o consumo da moda:

De passeio, de ir pra missa, a anágua bem botada na goma pra ficar dura, pra armar. Um vestido bem largo, bem ajeitado aqui em cima, mas na parte de baixo, o cinto arrocado na cintura, e a saiona rodada lá no meio da perna. Por pelo menos uns tempos. Depois o *tailleur*,²⁴⁵ a saia justa, aquela blusinha abotoada na frente, manga, gola, chamavam de *tailleur*, não sei se esse nome está correto, mas a minha costureira mesmo quando eu chegava... ‘Já quer outro *tailleur*?’, ‘já!’ [risos]. E salto desse tamanho [gesto representando solto alto]. [...] Minissaia foi coisa de 60 pra cá. Não tinha não. Nem homem vestia bermuda até um tempo. Eu não sei porque não é desse tempo que homem não vestia bermuda. Hoje em dia todo mundo usa uma bermuda. Eu sou do tempo da calça comprida e saia comprida.²⁴⁶

Olívia descreve o estilo da década de 1950, com a preocupação de soar elegância a partir da incorporação da relação moda/feminilidade. As saias rodadas e cintos apertados na cintura valorizavam os quadris e nádegas, afunilando a cintura. Eram modelos que ressaltavam as distinções entre feminino e masculino a partir do uso da moda para moldar os corpos.

O corte dos *tailleurs*, também em conjunto com as saias justas, dava visibilidade à cintura. As roupas sempre de manga e saias abaixo do joelho eram exigências inclusive da

²⁴⁴SANT’ANNA. Denise Bernuzzi. Sempre bela. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 111.

²⁴⁵Blusa feminina, hoje conhecida como “blazer”, com gola, manga e um estilo mais social.

²⁴⁶RUFINO, 2017.

Igreja Católica para a participação em suas atividades, havendo inclusive adequações às roupas com o passar do tempo, para a entrada das mulheres na igreja sem que fossem expulsas em público, como descreve Mundica Fontes:

As mulheres eram bem compostas principalmente porque tinha um padre na igreja que não aceitava mulheres com roupas cavadas e tinha que usar véu pra assistir a missa e se fosse a mulher... A gente ia com roupa cavada, mangas cavadas, mas todo mundo tinha um bolero, eu tinha bolero de várias cores porque colocava por cima porque o padre Madeira, padre Davi, botava a gente pra fora da igreja, era uma vergonha se ele botasse a gente pra fora. ‘Você não está adequada para assistir a missa’, botava a gente pra fora da igreja... Roupa curta também ele não permitia não. E a gente tinha um bolero e além do bolero, um véu de colocar na cabeça pra comungar, não comungava sem não. E tinha umas que eram teimosas, que se escondiam na igreja e quando iam comungar pediam emprestado o véu e o bolero pra comungar porque ele não dava a comunhão. As roupas eram bem compostas. Agora veio os anos 70, veio a moda da minissaia. [...] O terceiro BEC, quando ia instalar aqui o batalhão foi que houve muita mudança na amostragem, nos pensamentos das moças, também elas eram muito liberais, eram universitárias aí introduziram a moda de minissaia e alguns pais deixavam. Eu e minha amiga, a gente saía da Escola Normal, a saia era mindi, era lá no meio da perna, aí a gente andava com linha e agulha e quando a gente saía na sexta feira que ia lá pra praça pra sorveteria, aí a gente só alinhavava a bainha pra ficar nos joelhos...²⁴⁷

Vê-se a transição dos estilos das vestimentas femininas e a interferência da igreja nas vestimentas. Nessa fala, Mundica Fontes indica sua percepção e a reação da sociedade picoense sobre as mulheres que vieram junto ao batalhão do Exército para a cidade, também descritas por Naza. A forma como essas mulheres se vestiam foi, ao mesmo tempo, impactante e significativa para a formação de imagens sobre elas, como inspiradoras para as jovens da cidade, como é o caso de Mundica Fontes. Contudo, é possível analisar nessa fala as formas de burlar as regras praticadas por essas mulheres. O enfrentamento dessas normas era visto por muitos com espanto, como caso daquela jovem que se manifestou publicamente na praça contra a condenação da mangas japonesas pelo padre Madeira, virando conteúdo de coluna do jornal *A Ordem*. Em outra matéria, dessa vez em uma crônica no jornal *A Flâmula*, a mesma jovem foi posta como subversiva, cujo título levava seu nome, Maria Joana:

‘Quem morreu?’

‘Maria Joana.’

‘Quem Maria Joana, a do disco?’

‘Não sei, ouçamos a amplificadora, talvez seja engano’.

Curioso, ouvi a notícia do falecimento de uma pobre moça, de nome Maria Joana da Conceição. E um ceguinho pedia aos corações generosos uma esmola para seu sepultamento. Lembrei-me então da gravação que tanto agradou aos picoenses (exceto os mais avisados) e que já não se ouvia mais graças à intervenção do Sr. Vigário. Duas Marias Joanas prenderam assim as

²⁴⁷MOURA, 2017.

atenções do público. Uma representada pela gravação expressiva e assaz de uma jovem leviana, outra a realidade mesma, contundente, inexorável, uma jovem acaba de expirar e não tem nada para seu enterro. Tão pobre que não tem em que reclinar a cabeça para o sono eterno. A primeira sugeriu ideias maliciosas, envenenou, talvez, alguma cabecinha tonta pela desobediência flagrante que consubstancia...²⁴⁸

Nesse texto é possível identificar as representações que a sociedade picoense construiu em torno das normas da igreja que se estendiam ao vestuário, desprezando qualquer comportamento que infringisse essas normas. Maria Joana manifestou-se publicamente contra uma imposição da igreja sobre suas roupas e foi hostilizada nos jornais da época como o modelo a não ser seguido.

Talvez soasse, nessa sociedade, o medo do “fantasma das prostitutas”. Uma vez que as mulheres conseguem um espaço na esfera pública e preocupam-se ainda mais com o embelezamento, procurando se adequarem às tendências da moda, aparece o medo descrito por Margareth Rago de que essas características de independência e vida pública misturassem as “moças de família” e as “mulheres da vida”. O enfeitar-se era uma prática comum entre as prostitutas para despertarem os desejos e incitarem a fantasia de seus clientes. As moças de família também utilizavam da moda para valorizarem sua beleza na conquista de seus pares, e isso preocupava a sociedade que tentava distanciar essas duas categorias de mulher.²⁴⁹ Afinal, “nesse complexo campo de redefinição dos papéis e de valores, a prostituta foi constituída como um contra ideal, necessária para atuar como um limite à liberdade feminina”.²⁵⁰

Nas memórias de Mundica Fontes, a minissaia começou a aparecer em Picos na década de 1970. No entanto, assim como Olívia, Oneide Rocha diz que esse modelo começou a ser usado pelas jovens picoenses já na década de 1960. Diz ainda que o tamanho das saias e vestidos femininos foi subindo ao longo do tempo, passando de mindi a curtos. Já sobre a década de 1970, ela menciona o uso de calça por mulheres:

Cheguei a usar minissaia aí a partir de 70 e tanto aí usei... chegou a calça comprida, era umas calças compridas boca de sino, eu usei muito boca de sino, uma blusinha. Eu me lembro que eu tinha macacão, era um macacãozinho completo, era com as florzinha azul e rosa, era lindo o macacão, eu tinha um macacão preto, tinha um verde, eu me lembro que esse macacão preto era mais de festa. Longo, macacão longo e as pernas largas, eu botava uma faixa azul turquesa porque combinava muito bem né? Pink com preto. Ah eu me lembro de uma faixa azul turquesa e eu tinha um colar bonito que tinha uma coisa assim redonda e uma pedra azul turquesa e eu gostava demais de ir a festa no picoense clube com esse macacão preto e a

²⁴⁸NUNES, Alberto. Maria Joana. *A Flâmula*, Picos, 21 set. 1952, p. 3.

²⁴⁹ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 49.

²⁵⁰ RAGO, 2008, p. 54.

faixa azul turquesa e esse colar turquesa. Mas as roupas eram assim, calça comprida não era comum, quando o terceiro BEC chegou em Picos, ninguém vestia short, ninguém vestia calça comprida, era vestido, vestido ou saia, a saia tinha a blusa.²⁵¹

A vinda do batalhão do Exército foi, portanto, um marco na modernização da cidade, tanto nos aspectos estruturais, quanto culturais. Além desses modelos, Gracinha Muniz diz ter vivido no auge da minissaia, mas lembra que, na década de 1970, usava saias longas, denominadas por ela como saias max, e diz que sobre as minissaias não havia repreensão da família. No entanto, quando se difundiu o uso das calças, sua avó via com maus olhos o novo estilo. A calça, por ser uma peça de uso masculino, quando passou a tomar espaço no guarda-roupa feminino, foi questionada por representar uma equiparação entre homens e mulheres.

Segundo Cristiane dos Santos Pina, a Jovem Guarda ditava moda. Os jovens inspiravam-se nas minissaias da cantora Wanderléia, e nas roupas coloridas usadas por Roberto Carlos. Havia também uma inspiração psicodélica de Rita Lee e seus irmãos. A autora diz que as garotas passaram a ser escravas da moda, tentando atualizar sempre o seu portfólio, que variava entre as décadas de 1950 e 1970 entre tubinhos, calças, shorts, minissaias e cigarretes, com uma pegada do *rock and roll*.²⁵² A foto a seguir é Mundica Fontes com sua amiga Gracinha Formiga, ambas aderindo a esse novo modelo de roupa feminina, que eram as calças compridas:



Figura 17: Mundica Fontes no Carnaval de 1971 ao lado de sua amiga Gracinha Formiga. Fonte: Arquivo pessoal de Gracinha Formiga.

²⁵¹ROCHA, 2017.

²⁵² PINA, Christiane dos Santos. *O efeito coorte e o desenvolvimento das preferências por moda feminina*. 2006. 101 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2006. p. 38.

A calça era uma novidade no universo feminino, afinal, era uma peça do vestuário masculino adequada para as mulheres. Vê-se nessa foto Gracinha Formiga de calça e blusa sem manga, que foi um fator que a impediu de participar do grupo da cruzada da Igreja Católica, pois as mangas eram indispensáveis para que as mulheres pudessem frequentar os templos e as atividades religiosas.

Maria José Lavor lembra que foi uma das primeiras mulheres a usar calça jeans na cidade e diz que foi uma propulsora dessa moda em Picos, trazida de São Paulo, no auge da sua adolescência:

Vestia o camisão, *ai* tinha aquela moda de pegar o camisão e a *modista* como a gente chamava fazer do mesmo jeito. Saia com braguilha, calça comprida, que naquele tempo calça jeans era uma raridade e eu já cheguei de calça jeans, *ai* lancei moda tocando sanfona e violão e fazendo programa na rádio Luar do Sertão. Só *pra* inovar e ganhar fã.²⁵³

Ao lembrar-se da forma como se vestia e preocupava-se com a moda, Naza revela que estava sempre à procura de inovações, gostava de ousar e se antecipar nas tendências. Ela e sua irmã aprenderam a costurar as próprias roupas e tiravam das revistas, nas fotos menos chamativas, detalhes que ainda não se usavam na cidade. Sobre a minissaia, ela diz que “media com a palma e a ponta da mão passava da saia”.²⁵⁴ Relata também que foi a primeira em Picos a usar uma saia longa, feita por ela, na qual pintou algumas margaridas, inspirando as jovens aderirem ao estilo pouco tempo depois. Naza acredita que a sociedade falava do tamanho de suas saias, mas não ouviu nenhum comentário a respeito, apenas uma impressão. Sobre as saias longas, a imagem a seguir mostra a cantora Núbia Lafayete no palco do Cinespark vestida conforme o estilo que predominou na década de 1970:

²⁵³ NERY, 2017.

²⁵⁴ MCFARREN, 2017.



Figura 18: Núbia Lafayete em apresentação musical no palco do Cinespark em 1975. Fonte LUZ, Aylla Mara Caminha. *Cine spark: memória, lazer e sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970*. 2012. 88f. Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí. Picos, 2012.

Nota-se que, durante três décadas, as percepções de beleza e sua relação com a moda se modificaram. As roupas usadas para valorizar o corpo feminino, de forma a ornamentá-lo para a atração masculina, foram mudando de tamanho; os estilos dos cabelos foram ganhando a personalidade de sua época, como descreve a matéria da revista a seguir, intitulada *Anos Rebeldes*, que faz referência ao comportamento dos jovens picoenses em relação às influências dos novos estilos musicais e de moda que repercutiam na década de 1960:

Até a maneira de se vestir mudou. O negócio era quebrar tabus: cabelos longos, pulseiras nos pulsos, roupas coloridas, óculos escuros, calças ‘boca de sino’. Era o psicodelismo transcendental – a rebeldia contra os costumes e comportamento conservadores. Para as mulheres a revolução foi ainda maior: seguindo o exemplo da cantora Wanderléia, as jovens passaram a usar minissaia. Um verdadeiro escândalo!²⁵⁵

Observa-se que as transformações de estilo e comportamento também atingiam os homens, mas o que chamava atenção eram as novas formas de atração feminina. As jovens buscavam andar conforme a moda e as tendências das mulheres emancipadas, como a cantora Wanderléia, e como viam nas revistas femininas. Eram gerações que se modernizavam e davam indícios de mudança das concepções do próprio ser mulher.

²⁵⁵FERREIRA, Fábio Gonçalves [et. al.]. *Anos Rebeldes*. *Revista Foco*, Picos, ed. 1, 2001, p. 39.



Figura 19: Show da banda Brásas Seis no Picoense Clube, na década de 1960. Fonte: Acervo particular de Mundica Fontes.

Nessa imagem, tem-se um grupo musical da cidade de Picos em um show no Picoense clube. O primeiro ponto a ser visto é a presença de uma mulher, a única, em uma exibição artística rodeada de homens. Tem-se aí a representação da imagem de uma mulher moderna. Em segundo lugar, observa-se que Lena Rios, como é conhecida artisticamente, apresenta-se usando calças ainda na década de 1960, quando essa peça era ainda masculinizada. A artista foi lembrada por Maria José Lavor justamente por juntas participarem do meio musical e inovarem na moda da cidade como forma de angariar fãs.

Observa-se, portanto, em Picos, uma juventude feminina que se preocupava com a modernização e atualização da aparência, independente de qual seria o seu objetivo. Talvez essa visão articulada às novas demandas de consumo tenha sido um dos motivos a instigar a liberdade financeira de algumas dessas mulheres, como foi o caso de Mundica Fontes.²⁵⁶

Apesar da constante vigilância e imposição religiosa sobre a preponderância do desnudamento do corpo feminino através das transformações das vestimentas, a sociedade,

²⁵⁶MOURA, 2017.

pelo menos no que se refere à classe média, aceitou brevemente a modernização do vestuário feminino.

4.3 Do flerte ao namoro

Dentre as transformações culturais no âmbito familiar que refletiam no comportamento feminino na sociedade, a interferência dos pais na escolha dos maridos para suas filhas mudou as práticas e os papéis femininos nas relações de gênero. Elizangela Cardoso diz que: “Na medida que se redefine os papéis da família nas escolhas conjugais, os pais vão deixando de ser os responsáveis pela escolha dos cônjuges, uma vez que moças e rapazes possam compartilhar esse poder”.²⁵⁷ Todos os aspectos apontados até aqui foram fundamentais para essa mudança: a vida no ambiente escolar, que logo passou a ser misto, permitindo o contato entre meninos e meninas; o acesso ao mercado de trabalho, que dava certa liberdade, mesmo que regrada, para as mulheres; e o acesso ao espaço público; as sociabilidades nos espaços da cidade que favoreciam encontros; os estilos de roupas que valorizavam e erotizavam o corpo feminino, que agora tinha o dever de seduzir.

Nos jornais que circulavam em Picos, algumas matérias orientavam essas novas relações entre os jovens:

PORQUE O NAMORO É IMPORTANTE?

Namoro é uma coisa importante. Claro, se ele é o caminho que leva ao amor, tem que ser levado a sério. Talvez você não tenha refletido sobre um aspecto do namoro, que passa despercebido para muita gente. Namoro é a fase de busca de alguém que, um dia, poderá ou não. Ser o companheiro(a) de toda a vida.²⁵⁸

As orientações eram postas para controlar a ordem social no que diz respeito aos corpos, principalmente femininos. Seria uma sedução controlada. As práticas de namoro ou de flerte eram normatizadas de modo que determinariam a honra da moça. Oneide Rocha deixa clara a percepção que ela tinha sobre a mudança na forma dessas relações:

Eu já peguei um tempo que nós mesmas que escolhíamos os namorados, num tinha essa coisa de interferência de pai, não. Na praça, no picoense, no cinema, mas era um namoro... Quer dizer, aí dependia. Tinha umas pessoas que era uma coisa realmente mais livre, mais espontânea de sair, beber. Mas pra gente, pelo menos, era de só pegar na mão, raramente um beijo, dançar

²⁵⁷CARDOSO, 2010, p. 154.

²⁵⁸PORQUE O namoro é importante?. *O profeta*, Picos, ano 2, n. 4, jan. 1977, p. 6.

colado, quando era dançar mais colado no picoense já era uma coisa mais avançada, não sei se era um namoro sem graça ou era com muita graça.²⁵⁹

Nessa fala, além de identificar as transformações dos relacionamentos amorosos, no tocante aos papéis femininos e masculinos e das próprias práticas, notam-se as significações que essas relações produziam e as representações que se construía em torno dessa modernização dos namoros.

Na conjugação do verbo flertar, usado na época para indicar o ato da sedução,²⁶⁰ eram demonstrados sinais de interesse de uma relação mais próxima, no caso aqui estudado, entre homens e mulheres.²⁶¹ Do flerte seguiam relações como o namoro e suas subseqüências. Sobre essa prática, Mundica Fontes diz que:

Era o que a gente chamava de flertar, flertar era direitinho e tudo, né? Com tanto tempo depois pegava na mão, pegava no dedo mindinho, e depois na mão. Beijo? Nem se falava em beijo, isso aí veio depois, beijo na boca, beijo assim era mais no rosto, era mais mão, era mais direitinho, namoro era mais recatado, no meu tempo, né. Tinha aquelas mais avançadinhas que fugiam pra namorar. Eu tinha uma amiga danada demais, ela pulava o muro e ia namorar. Ela não engravidou, não; ela casou, mas não engravidou, não. Era danada. O pai dela era rígido, batia nela. Eles eram rígidos demais, mas ela fugia pra namorar.²⁶²

Mundica Fontes descreve o permitido e o proibido de maneira que é possível perceber as concepções criadas por ela sobre as práticas afetivas. Quando ela significa o flerte como “recatado”, “direitinho”, está mostrando a sua concepção do correto, expressando os padrões sociais da época. Quando fala da amiga, do ato de encontrar-se escondida com o namorado, liga esse fato à prática sexual, intrínseca na expressão: “ela não engravidou, não”. Ao referir-se à amiga como “danada”, volta a mostrar a ideia do pecado e da proibição de certos comportamentos femininos.

A prova da naturalização da ideia de pureza nos relacionamentos pode ser notada nas expressões verbais das entrevistadas. Viveram a juventude em temporalidades próximas e compartilharam experiências semelhantes. Olívia Rufino, por exemplo, descreve um relacionamento que teve na adolescência, enquanto cursava o Ginásio. Ela fala da troca de olhares, do simples e poderoso fato de mandar um recado e dizer um ao outro que estavam

²⁵⁹ROCHA, 2017.

²⁶⁰CARDOSO, 2010, p. 116.

²⁶¹Especificamos a relação entre os dois gêneros por entendermos que, mesmo proibidas, as relações afetivas não aconteciam somente nos parâmetros da heteronormatividade.

²⁶²MOURA, 2017.

namorando, das trocas de cartas e bilhetes, romantizando as pequenas ações que se distanciavam do contato físico.²⁶³

Um fator importante a ser analisado é que diante de tantas regras voltadas para os namoros, e mais especificamente para a manutenção da honra feminina, havia as transgressões, mulheres que não se privaram dos sentimentos e sentidos em prol de uma sociedade punitiva, e das relações de poder que se exerciam sobre seus corpos. De acordo com Sueann Caufield: “A honra sexual representava um conjunto de normas que, estabelecidas aparentemente com base na natureza, sustentavam a lógica da manutenção de relações desiguais de poder nas esferas privada e pública”.²⁶⁴ Para a autora, a modernização das sociedades fez da honra a base para a construção da família e da nação, e essa honra se embasava na figura feminina.

Esse discurso, absorvido e reproduzido pelas mulheres, reforçava um poder masculino que se camuflava nas transformações da participação feminina na vida pública. As mulheres podiam escolher seus namorados, durante os passeios na Praça Félix Pacheco ou no Cinespark, trocar olhares ou andar de mãos dadas, mas, dentro desses espaços, as práticas relacionais eram normatizadas e determinantes para a manutenção da honra feminina. A proteção da virgindade era decisiva do futuro das moças. O sonho do casamento estava imbricado à virgindade feminina, que era o bem valioso a ser oferecido apenas para seu cônjuge, após o casamento.

Observa-se, portanto, nas memórias de Gracinha Muniz, a importância de reforçar o valor da virgindade:

Mulher, tinha uns namoros mais afetados, e tinha os namoros mais conservadores. Então, Graças a Deus, eu ainda fui do tempo de conservar minha virgindade e me casei virgem mesmo... Nunca tive um relacionamento nesse sentido com nenhum dos namorados, e olha que tive dois namorados antes do meu casamento bem seguros. Teve um que durou três anos, só que era distante, ele estudava em Teresina e eu aqui. Eu tive um também que esse já fazia medicina, ele estudava em Recife, foi de dois anos. Me casei com vinte e um, ia fazer vinte e dois anos já. Com Etevaldo foi só um ano e um mês de namoro e o casamento, mas não chegamos a... Eu mesmo não... Mas já existia gente que... Tinha amiga minha que engravidou, né? Existia o sexo, toda vida existiu, antes e depois do casamento. Agora não tão aberto quanto hoje.²⁶⁵

Com a necessidade de afirmar a pureza em sua mocidade, Gracinha Muniz representa uma continuidade de norma apreendida através de experiências que se ancoraram nas

²⁶³ RUFINO, 2017.

²⁶⁴ CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000. p. 26.

²⁶⁵ ARAÚJO, 2017.

memórias.²⁶⁶ Uma memória coletiva,²⁶⁷ através da qual é possível enxergar a amplitude do embasamento de práticas relacionais de gênero nos códigos de sexualidade referidos.

Embora em contexto semelhante, Gracinha Formiga descreve a manutenção de sua pureza, porém conotando um sentido diferente ao acessar uma memória coletiva das relações com os rapazes na sua época. Ela deixa evidente que os desejos também eram sentidos pelas mulheres, mas que eram podados pela vigilância e medo dos julgamentos na sociedade:

Os namoros... No meu, pelo menos, eu namorei com um rapaz, pegava na mão e beijo só na mão, pelo menos o meu era assim... Porque também eu não tinha chance. Não vou mentir, é porque eu não tinha chances. E dançar, dançava com a mão aqui nele pra ele não tocar muito na gente, não sei como era o nome daquilo. Era colocando assim, uma certa distância, e usando a mão pra ele não encostar, ainda tinha rapaz que tentava e as pessoas comentavam: ‘tu viu fulano? Tava com um monte aqui. Um monte aqui’.²⁶⁸

Assim como Gracinha Formiga, Maria José Lavor partilha suas experiências, que não foram muitas, visto que casou aos dezesseis anos, mas, em um relacionamento de pouco mais de um ano, impunha os limites que lhe eram ensinados, negando a ele o prazer sexual. Mas afirma ter desfrutado de sensações e do corpo.

O tempo passou, as normas, em parte, mudaram, mas o apreço pela virgindade permaneceu importante para essas mulheres. As Evas e Marias eram determinadas pelas práticas das relações afetivas. Enquanto as Marias dessa pesquisa afirmam o orgulho de se enquadrarem nos parâmetros da honra, temos aqui uma Eva, Naza. Trata-se de uma leitura da sociedade da época diante de suas atitudes. Georges Bataille discute a dualidade entre o puro e o impuro, o sagrado e o profano, e mostra como um legitima o outro, propagando o medo do pecado e a devoção à pureza a partir da imagem da virgem Maria.²⁶⁹

Enquanto morou em Picos cursando o ginásio no Colégio das Irmãs, Naza compartilhava do apreço pela virgindade e dos cuidados com o comportamento em prol de sua honra. Algumas vezes, ousou agir de maneira que pôs em dúvida a sua pureza, como o fato de entrar no carro de um namorado em direção ao morro, local simbolizado como encontros proibidos de casais para as práticas sexuais. Conforme caso citado anteriormente, Naza revela que começou a ter pensamentos de liberdade feminina quando ainda morava em Picos, mas pôs em prática depois da morte do seu pai, quando já morava em Teresina como mostra o trecho a seguir:

²⁶⁶ FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 113-149

²⁶⁷ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. p. 78.

²⁶⁸ SINVAL, 2017.

²⁶⁹ BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 114.

Aproximadamente em 1973, quando eu vim morar em Teresina eu já estava cheia de ideias liberais e de feminismo, de achar que a mulher, que ser virgem não era necessariamente uma questão moral, que quando duas pessoas se amavam, não deveria ter essa barreira de que só deveria ter sexo quando estava casada. E que eu não ia botar limites em relação à sexualidade quando houvesse amor.²⁷⁰

Ousar libertar-se das concepções tradicionais de namoro “sadio” trouxe a essa mulher sérios problemas de exclusão social, inclusive por parte dos rapazes. Ela relata que os “bons partidos”, rapazes solteiros, não se aproximavam dela, sendo vítima de flertes de homens casados, o que hoje denominaríamos de assédio. Entregar-se aos sentimentos e aos desejos no estágio do namoro foi, para Naza, uma decisão que a constituiu no imaginário da sociedade, inclusive picoense, embora não morasse mais na cidade, de uma mulher desonrada, e nenhuma ascensão econômica apagaria essa imagem tão fácil.

Pensando nessas questões de moral e honra associada à sexualidade na fase do namoro, ou seja, antes do casamento, e para entender a afirmação do pensamento de distinção entre os direitos masculinos e femininos sobre os próprios corpos, é importante analisar, a partir de bibliografias, como era vista e exercida a sexualidade masculina. A análise sobre os namoros no período aqui trabalhado requer uma aproximação com essa discussão sobre sexualidade. Portanto, não é possível se afastar das relações entre os corpos feminino e masculino que implicam diretamente a sexualidade, no misto de desejos e sensações que afloram na adolescência. Construiu-se historicamente a ideia de que desejos e prazeres eram masculinos e que determinavam inclusive a virilidade do homem. Sendo assim, é impossível estudarmos a sexualidade, usos e representações do corpo feminino sem analisarmos a sua condição diante do papel social e viril do homem na sociedade e tempo aqui estudados.

Nesse sentido, Durval Muniz Albuquerque Júnior²⁷¹ destaca que em torno do homem nordestino, permeia a ideia a ser mantida de que o homem deve ser “cabra macho”, homem viril e violento capaz de enfrentar qualquer situação para manter sua honra. Homem que tem no ato sexual, na capacidade de ereção, tem na mulher o seu objeto de prazer que deve ser tratada de forma rústica, violenta para demonstrar autoridade. O homem nordestino é definido, portanto, como um sujeito conservador, que preza pela sua masculinidade e que ainda deve procurar conhecer sexualmente várias mulheres para provar para a sociedade a sua macheza.

²⁷⁰MCFARREN, 2014.

²⁷¹ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo. Uma história do gênero masculino* (Nordeste: 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

De acordo com Castelo Branco,²⁷² na literatura piauiense do século XX, é perceptível o incentivo e a exposição do modelo masculino, sendo o homem o responsável ou “dono” da família, que deveria mantê-la economicamente e determinar as ordens da casa. Deveriam também, manter-se ilesos de doenças, vícios e outras práticas que denegrissem a imagem de um bom cidadão.

Percebe-se, portanto, que em torno dessa construção histórico-cultural da figura masculina, especialmente nordestina, instituiu-se um modelo patriarcal que perpassou e não se extinguiu ainda entre as gerações. Nesse modelo, a mulher é colocada em submissão ao homem, representando um ser social responsável apenas pela procriação ou constituição da família e pela manutenção do prazer masculino. O fato é que, nessa imposição sexual do homem sobre a mulher, restou a ela a camuflagem de seus desejos e anseios relativos ao corpo. A ereção do homem deveria ser motivo de glória e as manifestações de prazer na mulher deveriam ser arrancadas e amaldiçoadas.

Nesse contexto se davam os namoros, um tanto quanto puros, na leitura da maioria das entrevistadas. A moça devia fidelidade ao rapaz e conformar-se com simples trocas de carícias como pegar nas mãos, trocar olhares. Já na década de 1970, dançar um pouco mais colados, mesmo que sob supervisão de outras pessoas, e mesmo explorar o corpo sem relação sexual eram práticas possíveis.

Para suprir as necessidades masculinas, existiam as meretrizes e as mulheres de honra questionável, aquelas que não se prendiam aos limites postos à sua sexualidade, ou que faziam do próprio corpo o seu trabalho. Apesar das conquistas femininas já mencionadas aqui, dentre elas as principais são o acesso à educação e ao mercado de trabalho, as mulheres eram ainda preparadas acima de tudo para o casamento. Entre as prioridades sociais, a educação feminina a formava para que despertasse por si o desejo da construção da família. Embora o homem permanecesse assumindo o papel de chefe, da figura de maior valor, era na mulher que pesava o papel de constituição dessa instituição. Pinsky destaca que:

Como a honra do ‘pai de família’ em boa parte ainda dependia da reputação das filhas os namoros das meninas continuavam com regras impostas de cima. Mesmo que pusessem os atrevidos, bonitões e de boa lábia, as garotas devem optar corretamente: namorar um ‘bom partido’, capaz de manter a futura esposa com conforto. A duração de um namoro não pode ser longa a ponto de denotar a falta de ‘intenções sérias’ (vontade de se casar), estas evidenciadas pelo noivado. Por sua vez um noivado que demora a

²⁷²CASTELO BRANCO, Edwar. *Ele é o homem, eu sou apenas uma mulher: corpo, gênero e sexualidade entre vanguardas tropicalistas*. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/E/Edwar de Alencar Castelo Branco 16.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/E/Edwar_de_Alencar_Castelo_Branco_16.pdf)>. Acesso em 10 de maio de 2018.

desembocar em matrimônio leva a crer que a moça tenha feito algo moralmente condenável, levando o pretendente a perder o respeito por ela. É preferível frear os impulsos e deixar que o noivo se satisfaça ‘nos braços das mercenárias’, a ‘comer o lanche antes do recreio’, pois, todos sabem: ‘laranja chupada ninguém quer’.²⁷³

À mulher estava associada a honra não só a própria, mas a da família também. E era este pensamento de seleção nos relacionamentos e cuidado com a sua preciosa virgindade que norteava as concepções femininas sobre os direitos e deveres perante a sociedade. Cabendo a elas aceitar a infidelidade de seus namorados ou noivos, até mesmo como prova de que eles procuravam em mulheres desonradas aquilo que não tinham com elas. Embora atribua-se ao homem a ideia de insaciável, de necessidades de práticas sexuais, inclusive para provar sua virilidade, a ele era ensinado a desvalorização e falta de compromisso com aquelas mulheres que caíam na tentação de seus desejos diante das provocações que eles mesmos faziam.

Os namoros eram, portanto, uma instituição de provações de honra e valores, sobretudo femininos, rodeados de normas e vigilâncias sociais. Era nessa fase da vida que as mulheres buscavam seu futuro, afirmando ou não os papéis naturalizados como femininos que as colocavam como constituintes de uma família nos padrões da época. Das sete mulheres que estudamos neste trabalho, quatro se constituíram enquanto esposas, mães e honradas a partir dessa instituição. Outras duas usufruíram dessas experiências afetivas de respeito, porém não construíram sua vida com base nessas relações, distanciando-se do casamento, que era a consequência do namoro. Em contraponto a essas quatro mulheres, tem-se Naza, que viveu a fase de namoro, sem atrelar-se às normas sociais, deixando-se levar pelos sentimentos e desejos.

4.4 Casamento e amor

Foi muito amor, muita paixão. Não houve nenhum interesse da parte de ambos, nem ele comigo, nem eu pra ele, foi uma atração mesmo. A gente se conheceu, se viu e aí deu até o dia de hoje.²⁷⁴

Em um período em que já se permitiam as trocas de sentimentos e a prevalência destes para uma união conjugal, sem tanta intervenção familiar, Gracinha Muniz descreve seu relacionamento, que de um namoro não muito longo resultou em casamento. Ao reforçar que não houve interesse, entende-se que os aspectos financeiros eram levados em consideração na

²⁷³PINSKY, 2013a, p. 482.

²⁷⁴ARAÚJO, 2016.

relação afetiva. Afinal, uma moça de família deveria escolher um bom partido, pois, embora estivessem conquistando por meio do trabalho uma fonte de auto sustentação, o casamento era uma segurança social, que garantiria aos pais a despreocupação com as filhas moças em caso de sua ausência.

Segundo Maria Helena Bueno Trigo, sobre o amor no século XX:

Inicia-se, assim um período em que a escolha matrimonial deixa de ser, fundamentalmente assunto familiar para tornar-se ‘teoricamente’ livre e, mais do que isso, com expectativa de ter o amor como base. Esse amor, é na época, o tema constante dos mais variados discursos, do literário ao moralista. Por seu turno, a nova ordem econômica maximiza a importância das relações afetivas como mediadoras do poder e do sistema econômico como uma grande valorização da mulher em seus papéis de mãe e esposa e louvam-se as especificidades do amor seja ele maternal, conjugal ou filial.²⁷⁵

A discussão sobre o amor, no que diz respeito às décadas de 1950, 1960 e 1970, ganha uma nova conotação, porque passou a ser a base da maioria dos relacionamentos afetivos, culminando no casamento. Nessa época, aproveitou-se da apropriação do amor ou do direito de amar, sem as amarras dos arranjos familiares, para solidificar ainda mais os relacionamentos com um discurso de que o amor é capaz de superar qualquer dificuldade. E foi com esse pensamento que Olívia Rufino se entregou ao amor, mesmo diante da desaprovação da família:

Eu encontrei com um cara que... Na hora que eu vi. Olha que ele *tava* ressecado. *Tava* fedendo a cachaça, que ele peitou em mim, numa esquina. E eu decidi que ia casar com ele. E foi indo até que a gente se encontrou. Eu não fiz nada. Mas... Descobri que era cabo da polícia, trabalhava com meu pai na delegacia. Meu pai era delegado. E nós passamos três anos, minha família não queria, dando trabalho, a gente... Ele tinha uma mulher, que vivia com ela, uma pretinha. E nós passamos três anos, mais de três anos, entre namoro e noivado. Até que ele resolveu ir lá em casa, no interior, falar com meu pai e minha mãe. Meu pai ficou quieto porque era militar também, gostava dele. Minha mãe disse logo que não queria, ela não compareceu no meu casamento. No meu casamento só foi a minha irmã mais velha e o meu pai. Os outros, todo mundo em casa, zangado, ninguém compareceu. E a gente... Ele era ousado, ele andou me dando uns amassos assim mais... Mas eu achei que ali eu já *tava* perdida [risos]. O cara me beijou, né? Então eu *tava* perdida, já. Eu só podia casar com ele [risos].²⁷⁶

O sentimento ou o desejo pelo casamento fizeram Olívia Rufino enfrentar a família e viver o amor das mais diversas maneiras, inclusive com trocas de carícias, que na época eram tidas como impróprias, o que a fez pensar que diante disso só poderia casar-se com aquele rapaz. Ela reafirma as representações de pureza ao tratar do contato corporal, mas normaliza o

²⁷⁵ TRIGO, Maria Helena Bueno. Amor e casamento no século XX. In: D’INÇÃO, Maria Angela. (Org.) *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto. 1989. p. 89.

²⁷⁶RUFINO, 2017.

fato de ele ter uma relação com outra mulher e ela ter se envolvido mesmo assim. Talvez esse homem, que logo se tornou seu marido, não tivesse oficialmente casado com essa outra mulher, até porque nesse momento o divórcio ainda era algo discutido e não legal. O fato de a ex-mulher ser negra, provavelmente pobre, é notável na fala de Olívia Rufino, uma diminuição social diante dela, uma mulher branca, de uma família de posses, a filha do chefe.

A situação como ela o conheceu, [ressacado, fedendo a cachaça], e mesmo assim despertou um sentimento no primeiro olhar, nos permite concordar com George Simmel quando diz que o amor é “formativo”, que falsifica imagens que não se quer enxergar no outro, e cria ou traz à vista as características que vislumbram o sentimento pelo outro:

Trata-se, portanto, aqui, de uma imagem já existente que se encontra modificada em sua determinação qualitativa, sem que se tenha abandonado o seu nível de existência teórica, nem criado um produto de uma nova categoria. Essas modificações que o amor já presente traz à exatidão objetiva da representação nada têm a ver com a criação inicial que produz o ser amado como tal. O ser humano que eu contemplo e conheço, que temo ou venero, aquele que a obra de arte modelou, é cada vez um produto particular.²⁷⁷

Nesse relato de memória, é possível identificar como o contato corporal influenciou na construção de um sentimento. Era algo mais voraz, e, ao longo de sua fala, Olívia Rufino descreve seu marido enquanto um homem do tipo que expressa a virilidade tanto nas feições físicas quanto nas atitudes: “Ele era um cara corajoso. Falar a verdade. Valentão, machão, grandão, ele era bem grandão”.²⁷⁸ Foram essas características que constituíram o homem amado por ela, sendo esse homem a representação criada pelo amor, que não apagava os seus pontos negativos, que eram confrontados por sua família, mas mascaravam-nos. Além disso, reforça em vários pontos da entrevista a paixão que sentia e sente por ele, e, mesmo diante da sua formação intelectual, que julga superior à de outras moças de sua época, deixou-se levar pelos sentimentos e contradizer as concepções de direitos femininos em que já pensava:

Falar a verdade, minha filha, eu fiquei apaixonada por ele logo... Logo no início. E eu sempre fui valentona pra todo mundo, menos pra ele. [risos] Eu... É. Nós casamos, e ele comandava minha vida do jeito que ele queria, minha roupa, meu calçado, que era muito pouquinho, não tinha tanto dinheiro. Me dava... Quem ainda me dava era minha família.²⁷⁹

Olívia Rufino participou de movimentos estudantis e culturais, o que a fazia uma mulher de personalidade diferente, uma mulher que sabia lutar por direitos e não se deixava

²⁷⁷ SIMMEL, Georg. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 123.

²⁷⁸ RUFINO, 2017.

²⁷⁹ RUFINO, 2017.

diminuir pelo fato de ser mulher. Até um dia encontrar esse amor que a enquadrava por algum tempo no sistema machista, que a colocava abaixo das vontades de seu marido.

Ela representa o que Tânia Navarro denomina dispositivo amoroso. A autora afirma que: “O amor está para as mulheres o que o sexo está para os homens: necessidade, razão de viver, razão de ser, fundamento identitário. O dispositivo amoroso investe e constrói corpos-em-mulher, prontos a se sacrificar, a viver no esquecimento de si pelo amor de outrem”.²⁸⁰ Nessa memória, ela também se coloca em uma condição de submissa ao seu marido, descrevendo uma situação de dominação simbólica.²⁸¹ Uma prova de sua atuação ativista é que, nessa fala, ela se coloca em contraponto com o papel de esposa que exercia:

E olha que eu nunca fui muito... Eu sempre fui meio pra frente, minha filha. Eu fui a primeira mulher nessa cidade que dirigiu um carro, um jipe. Fui vereadora vinte anos, despachada, gritava, falava tudo. Botava tudo no ventilador. Não tinha medo de nada, nem de ninguém. Mas certas coisas que você aprende, que você... Certas... De cultura que você chama pra você, é difícil de você (...).²⁸²

Quando ela trata da cultura, no contexto de seu relato, entende-se que está se referindo aos papéis femininos frente aos masculinos dentro de um casamento. Fazer-se mulher ativa na rua, reivindicar por direitos perante a sociedade era mais fácil do que impor suas vontades e pensamentos diante do marido no espaço do lar, embora que quando assumiu essa postura política, já era casada, trabalhava fora como professora e tinha seus filhos. Percebe-se que ela viveu os doze primeiros anos de seu casamento presa ao modelo patriarcal. Quando as necessidades financeiras falaram mais alto, e Olívia adquiriu o direito de estudar, e trabalhar como professora, ela usou essa oportunidade para se emancipar em diversos sentidos, engajando também na carreira política, que era um lugar incomum para mulheres nesse período. Sua história de amor testemunha a transformação de códigos de feminilidades.

Embora se dessem às moças o direito de escolher seus maridos, não excluía das famílias a intervenção nessas decisões. Assim como a família de Olívia, a família de Gracinha Formiga se opôs ao seu namoro com quem hoje é seu marido, por dois motivos. Um deles é fato de ele ser natural da Paraíba, mudando-se para Picos na fundação do 3º BEC, pois era militar. Alegavam que não o conheciam, e nem a sua família. O segundo motivo seria o término do namoro de Gracinha Formiga com um médico em virtude do amor pelo sargento. Embora a carreira militar representasse uma posição social prestigiada, a de médico estava no

²⁸⁰ NAVARRO, Tânia. *Entre a vida e a morte, o sexo*. Disponível em: <<http://www.tanianavarroswain.com.br/chapitres/bresil/e>>. Acesso em 10 de maio de 2018.

²⁸¹ BOURDIEU, 2007, p. 51.

²⁸² RUFINO, 2017.

topo da pirâmide social. Eram as questões de interesses econômicos pairando sobre as relações de afetividade.

Entre namoro, noivado e casamento, Gracinha Formiga e seu esposo se resolveram no espaço de tempo de um ano. E tendo as expectativas em relação ao marido superadas, ela compara a instituição a um jogo de loteria no qual ganhou. Contudo, a expectativa sobre a liberdade que viria junto ao casamento, em relação à submissão que ela tinha à sua mãe, foi frustrada. Sobre suas representações sobre o casamento, afirma que imaginava:

Que casamento era um céu, que casamento era uma liberdade. Que casamento era um mundo diferente. Primeira coisa que eu me decepcionei com casamento, quer dizer, sou bem casada, graças a Deus. Sou muito bem casada. Mas *pra* o que eu pensava de casamento era que é uma coisa, porque a gente, é claro que você tem aquelas emoções, aqueles desejos, se você for uma pessoa normal, eu tinha vontade. Eu namorava já no ponto de fazer alguma coisa, só não dava era certo, por causa dessa *bicha bem aqui* (apontando para sua irmã mais nova), não deixava. Um dia eu quase apanhei porque botou a mão no meu ombro, minha mãe chegou e disse que ele *tava* botando a mão em meu peito. Quase leve uma pisa, foi uma briga. E essa *ai* ficava olhando a brecha se botasse a mão. Vontade nós tínhamos, mas poder ninguém podia. Ele nove horas tinha que sair da minha casa, da casa da minha mãe. Chegava seis e meia, saía nove horas. A primeira coisa que eu achei horrível foi a lua de mel, porque aquela lua de mel dolorida, aquele negócio ali, eu *pra* mim foi horrível, foi uma lua dolorida, depois foi que foi melhorando, é porque eu não *tava* preparada, apesar de tudo, eu não *tava* preparada. Desejo eu tinha, mas eu senti tanto assim, uma coisa que eu fiquei: como é que chamam isso de lua de mel? Eu casei virgem, virgem, virgem, virgem, então foi muito dolorido, pra mim foi e é porque meu marido é uma pessoa compreensível que já me deu foi o livro pra eu ler, mas eu não assimilei a realidade com o que pensava que era ficção, que eu chamo ficção. Mas, em suma, depois... E também eu não tive liberdade, porque eu queria uma liberdade e eu não consegui. Não por causa dele, porque minha mãe continuava sendo aquela pessoa que me dirigia até depois de casada.²⁸³

O casamento pairava sobre o imaginário das moças como uma fuga para o território dos desejos, e a liberdade para a vivência do amor. Nas memórias de Gracinha Formiga, o desejo sexual era um instinto presente, e que só não era consumado pela falta de oportunidade diante da vigilância que se faziam aos casais. E esse desejo construiu em seu imaginário uma expectativa de prazer que viria junto ao casamento na noite de núpcias, mas não foi avisada do aspecto doloroso das primeiras relações, dificultando ou impossibilitando os sentidos de identificarem prazer.

As tentativas de vivenciar o sexo representam nessa memória uma transformação dos códigos de sexualidade feminina. Segundo Jean-Louis Flandrin, as mulheres normalmente eram desprovidas de desejos, porém até o século XX era papel do homem desvendar esses

²⁸³ SINVAL, 2017.

instintos femininos que deveriam ser encubados, para não serem confundidas com as prostitutas.²⁸⁴

Além da liberdade sexual, Gracinha Formiga associava o casamento à oportunidade de viver, realizar viagens, ir a festas e ter uma autonomia de sua vida negada pela autoridade materna. Contudo, por trabalhar, estudar, e ter tido filhos logo após o casamento, dependia da ajuda de sua mãe para conciliar a vida pública e privada, e isso provocou a continuação do poder de sua mãe sobre ela, além do fato de ter o marido trabalhando em outros estados em missões do exército, mantendo um casamento a distância, dependendo da companhia materna. Esse foi um ponto de frustração do casamento, um sonho não realizado com a instituição.

Mas nem todas as moças pensavam no casamento como um ideal primeiro para a vida. Maria José Lavor relembra sua mãe chamando-lhe a atenção pela troca eventual de namorados, alertando-a sobre o perigo de não arrumar um casamento. Mas um dia foi pega de surpresa pelo amor. Sua história de amor ultrapassa as dificuldades financeiras no início do casamento, o rompimento de compromissos de namoro que ambos tinham com outras pessoas. Contudo, o auge de uma progressão econômica culminou no fim do casamento, que lhe trouxe muito sofrimento.

Sobre o amor no casamento, Philippe Ariès descreve o amor-paixão, que é voraz, de primeira vista, mas que tem um auge e um fim, e o amor conjugal, aquele que cresce a cada dia, e que só tem um fim diante da morte.²⁸⁵ Ambas as definições podem ser aplicadas na história de amor de Maria José que narra uma história de um amor eterno de sua parte, mas que foi surpreendida pelo abandono do seu marido após a guinada financeira, provando que foi vítima de uma amor-paixão. Na voracidade desse sentimento, sem perceber, foi vítima de uma dominação simbólica,²⁸⁶ onde afloraram o ciúme, o medo da traição, as práticas de violência simbólica, da parte de seu esposo. Sobre isso, a entrevistada afirma que o marido: “Era ciumento, a ponto da gente ir para uma festa e eu chegar toda beliscada, ele dizendo que eu tinha namorado com o capitão, e os beliscões tinham sido longos, eu chegava lá toda roxa de *beliscão*. A gente sentava, eu ficava *pra* parede, não podia olhar *pros* lados. Ciúme”.²⁸⁷

O amor romântico, enquadra essas experiências amorosas em um momento em que torna-se a base para o casamento nas sociedades modernas: “Não é apenas uma coleção de

²⁸⁴ FLANDRIN, Jean-Louis. *O sexo e o Ocidente*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. p. 150.

²⁸⁵ ARIÈS, Philippe. O amor no casamento. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (Org.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. p. 161.

²⁸⁶ BOURDIEU, 2007, p. 51.

²⁸⁷ NERY, 2017.

invenções sentimentais; é uma mistura de ilusão e realidade, de ganhos e perdas, de avanços, paradas e recuos, no campo das relações humanas”²⁸⁸.

E são esses sentimentos, somados à representação do que era e poderia ser uma mulher nessa sociedade, que norteavam os relacionamentos afetivos. Um exemplo prático dessa mistura é o relato de Naza MacFarren, já descrito anteriormente, quando se envolveu com um jogador de futebol que era casado e dizia ser separado, abandonando sua estabilidade financeira que adquirira com a aprovação no concurso na Caixa Econômica Federal, para levar uma vida de amor clandestino, ou seja, sem oficialização do casamento. Mas isso tudo veio acontecer diante de um motivo relacionado ao sentimento, como relata:

O Castilho esse eu conheci lá na televisão quando ele foi entrevistado e eu estava apaixonada por um homem casado que me... Eu nunca tive namoro com ele, nada, nada, nada não teria mas eu estava apaixonada e estava desesperadamente tentando achar uma fuga, gostar de uma outra pessoa pra tentar esquecer ele. Ele me seduziu no sentido que me fez apaixonar por um homem já maduro lindíssimo que era diretor da televisão e ele era de Salvador num sei de onde e ele ficava se fechava comigo lá na sala dele e ficava me ensinando impostação de voz num sei o que, num sei o que, essa coisa que depois eu vi, depois que não precisava e que ficava olhando nos olhos fazendo aquele charme todo e pegava textos românticos pra ler pra mim eu ler pra ele entendeu, aquilo tudo ali foi, então...Então... E aí me aparece Castilho, um carioca todo fino, com gestos bem diferentes, aqui naquela época os homens eram brutamente, né. Era assim da idade da pedra os rapazes, né, Eu *tava*... Aí eu fui fiquei impressionada por ele e com os desespero que eu *tava* de... E ele já tinha 47 anos e eu tinha 17, 20 anos de diferença, 30 anos de diferença, então eu perguntei a ele se era casado, ‘não, sou desquitado’. Aí na realidade foi aquela bandeira que eu precisava levantar na sociedade do *women feminist*, né, é o que eu sempre achava que era muito injusto a sociedade era muito injusta com as pessoas desquitadas, não dava o divórcio... Dava o divórcio mais num podia continuar com a vida dela, então eu foi uma das primeiras mulheres a dizer vou... Não vou rejeitar essa pessoa por ser desquitada, a também aquela coisa, a por que idade num é importante num sei o que, hoje em dia eu sei que aquilo é balela, aquilo pra mim hoje em dia, era um adulto abusando de uma criança, entendeu, mais eu que era aquela criança, adolescente, cheia de ideias e achando que tinha razão... Que era coberta de razão e sabia de tudo. Eu *tava* pensando que *tava* dando uma lição à sociedade né, e na realidade anos depois eu descobri que ele era casado, entendeu? Quando eu já *tava* com ele lá em Mato Grosso do Sul, me aparece uma mulher lá só que essa era amante não era a mulher entendeu, e me humilhou *paca*, depois ele disse, não ela era ex-namorada dele, e levou ela lá pra um hotel e tudo.²⁸⁹

O pensamento moderno de Naza e suas atitudes levadas pelos sentimentos e desejos nortearam suas escolhas e a colocaram no nível de amante, mesmo que esse homem fosse realmente desquitado, pois perante a sociedade, baseada na ideia de sacramento vitalício,

²⁸⁸ COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 150-151.

²⁸⁹MCFARREN, 2017.

mesmo com a legalização do divórcio em 1977, como afirma Naza em sua fala, as pessoas deveriam ficar ligadas aos seus cônjuges mesmo com o esgotamento do amor e da convivência afetiva. Sem contar que esse relacionamento iniciou aproximadamente em 1973, quando já se discutia no Brasil a ideia de divórcio, mas não era lei de fato. Nesses parâmetros, Naza foi colocada no lugar de amante. Em relação ao fato de assumir uma união estável, ou seja, manter uma relação conjugal sem a oficialização do casamento, era algo que na década de 1970 vinha tornando-se frequente entre jovens de classe média alta, embora bastante rebatida pelo discurso religioso que se apropriava a sociedade.²⁹⁰

Esse relacionamento, do qual Naza teve uma filha, findou trazendo consequências em vários sentidos para a vida da artista plástica. Primeiro, o fato de tornar-se mãe solteira, e esse é um aspecto que será abordado posteriormente. Segundo, a imagem que a população picoense construiu dela a partir desse relacionamento amoroso, uma mulher com vida sexual ativa sem compromisso matrimonial, o que a deixava à mercê do assédio de homens geralmente comprometidos, distanciando-a de um bom partido.

Mesmo dentro dessa realidade, e sem concordar com a normatização e reação da população diante de suas escolhas, ao voltar para Picos, depois de abandonada pelo jogador de futebol, e ao passar no concurso do Banco do Brasil, Naza enxerga uma possibilidade de reerguer sua vida, inclusive no quesito do amor, apaixonando-se novamente e conquistando um casamento. Na fala a seguir, Naza relata extensamente seu relacionamento com Stuart, um norte-americano com quem se casou oficialmente:

Eu *tava* trabalhando no Banco do Brasil, aí uma colega minha que era casada com o capitão do batalhão, falou: ‘chegou um americano aí, e tudo, nós queremos te apresentar, é solteiro e bonito’. Eu dizia pra ela, eu americano, eu só pensava americano os missionários que vinham, então era assim meio desajeitado assim branquelo usando aquela gravata aquela blusinha branca aqui fechada até em cima tudo meio assim desengonçado né, aí eu dizia não... Então ela disse: ‘é bonito, olha ele é assim’, é como diz malhado, aqui era muito raro um homem malhando naquela época, não tinha academia essas coisas, não [...] não fazia um tipo de exercício, mais ele era que se destacava muito aqui pra todo lugar que a gente ia por que ele era todo parrudo, era todo, ele era realmente um homem muito bonito. Então aí eu fui, aí eu ficava dando a ela desculpa, eu viajava fim de semana pra Recife... aí um belo dia, não tinha desculpa pra não ir, aí ela chamou pra ir pra um churrasco, aniversário do marido dela lá no batalhão e eu fui. Aí eles me apresentaram a ele, a partir daquele momento eu disse: ‘uau!’. Então ficamos paquerando naquele dia, saímos a noite e namoramos e ficamos um ano namorando, mais era uma coisa uma batalha, viu, por que a mulher do comandante do batalhão chamou ele depois quando soube que ele estava namorando comigo e disse que eu não era digna, que eu era, não era de boa

²⁹⁰PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013b. p. 526.

família, entendeu? E engraçado como ela disse isso, ela nem conhecia minha família, né, ainda mais que o advogado do batalhão era meu primo, o Osvaldo médico também, sempre dava festa em casa do batalhão, eu queria saber o que ela chamava uma boa família. Minha irmã sempre teve uma reputação impecável aqui, a minha família é imensa aqui, então, não sei o que ela... Simplesmente disse que era uma vadia, falou o péssimo de mim, o próprio comandante do batalhão chamou ele, 'ah porque ela' ... 'Se minha mulher não fosse descobrir até que eu que ia cantar ela', entendeu? Me insultou de toda forma. Ele *tava* numa missão diplomática, mais insultaram ele de tudo enquanto é forma, como se ele não fosse capaz de escolher uma mulher pra ele, eles que tinham que escolher, mais tudo isso por que eles queriam ele pra filha deles entendeu? Olha a ironia! O comandante e a mulher não eram casados, ela era desquitada e morava com ele, entendeu? Então... moralismos falsos né? Então foi uma batalha eles proibiram Stuart de me levar na área do batalhão eu fui expulsa de uma área pública dentro do meu próprio país e eles se safaram com isso por que um comandante um militar podia tudo naquela época cometer qualquer injustiça que fosse. Nós fomos pra Brasília pra conversar com o chefe de Stuart na embaixada e ele falou assim: olha o que eles estão fazendo, eles estão insultando os próprios Estados Unidos tratando você desse jeito, mais como é uma situação muito delicada se você puder deixa essa menina, mesmo que ela não seja isso que eles estão falando não importa a escolha é sua entendeu? Sabe o que eles faziam botavam ele pra trabalhar lá em Bocaina, longe, pra ficar o dia todo trabalhando e o chefe dele em Bocaina era um extrema direta, um desses cara bem linha dura do exército, chamava Lucio Flávio, ele pegava ele de propósito e segurava ele até mais tarde e depois, não vamos ali, de propósito pra ele não conseguir mais me ver... Ser tarde demais pra ele ir se encontrar comigo entendeu? ai o meu chefe no banco do Brasil, começou a me tratar péssimo, tinha me colocado pra trabalhar como secretaria dele, me tirou de lá e me botou num outro lugar lá e depois me mandaram pra uma... tipo castigo me botaram uma ... Isso logo depois do comandante do batalhão ter uma reunião com ele, me botou pra trabalhar no calabolso de lá que chamava a escrituração que tinha que ser a noite saia de lá não sei que horas da noite, e a gente sabendo, sentindo tudo isso. De qualquer forma ele me pediu em casamento, nos casamos em Fortaleza e depois de 1 ano, depois de muito tempo que a gente estava casados, não foi um ano total, mais mudou o comando no batalhão e o novo comandante soube... ai sim nesse tempo todo tinha um capitão, um major e um tenente que ficaram dando apoio a gente ostensivo, assim não deixaram de me aceitar. [...] Sim, quando a mulher do comandante não conseguiu impedir ele de ficar meu namorado de me deixar de vez ele, chamou meu namorado e disse que eu era uma comunista, naquela época pra um americano, do governo americano alguém dizer que eu era uma espiã, que eu era uma espiã comunista em um outro país, ele só disse isso aí meu namorado disse pra ele: olha se ela é uma comunista ou uma espiã comunista nessa altura ele já me conhece bem. A gente discutia muito sobre o que eu pensava da vida, sobre o que ele pensava a gente tinha muita coisa em comum nesse sentido né e ele disse, ele disse assim uma vez pra mim: você é mais conservadora do que as mulheres do meu país, mais você é mais avançada do que as mulheres daqui entendeu, era um meio termo, então ele disse assim pro comandante, ele não falava português assim bem mais ele disse que foi capaz de dizer: 'bom, se ela é uma comunista e foi capaz de me enganar tão bem assim, ela merece um prêmio ela merece ficar'.²⁹¹

²⁹¹MACFARREN, 2017.

Nessa fala, fica implícita a diferença de pensamento, comportamento e direitos femininos entre Brasil e Estados Unidos. Seu namorado provinha de uma cultura considerada moderna, já marcada pelo movimento feminista, decidindo insistir no relacionamento proibido. Esse relato enfatiza como Naza foi estereotipada com base nas relações afetivas anteriores, e pelo fato de não esconder sua liberdade sexual. O fato de pensar de forma mais liberal, questões que eram discutidas também nos movimentos de classe, em um período de ditadura militar e de supremacia da imposição de ordem, associaram à bancária – profissão que exercia nesse momento – a imagem de comunista, o que poderia prejudicar ainda mais a forma como era percebida pela sociedade, principalmente diante do seu namorado, na condição de militar norte-americano. É clara a intervenção da sociedade picoense na vida particular das mulheres, como forma de vigilância.

Mesmo diante de tantos obstáculos morais e sociais, Naza casou-se e constituiu uma família com o sargento. Acredita-se que não tenha sido apenas a mudança de lideranças dentro do Exército que transformaram a socialização e aceitação dessa mulher nesse meio, mas o fato de terem casado legalmente legitimava, a partir de então, os usos do corpo e da sexualidade de Naza. Ela acredita que ele tenha levado adiante a ideia de casamento como uma forma de confronto ao fato de tentarem fazer escolhas por ele.²⁹²

Assim, as histórias entrelaçam amor e casamento, envolvem mulheres cujas representações de si, de amor, de casamento, se constituíram a partir das mesmas bases, mas com sentidos diferentes. E são essas diferenças que as tornaram distintas no papel de esposa, de mulher, de profissionais, e até mesmo de agentes sociais, bem como no que diz respeito à reputação ou moral. O casamento e as relações afetivas que culminam nele são, portanto, elementos essenciais para a construção moral da mulher picoense nesse período entre as décadas de 1960 e 1970, mesmo diante dos novos modelos de construção de laços afetivos que se instituíam fora da legalidade.

4.6. Expectativas e experiências sobre o casamento

Aprovado pela intensificação do cristianismo e por uma das mais notáveis prerrogativas instituídas pela Igreja de Cristo, é o Matrimônio. A igreja exige tudo de melhor e mais puro, afirmações autênticas de amor e definição de opiniões de vida, sem que não haja renúncia de um para com o outro. O MATRIMÔNIO é constituído a família uma das bases da pirâmide social é

²⁹²MACFARREM, 2013.

dela que há a revelação do amor, da fé, esperança, inteligência e sabedoria. É a família que assegura nossa Igreja e forma o alicerce de expansão conscientizada de uma cristandade perante a fé.²⁹³

O casamento foi, e ainda é, um dos sacramentos mais importantes para a Igreja Católica por ser a partir dele que se constitui a família, a base da Igreja, como observado na matéria do jornal *O profeta*, citada acima. Mas nem sempre foi assim. De acordo com Vainfas,²⁹⁴ o casamento era um negócio entre famílias, e até meados do século VI era formalizado sem a presença da Igreja, somente pelo pai da noiva na presença da família. A partir do século XII se sacralizou o casamento, e no século XIII foi instituída a moral cristã, como forma de normatizar as práticas sexuais.

A Igreja criou e fortaleceu modelos heterossexuais, com um discurso de pureza e necessidade de união dos sexos masculino e feminino para a manutenção da ordem social com base na constituição familiar e no relacionamento monogâmico. A partir desse discurso, ramificam-se os eixos bases para as relações afetivas, que são o amor, a procriação, o respeito, a pureza. E somente o casamento legitima as práticas sexuais que, por sua vez, devem ser efeito do amor.

Como foi mostrado ao longo deste trabalho, as transformações nas relações afetivas que culminam no casamento, entrelaçado ao amor, dão um novo sentido à vida a dois. A base dessa relação deixa de ser conveniência financeira, familiar e social, e passa a ser o desenvolvimento de um sentimento maior, capaz de fazer ambos renunciar ou se adaptarem aos costumes de um e do outro, e trilhar pelos mesmos objetivos. Assim, a mulher passa a ter também objetivos de vida e participação nas decisões familiares, inclusive na renda econômica.

A reciprocidade dos sentimentos é uma idealização do amor romântico, que foi a base dos sonhos femininos e do exercício da sua sexualidade dentro ou fora do casamento por muito tempo, constituindo assim as representações sobre o homem amado. Essa é a forma que condiciona o amor dessas mulheres, atrelando esse sentimento aos valores. Sobre esse amor, Jurandir Freire Costa lista algumas de suas características:

- a) A idealização de um sentimento pessoal, apresentado como pleno, mágico, extático e superior em intensidade e gozo a qualquer outra experiência profissional do indivíduo;
- b) A desqualificação moral do exercício puramente físico da sexualidade;
- c) A exigência de uma sexualidade livre e ao mesmo tempo submissa ao amor. Só esta última condição a torna digna do amor sublime;

²⁹³MEDITAÇÃO ao matrimônio. *O profeta*, Picos, ano 2, n. 4, 21 jan. 1977, p. 6.

²⁹⁴VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Ática, 1986.

- d) O estabelecimento da sexualidade como pré-requisito da realização do amor sublime e a conseqüente ‘sexualização do universo’
- e) A exigência de que o indivíduo entregue sua chance de felicidade ao acaso, já que a ele pertence o poder de revelar a pretensa imagem do ser amado que ele possui sem saber, e que corre o risco de jamais encontrar enquanto viver, pois pode sempre confundi-la com mais uma miragem.²⁹⁵

A Igreja Católica disseminava, no período aqui estudado, a ideia do amor, da pureza e da confiança como princípios para um relacionamento. É a partir desse discurso que se percebe a erotização dos corpos, principalmente os femininos, que eram vigiados para exclusividade do casamento, enquanto os homens podiam saciar suas necessidades com as mulheres perdidas. O fato de guardar-se para o casamento despertava as mais profundas imaginações e fantasias, tornando as mulheres mais desejadas pelos seus noivos, e o casamento era, portanto, uma prova de amor necessária para a realização desses desejos.²⁹⁶

Uma moça deveria saber seduzir um rapaz e identificar se esse tinha intenções sérias de compromisso com ela, como se não houvesse tempo a perder com paixões e ilusões que notavelmente não demonstravam futuro, pois existia uma corrida contra o tempo por parte das mulheres para não ficarem velhas demais para casar. No entanto, era comum e preferível que os namoros tivessem curta duração. As moças eram orientadas a zelarem pelo relacionamento, ignorando falatórios e opiniões alheias, como mostra o artigo do jornal *O profeta*, que circulou em Picos em 1977:

Um dos aspectos que atrapalha um namoro é, sem dúvida nenhuma, a falta de confiança. Não adianta falar que é importante os namorados terem compreensão mútua e diálogo franco se falta confiança. E agora vamos falar para as moças. Você, menina, quando vai ao cabelereiro e ouve uma senhora ‘distinta’ comentar com a manicure coisas íntimas de seu casamento, fica horrorizada, não é mesmo? Pois não devia. Seu futuro não será este também? Hoje, você conta para sua amiga tudo aquilo que você e seu namorado conversam. Ele está se abrindo para você, confiando em sua discricão, e você conta tudo para ela. Amanhã, você estará casada e falando para a cabelereira as mesmas coisa que aquela senhora. Isto se você casar. Pois se houver oportunidade, talvez sua ‘amiga’ faça ‘fofoca’ com seu namorado e pode ser que vocês terminem. Seja discreta e não se arrependará. Se você precisar de um conselho, procure sua mãe, ou uma pessoa mais velha, de sua confiança. Isso não é ser desleal... (Transcrito da *Revista Família Cristã*).²⁹⁷

²⁹⁵ COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor*: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 73-74.

²⁹⁶CARDOSO, 2010, p. 225.

²⁹⁷DIÁLOGO de confiança. *O profeta*, Picos, ano 2, n. 4, jan. 1977, p. 6.

O texto jornalístico, elaborado com o intuito de orientar as moças para manutenção dos namoros, e conseqüentemente do casamento, reforça a busca por conselhos de pessoas maduras que nessa época constituíram suas famílias nos parâmetros tradicionais. É importante lembrar que essa orientação vem de uma revista católica, e esse discurso é incentivador para a busca de um casamento, que deveria ser absorvido pelas moças casadouras. Afinal, as mulheres deveriam ser direcionadas da melhor forma possível para seu destino natural de esposa, e ao assumir esse papel, era atribuído à ela a responsabilidade de zelo pelo relacionamento, pois “a mulher sábia edifica a sua casa, mas com suas próprias mãos a insensata destrói o seu lar” (Provérbios: 14:1).

Eram munidas desses conhecimentos, e acreditando na responsabilização própria de criar artimanhas para uma convivência ideal, que essas mulheres formavam, em seu imaginário, expectativas sobre o casamento. Porém, a relação a dois, como a expressão conota, não é unilateral, mas tendia sobrecarregar as mulheres que abdicavam sempre mais que os homens, e ainda se sujeitavam a passar por situações desagradáveis para manter a compostura da esposa de respeito, submissa ao marido. Quando indagada sobre as expectativas e realidades de seu casamento, Olívia Rufino diz que:

Eu acho que sim. Num deixa de não ter tido as suas é... Os seus contratemplos. Uma família muito grande, marido que bebia, filhos que também aprenderam com ele a beber e me deram muito trabalho. E continuam dando alguns. Apesar de tudo o que acontece pra desestruturar um casamento, eu acredito que, eu mesma, me esforçando pra isso, que eu me esforcei e eu sei que a vida não é doce pra ninguém. É doce algumas horas e tem suas amarguras também. E comparando o que eu vivia passando com outras pessoas, eu acho que eu cheguei onde eu queria chegar.²⁹⁸

É notável que Olívia Rufino internalizou o discurso de que pelo amor devem-se superar todas as dificuldades, e que à mulher cabe a sabedoria de manobrar essas dificuldades e aprender a conviver com os defeitos do marido para manutenção da família, que seria a mais sagrada até mesmo que a sua própria felicidade. Essas representações de deveres femininos dentro do matrimônio são tão fortes, que essas mulheres acreditam que, mesmo diante de tudo, chegam à felicidade, mesmo sabendo que a realidade esteve longe do sonho do casamento, das formulações de uma vida de amor e paz. Olívia Rufino avalia situações difíceis, ameniza os problemas e se considera uma mulher realizada, mesmo que não tivesse um retorno de carinho recíproco do seu marido. Em seus termos:

E a nossa ligação, se ele não fizesse, eu fazia. Lógico [risos]. Eu... Ele morreu, eu era mulher dele e doida por ele, continuava. Ele... Às vezes as meninas diziam que ele fingia que ele num era apaixonado. ‘Não, a senhora

²⁹⁸ RUFINO, 2017.

tá enganada, paimin', elas chamava paimin, o nome dele era Benjamin. Paimin é a apaixonado, é porque ele tem vergonha de dizer, de demonstrar. Às vezes homem tem disso, né? ²⁹⁹

Ao longo de seu relato, Olívia Rufino aponta dificuldades financeiras, de convivência, de luta por certa liberdade pessoal e pela retribuição afetiva do marido, mas revela nessas falas um amor que a fazia submissa, de forma que se dobrava diante dele como não se permitia para ninguém. Talvez ela tenha sido uma dessas mulheres sábias, que tenha sustentado o casamento e aos poucos foi se sobressaindo e conquistando alguns direitos dentro do lar.

Mesmo em um momento de transformações dos papéis, direitos e deveres femininos, como detectamos na história de vida das entrevistadas, mulheres que tiveram acesso à educação, qualificação profissional, liberdade financeira, ainda enxergavam o casamento como uma prioridade, cujas adaptações da vida a dois incluíam a submissão e subserviência ao cônjuge.

Gracinha Muniz afirma que nunca expressou o desejo de casar. Achava que não admitiria ser mandada por nenhum homem, e, para ela, essa era a representação do casamento, uma imposição de poder do homem sobre a mulher. Contudo, envolvida pelo sentimento, casou-se, mas, para demonstrar sua força de expressão na relação, ela relata que:

Primeira coisa que eu nunca pensei de me casar, eu mesma. Porque eu toda vida fui assim uma pessoa muito determinada, muito decidida, eu achava que uma pessoa não podia mandar em mim, tá entendendo? Apesar de não andar fazendo coisas erradas. Mas é como eu *tava* lhe dizendo, eu era tão assim que é... Até mesmo meu marido adorava meu cabelo grande quando foi no dia de casar... Uns dias antes eu mandei cortar bem curtinho. Só que depois a gente vai revendo a vida e vai havendo necessidade, porque realmente o homem daquela época ele tinha um poder muito grande. E como eu fui criada pra gente viver o casamento seja como for, passar por algumas coisas, suportar do marido... Então fui me adaptando, mas sofri muito pra *mim* chegar a essa adaptação porque eu já entrei naquele clima da mulher dos anos 70 que já veio... É... Até outro dia eu vi a menina dizendo... É... A gente era liberal era... Eu vi uma pessoa dizendo que nós adquirimos a liberdade só que as mulheres de hoje conseguiram a libertinagem. Nós adquirimos a liberdade assim: trabalhar fora, tá entendendo? Decidir sobre o que podia fazer dentro de casa porque antigamente era só o marido... Era aquele domínio muito grande e... As mulheres dos anos 70 conseguiram isso.. Só que as de hoje, elas não tem só isso, elas têm a libertinagem, isso foi uma atriz que eu vi falando, eu não lembro quem foi e.. é como eu estou lhe dizendo eu consegui um pouquinho da liberdade, eu ainda consegui... Eu consegui ainda. Até hoje mesmo, eu tenho um certo domínio assim, não total mas eu saio, dou satisfação ao meu marido, né? Mas eu fui dessa época dos anos 70. Eu fui uma mulher da época dos anos 70.³⁰⁰

²⁹⁹ RUFINO, 2017.

³⁰⁰ ARAÚJO, 2016.

Gracinha Muniz se espelha, para se definir enquanto mulher e sua forma de pensar, no modelo atual feminino, depois de conquistas e redefinições de papéis que deram maior abertura para atuação feminina na sociedade. Para ela, padrões atuais causam estranhamento e até exagero diante da representação que ela construiu das práticas femininas. Admitir que fez parte de uma geração que se caracterizou pela luta em prol da liberdade e igualdade de gênero, demonstra que ela sentiu e viveu a necessidade de se adequar às novas realidades femininas. Mostra, também, uma permanência, visto que teve que se dobrar diante da cultura que exigia um matrimônio. Embora os papéis sociais tenham sido redefinidos, havia uma permanência da dominação masculina, e dos papéis femininos que asseguravam essa dominação, como é possível observar nas lembranças de Gracinha Muniz, que expressam quadros sociais da memória.³⁰¹

O fato de ter cortado o cabelo como forma de enfrentar o futuro marido foi símbolo de uma tentativa de se sair de um padrão normatizador que dá poder a esse homem sobre ela. Sua atitude simboliza a demarcação de território, que se desfez ao longo do tempo com as dificuldades de convivência e confronto de pensamento. Afinal, ela foi criada “para viver o casamento seja como for”, assumindo a postura de esposa sábia, construtora da paz e estabilidade familiar a partir de suas abdições e adequações às desavenças da vida a dois.

Ao discutir expectativas e frustrações sobre os casamentos, as respostas se assemelham. Assim como Olívia Rufino, Gracinha Muniz destaca que:

Nada é completo. Principalmente quando é a dois, porque eu tenho uma natureza, meu marido tem outra, não tem ninguém igual, teve obstáculos, teve... Nós batemos um pouco de frente, mas só que a gente superou, acho que o amor era maior e a gente superava.³⁰²

Mais uma vez o discurso “unidos até que a morte nos separe” prevalece, atrelado à supremacia do amor. De acordo com Jeni Vaitsman, o casamento moderno, que tem como base o amor e a livre escolha, encontra suas barreiras na expressão das individualidades em relação à coletividade. A autora enraíza na livre escolha a responsabilidade da fragilidade dos casamentos modernos. Em seus termos:

O tipo moderno de família e casamento entrou em crise porque foram abalados seus fundamentos: a divisão sexual do trabalho e a dicotomia entre público e privado atribuída segundo o gênero. Em vários lugares do mundo industrializado, como parte da própria dinâmica da modernização que inicialmente as excluiu do mundo público, as mulheres foram aumentando

³⁰¹ SOIHET, Rachel; SOARES, Rosana M. A.; COSTA, Suely Gomes. A História das mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de Historiografia. *Gênero*, Niterói, v. 2, n. 1, p. 7-30, 2 sem. 2001.

³⁰² ARAÚJO, 2016.

sua participação no ensino superior, nas atividades profissionais, políticas, sindicais, artísticas e culturais a partir das últimas décadas, redefinindo as fronteiras entre o público e o privado atribuídas segundo o gênero. Desempenhando múltiplos papéis na esfera pública e em suas vidas cotidianas, muitas mulheres deixaram de restringir suas aspirações ao casamento e aos filhos. Desafiaram a dicotomia entre público e privado, conquistaram direitos como cidadãs, constituíram-se como indivíduos. O individualismo patriarcal foi abalado e a igualdade entre homens e mulheres colocou-se como possibilidade social. Com isso, explodiu o conflito entre o individual e o coletivo no casamento e na família.³⁰³

O direito da livre escolha e a inserção da mulher no espaço público, bem como a redefinição dos códigos de sexualidade, fizeram aflorar as individualidades, lançadas na vida a dois. Além dos conflitos gerados pelos choques das perspectivas individuais dos cônjuges, esses também surgem em virtude das mudanças que vivencia o casal.

O último aspecto pode ser percebido na memória de Maria José Lavor. Em sua vida, o amor lhe trouxe a felicidade; o divórcio lhe revelou sofrimento. Mesmo diante disto, ela afirma:

Superou minhas expectativas. Em tudo. Até 8/9 anos quando a gente não tinha muita coisa, só felicidade, por isso que eu não gosto muito de poder nem de dinheiro, porque se você quiser saber quem é a pessoa dê poder e dinheiro a ela, muda totalmente. Acho que só dez por cento da humanidade fica com a cabeça no lugar. Eu não sei o que é, tem gente que eu vejo e digo 'meu Deus, isso é tão efêmero, se soubesse que é passageiro demais'. Mas enquanto a gente teve o suficiente, a coisa melhor do mundo foi o meu casamento.³⁰⁴

Para a entrevistada, a ascensão econômica desintegrou o casal. Gracinha Formiga também realça as dificuldades de um casamento vivido a distância, pois não podia acompanhar o esposo para não abandonar a mãe, o emprego e os aspectos individuais que pesavam.

O amor envolvia as mulheres nas relações conjugais, e apesar das questões de individualidade, instituía a ideia, ou pelo menos o desejo, do casamento vitalício, como manda a Igreja. Como visto ao longo da história de vida de Naza MacFarren, o amor norteou alguns de seus relacionamentos que a estigmatizaram perante a sociedade picoense, refletindo sobre a sua moral e vida social ao retornar a cidade para assumir o concurso do Banco do Brasil, com uma filha e sem marido.

Um tempo depois, Naza se envolveu com um norte-americano, casou-se e isso serviu como uma espécie de correção de seus erros, pois sua vida sexual agora estaria legitimada. O

³⁰³ VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 34-35.

³⁰⁴ NERY, 2017.

relacionamento com o sargento foi, para a artista plástica e bancária, além de uma oportunidade de reparação, um amor recíproco que estava à frente de qualquer dificuldade. E foi com base nesse sentimento que Naza construiu expectativas sobre seu casamento, se deparando com outra realidade, como relata:

Bom, no começo foi um conto de fadas. Eu notei antes de casar que ele tinha um temperamento forte, mais eu achava que o amor dele por mim, ele era louco, louco, louco por mim, entendeu, e eu era por ele, né? Eu pensava que o amor ia superar isso né; inclusive no dia do meu casamento eu cheguei a terminar e ele pediu perdão, pediu desculpa, eu prometo, eu prometo, não vai mais acontecer, ele às vezes era muito grosseiro e irritado. Várias vezes ele demonstrou isso né, de perder a paciência, e de não controlar o temperamento dele né? E... Ainda era um conto de fadas, vencemos, teve até a bruxa, malvada, então imagina o príncipe encantado no cavalo branco, um capitão do Exército Americano vem pra Picos e me encontra e namora comigo, contra tudo e contra todos e depois me leva no cavalo branco embora, então aquilo era... E um homem lindo como ele era um dos homens mais bonitos que eu já vi então... É ele quando a gente chegou pra morar nos Estados Unidos, bem no comecinho tudo bem eu tinha aquela coisa dele... A preocupação dele demonstrar, o exército Americano é muito assim... É muito, dar valor e leva muito a sério o que um homem, o soldado é com a família, como ele trata a família muito importante entendeu então é... Ele tinha aquela preocupação, do que o Exército pensava dele então ele ainda se comportou um pouco, mais eu comecei a notar uma tendência que ele tinha de vez em quando ficar um pouco apegado demais meio obcecado com a mulher de um dos oficiais lá, com alguma mulher, alguém e ficava... Chegava a ir na casa do cara, o cara num *tava* eu achava tão estranho, então teve uma dessas que pediu a ele pra não ir quando o marido dela não *tava* lá por que ela se sentia mal, entendeu? Então, eu comecei a notar que cada vez que isso acontecia ele ficava mais puto comigo, mais ele começou a ficar primeiro quando ele me levou pra lá, ele me apresentava às pessoas como um troféu que ele trouxe da floresta, uma carcaça de um leão que ele matou na floresta, trouxe essa bem daqui lá da mata do Brasil. Então era aquela coisa e ele ficava, eu tentando falar inglês, tentando me comunicar, ou espanhol no caso eu aprendi espanhol mais rápido do que ele, mais inglês eu tentava me comunicar, eu sei que eu falava como ele falava português quando chegou aqui, parecia uma criança de 3 anos falando de 2 anos, mais ele me conhecia daqui e de português, não parecia o que *tava* soando, ele ficava com vergonha de mim, ele ficava... Quando chegava em casa ele ficava puto me tratava mal, começou a ser muito abusivo emocionalmente ai logo depois a gente teve Daniel meu filho e quando a gente teve Daniel ele ficou muito mais, ele não queria ter filho, num é que ele não queria ele tinha dúvida se queria ter filho por que ele não gostava de criança, mais ele ficou tão apaixonado, tão apaixonado, alucinado por Daniel que eu passeia ser o rival na vida de Daniel pra ele, por ele. Por exemplo, se Daniel *tava* chorando ele corria pra cuidar dele, mais Daniel ouvia minha voz ficava desesperado queria era eu, por eu tinha o peito pra dar pra ele, eu *tava* amamentando é lógico mais ele não se conformava, ficava com ódio de mim entendeu, por que ele não tinha um peito pra amamentar Daniel então, é como se o amor dele todinho *tava* assim sendo gasto no Daniel e ele não tinha mais nada pra mim, nem eu nem minha filha. E foi o resto da nossa vida assim, os 7 anos, ele de vez em quando se apaixonava por alguma mulher me traía e naquela época ele me tratava como antigamente se tratava

os cachorro, mal, mal, mal mesmo então, me humilhava muito me fez pensar que eu não era nada e eu não tinha coragem de deixar ele, não tinha coragem por ele dizia pra mim que nenhum homem ia me querer, que eu não tinha valor nenhum, que ninguém ia me querer entendeu, e eu acreditava , eu devia ter dito, e daí eu preciso de homem?³⁰⁵

De acordo com a artista plástica, ela viveu do amor ao ódio dentro desse relacionamento. Porém, soube sensivelmente identificar os sentimentos do marido para com ela, e assim como as demais, tentou sustentar a ideia de que seria a base de sustentação desse casamento, mesmo sofrendo abusos psicológicos, que reforçavam a baixa autoestima, fruto da dominação masculina e da violência simbólica. Para ela, a história de vida que antes atraía o ex-marido servia nesse momento de um instrumento de diminuição que ele usaria contra ela, para que ela suportasse todos as suas manifestações de violência e poder sobre ela.

Naza analisa a história do seu casamento em sentido figurado, romantizando sua experiência, a partir de uma concepção do presente, com uma memória contemporânea.³⁰⁶ Talvez essa seja uma forma de justificar a sua submissão ao amor e a oportunidade de um casamento, que fora seu sonho. “O príncipe no cavalo branco” e o enfrentamento da “bruxa malvada” categorizam a importância dos seus sentimentos e dos seus ideais de amor e relacionamento. Uma mulher que tinha um conhecimento de direitos femininos, das conquistas feministas e que levantava uma bandeira de liberdade se entrega ao poder masculino representado no casamento.

A respeito dos conflitos vivenciados no casamento, a artista buscou manter-se independente financeiramente. Ao lembrar que ele dizia que nenhum homem ia querê-la, e ela acreditava, hoje, na condição de separada, de mulher independente, ela diz que deveria ter dito: “E daí? Eu preciso de homem?”. Sobre os últimos anos do seu casamento, a artista plástica relata que:

Depois de umas tantas mulheres, isso ele sempre se apaixonava por uma mulher que era proibida pra ele, do mesmo jeito que eu era proibida pra ele aqui, então era atração dele por mim foi isso, ele se interessou mais por mim, depois que o coronel e a mulher dele fizeram aquele *auê* todo. Se o coronel e a mulher dele num tivesse feito aquele *auê*, ele num tinha ficado tão apegado a mim, ele mesmo confessou, quando ele *tava* vendo uma psicóloga, que ele tinha essa atração por quem ele não podia ter, entendeu? Então era sempre uma mulher casada, por uma mulher entendeu? Então ele... Aquelas coisas dele de conversar, bater papo intelectual com as mulheres dos colegas dele, era exatamente isso ele já *tava* se apegando. porque era mulher de alguém, dos colegas, então ele gosta de jogar perigoso.³⁰⁷

³⁰⁵MCFARREN, 2017.

³⁰⁶BRUKI, 2013, p. 198.

³⁰⁷MACFARREN, 2017.

Diferente de Olívia Rufino e Gracinha Muniz, Naza não se prendeu, e o amor, que a princípio cobriu as singularidades de ambos, foi se transformando, percebido como um engano. Para o ex-marido, Naza fora um de seus fetiches, a mulher proibida. Para Antony Guiddens: “O impulso para subordinar e humilhar as mulheres provavelmente é um aspecto genérico da psicologia masculina”.³⁰⁸ Ou seja, ele tinha uma formação cultural em uma sociedade, como denomina o autor, em que os homens tinham suas mulheres como propriedade, e dentro de casa a humilhação e violência acabavam significando uma afirmação de poder. Para a sociedade e, nesse caso especificamente, para o Exército norte-americano, a família era por ele protegida e valorizada, para a afirmação de sua reputação enquanto homem. Depois de sete anos nesse casamento, Naza resolveu separar-se.

Voltar para o Brasil talvez representasse um retrocesso. Como já tinha experienciado o contexto de uma mulher separada em Picos, Naza resolveu lutar contra as dificuldades, principalmente financeiras, e continuar nos Estados Unidos, onde viveu momentos bons e ruins na sua profissão. Porém sua estratégia de localizar as pessoas mais influentes, com mais poder econômico, e que trabalhassem nos jornais e em televisão para apresentar seu trabalho a fez crescer enquanto artista plástica.

Nos sonhos dessas mulheres, estavam expectativas de casamentos com a convivência diária das paixões que se exalavam nos namoros e dos desejos que sentiam nos noivados. O matrimônio era, entretanto, uma prova de amor. É interessante observar que, mesmo conquistando novos espaços no cenário social e econômico, e com uma concepção de liberdade feminina já se formando nesse período, ao casarem, essas mulheres se deixaram prender pelos discursos que as naturalizam enquanto responsáveis pelas mudanças necessárias para a vida a dois.

A mulher deveria se adaptar às vontades do homem para a boa convivência. Esse papel feminino é uma consequência do amor, que segundo Lipovetsky, é acima de tudo um dispositivo que construiu socialmente a partir das diferenças entre homens e mulheres, sendo para eles mais uma ocupação, tratando-se de um preenchimento de suas existências.³⁰⁹

Mas é notável também que, dentro dessas limitações elas foram criando diferenças nos papéis femininos quando postas em comparação com suas mães, por exemplo. Elas tinham um fator que era determinante nessa diferenciação de gerações, que era a opção de escolha do próprio cônjuge, ou seja, os seus relacionamentos eram construídos com base no amor, e não

³⁰⁸GUIDDENS, Antony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993. p. 137.

³⁰⁹LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das letras, 2000. p. 15.

o amor a partir do casamento, como era comum em um período anterior, mais próximo do vivido por elas.

As decepções ou dificuldades foram descritas pelas três que experienciaram o matrimônio. Vê-se que as histórias de amor narradas aqui, na perspectiva das entrevistadas, variaram entre proibidas, puras, sensatas e até mesmo como uma alternativa de correção de moral. A forma como essas esposas se colocaram frente às dificuldades são capazes de definir as representações que construíram a respeito dos domínios sobre si próprias e dos papéis que assumiam junto ao casamento. No caso de Naza, assim como toda a sua trajetória desde a adolescência, observa-se a imagem de mulher que incorporou novos modelos de empoderamento, oriundos das conquistas feministas, embora, ao conquistar um casamento legal, tenha tentado se adequar aos moldes do patriarcado. Sua reação diante das frustrações foi diferente das de Olívia Rufino e Gracinha Muniz. Mas essa variedade de situações é importante para observarmos as possibilidades de arranjos femininos na vida a dois.

4.5 Solteiras

Todas pensavam em se casar. Eu mesmo vou te falar, eu só tinha vontade era de estudar e fazer faculdade. Naquele tempo eu via o pessoal falando que se formou, mas eu tinha vontade, mas como eu já *tava* numa idade avançada, né, pra estudar eu não fui fazer outros cursos. Mas eu ainda fui fazer biologia e educação artística em Recife, e eu fiz uma pós-graduação, uma especialização em Belém do Pará. Mas eu já era adulta. Mas naquele tempo, eu como pensava em estudar em ter uma profissão assim... Eu pensava... Eu não pensava em casar não tá entendendo? O que eu pensava naquele tempo era assim, se eu casar pra ser dona de casa, cozinhar, lavar, passar, o que eu via a maioria das mulheres que casava era desse jeito né? Eu disse 'não... Não quero isso aí, não'. Vou estudar, depois pra ter filho e tal, dá mais trabalho?³¹⁰

Como apontado nesse trabalho, as transformações nas oportunidades de atuação social das mulheres redefiniram os seus papéis e representações. As representações que naturalizavam o casamento e a maternidade, enquanto desejo feminino, podem ter se perdido no imaginário de algumas moças que vislumbravam uma autonomia financeira longe das práticas domésticas femininas, desprendendo-se inclusive do amor materno. Mundica Fontes é uma delas. No trecho acima, a professora, como desejou ser, deixa claro o pensamento que tinha em relação ao seu destino, e o que não queria ser: a esposa, mãe e dona-de-casa.

³¹⁰MOURA, 2017.

Assim, observa-se a prova de um quadro que começava a destoar daquele descrito por Michelle Perrot como solidão feminina, que significava a não concretização, por algum motivo eventual do destino, do sonho do matrimônio, que seria a base para a sustentação e tutoria das mulheres quando essas não tivessem mais os pais.³¹¹ A autonomia financeira passou a ser um atrativo feminino para a conquista de um marido, como também uma maneira de se desprender do modelo naturalizado de mulher destinada ao casamento e à maternidade. Os pais preocupavam-se menos com o destino das filhas em sua ausência.

Porém, a mudança na forma de pensar o futuro não afastou essas mulheres da vivência de práticas afetivas, mas o casamento seria um acaso se desse certo, sendo colocado para segundo plano, como descreve Mundica Fontes:

Nem pensava, quando eu vim pensar em casar, eu já estava perto dos 30 anos, *tá* entendendo? Aí namorei, namorei, mas não dava certo, eu vi que não dava certo aí terminei não casando, nesse período eu tive vontade de casar entendeu? Já eu adulta, mas eu adolescente eu não queria casar não, queria era viajar... Estudar... Porque eu via as pessoas falando que foram estudar em Recife, e falava da faculdade como era... Eu ficava sonhando com aquilo. Ela era rica essa menina, ela morreu também no ano passado, em Recife. Ela morava aqui, a casa dela era uma das mais bonitas que tinha em Picos, em Picos a primeira casa mais bonita, todo mundo tirava fotografia lá, que era na avenida, que era do seu Mundim dono da padaria, panificadora. Ela falava, como ela era rica, ela andava com as amigas ricas, eu tinha umas amigas ricas, na época, aí ela falava com a tia Raimundinha que era tia dela, que era muito minha amiga também que já faleceu, elas falavam em faculdade, elas falavam como era Recife, eu sonhava, meu Deus, e terminei indo. Mas já fui já na fase adulta. Já, eu trabalhei três anos, não... Quatro... Meu Deus... Eu entrei em setenta, e eu fui... Foi em setenta, foi quatro anos... Fui fazer em setenta e quatro, eu fui pra Recife, quatro anos que eu trabalhei, ganhei bolsa de estudos e aí fiquei recebendo, meus vencimentos foi transformado em bolsa de estudo, fui pra Recife estudar com essa bolsa, aí eu fiquei recebendo os vencimentos aqui que eu era efetiva, mas o que eu já era adulta, eu já tinha mais de trinta anos.³¹²

Para concretizar suas idealizações, Mundica Fontes teve que conquistar primeiro uma renda própria, pois estava fora das possibilidades de sua família o sustento fora de Picos. A sua liberdade financeira a levou, portanto, a atingir metas de formação profissional que estavam longe de uma identidade de gênero, comum para as jovens da época. Na cultura da cidade de Picos, as moças estavam prontas para casar ainda na adolescência, como diz Olívia Rufino: “Naquele tempo com 22, 21 anos já *tava* velha pra casar”.³¹³ Ao se realizar intelectualmente, Mundica Fontes despertou a vontade de constituir uma família através do matrimônio, mas dentro do contexto social da cidade, já havia passado da idade, ela mesma

³¹¹PERROT, Michelle. *Minha História das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

³¹²MOURA, 2017.

³¹³RUFINO, 2017.

reforça essa ideia. Eis aí mais um costume que transformou ao longo do tempo, na “era dos modelos flexíveis”:³¹⁴ o casamento na adolescência é visto como um desperdício de oportunidade e de vivências.

A realização profissional poderia ser suficiente para algumas, mas o cenário familiar também contribuía para a indução ou não de um casamento. O caso de Oneide Rocha é representativo. Ela mostra a consciência que tinha, ou pelo menos que construiu, sobre as experiências femininas ao longo de sua mocidade, o que refletiu na sua permanência como solteira:

Era um sonho! Todas as mulheres, as moças queriam casar, as que não queriam ser religiosas... É que eu tive convivência também com pessoas que quiseram seguir a vida religiosa... Era casar, e para os pais era um amparo, aquela coisa minha filha precisa ser amparada. O que era ser amparada? Era ter um marido ou então... Até um dia desses, eu vi uma expressão, eu não *tava* participando da conversa... Mas uma pessoa que estava num lugar disse: ‘e fulana? Ah fulana casou. E sua filha e tal? Casou’. Aí ela disse: ‘ah, que bom, bom porque agora ela tem um dono’. Quer dizer... A concepção de casamento é essa... Era pra ter uma família, era pra ter filhos, pra viver pra aquele homem, mesmo que fosse uma profissional porque na minha época nós todas já trabalhávamos fora, já éramos professoras, já trabalhávamos no comércio, outras já trabalhavam em repartições públicas, nós já tínhamos a consciência de participar da vida da cidade de outros grupos, mas o casamento era algo que devia acontecer na vida da mulher se não acontecesse é porque tinha ficado pra titia, não tinha tido sorte. Sorte era quem arranjava um marido e casava, se fosse alguém profissional tá certo, mas o importante não era aquele casamento com perspectiva e nem que a mulher fosse subserviente a vida toda trabalhar pra se sustentar, mais o bom era casar. Mamãe teve uma época assim que não podia me ver com ninguém, com namorado, tinha medo de ir pra longe, porque eu sempre tive uma força de dentro da família até financeira também por que eu comecei a trabalhar muito cedo e eu ajudava minha família. Tanto que as minhas amigas do meu tempo, todas tinham um carro, e eu nunca pude comprar porque o objetivo do dinheiro que eu ganhava era outro, uma casa de nove irmãos o pai, já muito idoso, ganhando muito pouco, uma mãe que só trabalhava dona de casa e nós fomos encaminhando alguns irmãos e sempre a gente se ajudou. Então nesse primeiro momento era isso, mamãe prendia muito tinha muito medo que a gente saísse de casa, depois eu me engajei no... Além de dar aula eu me engajava no trabalho da igreja quando eu ia pro CTD, às vezes dar os cursos, curso de formação, legislação de adultos, a gente ia muito pro interior aí mamãe dizia assim, não casou porque fica muito preocupada com as coisas não vai atrás de um marido, quer dizer, quando tem namorado não era pra casar porque ia embora, quando não tinha é porque se dedica a isso e não quer casar, e é tanto que eu passei... Também, eu via essa questão de casamento com muita seriedade, eu nunca imaginei que eu tinha que casar pra ter um marido não, eu teria me casado se tivesse dado certo, mas aqueles que eu namorei... Não deu... Tinha alguma coisa que

³¹⁴ Termo usado por Pinsky para se referir às transformações dos modelos de feminilidades, que transformaram o ser mulher a partir das oportunidades de inserção no espaço público. Cf.: PINSKY, Carla Bassanezzi. A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezzi; PEDRO, Joana Maria. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 513- 541.

não batia... Terminava, terminando e eu tinha uma tranquilidade muito grande de seguir em frente, assumindo minha vida assumir minha profissão e as vezes tem gente chega pra você e diz: 'Oneide foi melhor tu que não casou'. Eu digo: 'não!'. Eu não digo assim que foi melhor porque eu não casei, todos os estágios da vida têm seus prós e seus contras, você que casou tem seus problema mais você tem seus filhos, eu não casei, mas eu me realizo em outras áreas. Mas eu não vou dizer que tem hora que eu acho que era bom, eu fico pensando se eu tivesse casado. Meus filhos hoje já estavam formando, mas assim sem uma... Frustração, sabe, eu sou plenamente realizada naquilo que eu sou e me digo se eu tivesse casado e vivesse como muita gente vive, eu acho que eu não teria vivido, por que eu não sou de viver no fingimento ou é ou não é; porque eu vejo que o relacionamento é bom quando tem harmonia, quando tem o amor, tem o respeito, tem a liberdade de ser. Quando alguém oprime, pra mim não é vida, é morte, morte pra o casal e pros filhos. Você viver obrigado a viver com alguém porque os filhos tem que ver que aquela relação não tá bem.³¹⁵

Existiam, portanto, famílias com concepções diferentes em relação ao destino das filhas. Oneide Rocha não nega o desejo que sempre sentiu de experimentar a vida conjugal, mas acreditava que sentiria quando chegasse a pessoa certa, não se frustrando pela procura de um homem ideal nos namorados que teve. Talvez a responsabilidade com as questões financeiras de sua família a fizeram minimizar a importância da sua vida afetiva. Ou talvez, a sua formação religiosa a tenha feito acreditar em um destino promovido pela vontade divina.

Outro fator importante para ser observado na narrativa de Oneide Rocha é a busca por um relacionamento de respeito e amor recíprocos. Quando ela fala em opressão, refere-se também ao modelo feminino de submissão ao homem, sendo contra essa relação hierárquica que ainda era tão forte nesse momento, mesmo quando a mulher contribuía financeiramente para o sustento da família. Embora não tenha constituído sua própria família, o seu trabalho era essencial tanto para sua subsistência, como para as despesas domésticas, uma característica comum para uma mulher solteira que trabalhava no espaço público.

A forma como a professora trata sobre não ter vivido a experiência do matrimônio e da maternidade trouxe um sentimento que não transparece na narrativa: os olhos marejaram e a voz ficou trêmula. Essa impressão reforça a percepção de que Oneide Rocha sentiu falta da concretização desses papéis advindos com o casamento, de forma que buscou preencher essas lacunas, debruçando-se sobre trabalhos, como destaca sua mãe.

Assim como Mundica, ela se realiza profissional e socialmente, mas em determinados momentos da vida, principalmente quando já haviam conquistado a formação almejada, sentiram a necessidade de ter alguém. No entanto não incorporaram as novas possibilidades que hoje veem com mais naturalidade, como ter filhos sem o casamento, somente pelo desejo

³¹⁵ROCHA, 2017.

da maternidade, e casar mesmo diante da possibilidade de não ser para toda a vida, pois viviam em um cenário em que o divórcio era discutido e tinham condições financeiras de não dependerem do sustento masculino.

Diante das experiências adquiridas por essas mulheres, o processo de escolha de um namorado, que pudesse ser o futuro marido, passava a ser mais seletivo. O fato de não ter tanta intervenção familiar nessas escolhas, levavam-nas a escolher ou a priorizar outras formas de realização, como a profissional e ficavam na condição de solteira que, em termos dominantes, “era estigma, sinal de fracasso e esquisitice num tempo em que o casamento era garantia da ordem social e o destino dourado de toda mulher. A expressão designava a que ‘passou da idade de casar’”.³¹⁶ Ficar solteira significava ter deixado passar o tempo de casar. Mundica Fontes se apropria dessa noção de tempo e reconhece que despertou o desejo de casar com uma idade já avançada. Sobre suas escolhas, a professora ressalta que:

Dado o meu grau de exigência, de achar que um homem primeiro, tinha que ser muito inteligente pra mim, né? Nunca gostei de homem burro [...] O homem não poderia ser machista ao extremo, como na época eu convivi com pessoas extremamente machistas. E eu era uma pessoa com aquela liberdade dentro de mim, que eu sonhava ter, como mulher. De vestir o que eu gostava, de me maquiar, de passear. E os namorados me prendiam, queriam ser dono de mim e eu não gostava de ser propriedade de ninguém. Acho que foi meu gênio mesmo.³¹⁷

Observa-se que nos dois casos específicos a solteirice explica-se pelas prioridades e escolhas, relativas às novas concepções dos papéis femininos e dos lugares que essas mulheres alcançaram e dos quais não queriam abrir mão para se adequar ao sistema normativo que deveria fazer das mulheres esposas, mães e donas-de-casa. Quanto aos discursos dominantes que naturalizavam essas funções femininas, neles as solteironas eram ainda mais inferiorizadas que as demais, pois além de serem mulheres, fator já excludente, ainda eram postas como anomalia social, por não alcançarem esses destinos femininos.³¹⁸

4.7. Maternidade

O estudo sobre maternidade confronta a crença do amor materno e das próprias práticas maternas como sentimentos inerentes às mulheres, naturalizando-o como um instinto que deve ser parte da mulher, associado à possibilidade biológica de procriação. Elisabeth

³¹⁶PINSKY, 2013a, p. 490.

³¹⁷MOURA, Raimunda. *Depoimento cedido a Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira*. Picos-PI, 2013.

³¹⁸OLIVEIRA, 2014, p. 116.

Badinter aborda historicamente o tema e aponta variações nos sentimentos, nas práticas de maternagem, nos anseios e frustrações. Essas variações podem ser observadas nos relatos de memória das entrevistadas desta pesquisa. A autora conclui que o amor materno é, acima de tudo, um mito construído cultural e historicamente, podendo:

Existir ou não existir; ser e desaparecer. Mostrar-se forte ou frágil. Preferir um filho ou entregar-se a todos. Tudo depende da mãe, de sua história e da História. Não há uma lei universal nessa matéria, que escapa ao determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres. É ‘adicional’.³¹⁹

A relação entre mulher e maternidade sofreu grandes transformações ao longo da história. O estudo do processo de construção do amor materno e da valorização da maternidade é importante para o estudo da História das mulheres. O ato de gerar um filho fazia da mulher um ser diferente do homem à medida que se estudavam as funções do seu aparelho reprodutivo, mas a maternidade não significava a mulher enquanto ser, como acontece no século XX. Segundo Cardoso, no início do século XX, a maternidade passa a configurar as representações de feminilidades associadas às mulheres.³²⁰

De acordo com Lipovetsky, nos séculos XVIII e XIX, as mulheres pobres acompanhavam os seus maridos nas atividades lucrativas da família, e colocavam os cuidados dos filhos em segundo plano, os deixando sob a responsabilidade de amas ou faziam apenas o necessário por eles no tempo que lhes sobrava.³²¹ Essas transformações das funções femininas modernas exigiram um modelo de mulher que exercesse as funções de esposa-mãe-doméstica com esmero e dedicação, semelhante ao sacerdócio. Mesmo diante da ampliação dos espaços femininos no mercado de trabalho, discursos são desencadeados em nome da manutenção da moralidade, da estabilidade do casamento e da solidificação da família, que centrava responsabilidade na mulher e em suas funções ditas naturais.³²²

Essa tripla denominação feminina, que Lipovetsky chama de dispositivo histórico, e o classifica como uma invenção moderna, instalou-se junto à valorização social da função materna.³²³ A capacidade de gerar um ser era uma das poucas virtudes femininas a ser valorizada em um universo onde as práticas femininas eram ignoradas, mantendo sua inferioridade em relação aos homens no sistema de dominação masculina.

Nesse contexto de valorização da maternidade, propagou-se a ideia de o amor materno

³¹⁹ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 367.

³²⁰ CARDOSO, 2010, p. 389.

³²¹ LIPOVETSKY, 2000, p. 203.

³²² LIPOVETSKY, 2000, p. 205.

³²³ LIPOVETSKY, 2000, p. 210.

insubstituível, e de a importância da educação e cuidados das crianças serem provenientes da mãe. De acordo com Ane-Marie Sohn, esse estereótipo de sacerdotização da mulher do lar se deu a partir da segunda metade do século XIX e se fundamentou na explicação biológica de procriação, fazendo da maternidade uma obrigação, reforçada pelos discursos médicos que desenvolveram e propagaram práticas de puericultura como estratégia para diminuir a mortalidade infantil, cuja culpa recaía sobre as mães:³²⁴

O ideal de mulher no lar é antes de mais nada o ideal da mãe no lar. A educação é cada vez mais apresentada como um privilégio feminino. No discurso sobre a infância, o pai parece mesmo secundário. Na realidade, convém matizar. Em primeiro lugar, há que distinguir criação de educação. A criação dos bebês e das crianças pequenas pertence desde sempre à esfera materna, dado que a amamentação cria uma dependência física que exclui o pai dos cuidados corporais.³²⁵

Conforme Guiddens, o surgimento do amor romântico na união conjugal, ainda no final do século XVIII, revestia-se de intenções como a criação do lar e a “invenção da maternidade”,³²⁶ (re)criando os papéis femininos, sacerdotizando a função de educadora. Ademais, acrescenta que:

O imperativo econômico e social não teria a menor possibilidade de ser compreendido pelas mulheres, se não fosse corroborado, ao mesmo tempo, por um outro discurso, mais gratificante e exaltante, que tocava ao mesmo tempo os homens e suas mulheres. Não falava a linguagem do dever, das obrigações, e do sacrifício, mas da igualdade, do amor e da felicidade.³²⁷

O ser mãe passou por grandes transformações ao longo do tempo, tanto no que diz respeito às práticas quanto aos aspectos simbólicos que revestem essa experiência plural. Diante dessas transformações, é possível analisar o chamado mito do amor materno ou a construção histórica, social e cultural desse sentimento que se naturalizou como uma característica da mulher, cujos órgãos reprodutivos passam a ser referência para qualificar a mulher como responsável pela reprodução, criação e formação dos cidadãos que viriam a ser o futuro da sociedade.

Com o casamento, crescia a expectativa pela maternidade, afinal, era uma instituição que legitimava as práticas sexuais, fazendo-se cumprir a predestinação feminina do ser mãe. Phillippe Ariès faz uma análise histórica sobre as representações do amor e do casamento nas sociedades orientais e ocidentais durante o século XVIII, e apesar de ser um estudo de um tempo distante, algumas de suas observações se aplicam nessa pesquisa no que diz respeito à

³²⁴ SOHN, 1994, p. 117-118.

³²⁵ SOHN, 1994, p. 128.

³²⁶ GUIDDENS, 1993, p. 54.

³²⁷ BADINTER, 1985, p. 161.

maternidade. O autor afirma:

Foi ela, em primeiro lugar, que introduziu o pecado no mundo – e não o homem. *Adam non est seductus mulier autem seducta...* Todavia, observa ele, a maternidade a salva: *solvabitur autem per filiorum generationem...* A concepção tradicional da fecundação também é novamente levada em conta, mas por expediente indireto, como a compensação da inferioridade original do sexo.³²⁸

O trecho acima deve ser analisado no seu contexto, pois é uma análise dos escritos de São Paulo, mas é uma referência que se difunde nas sociedades modernas nos discursos religiosos de valorização da pureza feminina que deve ser mantida até o casamento, onde a mulher assume os papéis que lhes são naturalizados como próprios: o de esposa e de mãe, justificando a prática sexual sem conotação ao pecado, mas como redenção desse. Daí a devoção a Virgem Maria, livre do pecado original e receptora da graça da maternidade.

Olívia Rufino descreve como foi preparada para o casamento e junto a ele, para a maternidade, embora não fosse, nesse primeiro momento, um forte desejo:

Minha mãe fez o meu pré-nupcial, meu tratamento com um remédio que ela aprendeu com a mãe dela e com a avó dela. Me tratou de tudo. *Num* esqueço disso nunca. Ela me dando remédio *pro* sangue, aquelas garrafada que fazia de casca de coisa lá que ela sabia, foi tão eficiente que eu casei no dia 20 de abril de 1955 e no dia 23 de janeiro de 1956 eu pari meu primeiro filho, nove meses e três dias de casada. Eu disse a ela ‘oh, mamãe, bem que eu podia *tá* menos prevenida *pra* arranjar um filho’ [risos].³²⁹

A continuação da prática de consumo de preparos que ajudavam na fertilidade feminina por gerações é uma permanência³³⁰ que reafirma a função biológica feminina, que é acima de tudo uma função social quando associada ao casamento e quando há um incentivo e uma expectativa para essa realização.

Contudo, nas memórias de Olívia Rufino, identifica-se, em diversos trechos que a maternidade não era um sonho primeiro. Na verdade, a constituição de uma família através da maternidade foi uma consequência do casamento e do desejo de ter um companheiro. Recorrentemente grávida, passando treze anos parindo filhos que sobreviveram ou não às moléstias infantis, desenvolveu o amor materno. Em seus termos:

Eu não *tava* tão apressada assim, né? Mas... Chegou. Ave Maria, um filho, eu adorei ter meu filho nos meus braços. [...] Você vai ver que é uma coisa, é um instinto. É uma coisa que vem de dentro de você. Você protege o seu filho... Leoa *num* protege o filho dela? [...] Isso é uma coisa... Mãe é uma das coisas mais maravilhosas desse mundo. Ser mãe. [...] Mas ser mãe é

³²⁸ ARIÉS, 1982, p. 157.

³²⁹ RUFINO, 2017.

³³⁰ FARGE, 2015, p. 113-149.

maravilhoso e você sente, você sente no corpo inteiro *pra* você lembrar o que é ser mãe. A parte mais feia que você vai ver quando você tiver seu filho, você vai ver sua placenta. Placenta é um órgão esponjoso, feio, até você tem nojo quando você vê. É a fonte da vida, sem ela não tem o menino, né? Sem ela você não vai ter o seu filho. É ela que cuida dele. Você já pensou que coisa maravilhosa?³³¹

Apesar da continuidade da naturalização da maternidade, Olívia já mostra um pensamento diferente do demonstrado por sua mãe, que lhe ofertou o coquetel pré-nupcial, quando questiona a rapidez com que engravidou. Embora ainda na década de 1950 Olívia já pertencesse a uma cultura letrada com perspectivas de inserção no mercado de trabalho e oportunidade de liberdade financeira da qual foi privada por treze anos justamente pelas recorrentes gravidezes.

Sobre as práticas de maternagem em si, ou cuidados com os filhos, ela relata que não estava preparada para assumir o papel de mãe na prática, mas aprendeu a lidar com a nova função, contando com a ajuda de sua tia, que, segundo ela, basicamente criou os seus filhos.

Diante das dificuldades financeiras, Olívia Rufino teve que voltar a estudar e trabalhar para sustentar seus filhos, pois a renda do marido não era suficiente, dependiam inclusive da ajuda de sua família. Tem-se aí, também, a continuação do modelo de mãe, se a comparamos com a sua mãe, uma mulher que trabalhava para complementar a renda familiar e que tinha outras mulheres para auxiliar nas tarefas domésticas e maternas.

Diferente de Olívia Rufino, e já na década de 1960, Maria José Lavor narra a sua experiência com a maternidade:

A maternidade foi melhor do que eu esperava. [...] Eu nunca tive ninguém que me ajudasse até que eles completavam dois anos, depois que já estavam andando tinha babá. Mas *pra* fazer mingau... Teve época, quando a gente morava no Santo Antônio, que eu fazia 36 mamadeiras em 24 horas. Então onze horas da noite, eu *tava* deitando na cozinha esperando que desse doze *pra* fazer as mamadeiras, dois eu dava, e dois eu entregava *pra* eles tomarem. Porque dois eram tão pequenos que eu precisava dar. Toda vida fui eu, nunca tive babá, só depois de dois anos que eu entregava alguns cuidados.³³²

Nessa memória, tem-se a imagem de uma mulher que, alheia às informações sobre métodos contraceptivos, que já circulavam na década de 1960 no Brasil,³³³ assumiu a maternidade como algo natural, cujo sentimento superava as dificuldades financeiras pelas quais passava a sua família, principalmente quando engravidou a primeira vez. Em sua

³³¹ RUFINO, 2017.

³³² NERY, 2017.

³³³ DINIZ, Débora. Três Gerações de mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 315.

entrevista, Maria José Lavor relembra que engravidou logo após o casamento e que, enquanto ela desenvolvia um apego pela criança que carregava, seu esposo preocupava-se com essa crise financeira que passavam e sugeriu inclusive que ela abortasse:

Pra te dizer melhor, a gente morava em uma casa que não tinha luz; água era no cacimbão, e eu engravidei, e ele queria que eu abortasse porque a gente não tinha condição de comprar nem a rede, quanto mais o berço. Aí eu fiquei indo pra dona Julieta que era uma farmacêutica, uma parteira que tinha aqui casada com seu Ulisses. ‘Dona Julieta, o Zé quer que eu aborte esse menino e eu não quero’. Aí ela disse: ‘vou colocar esse adesivo no seu braço, que quando ele pedir para ver a furada, você mostra que está tomando remédio pra abortar’. Aí quando tava com uns dias, ele disse: ‘Maria José, tu tá me enganando’, ‘Tô, o filho não é do vizinho, o filho é teu’. ‘Mas nós não temos condições de criar um filho agora, tem que tirar’. ‘Não é tirar, é se ver livre’. ‘Ele vai nascer, e quando ele tiver 18 anos eu vou contar que tu queria matar ele’. Aí antes de o menino nascer, ele parou, né... Aí eu disse: ‘pensa no pecado que a gente vai ficar, nós somos casados, eu não casei grávida, e você quer porque nós não temos dinheiro, e quem é pior do que a gente ainda?’. Não tinha luz, era na lamparina e naqueles lampiões, aí ele abaixou a cabeça e disse: ‘pois é, mas você tá vendo a situação’. Quando eu tive Nerinho, a gente já tinha condição de comprar o berço e já tava melhorando, ele já tinha passado a ser patrão. No ano seguinte eu engravidei de Rita eu disse: ‘mata?’. Ele disse: ‘não, não, deixa vir’. Aí outra subida financeira. Logo a diferença de um pra outro é um ano e cinco meses/um ano e dois meses. De Rita pra Chico é um ano e dois meses. Eu disse: ‘tô grávida de novo, mata?’. ‘Não, não, não, não’. Quando a gente já tava bem, ele já no Recife, lá eu ia... Fui grávida. Eu disse: ‘mata?’. ‘Pelo amor de Deus, não fala mais em matar ninguém não’. Aí fui e perdi espontaneamente... Já tava com três meses, aí eu perdi o menino lá. Eu abortei, tive um aborto espontâneo. Aí quando nesse meio tempo veio Irã, aí eu não perguntei mais nem se matava, porque a gente já tava muito bem.³³⁴

De acordo com Diniz, a partir da década de 1920, houve um aumento dos partos realizados por médicos no ambiente hospitalar, mas não deixaram de existir as parteiras, como mencionado na memória de Maria José Lavor. A autora diz ainda que a partir da década de 1960, com a disseminação dos contraceptivos orais e até da pílula abortiva Citotec, o Brasil teve uma reação diferente de outros países que descriminalizaram o aborto logo após essa revolução nas práticas reprodutivas.³³⁵

O aborto representava uma ameaça para a moral cristã e é tido como pecado. Esse discurso fundamenta a sua criminalização, o que não quer dizer que não fosse uma prática comum entre as mulheres, afinal, as práticas sexuais aconteciam fora do casamento, e as mulheres recorriam a essas práticas para esconderem a não virgindade. Na ausência de remédios, como o Citotec, recorria-se a remédios naturais e à ajuda de parteiras ou “fazedoras

³³⁴ NERY, 2017.

³³⁵ DINIZ, 2013, p. 315.

de anjos”³³⁶ como pode ser identificado na lembrança de Maria José Lavor.

Segundo Pinsky, as moças que engravidavam fora do casamento tornavam-se destinadas a viverem isoladas em função do filho, como forma de reparar uma imagem abalada. E mesmo criticadas, o fato de não abortarem fazia delas menos culpadas.³³⁷ São vários os relatos de casos como esse descrito ao longo das entrevistas, onde moças foram excluídas da sociedade, do ciclo de amizades e até mesmo enviadas para outros estados, para a casa de parentes, destinadas ao cuidado exclusivo dos filhos.

Fato parecido aconteceu com Naza Mcfarren, que teve uma filha fora do casamento. A artista plástica relata que sofreu muito preconceito pelo fato de não ser mais virgem, de ser mãe solteira, embora tivesse uma posição financeira favorável, capaz de sustentar sua filha sem depender do pai ou de familiares. Mas admite que não aspirava à maternidade:

Olha ter, eu nunca... Eu nunca pensava em ter filho, não. Era uma coisa que eu... Não era assim daquele tipo de pessoa que se não tivesse tido filho não tinha a vida completa, mais uma vez que eu engravidei e que a criança era uma realidade, eu virei tão coruja quanto qualquer outra mãe. Então, eu acho que eu fui uma mãe mais dedicada. Quando eram bebês, eu levei o cuidado de meus filhos como uma ciência, eu estudei, li muito e obedeci passo a passo os conselhos desses livros e dos médicos, da alimentação de qualquer detalhe, tudo, tudo, tudo, quando eles eram pequenos. Eu acho que eu fui uma boa mãe.³³⁸

Naza poderia ter abortado, mas decidiu enfrentar o peso do julgamento da sociedade picoense. O contato com ideias feministas e a sua independência financeira despertaram nela o amor de mãe e os sentimentos que a fizeram defender a filha das agressões do próprio pai, conforme seu relato. Mesmo taxada como mãe solteira, o que fazia pairar sobre ela um estereótipo negativo, Naza casou-se com o norte-americano, e teve mais um filho, que também teve que assumir sozinho após o divórcio.

Dificuldade para umas, sonho para outras, são várias as representações que permeavam no imaginário das mulheres picoenses entre a década de 1950 e 1970 em relação à maternidade, considerando a transição dos papéis femininos na sociedade e a inserção feminina no espaço público. A maternidade era uma redefinição de prática que englobava a mulher no âmbito privado, para limitar o avanço da vida pública, que galgara por meio da educação e do ingresso no mercado de trabalho.

Gracinha Muniz conta sobre a ansiedade de sentir o amor materno logo após o casamento. Surpreendida por um problema na saúde dos ovários, submeteu-se a uma cirurgia

³³⁶ DINIZ, 2013, p. 315-316.

³³⁷ PINSKY, 2013a, p. 493.

³³⁸ MACFARREN, 2017.

que retirava dela grandes chances de realizar esse sonho, mas não a deixou impossibilitada de ser mãe. Diante da espera não concretizada e o sonho compartilhado pelo casal, resolveram adotar uma sobrinha do seu esposo:

Quatro anos depois desse desengano, assim, desse desengano não, porque que ele disse que eu tinha toda possibilidade, foi quando eu adotei Mabel, e depois de um ano e oito meses que ela nasceu, eu engravidei. Seis anos depois eu engravidei de novo. Fiquei até três meses grávida e perdi. Mas Ave Maria, eu tinha a maior loucura e eu sou muito feliz, eu só queria que Deus me desse o coração de uma mãe! Tanto amor que a gente tem, nunca vi uma ligação tão grande quanto existe entre mãe e filho. É grande demais. Minha mãe até costumava dizer quando ela *tava* velha que ela morreu com 80 anos, ela dizia: ‘Eu não tenho temor da morte, o único temor que eu tenho é que eu sei que eu vou sentir tanta saudade de vocês’. E Deus foi bom pra ela, mamãe nunca perdeu um filho.³³⁹

Realizado o sonho de ser mãe, sonho que tem como espelho o amor de sua mãe por ela e seus irmãos, Gracinha Muniz diz ter conseguido conciliar a maternidade com o trabalho de professora e com a vida matrimonial. Embora tivesse sempre uma mulher para ajudar com o labor da casa e das crianças durante o dia, diz ter tido um resguardo restrito a ela e seu esposo. Matriculava os filhos na escola no mesmo horário em que trabalhava, para regressarem juntos para casa, e assim seguia com a função de mãe e a profissão de professora.

Outro fator importante que deve ser destacado é a participação do esposo de Gracinha Muniz na educação dos filhos:

Etevaldo ensinou esses meninos a nadar. Etevaldo levava eles para as piscinas todo domingo. Etevaldo ensinou eles a andar de bicicleta juntos. Naquele tempo, a rua que a gente morava não tinha muito movimento de carro. É isso que eu *tô* dizendo, ele era muito assim carinhoso... Não sei por que hoje tá assim ‘ranzinzo’. Agora sempre na ordem, né?³⁴⁰

A participação do pai em laços afetivos com os filhos é comum nos depoimentos colhidos nesta pesquisa, o que possibilita a conclusão de que há uma transformação do ser pai, que participa da educação do filho para complementar momentos de ausência da mãe, quando esta assume outros papéis no espaço público. Gracinha Formiga também partilha de uma experiência semelhante:

Quem cuidou muito de Napoleão e da minha segunda, foi meu marido e minha mãe, porque eu estudava. [...] Meu marido e minha mãe, eu não sabia, não. Ainda hoje não sei. Meus netos, não sei nem pegar, nunca peguei. Porque tinha uma mãe e um marido que ele que mudava a fralda, naquele tempo era aquele broche. [...] O mais velho deu muito trabalho, *ai* a gente comprou uma cadeira dessas. Acho que foi até essa mesmo. Ele ficava numa cadeira dessas em outro quarto, ele ficava até determinada hora, na hora que

³³⁹ ARAÚJO, 2016.

³⁴⁰ ARAÚJO, 2016.

ele estava indo colocar Napoleão no berço chorava, aí ele passava um pedaço dormindo com o menino, depois acordava, pronto dormia, era assim. *Aí no dia eu ia trabalhar, aí a babá ia com ele pra casa de mamãe. Aí por isso meu primeiro filho foi quase criado com mamãe.*³⁴¹

Observando a relação cotidiana que essas mulheres tiveram com seus pais na infância, é possível identificar transformações nas figuras maternas e paternas. Nesse caso em especial, além da ajuda de sua mãe, de uma babá, a participação do seu esposo foi essencial para a continuação dos seus estudos e do trabalho.

Pinsky explica essa mudança na participação paterna na criação dos filhos como uma consequência da mudança no tratamento das crianças, principalmente enquanto bebês. A autora destaca também a diminuição do tamanho das famílias de classe média e o controle da natalidade como responsáveis pelos novos padrões de educação que primam pela escolarização e por uma pedagogia que limita o número de filhos para melhor criá-los.³⁴² Nesse aspecto há famílias com quatro, três e dois filhos, que já representam esses novos modelos.

Além das mães apresentadas aqui, há o caso de Oneide Rocha e Mundica Fontes que não casaram e não provaram da maternidade. Embora tenham decidido seguir outros caminhos, levando em consideração primordialmente a carreira profissional, isso não excluiu delas o desejo pela maternidade. Oneide Rocha se expressa sobre o assunto:

Eu tinha, inclusive eu tive uma relação com nome de meninos e meninas, se eu tivesse tido filho. Eu tenho até um caderno que eu *tava* vendo um outro dia, tem vários nomes e vários nomes de menino e eu gostaria de ter tido na época, que eu realmente poderia ter me casado, poderia ter filhos, mas hoje eu não sinto falta assim, porque não tive filho sabe, não sinto, é tanto que eu tenho algumas preocupações hoje com o nome das pessoas. Me preocupo com o nome porque eu acho que o nome marca muito, e é tanto que se eu tivesse meus filhos, tem uns nome que eu acho lindo: Ana Beatriz, todo nome com Ana, Ana Letícia, são nomes que eu acho muito bonitos, são nomes bíblicos, *aí* eu tento quando a pessoa deixa, influenciar alguns nomes. Eu digo: ‘eu já salvei tanto nome’. [...] Mas é isso, não tive filho, mas tive muitos na família e na educação. Eu gosto, gostava muito de ser professora com empatia muito grande com meus alunos, de respeito, de amor.³⁴³

Um caderno com possíveis nomes para os filhos revela o desejo pela maternidade antes mesmo do casamento. Mas o labor enquanto professora, papel que foi feminizado justamente para representar a figura materna, deu a Oneide Rocha a sensação de preenchimento de um sonho que não fora alcançado, sem frustrações. Sobre esse assunto, Mundica Fontes diz que:

³⁴¹ SINVAL, 2017.

³⁴² PINSKY, 2013a, p. 493.

³⁴³ ROCHA, 2017.

Quando eu era nova, eu não tinha, não, vontade, não. Dá trabalho, eu pensava assim, vida de doméstica aquela bagunça, aquela coisa. Eu não queria casar; eu queria estudar. Mas depois eu já tive vontade de ser mãe, de um filho. Tive amigas minhas que tiveram filhos sem assumir... O pai assumir, e eu jamais tive essa coragem de ter também. Eu não tive essa coragem, mas não deu certo o casamento, pra mim filho tinha que ser com o casamento. Fui criada dessa forma, que tinha que ser o sexo e filho, era no casamento, então como eu fui criada assim... E muitas das minhas amigas foram criadas dessa forma também, *aí* ficaram muitas sem casar e sem ter filhos... E as mais corajosas... Que, se fosse hoje eu pensaria o contrário, se eu quisesse ter um filho hoje, eu já trabalhando, me mantendo, eu tinha como essas meninas tem, não vejo nada demais hoje, elas hoje são mais emancipadas. Se hoje a mulher, ela trabalha, ela tem condição de criar seu filho, não vai jogar na casa da mãe, se tiver que jogar na casa dos pais, que eu acho isso horrível, eu acho muito feio isso *aí* jogar na casa *pros* pais criar... Não, jamais que eu ia fazer isso com meu pai e com minha mãe. Agora se fosse hoje, eu trabalhando, independente e se eu não tivesse uma pessoa certa *pra* casar, mas tivesse uma pessoa certa com uma convivência eu teria sim sem casar, se fosse hoje.³⁴⁴

Mundica Fontes carregava o desejo da maternidade, mas estava presa à condição de essa vir atrelada ao casamento. E nesse trecho é possível ver uma análise contemporânea do passado, quando se coloca diante das descontinuidades, naturalizando-as no tempo presente.

Casadas ou solteiras, essas sete mulheres representam a pluralidade simbólica na relação mulher-mãe. A maternidade era um sonho para algumas, e para outras, era algo que ficava em segundo plano. Mas o fato é que essas mulheres constituíram novos modelos femininos e maternos, conciliando a maternidade e a vida pública e privada, ou abdicando dela para crescerem profissional e intelectualmente.

Além da experiência de Naza como mãe solteira, outras mulheres nessa condição apareceram nos relatos das nossas entrevistadas, porém, diferente de Naza, eram geralmente escondidas, enviadas para outras cidades, ou retiradas da vida social. Naza representou, na década de 1970, um novo modelo de mãe solteira, que não se esquivou da vida social, nem precisou esconder essa condição. Mesmo diante dessa multiplicidade de práticas e representações sobre o ser mãe, a maternidade ainda definia as feminilidades e engrandecia a experiência feminina, fazendo da mãe uma mulher reconhecida e com poder sobre a família.³⁴⁵

³⁴⁴ MOURA, 2017.

³⁴⁵ CARDOSO, 2010, p. 413.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas décadas de 1950, 1960 e 1970, as feminilidades ainda eram construídas direcionando as mulheres para os papéis de esposa e mãe. Contudo, algumas condições favoreceram a (re)definição dessas funções ditas naturais femininas. A distinção de gênero, em vários aspectos da vida social pode ser notada desde as práticas infantis, cuja pedagogia legitimava a fragilidade feminina, e direcionava para a continuidade de práticas que centrassem as mulheres no espaço privado, garantindo a manutenção de um sistema de dominação masculina.

A partir da década de 1940, identifica-se uma maior inserção das mulheres no sistema educacional ainda incipiente na cidade de Picos. O acesso ao conhecimento era uma prioridade para os homens, que precisavam ingressar no mercado de trabalho e angariar condições financeiras para o sustento da família que viria formar. Em busca da educação, muitas famílias enviaram seus filhos ou se mudaram para a zona urbana, para dar a estes a oportunidade de frequentar a escola, sendo um fator que contribuiu para o desenvolvimento da cidade. Nesse período, traçou-se a abertura para a escolarização feminina e do espaço público. A educação, nesse contexto, foi o veículo para a abertura do mercado de trabalho para as mulheres, principalmente no magistério.

Entre as décadas de 1950 e 1960, o magistério se configura, em Picos, uma profissão feminizada, pois o quadro de professores cresce em virtude do aumento do número de escolas, modalidades de ensino, público discente e, conseqüentemente, o número de professoras, culminando na necessidade de formação pedagógica que se efetiva com a instalação da Escola Normal Oficial de Picos em 1967. A Escola Normal, no ano de sua instalação, preparava-se para receber o público masculino e feminino, mas, diante dos poucos alunos homens, ficou restrita ao público feminino, um fator que contribuiu para o crescimento da atuação feminina no magistério na cidade. Antes do funcionamento dessa escola, algumas moças, desde a década de 1930, já se deslocavam para Teresina ou outras cidades em busca do curso Normal. No final da década de 1960, foi realizado um concurso público que efetivou as professoras no ensino público da cidade.

A educação foi, portanto, um aspecto decisivo para a (re)definição dos papéis femininos na sociedade picoense, embora as oportunidades de trabalho ainda ficassem quase que exclusivamente restritas ao magistério. O ensino superior, que só se instalou em Picos na década de 1980, restringia-se à formação pedagógica. Ainda aquelas que tiveram

oportunidade de ir para a capital ou para outros estados em busca de uma formação superior, eram direcionadas majoritariamente para a formação de professoras.

Embora já se visasse à formação das moças para o trabalho fora do lar, havia nas escolas o incentivo para habilidades domésticas ditas femininas, o que possibilita a conclusão de que mesmo diante da oportunidade de formação intelectual e do exercício de um trabalho fora do espaço doméstico, preocupavam-se com a sobrevivência das qualidades femininas e do direcionamento para o casamento e a maternidade. Apesar das continuidades nas práticas femininas no espaço doméstico, pois embora professoras, elas ainda se preocupavam em casar e constituir uma família, esses modelos femininos foram transformados. Atribuía-se, geralmente, a outras mulheres, os cuidados com a casa e com os filhos, para que pudessem estudar e trabalhar.

A renda familiar passou a ser complementada pelo trabalho feminino. Mas algumas, principalmente casadas com homens de maiores posses, tinham o estudo como uma valorização das suas qualidades, a educação complementava a beleza física e qualificava as mulheres para o exercício da maternidade. Inclusive, um dos aspectos que pesaram para a conquista feminina do magistério, era a semelhança da imagem da professora com a função de mãe.

Ainda que todas essas questões, que envolvem educação e mercado de trabalho ajudem a situar novos modelos femininos, é importante ressaltar que, ao longo desta pesquisa, outras gerações de mulheres foram analisadas, a partir das memórias das entrevistadas sobre as mães. Conclui-se que essas mulheres, embora desprovidas de estudo formal, trabalhavam e contribuía, inclusive, na renda familiar, mesmo que fossem percebidas pelas filhas apenas como “donas-de-casa”. Ao cruzar essas informações com os dados censitários, percebe-se que as atividades femininas na produção financeira da família, como nos trabalhos agrícolas, nos comércios dos maridos, ou na confecção de costura e artesanatos produzidos no âmbito doméstico, não eram considerados trabalhos produtivos. Apenas aquelas que assumiam o sustento da família, na ausência da figura paterna, eram denominadas trabalhadoras.

A partir desses dados, conclui-se que as mulheres sempre trabalharam, mesmo quando se restringiam ao espaço doméstico. E para que essas gerações de mulheres tivessem a oportunidade de exercer trabalho na esfera pública, outras assumiam os papéis domésticos.

O emprego assalariado representava para a mulher não só uma questão de sustento. Para as solteiras, e até mesmo as casadas, a liberdade financeira era uma alternativa para usufruírem do mercado da moda. As mulheres que fazem parte desta pesquisa constituem uma geração que já tinha o direito de escolher os próprios cônjuges. Assumindo essa

responsabilidade, os cuidados com a beleza e a aparência entram em cena como preocupações das moças que usufruíam dos espaços de sociabilidades para as conquistas, os flertes e os encontros amorosos, que eram vigiados e normatizados.

Havia vigilância dos relacionamentos afetivos e das práticas de sociabilidades. Discursos, principalmente de cunho religioso, valorizavam a virgindade, restringindo as práticas sexuais ao casamento. Havia uma preocupação das moças em preservarem a sua imagem e se enquadrarem nas normatizações. Algumas, contudo, falam de desejos e das transgressões dessas normatizações. A sexualidade e o erotismo estavam presentes nas relações de gênero, mesmo que de forma velada. A prática sexual fora do casamento foi uma barreira para a vida social de algumas mulheres, que sofreram com o preconceito e a exclusão social.

A liberdade de escolha dos seus pares deu lugar ao amor nas relações afetivas. Esse sentimento, que também passou por transformações com base nas condições históricas que envolviam homens e mulheres, legitimava a condição de dominação masculina, de forma que era vivido mais intensamente pelas mulheres que, de certo modo, viviam por ele. O amor era, nesse período, o condicionante para o casamento. Algumas mulheres, munidas de conhecimento e liberdade financeira, preocuparam-se mais com a carreira profissional que lhes proporcionaram realização pessoal. Contudo, o sonho com o casamento era comum entre as jovens nas décadas aqui estudadas.

Sobre o casamento, nem sempre as expectativas eram abraçadas, contudo, as mulheres se viam na obrigação de enfrentar os problemas da vida a dois, abrindo mão muitas vezes de seus sonhos em prol da família e das concepções do marido. O fim do casamento representava para as mulheres um fracasso na vida pessoal, causando sofrimento, como relataram Maria José Lavor e Naza Mcfarren.

O acesso à educação e ao mercado de trabalho também incidiu sobre a maternidade. Essas mulheres davam sinais de novas representações sobre a maternidade e o desejo de ser mãe, ainda que nesse mesmo período já estivesse difundida a ideia do amor materno. Algumas situações eram postas como prioridades em relação à maternidade. Mas o tardar do conhecimento dos métodos contraceptivos ainda expandiam as famílias, apesar de se mostrassem menores em relação às gerações anteriores. As práticas de maternagem não eram, necessariamente, desenvolvidas exclusivamente pelas mães, sendo essa tarefa dividida com os pais, avós e babás. Percebe-se, então, que, junto aos novos modelos de mães, nasciam novos modelos de pais, que participavam de forma mais efetiva nos cuidados e educação dos filhos, embora a responsabilidade maior ainda recaísse sobre as mães.

As transformações das feminilidades na sociedade picoense nas décadas de 1950, 1960 e 1970 aconteceram em vários aspectos. A visibilidade dessas mulheres no cenário público permitiu o alcance de novos espaços além da educação e do mercado de trabalho. Embora não fizessem parte de grupos de luta e discussão feministas que se organizavam no Brasil e no mundo, principalmente a partir da década de 1960, são produtos das conquistas dessas lutas. A participação na política, na arte, na escrita, na música são aspectos que singularizam as mulheres escolarizadas, aqui estudadas, que se constituem enquanto múltiplas diante das condições históricas que lhes permitiam a circulação por vários espaços. As experiências das sete mulheres estudadas, além de individuais, são coletivas, expressando continuidades e descontinuidades da História das mulheres.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria das Graças Muniz de Carvalho. *Depoimento cedido à Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2016.

MCFARREN, Maria Nazaré Maia Rufino. *Depoimento cedido à Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

MCFARREN, Maria Nazaré Maia Rufino. *Depoimento cedido à Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2014.

MOURA, Raimunda. *Depoimento cedido à Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira*. Picos-PI, 2013.

MOURA, Raimunda. *Depoimento cedido à Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

NERY, Maria José Lavor. *Depoimento cedido à Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira*. Picos-PI, 2013.

ROCHA, Maria Oneide. *Depoimento cedido à Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

RUFINO, Olívia. *Depoimento cedido à Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

SINVAL, Maria das Graças Formiga Moura. *Depoimento cedido à Larice Íris Marinho Moura*. Picos-PI, 2017.

JORNAIS E REVISTAS CONSULTADAS

ALBANO, Maria Aldery L. A mulher na História. *A Flâmula*, Picos, ano 1, n. 11, 21 nov. 1952, p. 2.

A Voz do Campus, Picos, n. 5, 28 fev. 1973, p. 3

DIÁLOGO de confiança. *O profeta*, Picos, ano 2, n. 4, jan. 1977, p. 6.

ENTRE JOVENS. *Voz do Campus*, Picos, ano 1, n. 6, 18 mar. 1973, p. 67.

FERREIRA, Fábio Gonçalves [et. al.]. Anos Rebeldes. *Revista Foco*, Picos, ed. 1, 2001, p. 39.

MEDITAÇÃO ao matrimônio. *O profeta*, Picos, ano 2, n. 4, 21 jan. 1977, p. 6.

MENSAGEM apresentada à Assembleia Legislativa, em sua sessão Legislativa de 1951, pelo governador Pedro de Almendra Freitas. *O Dia*, Teresina, p. 16.

NUNES, Alberto. Maria Joana. *Jornal Flâmula*. Picos, 21 de setembro de 1952. P. 3.

NORMALISTAS. *O Aviso*, Picos, 15 abr. 1930.

PORQUE O namoro é importante?. *O profeta*, Picos, ano 2, n. 4, jan. 1977, p. 6.

SÓ DEUS. *O Aviso*, Picos, ano 1, n. 2, 01 jun. 1952.

DADOS CENSITÁRIOS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Recenseamento Geral de 1960. VII. Recenseamento Geral do Brasil. Série Regional, v. 1, tomo III, 1ª parte.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico população e habitação; censos econômicos: agrícola, comercial e de serviços. Série Regional, parte V. Piauí. Rio de Janeiro, 1952.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censos demográficos e econômicos. Série Regional. v. XIII. Rio de Janeiro, 1956.

LIVROS DE MEMÓRIA

DUARTE, Renato. *Picos: os verdes anos cinquenta*. Recife: Nordeste, 1995

MOURA, Francisco Miguel de. *Miguel Guarani: mestre e violeiro*. Teresina: Edições Cirandinha/FUNCOR, 2005.

VARÃO, Maria Goreth de Sousa [et. al.]. *Picos: histórias que as famílias contam*. Teresina: EDUFPI, 2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANO, Maria da Conceição Silva; SILVA, Albano. *Picos nas anotações de Ozildo Albano*. Pico: [s.n.], 2011

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo. Uma história do gênero masculino (Nordeste: 1920/1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003.

ALVES, Marli Costa. *História e memória da Indústria Coelho S/A: trabalho e cotidiano dos operários de Picos (1970 – 1999)*. 2012. 88 f. Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí. Picos, 2012

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro Republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

AREND, Sílvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 65-83.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. O amor no casamento. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (Org.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

BANDITER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie: a ambição feminina no século XVIII*. São Paulo: Discurso Editorial/ Duna Dueto/Paz e Terra, 2003.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BENJAMIN, Walter. *A Infância em Berlim por volta de 1900*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.

BRANDÃO, Helena Hathsue N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: UNICAMP, 2004.

BRUKI, Mozahir Salomão. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. *Revista Dispositiva*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 196-199, nov. 2012/ abr. 2013.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDODO, Elizangela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória das estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. Teresina: EDUFPI, 2012.

_____. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)*. 2010. 535 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

CASTELO BRANCO, Edwar. *Ele é o homem, eu sou apenas uma mulher: corpo, gênero e sexualidade entre vanguardas tropicalistas*. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/E/Edwar_de_Alencar_Castelo_Branco_16.pdf.

Acesso em 10 de maio de 2018. CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*.

Coimbra: Quarteto, 2001.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina na Primeira República*. Teresina: Edições Bagaço, 2005.

_____. *Mulheres Plurais*. Teresina: EDUFPI, 2013.

_____. A infância em Teresina nas primeiras décadas do século XX. *Fênix*, ano 6, v. 6, n. 3, p. 1-21, jul./ago./set. 2009. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF20/ARTIGO_16_Pedro_Vilarinho_Castelo_Branco_FENI_X_JUL_AGO_SET_2009.pdf>. Acesso em janeiro de 2018.

CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Editora da Unicamp. 2000.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand, 1989/1994.

_____. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 4, p. 37-47, 1995.

COELHO, Leila Machado; BAPTISTA, Marisa. A história da inserção política da mulher no Brasil: uma trajetória do espaço privado ao público. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 85-99, jun. 2009. p. 87. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519549X2009000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 4 de junho de 2018.

CORBIN, Alain.; COURTINE, Jean-Jacques.; VIGARELLO, Georges [Dir.]. *História da Virilidade: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DEL PRIORE, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

_____. (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DINIZ, Débora. Três Gerações de mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 313-332.

FARGE, Arlette. *Lugares para a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FLANDRIN, Jean-Louis. *O sexo e o Ocidente*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Petrópolis: Edições Graal. 1984.

_____. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da História Oral. In: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de M. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: editora FGV.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUIDDENS, Antonny. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

HAHNER, June. *A mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

KAPELLI, Anne-Marie. Cenas feministas. In.: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1994.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 2003.

LIMA, Nilsângela Cardoso. *Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948 - 1962)*. 2007. 158 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. *Superando a pedagogia Sertaneja: que tipo de escola é mais adequada ao Piauí*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/0342.pdf>. Acesso em 11 de setembro de 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In.: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*, São Paulo: Contexto/UNESP, 1997.

LUZ, Aylla Mara Caminha. *Cine spark: memória, lazer e sociabilidade em Picos (PI) nas décadas de 1960 e 1970*. 2012. 88 f. Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Picos, 2012.

MARINI, Marcelle. O lugar das mulheres na produção cultural: o exemplo da França. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1995

MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003.

MATOS, Maria Izilda Santos. Mulheres mães e operárias: propostas e lutas pela educação feminina. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho (Org.). *Cultura, corpo e educação: diálogos de gênero*. Teresina: EDUFPI, 2015.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 126-147.

MOTTA, Alda Britto da. Elas começam a aparecer... In: In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 84-104.

MOURA, Francisco Miguel de. *O menino quase perdido*. Teresina: [s.n.], 2009.

MOURA, José Elierson de Sousa. *Os múltiplos dizeres sobre a cidade: a invenção discursiva da pobreza em Picos (1970-1979)*. 2014. 180 f. Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

MOURA, Larice Íris Marinho. *Entre regras e transgressões: o corpo, a moral e a sexualidade feminina em Picos nas décadas 1960-1970*. 2014. 54 f. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal do Piauí: Picos, 2014.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do [et. al.]. *Governadores do Piauí: uma perspectiva histórica*. Teresina: CEPRO, 1993.

NAVARRO, Tânia. *Entre a vida e a morte, o sexo*. Disponível em: <<http://www.tanianavarrosain.com.br/chapitres/bresil/e>>. Acesso em 10 de maio de 2018.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000.

NORONHA, Cejana Uiara Assis. Teologia da libertação: origem e desenvolvimento. *Revista Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 185-191, abr/jun. 2012.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro. *A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos de 1940-1960*. 2014. 141f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

PEDRO, Joana Maria. Corpo prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 238-259.

PINHO, Lúcia de Fátima Souto. *História da sexualidade feminina*. Disponível em: <http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2009%20%20L%C3%BAcia%20de%20F%C3%A1tima%20Souto%20Pinho%20TC.PDF>. Acesso em 20 de maio de 2018.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013a. p. 469-512.

_____. A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013b. p. 513-544.

PINHEIRO, Cristiane Feitosa. *História e memória da Escola Normal Oficial de Picos (1967-1987)*. 2007. 205 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a História de um conceito. In: ALMEIDA, Heloísa Buarque de; SZWACO, José Eduardo (Org.): *Diferenças, Igualdade*. São Paulo: Berendis e Vertecchia

Editores, 2009.

PINA, Christiane dos Santos. *O efeito coorte e o desenvolvimento das preferências por moda feminina*. 2006. 101 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2006.

PRADO, Maria Lígia; FRANCO, Stella Scatena. Participação feminina no debate público Brasileiro. In: In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 194-217.

QUEIROZ, Áurea. *Brincadeiras de criança*. Teresina: Halley, 2005.

QUEIROZ, Terezinha. *Do singular ao plural*. Recife: Bagaço, 2006a.

_____. *Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo*. Teresina: EDUFPI, 2006b.

_____. *História, Literatura, Sociabilidades*. Teresina: EDUFPI/ Academia Piauiense de Letras, 2015.

_____. Amélia Bevilacqua e a escrita feminina no Brasil. In: BORRALHO, José Henrique de Paula; GALVES, Marcelo Creche; BEZERRA, Nelson Rosa (Org.) *Pontos, contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista*. São Luís: Café & Lápis/Editora UEMA, 2011. p. 203-218.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil (1930/1973)*. Petrópolis: Vozes, 1986.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. In: _____. *Olhares femininos*. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2009.

_____. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 333-359.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Vozes, 1976.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Sempre bela. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 105-125.

SANTANA, Maria do Pérpetuo Socorro Castelo Branco. *A Constituição da rede escolar e a prática das professoras primárias na zona rural do Piauí nos anos de 1940 a 1970*. 2011. 178 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011.

SAVIANI, Demerval [et. al.]. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2006.

SCHPUN, Mônica Raísa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Boitempol/SENAC, 1999.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise*. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAneroJoan%20Scott.pdf>. Acesso em 12 de maio de 2012.

_____. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da.; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Falas de Gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Mulheres, 1999.

_____. Prefácio a Gender and Politics of History. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 11-27, 1994.

.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SIMMEL, Georg. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SOHN, Ane-Marie. Entre duas guerras: os papéis femininos em França e na Inglaterra. In: DUBY, Georges.; PERROT, Michelle (Org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1994.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das mulheres e das relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 54, 2007.

SOIHET, Rachel; SOARES, Rosana M. A.; COSTA, Suely Gomes. A História das mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de Historiografia. *Gênero*, Niterói, v. 2, n. 1, p. 7-30, 2 sem. 2001.

SOUSA, Jane Bezerra de. *Picos e a consolidação de sua rede escolar: do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual*. 2005. 158 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

SOUSA, Francisco das Chagas. *Ozildo Albano – Simbologia e escritos legados a Picos*. Disponível em: <http://www.jornaldepicos.com.br/noticia_detalhe.php?id=4248>. Acesso em 20 de maio de 2018.

TRIGO, Maria Helena Bueno. Amor e casamento no século XX. In: D'INÇÃO, Maria Ângela (Org.) *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.

VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Ática, 1986.

VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VASCONCELOS, Cláudio. *PT Piauí 1980-2006: trajetória e mudança na estrutura organizacional*. Teresina: EDUFPI, 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. *Educação e sociedade picoense: 1850 a 1930*. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2002.

VIEIRA, Maria Alveni Barros [et.al.]. *Histórias que deveriam ser contadas no ensino fundamental*. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idins_crito_435_9a611ed2702d149c7a37d9d2061052ff.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2018.

ANEXOS

CARTA DE CESSÃO DE MARIA JOSÉ LAVOR NERY

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL - PPGHB

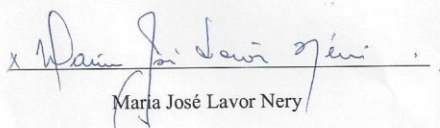
CESSÃO GRATUÍTA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

CARTA DE CESSÃO

Eu, Maria José Lavor Nery, divorciada, CPF: 199.862.383-15,
RG: 60.209 SSP-PI, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha
entrevista gravada na cidade de Picos, em 20 de novembro de 2017, para Larice Íris Marinho
Moura, CPF:04166349317, RG: 3050625/SSP-PI, usá-la integralmente ou em partes, de
forma gratuita, sem restrições de prazos ou citações, e com identificação do nome real, desde
a presente data.

Dessa forma, o entrevistador poderá divulgar e publicar, para fins acadêmicos e
culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, sem uso de
pseudônimos, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a
única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Picos, 20 de novembro de 2017.



Maria José Lavor Nery

CARTA DE CESSÃO DE RAIMUNDA FONTES DE MOURA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL - PPGHB

CESSÃO GRATUÍTA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

CARTA DE CESSÃO

Eu, Raimunda Fontes de Moura, solteira, CPF: 047.643.153 00-
RG: 199.492-PI, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha
entrevista gravada na cidade de Picos, em 10 de janeiro de 2017, para Larice Íris Marinho
Moura, CPF:04166349317, RG: 3050625/SSP-PI, usá-la integralmente ou em partes, de
forma gratuita, sem restrições de prazos ou citações, e com identificação do nome real, desde
a presente data.

Dessa forma, o entrevistador poderá divulgar e publicar, para fins acadêmicos e
culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, sem uso de
pseudônimos, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a
única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Picos, 10 de janeiro de 2017.

Raimunda Fontes de Moura

Raimunda Fontes de Moura

CARTA DE CESSÃO DE MARIA NAZARÉ MAIA RUFINO MACFARREN

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL - PPGHB


CESSÃO GRATUÍTA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

CARTA DE CESSÃO

Eu, Maria Nazaré Maia Rufino Mcfarren, casada, CPF: 066328823-15
RG: 174177, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha
entrevista gravada na cidade de Picos, em 16 de fevereiro de 2017, para Larice Íris Marinho
Moura, CPF:04166349317, RG: 3050625/SSP-PI, usá-la integralmente ou em partes, de
forma gratuita, sem restrições de prazos ou citações, e com identificação do nome real, desde
a presente data.

Dessa forma, o entrevistador poderá divulgar e publicar, para fins acadêmicos e
culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, sem uso de
pseudônimos, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a
única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Picos, 16 de fevereiro de 2017.



Maria Nazaré Maia Rufino Mcfarren

CARTA DE CESSÃO DE MARIA ONEIDE FIALHO ROCHA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL - PPGHB

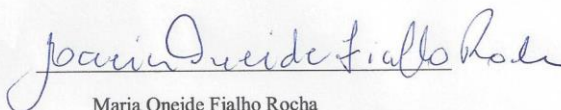
CESSÃO GRATUÍTA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

CARTA DE CESSÃO

Eu, Maria Oneide Fialho Rocha, solteira, CPF: 038.538.373-84
RG: 81304552-1 declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada na cidade de Picos, em 11 de janeiro de 2017, para Larice Íris Marinho Moura, CPF:04166349317, RG: 3050625/SSP-PI, usá-la integralmente ou em partes, de forma gratuita, sem restrições de prazos ou citações, e com identificação do nome real, desde a presente data.

Dessa forma, o entrevistador poderá divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, sem uso de pseudônimos, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Picos, 11 de janeiro de 2017.



Maria Oneide Fialho Rocha

CARTA DE CESSÃO DE MARIA DAS GRAÇAS FORMIGA MOURA SILVAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL - PPGHB

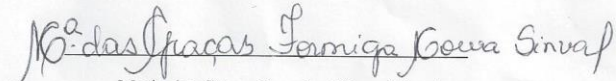
CESSÃO GRATUÍTA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

CARTA DE CESSÃO

Eu, Maria das Graças Formiga Moura Sinval, casada, CPF: _____,
RG: _____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha
entrevista gravada na cidade de Picos, em 20 de novembro de 2017, para Larice Íris Marinho
Moura, CPF:04166349317, RG: 3050625/SSP-PI, usá-la integralmente ou em partes, de
forma gratuita, sem restrições de prazos ou citações, e com identificação do nome real, desde
a presente data.

Dessa forma, o entrevistador poderá divulgar e publicar, para fins acadêmicos e
culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, sem uso de
pseudônimos, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a
única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Picos, 20 de novembro de 2017.


Maria das Graças Formiga Moura Sinval

CARTA DE CESSÃO DE OLÍVIA DA SILVA RUFINO BORGES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL - PPGHB

CESSÃO GRATUÍTA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL
CARTA DE CESSÃO

Eu, Olívia da Silva Rufino Borges, casada, CPF: _____,
RG: _____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha
entrevista gravada na cidade de Picos, em 10 de janeiro de 2017, para Larice Íris Marinho
Moura, CPF:04166349317, RG: 3050625/SSP-PI, usá-la integralmente ou em partes, de
forma gratuita, sem restrições de prazos ou citações, e com identificação do nome real, desde
a presente data.

Dessa forma, o entrevistador poderá divulgar e publicar, para fins acadêmicos e
culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, sem uso de
pseudônimos, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a
única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Picos, 10 de janeiro de 2017.



Olívia da Silva Rufino Borges